

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *SCRICTU SENSU*
MESTRADO EM AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL:
EXPERIMENTAÇÕES COM AUDIOVISUAL NO ENSINO MÉDIO

Marcus Vinícius Staudt

Lajeado, janeiro de 2016

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *SCRIPCTU SENSU*
MESTRADO EM AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO

**EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL:
EXPERIMENTAÇÕES COM AUDIOVISUAL NO ENSINO MÉDIO**

Marcus Vinícius Staudt

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para obtenção do grau de Mestre em Ambiente e Desenvolvimento na linha de pesquisa em Espaço e Problemas Socioambientais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jane Márcia Mazzarino

Lajeado, janeiro de 2016

AGRADECIMENTOS

Resolvi fugir do padrão. Para escrever meus agradecimentos, quero que você entenda minhas escolhas.

Quando estava próximo de minha conclusão da graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, depois nove anos e meio, em função de dificuldades financeiras e de minha transferência de Universidade em razão de atividades profissionais, pensei de imediato em ingressar em um programa de mestrado, afinal, havia perdido muito tempo. Busquei o Centro Universitário Univates. Local onde terminei o Jornalismo e que desempenho minhas atividades profissionais junto a TV Univates.

Na Univates participei do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento, o PPGAD. Experiência ímpar. Ali, em um espaço multidisciplinar, tive que ampliar minha maneira de enxergar as coisas. Tive que me dedicar à leitura. Senti e aprendi a ter o gosto pela academia. Parte disso, devo a minha colega de profissão e orientadora, prof.^a Jane Márcia Mazzarino. Entre fichamentos, correções e dicas oportunas, entendi que para existir o gosto do dever cumprido, não basta fazer somente o que considero bom, mas é preciso fazer mais.

Com minha dedicação, o que considero vida social, em alguns momentos parecia ser deixada de lado. E com muitos que conversei ao ingressar no programa, inclusive, professores, já me assinalavam que isso ocorreria. Aí, entrou a compreensão daquela que me acompanha nessa jornada há muitos anos. Minha noiva, Renata Leal. Com o apoio incondicional dela, o distanciamento diminuía. Óbvio, isso não foi tão fácil. Trabalhar, pesquisar e amar é para poucos. Mas existimos.

Com as etapas sendo concluídas, pessoas foram e são em mesma proporção importantes. Desde familiares que me apoiaram e me incentivaram na busca pela conclusão de mais essa etapa, como minha mãe e também quase mestre, Verlaine Wazenkeski, meus colegas de trabalho que me ouviram por várias vezes desabafar e auxiliavam no incentivo diário por esse término, e, amigos que em bate papos, muitas vezes sem entender o que era essa “tal de educomunicação”, me influenciavam a finalizar essa fase de forma produtiva.

Só que para conseguir realmente fazer uma pesquisa bacana e que me desse prazer em realizá-la, faltava uma coisa. Faltava à aplicação dar certo. Isso mesmo. As oficinas que iria aplicar tinham que ser boas. Para que assim, eu, como mediador de um processo comunicativo que pretendia ser dialógico e horizontal, trabalhando com temas socioambientais, conseguisse atuar com professores e alunos de Ensino Médio, explicando-lhes algumas formas de atuar com meios audiovisuais em um espaço horizontal. Sem imposições. Que eles pudessem pensar. Se posicionar. Serem críticos.

Então vieram os professores e alunos do Colégio Estadual Presidente Castelo Branco e Escola Estadual de Ensino Médio Santo Antônio. Espetaculares. Pessoas que compartilharam conhecimentos. Ensinaram. Contribuíram e mostraram o andamento dessa pesquisa. A eles, minha gratidão e reconhecimento.

No fim, quem ainda lê esses agradecimentos se põe a pensar: Depois de tudo isso, porque ele escolheu fazer mestrado?

Simples. Foi minha escolha.

“Estou só por outubro.

Vou ganhar minha câmera!”.

Aluna participante dessa pesquisa (2015)

RESUMO

Esta dissertação aborda a apropriação da educomunicação socioambiental com grupos escolares. A educomunicação em escolas é considerada uma forma de realizar trabalhos colaborativos entre os professores e os estudantes, independente da faixa etária ou rede escolar aos quais estes pertençam. Considera-se que os educadores podem se apropriar da área videográfica e sua linguagem. Gerando um processo de cidadania e construção coletiva. Problematiza-se como os meios audiovisuais podem auxiliar na democratização da comunicação a partir de um processo educ comunicativo no Ensino Médio? Como os princípios de educomunicação se estabelecem neste processo? Estas questões combinam-se na constituição do problema de pesquisa. O objetivo geral deste estudo é investigar o uso da linguagem audiovisual em um processo de educomunicação socioambiental no ambiente escolar. Esta pesquisa justifica-se pela percepção da necessidade da escola ampliar o uso de métodos no processo educativo, utilizando-se da linguagem audiovisual, a qual exerce fascínio nos estudantes contemporâneos. Este trabalho vai ao encontro de pressupostos de programas nacionais ligados à área ambiental e educ comunicacional, como os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Política Nacional de Educação Ambiental, Política Nacional do Meio Ambiente e o Programa Nacional de Educação Ambiental. O trabalho de campo foi desenvolvido em Lajeado/RS no primeiro semestre de 2015. Incluiu alunos e docentes de duas instituições de Ensino Médio, Colégio Estadual Presidente Castelo Branco e Escola Estadual de Ensino Médio Santo Antônio. O método é qualitativo baseado na pesquisa ação-participante. Realizaram-se 18 encontros que abordaram temas ambientais, noções para produções audiovisuais, como roteirização, captação e edição. O resultado apontou que os meios audiovisuais foram uma estratégia que seduziu e possibilitou a democratização da comunicação por meio de um processo educ comunicativo no espaço escolar. E que os princípios norteadores da educomunicação socioambiental emergiram no processo de modo natural, sendo os que mais evidenciaram-se foram o diálogo permanente e continuado, a interatividade e produção participativa de conteúdos, a não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana. As práticas relatadas neste estudo apontam para o exercício educ comunicativo relacionados a diferentes ecossistemas educ comunicativos. Por meio das artes, construiu-se uma narrativa imagética. Realizou-se um processo pedagógico com uso didático das tecnologias de comunicação. Também os envolvidos foram educados para comunicar em grupo sobre seus modos de compreender a realidade que vivem, nos ambientes do bairro e da escola. Certamente ocorreu um processo de mediação tecnológica, já que manipularam equipamentos pouco comuns ao seu cotidiano, refletindo sobre modos de

contar uma história por meio deles (roteirizar, captar imagens e editar). Da parte do mediador, exercitou-se a reflexão epistemológica.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação. Educomunicação Socioambiental. Produção audiovisual. Escola. Ensino Médio.

ABSTRACT

This dissertation discusses the use of social and environmental educommunication with school groups. The educommunication in schools is considered a form of conduct collaborative work between teachers and students, regardless of age or the school network to which they belong these. It is considered that educators can take ownership of videographic area and its language. Generating a process of citizenship and collective construction. It discusses as the audiovisual media can help in the democratization of communication from a educommunication process in high school? As the principles of educommunication are established in this process? These issues combine the constitution of the research problem. The aim of this study is to investigate the use of audiovisual language in a process of social and environmental educommunication in the school environment. The aim of this study is to investigate the use of audiovisual language in a process of social and environmental educommunication in the school environment. This research is justified by the perception of the school need to expand the use of methods in the educational process, using the audiovisual language, which exerts fascination in contemporary students. This work is consistent with assumptions of national programs related to environmental and educommunication area, such as the National Curriculum Parameters, the National Environmental Education Policy, National Environmental Policy and the National Environmental Education Program. Fieldwork was conducted in Lajeado / RS in the first half of 2015. And included teachers and students of both High School Institutions, Castelo Branco President College and Santo Antônio High School. The method is qualitative and based by action-research participant. Was realized eighteen meetings thar had aboard environmental issues, notions for audiovisual productions, like routing, captation and edition. Result shows that audiovisual media were a strategy that enticed and enabled the democratization of communication by a educommunication process in the school environment. And that the guiding principles of social and environmental educommunication emerged in a natural way process, and those who showed up were more permanent and ongoing dialogue, interactivity and participatory content production, non-discrimination and respect for individuality and human diversity. The practices reported in this study indicate the educommunication exercise related to different educommunication ecosystems. Through the arts, built a narrative imagery. It held an educational process didactic use of communication technologies. Involved people have been trained to communicate in groups about their ways of understanding the reality we live in the neighborhood and school environments. Certainly there was a process of technological mediation, as manipulated unusual equipment to their daily lives, reflecting on ways to tell a

story through them (how to build the script, capture and edit images). Of the mediator part, has exercised to epistemological reflection.

KEYWORDS: Educommunication. Social and environmental educommunication. Audiovisual production. School. High School.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|-----|
| FIGURA 1: ENTRADA DA SALA ONDE FORAM REALIZADAS AS OFICINAS | 80 |
| FIGURA 2: FORAM EXPOSTAS CÂMERAS PARA MOSTRA AOS ALUNOS | 81 |
| FIGURA 3: ALUNOS E PROFESSORES CONHECERAM A ESTRUTURA DA TV UNIVATES | 82 |
| FIGURA 4: HOVERAM EXPLICAÇÕES DE POSSIBILIDADES DE ABORDAGENS SOCIOAMBIENTAIS | 82 |
| FIGURA 5: GRUPOS FORAM DIVIDIDOS POR ESCOLAS..... | 86 |
| FIGURA 6: PROFESSORES E ALUNOS DISCUTIRAM POSSIBILIDADES DE PAUTA E FORMATO..... | 86 |
| FIGURA 7: GRUPO CIEP FOI O PRIMEIRO A DEFINIR FORMATO E O FOCO DO MATERIAL QUE SERIA PRODUZIDO..... | 87 |
| FIGURA 8: ALUNOS MANUSEARAM OS EQUIPAMENTOS..... | 89 |
| FIGURA 9: PROFESSORES TAMBÉM UTILIZARAM AS CÂMERAS..... | 89 |
| FIGURA 10: GRUPO CIEP PEDINDO DICAS PARA CAPTAR IMAGENS | 94 |
| FIGURA 11: GRUPO CASTELINHO CRIANDO ROTEIRO..... | 95 |
| FIGURA 12: GRUPO CIEP FOI O PRIMEIRO A REALIZAR CAPTAÇÕES | 98 |
| FIGURA 13: ALUNOS CONHECERAM E GRAVARAM DENTRO DA REDAÇÃO | 99 |
| FIGURA 14: IMAGENS FEITAS PARA POSSÍVEL UTILIZAÇÃO NO VÍDEO | 99 |
| FIGURA 15: ALUNOS E PROFESSORA TAMBÉM GRAVARAM NO ESTÚDIO DA RÁDIO | 100 |
| FIGURA 16: ALUNOS E PROFESSORA TAMBÉM GRAVARAM NO ESTÚDIO DA RÁDIO | 100 |
| FIGURA 17: ENTREVISTA FEITA COM O JORNALISTA QUE JÁ FOI MORADOR DO BAIRRO..... | 102 |
| FIGURA 18: FORAM GRAVADAS IMAGENS DO DIA A DIA DO JORNALISTA | 102 |
| FIGURA 19: IMAGEM DO CAMPO DE FUTEBOL ABANDONADO..... | 104 |
| FIGURA 20: VARIAÇÃO DE PLANOS (ABERTO) | 105 |
| FIGURA 21: VARIAÇÃO DE PLANOS (FECHADO) | 105 |
| FIGURA 22: PREOCUPAÇÃO COM O CENÁRIO | 106 |

| | |
|--|-----|
| FIGURA 23: IMAGENS CAPTADAS PARA SEREM UTILIZADAS NO DOCUMENTÁRIO..... | 107 |
| FIGURA 24: ENTREVISTA COM O ZELADOR DA ESCOLA..... | 109 |
| FIGURA 25: EXPERIÊNCIA QUE O GRUPO PROPORCIONOU LEVANDO OUTROS ALUNOS ATÉ A ÁREA VERDE ABANDONADA..... | 109 |
| FIGURA 26: ALUNOS CONTAM A EXPERIÊNCIA DE VISITAREM O ESPAÇO..... | 110 |
| FIGURA 27: GRUPO CASTELINHO ENTREVISTOU UMA EX-ALUNA DA ESCOLA..... | 111 |
| FIGURA 28: COMPOSIÇÃO DO CENÁRIO CONDIZ COM OS FATOS REPASSADOS PELA ENTREVISTADA..... | 111 |
| FIGURA 29: FAZ PARTE DO GRUPO DE ENTREVISTADOS UM DOS MAIS ANTIGOS ESCRITORES DA CIDADE..... | 113 |
| FIGURA 30: ENTREVISTADA AFIRMOU QUE JÁ PRECISOU MENTIR ONDE MORAVA EM DECORRÊNCIA DO PRECONCEITO COM O BAIRRO..... | 115 |
| FIGURA 31: ENQUADRAMENTOS QUE DEIXAVAM AS FONTES À VONTADE..... | 115 |
| FIGURA 32: MOMENTO PARA DISCUTIR AS PRÓXIMAS DEBATER OS ENFOQUES..... | 116 |
| FIGURA 33: GRUPO FORMULANDO PERGUNTAS..... | 116 |
| FIGURA 34: CLIMA DE DESCONTRAÇÃO DEIXA FONTE SEGURA..... | 117 |
| FIGURA 35: IMAGENS CAPTADAS PELO GRUPO PARA RETRATAR A VIDA DA SENHORA..... | 117 |
| FIGURA 36: ENTREVISTA DA SENHORA..... | 118 |
| FIGURA 37: PROFESSORA AUXILIA O GRUPO CUIDANDO DA ILUMINAÇÃO..... | 119 |
| FIGURA 38: GRAVAÇÃO COM EX-MORADOR DO BAIRRO..... | 120 |
| FIGURA 39: ALUNOS NO CENTRO DA CIDADE GRAVANDO ENQUETE..... | 121 |
| FIGURA 40: OUTRAS OPINIÕES COLETADAS ATRAVÉS DA ENQUETE..... | 122 |
| FIGURA 41: IMAGENS SENDO GRAVADAS DO BAIRRO SANTO ANTÔNIO..... | 123 |
| FIGURA 42: SILHUETA DO GRUPO..... | 124 |
| FIGURA 43: VARIAÇÃO DE ENQUADRAMENTO NA ENTREVISTA..... | 125 |
| FIGURA 44: BREVE MOSTRA FEITA PELO MEDIADOR DO SOFTWARE DE EDIÇÃO E COMO EDITAR OS MATERIAIS PRODUZIDOS..... | 126 |
| FIGURA 45: EXECUTORES SÃO OS ALUNOS..... | 127 |
| FIGURA 46: GRUPOS TIVERAM O PRIMEIRO CONTATO COM AS ILHAS DE EDIÇÃO..... | 128 |
| FIGURA 47: OS DOIS GRUPOS CORTARAM AS ENTREVISTAS..... | 129 |
| FIGURA 48: PROFESSORA ORIENTAVA E OPINAVA, MAS NÃO EXECUTAVA..... | 131 |
| FIGURA 49: NA PRÁTICA, SOMENTE OS ALUNOS QUE EDITAVAM..... | 131 |

| | |
|---|-----|
| FIGURA 50: NO GRUPO CIEP TODOS OS ALUNOS PRECISARAM EDITAR EM ALGUM MOMENTO | 131 |
| FIGURA 51: PROFESSORA CRIOU UM MÉTODO PRÓPRIO PARA CONSEGUIR EDITAR..... | 133 |
| FIGURA 52: COM AUXÍLIO DOS PAPÉIS A PROFESSORA CONSEGUIU VISUALIZAR AS ENTREVISTAS SENDO LIGADAS..... | 135 |
| FIGURA 53: GRUPO CIEP EDITOU COM SOMENTE OS ALUNOS EM QUASE TODOS MOMENTOS .. | 135 |
| FIGURA 54: ALUNO DO CIEP EDITOU SOZINHO | 136 |
| FIGURA 55: PROFESSORA EDITOU PELA PRIMEIRA VEZ COM O <i>SOFTWARE</i> | 137 |
| FIGURA 56: ÚLTIMO DIA PARA FINALIZAR OS MATERIAIS | 138 |
| FIGURA 57: LIBRAS AO LONGO DE TODO DOCUMENTÁRIO DO CASTELINHO..... | 139 |
| FIGURA 58: EXIBIÇÃO DOS DOIS DOCUMENTÁRIOS E GRUPO FOCAL | 140 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|-----|
| QUADRO 1: SISTEMATIZAÇÃO DOS INTERESSES DAS ESCOLAS DE LAJEADO EM PARTICIPAR DA PESQUISA..... | 64 |
| QUADRO 2: PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE COLETA DE DADOS..... | 69 |
| QUADRO 3: MODELO DE ROTEIRO CRIADO E APRESENTADO PELO MEDIADOR | 91 |
| QUADRO 4: MODELO DE ROTEIRO APROVADO PELOS PARTICIPANTES | 92 |
| QUADRO 5: SÍNTESE DAS CATEGORIAS QUE EMERGIRAM DOS RELATOS | 144 |
| QUADRO 6: PLANEJAMENTO DAS OFICINAS | 181 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|--------------|--|
| ABPEDUCOM - | Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educomunicação |
| ALAIC - | Associação Latino Americana de Investigadores da Comunicação |
| CAPES - | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CIEP - | Escola Estadual de Ensino Médio Santo Antônio |
| CEP - | Rede de experiências em Comunicação, Educação e Participação |
| CODIC/RS - | Conselho dos Dirigentes Municipais de Cultura do Rio Grande do Sul |
| COMPÓS - | Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação |
| CRE - | Coordenadoria Regional de Educação |
| DCNEM - | Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio |
| EA - | Educação Ambiental |
| EDUCOM SUL - | Encontro de Educomunicação da Região Sul |
| FAMURS - | Federação das Associações dos Municípios do Rio Grande do Sul |
| FUNDHAS - | Fundação Helio Augusto de Sousa |
| IBGE - | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| INTERCOM - | Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação |
| MCM - | Meios de Comunicação de Massa |
| MEC - | Ministério da Educação |
| MMA - | Ministério do Meio Ambiente |
| NCE - | Núcleo de Comunicação e Educação |

| | |
|------------------------|---|
| ONG - | Organização Não Governamental |
| ONU - | Organização das Nações Unidas |
| PAR - | Plano de Ações Articuladas |
| PCN - | Parâmetros Curriculares Nacionais |
| PDDE - | Programa Dinheiro Direto na Escola |
| PNAD - | Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios |
| PNEA - | Política Nacional de Educação Ambiental |
| PNMA - | Política Nacional do Meio Ambiente |
| PPGAD - | Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento |
| PRC - | Programa de Redesenho Curricular |
| ProNEA - | Programa Nacional de Educação Ambiental |
| PROEMI - | Programa Ensino Médio Inovador |
| REC - | <i>Record</i> - Registro |
| SECOM - | Secretaria de Comunicação Social |
| SEDUC/RS - | Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul |
| SENAI - | Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial |
| SCIELO - | Scientific Electronic Library Online - Biblioteca Científica Eletrônica |
| SIC - | Sociedade da Informação e Conhecimento |
| SIMEC - da Educação | Sistema Integrado de Planejamento, Orçamento e Finanças do Ministério |
| SISNAMA - | Sistema Nacional de Meio Ambiente |
| TIC - | Tecnologias da Informação e da Comunicação |
| UNESCO - | Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura |
| UFSM - | Universidade Federal de Santa Maria |
| UNIVATES - | Centro Universitário Univates |
| USP - | Universidade de São Paulo |
| WEB - | <i>World Wide Web</i> - Rede de Alcance Mundial |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 13 |
| 1.1 OBJETIVOS..... | 15 |
| 1.2 JUSTIFICATIVA..... | 16 |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO..... | 20 |
| 2.1 EDUCOMUNICAÇÃO: UM CAMPO DE INTERVENÇÃO SOCIAL..... | 20 |
| 2.1.1 Educomunicação socioambiental | 33 |
| 2.1.2 Programa de Educomunicação Socioambiental | 35 |
| 2.2 EDUCAÇÃO AMBIENTAL, PCN E OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO | 42 |
| 2.3 DISPOSITIVOS AUDIOVISUAIS..... | 47 |
| 2.3.1 Dispositivos de vídeo na Educação | 53 |
| 2.3.2 Audiovisual na educomunicação..... | 56 |
| 2.3.3 O audiovisual na educomunicação socioambiental..... | 60 |
| 3 MÉTODO..... | 63 |
| 4 CONTEXTUALIZAÇÃO..... | 72 |
| 4.1 PROGRAMA ENSINO MÉDIO INOVADOR (PROEMI) | 73 |
| 4.1.1 Comunicação, Cultura Digital e Uso de Mídias..... | 76 |
| 4.2 COLÉGIO ESTADUAL PRESIDENTE CASTELO BRANCO | 77 |
| 4.3 ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO SANTO ANTÔNIO..... | 78 |
| 4.4 DAS OFICINAS..... | 79 |
| 5. APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM E O AUDIOVISUAL NO PROCESSO EDUCOMUNICATIVO | 144 |

| | |
|---------------------------|------------|
| 6. CONCLUSÃO | 166 |
| REFERÊNCIAS | 171 |
| APÊNDICES | 180 |
| ANEXOS | 192 |

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação aborda a apropriação da educomunicação socioambiental por professores e alunos em sala de aula, um ambiente de formação do conhecimento e para a vida. A educomunicação no ambiente escolar é considerada uma forma de realizar trabalhos colaborativos entre os professores e os estudantes, independente da faixa etária ou rede escolar aos quais estes pertençam. Considera-se assim, que os educadores podem se apropriar da área videográfica e sua linguagem, por meio da educomunicação, conceito que refere-se a um processo de cidadania e construção coletiva.

O professor Ismar de Oliveira Soares, estudioso da área que cunhou o conceito de educomunicação através de propostas de autores como Paulo Freire e Mario Kaplún, cita que é necessário serem criados “ecossistemas comunicativos” nos espaços educativos. Estes ecossistemas estão relacionados aos fluxos de relações dos grupos humanos e, também, com os canais de acesso das pessoas às tecnologias da informação. Citelli (2011) caracteriza os ecossistemas comunicativos como todos os circuitos de retroalimentação: “desde o plano da produção material, passando pelas estratégias de composição e circulação das mensagens [...]”. Por este motivo, Soares (2013a, p.1) é categórico quando explica que a educomunicação deve ser introduzida analisando as condições do espaço educativo e tendo em conta que, “o ecossistema comunicativo estará sempre, e necessariamente, em construção”. Para Soares (2012a, texto digital) a “educomunicação vai se preocupar com essas tecnologias, não por serem tecnologias, mas por serem parte das mediações que a cultura contemporânea apresenta para garantir as formas de expressão”.

Logo, um trabalho que tem como pilar a educomunicação precisa projetar as pontes que o conceito cria entre a comunicação e a educação. Neste sentido Martirani (2008, p.1) diz

que: “É possível afirmar que não há educação sem comunicação, nem tampouco comunicação sem educação”. Especificamente quando comunicação e educação convergem com as questões ambientais e abrem uma nova área: a educomunicação socioambiental.

A educomunicação socioambiental é uma linha de ação do Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) do Ministério do Meio Ambiente, a qual tem como objetivo adequar os meios interativos e democráticos para que a população possa criar e espalhar conhecimentos, através da comunicação voltada para a sustentabilidade. Os princípios da educomunicação socioambiental são: o compromisso com o diálogo permanente e continuado, a interatividade e produção participativa de conteúdos, a transversalidade, o encontro/diálogo de saberes, a proteção e valorização do conhecimento tradicional e popular, a democratização da comunicação com a acessibilidade à informação socioambiental, o direito à comunicação e à não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana (BRASIL, 2008).

No desenvolvimento desta pesquisa serão levados em conta estes pressupostos através de uma produção interativa que tenha como objetivo: fomentar arranjos solidários, participativos de produção e veiculação de comunicação socioambiental, a fim de alimentar canais públicos, educativos e comunitários com conteúdos socioambientais, abrindo oportunidades de divulgação e apropriação pública das políticas ambientais e da Política Nacional de Educação Ambiental. Buscar-se-á parceria e colaboração coletiva com meios de comunicação regionais, educativos e/ou comunitários (canais de televisão regionais), além das escolas escolhidas no desenvolvimento do projeto. Por isso, a proposta está baseada na Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), quando prevê o estabelecimento de acordo para que o grupo de educadores, comunicadores e aprendizes produzam conteúdos em processos educativos, e os mesmos possam ser veiculados solidariamente através de espaço disponível em um canal (BRASIL, 2008).

Para se atuar com a educomunicação e conseguir desenvolver este conceito tendo a sua inserção não somente de maneira teórica, mas também prática, de modo a se buscar a transformação da realidade e modificação social, torna-se imprescindível a escolha de algum público. Portanto, definiu-se trabalhar com escolas do Ensino Médio, especificamente com professores e alunos que tenham interesse em participar da pesquisa.

A pesquisa delimita-se a escolas de Lajeado, no Rio Grande do Sul, que estejam contempladas no Programa do Ensino Médio Inovador (ProEMI) do Governo Federal e que

aderiram ao macrocampo: Comunicação, Cultura Digital e Uso das Mídias. O estudo de campo foi realizado no primeiro semestre de 2015. O trabalho apresenta a possibilidade de novas abordagens em futuras pesquisas, com a ampliação da quantidade de escolas e estudantes. Quem sabe, atingindo-se o universo de redes escolares de uma região geográfica, poderia obter uma gama maior de estudantes e docentes capacitados, deste modo se ampliariam as oportunidades de informação voltada à cidadania. Para Baccega (2011, p.32), a educomunicação traz a educação para os meios, a leitura crítica dos meios, o uso da tecnologia em sala de aula, a formação do professor para o uso através dos meios, porém, não se restringe a estes pontos, já que quer formar cidadãos, “a partir do mundo editado devidamente conhecido e criticado”.

Autores sugerem trabalhar em grupos pequenos, formando multiplicadores. Em uma pesquisa que perpassa os campos da Educação e Comunicação, aprofundando conhecimentos em uma área que tem cerca de vinte anos somente de estudos no Brasil, um dos desafios é contemplar a real intenção da educomunicação: envolver alunos e professores no processo comunicativo, e não somente realizar uma produção audiovisual. Por isso, tínhamos já de início o desafio de manter o público alvo envolvido em todo processo para estar voltado para a transformação social: como os meios audiovisuais podem auxiliar na democratização da comunicação a partir de um processo educacional no Ensino Médio? Como os princípios da educomunicação socioambiental se estabeleceriam neste processo? Estas questões combinam na constituição do problema de pesquisa.

1.1 Objetivos

O objetivo geral deste estudo é investigar o uso da linguagem audiovisual em um processo de educomunicação socioambiental no ambiente escolar.

Objetivos específicos

- a) Conceituar e caracterizar aspectos relevantes sobre a educomunicação e educomunicação socioambiental;
- b) Capacitar professores e alunos para o desenvolvimento com audiovisual na prática educacional;
- c) Exercitar o uso da linguagem videográfica com professores e alunos em um ambiente educativo, levando-se em conta os princípios da educomunicação socioambiental;
- d) Investigar como alunos e professores da escola apropriam-se da linguagem audiovisual em ações educacionais.

1.2 Justificativa

O assunto de investigação desta pesquisa deu-se através de minha experiência como estudante de Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo e como profissional da área audiovisual desde 2004 e, também, pelo fato que vivi, nos anos de 2012 e 2013, a experiência de ser mediador de um processo de educomunicação junto à Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Arroio do Meio/RS, onde tive a oportunidade de trabalhar com professores e alunos de cinco escolas de Ensino Fundamental. Naquela proposta, os estudantes, com o auxílio dos educadores, produziram um curta-metragem com a temática: Rio Grande do Sul. No ano de 2014, esse projeto venceu o prêmio Cultura da Federação das Associações dos Municípios do Rio Grande do Sul/Conselho dos Dirigentes Municipais de Cultura do RS (FAMURS/CODIC), na categoria Cinema, Vídeo e Fotografia.

A educação em sala de aula está sendo projetada como um campo cada vez mais cruzado por novas linguagens, as quais estão relacionadas às mudanças tecnológicas, culturais

e comportamentais atuais. Esse processo teve seu início nas décadas de 30 e 40 e se expande para a ampliação da atuação dos *media* ao longo do século XX (CITELLI, 2000).

Segundo Citelli (2000, p.136), “a criança sabe mais sobre o mundo tal como apresentado pela televisão do que sobre o mundo como descrito nas salas de aulas e nos livros didáticos”. Para o autor, é correto afirmar que os jovens estão dedicando cada vez mais espaço para a televisão e deixando de ter interesse pela educação formal. Além disso, amplia-se o fascínio e o uso dos ambientes virtuais, os quais podem servir de incremento no processo educativo. Tanto a televisão quanto a internet se utilizam maciçamente de imagens.

Para Costa (2005, p.21), o cenário educacional pode ter o seu papel letrado e ao mesmo tempo, entrar no campo imagético e das linguagens tecnológicas para que possa superar obstáculos. O momento torna-se oportuno para uma educação baseada em múltiplas linguagens e em plataformas tecnológicas, nas quais se incluem os meios audiovisuais. Penteadó (1990, p.99) afirma que os métodos escolares estão baseados em textos escritos ou didáticos e faz um questionamento crítico: “Que resultado vem obtendo? Altas taxas de evasão e retenção escolar [...]”.

Para tanto, a educação necessita cada vez mais ser percebida como um processo comunicacional. Trabalhar com educação para as mídias nos espaços escolares significa a possibilidade de estimular uma visão crítica aos meios de comunicação entre os jovens e proporcionar a oportunidade de não tornarem-se apenas consumidores de notícias. Segundo Duarte (2002, p.45), “a educação para a mídia é de essencial importância na formação do cidadão, pois a comunicação forma opiniões, fabrica posturas e modela atitudes, influenciando diretamente na vida da sociedade e dos indivíduos”. O principal elo entre a educomunicação, as crianças e adolescentes é a sedução que os meios de comunicação proporcionam.

Pensando nas plataformas audiovisuais como suporte didático para os professores em sala de aula e um auxílio de disseminação de conteúdo para os estudantes, Citelli (2000, p.131), afirma que: “Dado que a televisão faz parte da vida das pessoas e, por isso mesmo, também dos professores e alunos, temos que pensar na necessidade urgente de introduzi-la na escola”. Especificamente sobre o fato de se usar os meios de comunicação na educomunicação voltada para a temática ambiental Martirani e Gomes (2008, p.375) são categóricas: a comunicação necessária para a educação ambiental (EA) precisa ampliar o debate e o conhecimento das questões ambientais, através da democratização de informações,

fortalecendo o diálogo com a sociedade, valorizando o discurso de comunidades locais e apostando em pequenos projetos. Entendemos que esta democratização passa pelo acesso aos meios de produção de informação, superando o lugar do receptor de mensagens.

Portanto, esta pesquisa justifica-se pela necessidade da escola ampliar o desenvolvimento de métodos no processo educativo, utilizando-se da linguagem audiovisual, a qual exerce fascínio nos estudantes contemporâneos. Além disso, os assuntos trabalhados estiveram ligados às questões socioambientais, embasados em programas nacionais ligados à área ambiental como: os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Política Nacional de Educação Ambiental, Política Nacional do Meio Ambiente e o Programa Nacional de Educação Ambiental. A importância desse campo se dá, também, em função de ser uma necessidade urgente. Como Boff (1999, p.17) afirma, existem graves problemas que marcam devastações na Terra e entre as sociedades, “causados pelo projeto de crescimento material ilimitado, sacrifica 2/3 da humanidade, extenua recursos da Terra e compromete o futuro das gerações vindouras [...] mais do que o fim do mundo estamos assistindo ao fim de um tipo de mundo”. O autor explica que existe uma crise no projeto atual da humanidade decorrente de uma falta generalizada de cuidado com a vida por parte das pessoas. Os reflexos disso são visíveis a partir de quatro pontos: a baixa qualidade de vida, a penalização dos mais pobres, o desgaste ecológico e o aumento significativo da violência.

A pesquisa organiza-se assim: no capítulo introdutório da fundamentação teórica, aborda-se a educomunicação, termo desenvolvido por estudiosos da área como Ismar de Oliveira Soares e Adílson Citelli, entre outros. A partir deles, se conceitua e caracteriza, assim como também mostram-se formas de se trabalhar com este conceito, que permeia as áreas de Educação e Comunicação. A seguir, descreve-se a educomunicação socioambiental e como esta linha de estudo é contemplada pelo Ministério do Meio Ambiente (MMA) e Ministério da Educação (MEC) através de documentos norteadores, caso do Programa de Educomunicação Socioambiental do Governo Federal. Na sequência, a pesquisa aborda a educação ambiental, a partir de conceitos, histórico e abordagens de diferentes estudiosos, privilegiando o que está contemplado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no que tange a interface com a comunicação. Por fim, o último capítulo do referencial teórico trata dos dispositivos audiovisuais: a importância deles e seu significado para os telespectadores, o poder de sedução que o veículo tem sobre o público e a viabilidade da sua utilização em processos de educomunicação socioambiental.

Em seguida apresenta-se o método, que é qualitativo e baseado na pesquisa-ação. Depois caracterizam-se os locais de intervenção para, então, realizar-se o relato do processo educ comunicativo cruzando com os princípios educ comunicativos socioambientais que emergiram naturalmente do processo. Ainda, se expõe quais apropriações professores, alunos, gestores e mediador tiveram das oficinas, relacionando-as aos estudiosos da área, e, por fim, as devidas análises.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesse capítulo se aborda como a linguagem audiovisual pode se constituir em um mecanismo de Educação e Comunicação de caráter socioambiental no contexto escolar. Para isso, iremos aprofundar temas como: a educomunicação, seus conceitos e modos de utilizá-la; a educomunicação socioambiental e seus princípios norteadores; a educação ambiental, seu histórico e formas de condução. Por fim, se trata o audiovisual relacionando-o a estes temas.

2.1 Educomunicação: um campo de intervenção social

Apesar da educação em sua relação com a comunicação já ser anunciada desde a década de 60 por Paulo Freire, pesquisadores e estudiosos têm citado que o termo educomunicação é novo, e, começou a ser utilizado entre as décadas de 1970 e 1980 por Mario Kaplún, sendo hoje ampliado e cada vez mais disseminado por instituições de ensino. Na década de 80, houve uma preocupação internacional com a educação para a recepção dos produtos midiáticos e, após dez anos, métodos de abordagem para prática de educação para a mídia ganharam destaque no Brasil.

Partindo desses pressupostos, no ano de 1996 surgiu o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE), órgão da Universidade de São Paulo (USP). Em seu primeiro trabalho os professores que tinham o mesmo interesse, a educação e a comunicação, buscaram especialistas de doze países da América Latina e alguns da Península Ibérica para realizar uma pesquisa que tinha como objetivo compreender as ideias das pessoas envolvidas nessa área e relatar o perfil dos profissionais que atuavam nesta inter-relação. Como resultado, houve uma fusão e o surgimento de um novo campo de intervenção social: a educomunicação

(SANTOS, 2013). Esse estudo proporcionou ao Núcleo definir o campo da educomunicação como sendo:

[...] espaço que membros da sociedade se encontram para implementar ecossistemas comunicativos democráticos, abertos e participativos, impregnados da intencionalidade educativa e voltado para a implementação dos direitos humanos, especialmente o direito à comunicação (NCE/USP apud SANTOS, 2013, p.2).

A partir de 1999 o termo passou a ser corrente em textos do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP). Em um ano, o conceito circulou internacionalmente. Com o tempo, os pesquisadores notaram a figura de um novo profissional, propuseram a criação de uma formação universitária que habilitasse o educador. No ano de 2009, a Universidade de São Paulo (USP), junto ao departamento de Comunicações e Artes da Escola de Comunicação e Artes, lançou o curso de licenciatura em educomunicação (SANTOS, 2013). Além dessa licenciatura, existe o curso de bacharelado em Comunicação Social, com habilitação em Educomunicação, da Unidade Acadêmica de Arte e Mídia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Quando citam a atividade exercida pelo educador, Silva e Rosa (2010, p.3) destacam que: “Ele é o responsável pela aproximação e simbiose entre comunicação e educação, sendo maestro deste processo”. Este profissional tem condições de auxiliar no sistema de ensino básico nacional. Já a opção pela licenciatura se deve em função de ser um professor de comunicação no âmbito do magistério e, especialmente, voltado a suprir necessidades do Ensino Médio. O educador tem capacidade para a pesquisa e a consultoria, respectivamente, podendo analisar e sistematizar experiências em educomunicação e assessorar projetos de comunicação educativa (SOARES, 2011 apud SANTOS, 2013). Para Soares (2011a, p.13) o profissional que trabalha nessa área tem três opções: ser professor, um consultor ou então pesquisador. Como docente abre-se a possibilidade de atuar junto ao Ensino Médio através da Lei de Diretrizes e Bases, na parte direcionada a “Linguagens e suas tecnologias”, isto, tendo a formação universitária. Já o consultor é aquele que presta algum tipo de assessoria. Normalmente, esta figura encontra-se em organizações não governamentais (ONGs), é autodidata e tem formação na área das Ciências Humanas. E, por fim, o pesquisador que trabalha com o tema buscando em referenciais e métodos formas de expandir o assunto com coletas, tratamentos de dados e indicadores.

Os estudos realizados pelo NCE/USP incluem teoria e metodologias que capacitem agentes sociais para disseminar ações comunicativas para humanidade, além de produzir conhecimentos e fomentar propostas e projetos que tenham enfoque de mudanças sociais de maneira colaborativa (SANTOS, 2013).

Kaplún refere-se ao educador como alguém que consegue transitar entre a comunicação e a educação, sendo agente fundamental para as transformações históricas, sociais e culturais existentes (CITELLI, 2011). Silva e Rosa (2010, p.1), baseadas em autores como Freire (1983) e o próprio Kaplún (1997), afirmam que a educação faz parte de um ensino que busca a libertação e autonomia do cidadão, tornando o jovem uma pessoa com senso crítico: “tal pensamento coaduna com os propósitos da educação, que objetivam o desenvolvimento social e novas posturas como cidadão ativo”. E nesse caso, o senso crítico deveria estar presente na sociedade, para Freire (2006, p.51) não possuí-lo pode ser uma das maiores tragédias da humanidade, pois existe um grande potencial dos mitos e da publicidade em desfavorecer a sociedade da capacidade de decisão, assim, a sua liberdade inexistente, deixando as tarefas nas mãos de uma elite, na qual o homem simples não pertence, “e, quando julga que se salva seguindo as prescrições, afoga-se no anonimato nivelador da massificação, sem esperança e sem fé, domesticado e acomodado: já não é sujeito. Rebaixa-se a puro objeto”.

Assim, Silva e Rosa (2010, p.2) afirmam que para o cidadão não se tornar uma massa de manobra, o conhecimento através do espaço escolar torna-se impreterível: “A escola é o palco para despertar o exercício da crítica e se mostra como espaço de elaboração do processo de aprendizado”. Freire (2006, p.52) já reiterava a importância do ser enquanto sujeito: “[...] salienta-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de integrar-se, superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, aprendendo temas e tarefas de sua época”. Leal (2012, p.2) ressalta, ainda, que um dos pontos positivos da união entre comunicação e educação é a contribuição para uma cultura responsável e que busca compreender as diferenças. Outra marca importante é quanto à qualificação das técnicas pedagógicas, “[...] já que se passa a trabalhar com formas diversificadas de ensinar, dependendo dos tipos de ações comunicativas que são desenvolvidas”. A autora afirma que o pluralismo é esperado nas atividades educacionais, “o ideal é a construção de atividades que busquem estabelecer comunicação e mecanismos de ligação entre os diferentes sujeitos”.

Para Martín-Barbero (2011) existem desafios na área da comunicação para a educação e isso não pode ser diminuído se o foco é a busca por uma construção cidadã. O autor critica o pensamento de que a cultura e a educação não trabalham com uma mesma linha, “a TV não é vista como um meio para fazer/criar cultura, mas apenas para transmitir, difundir e divulgar”. Educação e comunicação têm, na sua origem, modos de construção diferentes e espaços delimitados em seus próprios conceitos. A educação tece o jeito de administrar o desenvolvimento social e a comunicação tem a competência de disseminar informações (SOARES, 2000 apud SANTOS, 2013). Rosa (2014, texto digital) aglutina as áreas quando afirma que a educomunicação: “Possibilita a passagem de uma era da transmissão de conhecimento para a construção de conhecimento, onde todos os sujeitos que participam do processo de aprendizagem podem se tornar protagonistas”.

Uma das principais propostas da educomunicação é tornar a escola um local prazeroso para os estudantes, estimulando sua participação nas atividades. Busca-se fugir do velho modelo curricular que só expõe o conteúdo. Alexandre Le Voci Sayad, jornalista e educador, aborda este contexto quando assina o prefácio da obra de Soares, denominada: “Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação”. Sayad (2011b) retrata que a educomunicação não é algo novo, sem embasamento, já que inúmeros trabalhos pelo país evidenciam isto. Ele demonstra o papel fundamental do conceito, marcado pela: “Produção de mídia de qualidade, afetividade, cooperação, participação, livre expressão, interatividade e experimentação” (SAYAD, 2011b, p.9). Entre os benefícios da educomunicação, Leal (2012, p.4), coloca: “[...] objetiva principalmente o crescimento da autoestima e da capacidade de expressão das pessoas, não só como indivíduos mas também como grupo”.

Soares (2011b, p.23) dá luz ao termo da educomunicação quando explica que não basta à educação ter a comunicação como instrumento. Ele defende que a comunicação deve fazer parte da estrutura processual da educação, e propõe: “Educar pela comunicação e não para a comunicação”. Ele ainda demonstra que dois educadores, Paulo Freire e Mario Kaplún, anexam ambientes do contexto sociocultural com a educação e comunicação, mantendo-os como objetos para serem relacionados e não áreas de disputa. Soares (2011b) afirma que existe um processo, recente, que precisa ir além dos tradicionais paradigmas educacionais. Necessita relacionar a educação com a comunicação, mantendo os valores básicos de cada uma, aglutinando-os na área da educomunicação, a qual refere-se à uma

formação cidadã emancipatória, superando a sociedade unicamente preocupada com o consumo.

Kaplún (2011, p.175) entende que a comunicação educativa não pode ser pensada única e exclusivamente como o campo da mídia, devendo se pensar os meios como parte dela, mas acima disso, deve contemplar todo processo educativo, “isso implica considerar a comunicação não como um mero instrumento midiático e tecnológico, e sim, antes de tudo, como um componente pedagógico”. Portanto, assim o autor destaca que pensar de forma interdisciplinar é fundamental para compreender a fusão dos campos: “convergem uma leitura da pedagogia a partir da comunicação e uma leitura da comunicação a partir da pedagogia” (KAPLÚN, 2011, p.176). Isso requer que levemos em conta a afirmação de Martín-Barbero (2011, p.123), de que é preciso: “Reconhecer que estamos numa sociedade em que o conhecimento e a informação têm tido um papel fundamental, tanto nos processos de desenvolvimento econômico quanto nos processos de democratização política e social”.

Quanto à possibilidade da introdução dos meios nos ambientes escolares, Kaplún (2011) afirma que:

No que diz respeito ao emprego de meios na educação, bem-vindos sejam, desde que aplicados crítica e criativamente, a serviço de um projeto pedagógico, ultrapassando a mera racionalidade tecnológica; como meios de comunicação e não de simples transmissão; como promotores do diálogo e da participação; para gerar e potencializar novos emissores mais que para continuar fazendo crescer a multidão de receptores passivos. Enfim, não meios que falam, e sim meios para falar (KAPLÚN, 2011, p.184).

Ainda, a educomunicação para Soares (2013a, 2013b) é um processo que envolve planejamento e necessita da criação de programas e produtos para fortalecer espaços educativos. Para ele, trabalhar com estes dispositivos forma ecossistemas comunicativos formativos, o que possibilita repensar os sistemas educacionais, os quais têm que ser compreendidos como variáveis das novas maneiras de se perceber o mundo, local onde os processos audiovisuais são centrais. Segundo Citelli (2000). Para este autor, é necessário reconhecer que a “educação” e a “comunicação” estão próximas do universo escolar nos dias de hoje, apontando, neste contexto, as experiências videotecnológicas presentes no cotidiano da sala de aula.

Segundo Citelli (2011), as áreas da Comunicação e da Educação têm linhas próprias de atuação, conceituais, metodológicas e de pesquisas, por isso, a educomunicação chega para ser um novo elemento que, por sua vez, tem espaço transitório nos dois campos, tendo um

leque vasto de opções em escolas e fora delas e, ainda, ampliando a possibilidade do ministrante da aula, descentralizando a imagem do professor e difundindo para afins como jornalistas, idealizadores de programas de rádio/TV, programadores de softwares livres.

No caso do público ser composto de jovens, Martín-Barbero (2011) explica que os conhecimentos adquiridos no ecossistema comunicativo são feitos de mosaicos de saberes, o que por sua vez, são fragmentos de pensamentos que permitem uma atualização às vezes maior do que a do próprio professor. E, segundo o autor, isso mostra um enfraquecimento da imagem de autoridade do educador diante do jovem. E é nessa direção que atuam os educadores, sendo profissionais que estão preocupados em fazer a aproximação comunicação e educação, desenvolvendo projetos de comunicação dentro das escolas, fazendo com que os alunos trabalhem melhor os conteúdos da comunicação nos ambientes escolares, isto é, alguém que consegue, ao mesmo tempo, trabalhar com os dois campos. Para o autor, nem todos formados em Educação têm condições de entrar no mundo da Comunicação e vice-versa (CITELLI, 2011).

Soares afirma que a atividade educacional possibilita uma nova forma de sociabilidade e pensamento, já que trabalha com “o que sentem e pensam as pessoas de si mesmas, dos outros e do mundo que as rodeia, não importando idade, sexo, credo ou condição social [...]” (SOARES, 2006, p.1 apud MATTANA, *et al.* 2011, p.8). Miranda (2006) concorda quando explica que a educação é um campo transformador e crítico. Por este motivo, o fato de utilizar elementos da comunicação em sala de aula democratiza o conhecimento, promove o compartilhamento de ideias e abre espaço para um ecossistema colaborativo. Além disso, trabalhar com a Comunicação e a Educação de forma simultânea nas escolas possibilita que os próprios alunos, de forma independente, tornem-se disseminadores das informações. No entanto, Citelli (2011) entende que pode existir uma dificuldade em estreitar os laços desses diálogos de sala de aula com os dispositivos comunicacionais, visto que os espaços escolares já têm acesso aos meios de comunicação, sendo que o problema é que em diversos casos eles não têm o suporte especializado para sua funcionalidade.

Mattana *et al.* (2011) explicam que o uso do meio de comunicação acaba ampliando horizontes para a sociabilidade e para educação, pois expandem a cultura e as informações, e, conseqüentemente afetam-se as identidades. Sartori (2009) e Baccega (2011), concordam que

para o processo educacional faz-se necessário entender o entorno cultural, levando em conta o contexto familiar, as amizades e o uso das mídias pelos envolvidos.

Assim, Almeida (2006) propõe uma reflexão sobre três aspectos: quais seriam os espaços dos professores, das escolas e dos meios de comunicação de massa, visto que, se alinhados, poderiam suprir necessidades individuais e culturais. Esse autor busca em Baccega (2000) ideias que reforcem a teoria de que os meios de comunicação de massa servem para auxiliar o espaço escolar e que se distanciar dos mesmos só impede as escolas de criar novos conhecimentos:

[...] enquanto a escola continua com sua retórica pedagógica conservadora, ocupando todo o tempo de sala de aula com esse discurso, o discurso dos meios de comunicação está presente no âmbito da escola, de maneira clandestina. Não adentram as salas de aula, mas estão nos corredores, nos intervalos, nas conversas informais, tanto de professores quanto de alunos. É urgente que esses discursos outros saiam da clandestinidade e passem a constituir parte dos diálogos que deveriam ocorrer em sala de aula (BACCEGA, 2000, p. 61 apud ALMEIDA, 2006, p.3).

Almeida (2006) defende que é necessário se aproximar e utilizar os meios de comunicação de massa em favor das escolas, porém, levando em consideração todas as questões que envolvem a condição humana, tais como as políticas sociais e a ética. Para o autor, as escolas precisam entender as conjunturas atuais e se adaptar, pois “[...] apesar de todas essas novidades agregadas ao mundo da educação, a evasão escolar ainda existe em níveis não aceitáveis, porque a escola não está falando a mesma língua dos seus educandos” (ALMEIDA, 2006, p.7).

Segundo Rosa (2014, texto digital) a educomunicação poderá se inserir nas escolas por duas maneiras: por meio de políticas públicas, tendo como exemplo o programa Mais Educação e o Ensino Médio Inovador, que estão sob a perspectiva da epistemologia da educomunicação, pois ambos possuem o macrocampo da comunicação, o uso das mídias e da cultura digital. E a outra opção refere-se às universidades, com a implantação dessa disciplina na grade curricular de cursos de formação. Nessa direção, Annibal e Lepre (2013, p.9), concordam com Rosa (2014) quanto ao incentivo desses conteúdos nos cursos de formação, porque verificam a necessidade de existir discussões sobre a educomunicação e as mídias nesse círculo; contudo, são críticos quanto ao sentido que envolve as políticas públicas e as atitudes governamentais: “Esta presença não pode restringir-se a algo instrumental, de manuseio tecnológico ou de presença ilustrativa nas escolas e na universidade para justificar a ação do Estado [...]”. Mogadouro e Soares (2011, p.282) têm a mesma opinião, no entanto,

vão mais longe. Segundo os autores, é necessário inserir a abordagem audiovisual nas estruturas curriculares, “[...] em todas as licenciaturas para tentar reverter esse descompasso entre imagem e texto desde a formação inicial do professor”.

Fantin (2006) entende que a educação passa por um momento de desafio, já que a formação do sujeito na era da sociedade da informação deve ser discutida na escola. Segundo ela, apesar de se dizer que as gerações atuais crescem junto à tecnologia, ou seja, com os meios audiovisuais, ainda está longe de se imaginar que estes veículos estejam sendo problematizados pelas escolas: “estamos sendo educados por imagens e sons e muitos outros meios provindos da cultura das mídias, [...] e a escola precisa redimensionar tais potencialidades”. As mídias fazem parte da prática sociocultural e, segundo a autora, por isso, há a necessidade de uma discussão pedagógica dessas relações. Martín-Barbero (2011, p.126) argumenta no mesmo sentido: “diante do professor que sabe recitar muito bem uma lição, hoje, senta-se um alunado que, por osmose com o meio ambiente comunicativo, está embebido de outras linguagens, saberes e escrituras que circulam pela sociedade”. Diversas alterações sociais e culturais aconteceram ao longo dos séculos em decorrência do avanço tecnológico, explica Sartori (2011), fazendo com que, a sociedade da informação estabeleça necessidades e oportunidades de qualificação educacional, fazendo com que a educação passe de um modelo centrado no ensino para a disseminação do conhecimento via coletividade e cooperação. Para Sartori (2011), as novas gerações conseguem manipular as novas tecnologias da informação e comunicação de forma mais flexível e clara, enquanto o professor, necessariamente precisa adaptar-se à esse novo molde, “[...] o que implica em novas formas de comunicação, novas atitudes e condutas, tanto como docente quanto como investigador”.

Fantin (2006) explicita que o campo que abrange a educação-comunicação é amplo e com novas possibilidades na forma teórico-prática. Ela também considera que comunicação tem grande valor para educação já que toda ação da área pedagógica envolve práticas comunicativas, não sendo possível se falar em educação sem se atrelar à comunicação. E é dentro desse contexto que, na sua visão, surge a mídia-educação, que além do sentido textual, engloba pensar a educação quanto aos meios. Um trabalho crítico, que avalia ética e esteticamente o que é produzido pela mídia e com possibilidade de criação de materiais.

Fantin (2006) faz uma reflexão sobre a diferença entre três conceitos próximos, porém diferentes: mídia-educação, educação para as mídias e educomunicação. Inicialmente, quanto

à educomunicação, a autora vai questionar o próprio termo, que remete à junção das palavras: educação e comunicação, e, assim, coloca em xeque o sentido do por que desta redução de educação para somente “edu”, o que poderia retratar uma superposição da comunicação sobre a educação. Por outro lado, a expressão mídia-educação, que mantém na íntegra as suas denominações, traria uma horizontalidade e, conseqüentemente, um respeito mútuo entre os campos, tornando-os iguais e respeitosos nas áreas específicas. No entanto, é preciso considerar que o campo midiático é parte da comunicação, a qual é mais ampla por inserir a comunicação face a face. E, por fim, a educação para as mídias, que pode ser usada como sinônimo para mídia-educação sendo possível afirmar uma concepção de leitura crítica e também seu uso instrumental.

Mesmo com concepções distintas dos termos, que em um primeiro momento podem ser muito próximos morfologicamente, Fantin (2006) defende que: “[...] diversas experiências têm demonstrado que é possível não só ensinar com, sobre e através dos meios mas formar espectadores/produtores críticos que negociam os significados, que constroem conhecimento e que interagem de diversas formas” (FANTIN, 2006, p.36).

Já para Citelli (2011), existem quatro noções fundamentais de educomunicação que no campo teórico-prático podem sugerir a abrangência do conceito:

Educação para a comunicação, constituída pelas reflexões em torno da relação entre os pólos vivos do processo de comunicação (estudos de recepção), assim como, no campo pedagógico, pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios; Mediação tecnológica na educação, os procedimentos e as reflexões em torno da presença e dos múltiplos usos das tecnologias da informação na educação; Gestão comunicativa, ações voltadas para o planejamento, execução e avaliação de planos, programas e projetos de intervenção social no espaço da inter-relação comunicação/cultura/educação e Reflexão Epistemológica, conjunto de estudos sobre a natureza da inter-relação comunicação-educação (CITELLI, 2011, p.104).

Soares acrescenta a estas quatro outras duas noções: a expressão comunicativa através de artes e a pedagogia da comunicação (SANTOS, 2013). Santos (2013) explica cada um desses ecossistemas comunicativos em espaços educacionais. A expressão comunicativa por meio das artes tem o significado da capacidade criativa e difusora das diversas possibilidades de manifestações artísticas, sendo desenvolvida em uma comunidade educativa. Os dispositivos tecnológicos geram um espaço de vivência pedagógica com aproximação do imagético de crianças e jovens: esses momentos podem proporcionar a criação de projetos que pretendam utilizar as novidades tecnológicas, ignorando a preocupação apenas sob a ótica do controle de aparelhos tecnológicos. Já a educação para a comunicação refere-se a

compreender o fenômeno da comunicação, que pode existir no nível interpessoal e grupal ou ainda, organizacional e massivo. Quando se refere às mediações tecnológicas, o autor explica que são processos vinculados à presença das tecnologias da informação e da comunicação enquanto ação educacional, não estando centradas apenas na acessibilidade aos recursos tecnológicos. A gestão da comunicação, tem em sua essência planejar e realizar planos, programas e projetos que criam ecossistemas comunicacionais com o objetivo de definir indicadores avaliativos. Este necessita de um sujeito que incentive os educadores, em termos de escolhas de opções de áreas de intervenção e para assessorar as necessidades do ambiente em relação à espaços de convivência e tecnologias necessárias. Já a pedagogia da comunicação é caracterizada como área de intervenção, didática, buscando multiplicar as ações em que professores e aprendizes realizem trabalhos colaborativos. E por fim, a reflexão epistemológica diz respeito aos estudos feitos para explicar essa inter-relação emergente entre a Educação e a Comunicação, pois esta reflexão vai garantir a sistematização dando forma para as práticas e assim legitimidade para o processo educacional.

Portanto, a educação é mais complexa que apenas a junção de duas áreas, permitindo aspectos múltiplos.

[...] a educação busca facilitar a produção e difusão da informação, promover a interatividade dos processos de ensino-aprendizagem e fornecer os referenciais teóricos e metodológicos necessários à análise da produção cultural para efeito de uma adequada formação para o relacionamento com o sistema massivo de meios de informação (SOARES, 2000 apud MIRANDA, 2006, p.2).

Miranda (2006) relata a experiência com a implantação de um jornal escolar e faz referência a Paulo Freire para explicar que trabalhar com esta atividade propicia um espaço educacional colaborativo e de democracia, onde os pensamentos comuns e científicos compartilham uma mesma esfera: “É a partir de conversas e discussões que o produto final terá a cara da escola e tratará dos assuntos que efetivamente interessem aos leitores. Mais do que auxiliar a aprendizagem de conteúdos disciplinares, este instrumento visa à humanização e a preparação crítica para a mídia” (MIRANDA, 2006, p.7). Logo, a questão central que envolve a educação, para Annibal e Lepre (2013, p.9), não está vinculada à presença, por exemplo, dos meios na escola, e, sim, “a uma tentativa de questionar epistemologicamente os usos culturais e as potencialidades de sincronia com os demais conteúdos escolares que a proposta de educação oferece”.

Esta afirmação remete à formação de professores. Nesse sentido, Citelli (2011) reflete sobre o tema e questiona se as instituições que profissionalizam os educadores dão base, lecionam e discutem sobre temas do cotidiano da sociedade, das novas tecnologias e inclusive da comunicação. O autor acredita que seja necessário utilizar dois caminhos para capacitar os professores, usando a formação inicial e a continuada, ou seja, compartilhando conhecimentos desde a licenciatura aos estudantes e atrelando, ainda, a possibilidade de cursos de reciclagem e atualização para os que já atuam no mercado de trabalho. Martirani (2008, p.4), ressalta que os métodos da educomunicação refere-se a uma construção do processo complexa, e com várias etapas como, “a produção, emissão, veiculação e recepção de mensagens, envolvendo a constituição de processos de comunicação dialógicos, alternativos e independentes”.

Entre as aptidões e características, o método abre espaço para o educador desenvolver a capacidade de manipulação tecnológica, a colocação dos meios viáveis nas ações curriculares, a democratização dos temas que envolvem as questões culturais, além da capacidade de dar sentido ao conteúdo. Santos (2013) ainda explicita que o receptor das mensagens precisa visualizar os meios nos processos educativos como um momento de pluralidade cultural, não se esquecendo de organizar e produzir conteúdos com respeito à dignidade humana e atento à construção do bem comum. “O que é essencial para nós educadores, é que se aprenda que somos iguais, perante a natureza, somos iguais perante a nós mesmos e somos iguais especialmente, no nosso dever de construir uma sociedade nova” (SOARES, 2012b, texto digital).

A juventude acaba sendo o foco de um trabalho educacional, segundo Soares (2011a), até mesmo porque essa parte da sociedade ganhou uma conotação de categoria com poder de mudança econômica, política e sociocultural. Os jovens são um grupo numeroso e caracteriza-se pela diversidade. O mesmo autor afirma que apesar das políticas públicas no contexto escolar, oportunizando acesso à educação formal e a permanência dos estudantes, os números comprovam que os índices de reprovações e evasão escolar ainda são grandes. Assim, questões significativas quanto a qualidade do ensino e a necessidade de se criar espaços para juventude atuar são necessárias (SOARES, 2011a). As tecnologias de comunicação contemporâneas são especialmente propícias, já que exercem fascínio sobre este grupo cultural, portanto, é estrategicamente sedutor para uso deles no processo educativo.

De Assumpção (2006) refere-se aos meios midiáticos como opções para o desenvolvimento das linguagens que seduzem de forma agradável no espaço escolar, mas ainda são pouco utilizados: “Muitos professores não aceitam que o educando possua ou traga na sua bagagem experiencial, a cultura e o conhecimento não-sistematizado, adquirido pelo contato com as mídias, com a internet, e se impõem com poder absoluto na sala de aula” (DE ASSUMPÇÃO, 2006, p.2-3). No entanto, Rosa (2014) relata no 5º Encontro Brasileiro de Educomunicação, em um painel sobre educomunicação midiática na formação de professores, mediado por Citelli, a experiência vivida no estado do Rio Grande do Sul desde 2008, onde atua na formação de educadores no âmbito escolar. Em um primeiro momento, fundamentava-se somente na parceria entre o Programa Educomunicação e Cidadania Comunicativa da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com a Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul e que se estende até hoje tendo a parceira da assessora e das coordenadoras do Programa Mais Educação da 8ª Coordenadoria de Educação (CRE). Entre as ações efetivadas:

- a) a promoção de encontros teórico-práticos de formação de coordenadores e monitores;
- b) a mostra anual de boas práticas desenvolvidas nos diversos macrocampos;
- c) a assessoria às escolas inseridas no macrocampo comunicação, uso de mídias e cultura digital e tecnológica;
- d) o reforço das atividades desenvolvidas no macrocampo de comunicação por meio de bolsistas do Programa EDUCOM-UFSM/RS (ROSA, 2014, p.193-194)

A partir desse pontapé inicial, a proposta foi ampliada no ano de 2011, com a adesão de novos parceiros: “além da continuidade das tarefas anteriores, concebemos e promovemos conjuntamente, duas edições de um curso de extensão (60h) de Formação de Educadores” (ROSA, 2014, p.194). Em 2012 e 2013, foram organizadas duas edições do EDUCOM SUL, evento que quer fomentar a educomunicação no Rio Grande do Sul: “os profissionais participantes, na sua maioria, são coordenadores dos Programas: Mais Educação, Ensino Médio Inovador e também dos Núcleos de Tecnologias Educacionais” (ROSA, 2014, p.194).

O que mostra que, mesmo De Assumpção (2006) afirmando que os professores possuem receio das tecnologias pelos avanços que elas representam em sala de aula e na construção da identidade dos alunos, a partir de espaços criados como o EDUCOM SUL, valoriza-se a indexação do educador nas escolas: “[...] as CRE passaram a solicitar

formação educacional a seus professores (3ª CRE – Estrela; 10ª CRE – Uruguaiana; 17ª CRE – Santa Rosa; 36ª Ijuí)” (ROSA, 2014, p.195).

Assim, as tecnologias externas às escolas não podem ser ocultadas e renegadas pelo grupo docente das escolas, pois estes saberes influenciam o cotidiano do aluno e do professor. Segundo De Assumpção (2006) colocar o corpo estudantil para confeccionar conteúdo comunicacional em um ambiente escolar proporciona desenvolvimento de habilidades produtivas, além de conscientizar os jovens do seu papel como cidadão. Neste sentido, a televisão e escola são assuntos paralelos para Pentead (1990) já que grande parte dos alunos de Ensino Fundamental passa muito mais tempo em frente à televisão do que sobre livros e estudos. Schwertner (2012, p.3) mostra, por outro lado, que não existe apenas o interesse do jovem pela televisão, mas também, uma real busca deste público em potencial: “No Brasil, especificamente a partir da década de 1990, o público jovem vem se tornando alvo da maioria das campanhas publicitárias e é caracterizado como um segmento consumidor do mercado: ele assiste, contempla e aprende imerso no mundo das imagens”.

Isso é o que aponta também a “Pesquisa Brasileira de Mídia”, inédita nesse tipo de estudo no país, realizada entre os dias 12 de outubro e 06 de novembro de 2013 e divulgada pela Secretaria de Comunicação Social (SECOM) do Governo Federal em fevereiro de 2014. No processo, foram estabelecidas amostras em cada um dos 26 estados e no Distrito Federal para trazer a representatividade da totalidade da nação. Neste trabalho, cerca de 200 pesquisadores aplicaram 75 questões para 18.312 cidadãos em 848 cidades. Os dados foram analisados pelo IBOPE inteligência (BRASIL, 2014).

Os resultados entre outras informações, mostram a frequência, medida em dias e a intensidade de uso da televisão, aferida em horas: “Em geral, a maior parte dos brasileiros assiste televisão todos os dias da semana (65%), com uma intensidade diária de 3 horas e 29 minutos de segunda sexta-feira e de 3 horas e 32 minutos no final de semana” (BRASIL, 2014, p.20).

Especificamente no grupo dos jovens, a análise dos dados por escolaridade aponta que tanto em dias de semana, de segunda à sexta-feira, como em finais de semana, os estudantes do Ensino Fundamental e Médio se sobressaem quanto aos alunos do Ensino Superior com relação ao número de horas expostos ao aparelho televisor, conforme anexo A (BRASIL, 2014).

Os jovens gostam de TV e podem aprender através da mesma TV. Isso acontece devido à linguagem imagética e dos sons, ou seja, o processo audiovisual. O aprender usando a televisão se dá pelos recursos icônicos e de trilhas, “entender a TV como um desafio à escola é tentar lidar com este fenômeno, enquanto educadores, de maneira abrangente, de forma que se aproveitem as vantagens que leva a colaboração [...]” (PENTEADO, 1990, p.116).

Neste capítulo buscou-se traçar um panorama histórico do conceito educomunicação, além disso, ressaltaram-se possibilidades de se trabalhar com essa área e também os desafios existentes com projetos que envolvam os meios de comunicação no ambiente escolar, tratando da relação com a cidadania e de transformação social, passando pela necessidade da formação de educadores para que consigam lidar com novas tecnologias, dentre elas, a linguagem audiovisual. A seguir, abordam-se estudos sobre a educomunicação socioambiental, uma área específica e que está contemplada em documentos oficiais do Governo Federal.

2.1.1 Educomunicação socioambiental

Tratar da educomunicação socioambiental é um modo de contemplar, nos ambientes escolares, formas de abordar a relação entre sociedade e natureza através de metodologias que girem em torno de relações horizontais, assim, colocando educadores e educandos em um mesmo grau de intenção. Trabalhar com essa ideia no âmbito escolar pode favorecer o aprendizado e a constituição de cidadãos críticos, por meio de um processo dinâmico, potencializando-se atitudes futuras mais conscientes, colaborativas e de cooperação com o meio ambiente.

Para se contextualizar a questão socioambiental e a educomunicação, Nogueira e Tonus (2010, p.4) explicam que o avanço da tecnologia no século XX surge paralelamente, e com igual grau de importância, ao desequilíbrio ambiental, ocasionado pelo aumento populacional e a alta pressão imposta nos recursos naturais, colocando em risco a sobrevivência da humanidade. Para as autoras, “a realização de conferências mundiais para debater os problemas ambientais, como a Conferência de Estocolmo e a Rio-92, fez com que essa problemática ganhasse destaque na programação da mídia [...]”.

Desde a Rio-92, temas relacionados ao meio ambiente estão cada vez mais em evidência, seja porque a mídia explora este assunto ou em função da necessidade evidente de se minimizar problemas vinculados aos impactos ambientais. Órgãos privados, públicos e o terceiro setor se utilizam de dispositivos midiáticos para trazerem essa temática para pequenos e grandes grupos, seja através de produções audiovisuais, impressos, peças gráficas, materiais *online*, fotografias etc. O fato de se utilizar estes mecanismos faz com que se fomente a educomunicação socioambiental, capaz de mostrar conteúdos ambientais para pequenos e grandes grupos transformando olhares: “com produções de vídeos, jornais e campanhas midiáticas trabalhadas em escolas, ONGs e outros órgãos educativos, torna-se possível atingir e fazer refletir um grande número de espectadores da comunidade onde os produtores midiáticos estão inseridos” (LEIPNITZ; MAZZARINO, 2010, p.48).

Com a consolidação da temática ambiental no Brasil e no mundo, segundo Nogueira e Tonus (2010, p.4) surge a necessidade de alertar a sociedade sobre o uso consciente dos recursos naturais: “essa demanda por uma sociedade conscientizada ecologicamente está entrelaçada com a educação, à medida que esta combate diversos causadores de impactos negativos para o ambiente, como o consumismo”. Neste sentido, Martirani e Gomes (2008) afirmam a necessidade de atividades articuladas com as tecnologias da comunicação e da mídia.

Ações implementadas por meio de atividades comunicacionais colaborativas, segundo Martirani (2008), estimulam o desenvolvimento. Isto porque “a educação para os meios pressupõe a formação de habilidades como: expressar, compartilhar, compreender, dialogar, analisar e decidir” (MARTIRANI, 2008, p.4). O desenvolvimento tem como pressuposto cidadãos críticos com visão interdisciplinar.

A educomunicação socioambiental é fundamental para oportunizar, no espaço escolar, a professores e alunos de Ensino Médio, novas experiências através de metodologias participativas. Neste capítulo se elencaram pensamentos de estudiosos que mostrassem: a consolidação do tema; como a comunicação e a educação estão ligadas, através da educomunicação, ao campo ambiental; e se refletiu sobre o significado da relação homem-natureza. Neste sentido, parte-se para a construção de um capítulo que, baseado em documentos oficiais, retrata as diretrizes criadas para instrumentalizar a educomunicação socioambiental, por meio do Programa de Educomunicação Ambiental.

2.1.2 Programa de Educomunicação Socioambiental

O Programa de Educomunicação Socioambiental está descrito no documento “Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação”, o qual será apresentado nesse capítulo.

As diretrizes e princípios de educomunicação socioambiental no Brasil decorreram de um processo histórico marcado pelos movimentos ambientalistas, iniciado nos anos de 1960 no país. Este movimento se fortaleceu com a I Conferência Internacional sobre Meio Ambiente, ocorrida em 1972, na cidade de Estocolmo, na Suécia. Esta e outras conferências da ONU e debates mundiais da sociedade sobre o tema ambiental influenciam legislações e documentos brasileiros sobre educação ambiental, os quais irão contemplar a relação com a documentação comunicacional.

Pode-se afirmar que a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), Lei 9.795 de 1999 e o Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA) são os documentos nacionais fundamentais que contemplam aspectos educacionais. Internacionalmente, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, a Carta da Terra e a Agenda 21 são referências. Todos serão abordados nesse capítulo.

O ProNEA contempla as questões da educomunicação e socioambientais, trazendo nele a ideia de que estes são termos novos, porém, que têm ganhado notoriedade nos últimos anos dentro da educação ambiental (EA). A educomunicação socioambiental é caracterizada como o:

[...] conjunto de ações e valores que correspondem à dimensão pedagógica dos processos comunicativos ambientais, marcados pelo dialogismo, pela participação e pelo trabalho coletivo. A indissociabilidade entre questões sociais e ambientais no fazer-pensar dos atos educativos e comunicativos é ressaltada pelo termo socioambiental. A dimensão pedagógica, nesse caso em particular, tem foco no “como” se gera os saberes e “o que” se aprende na produção cultural, na interação social e com a natureza (BRASIL, 2008, p.10).

O documento “Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação”, em seu capítulo 6, refere o marco legal sobre a relação entre educação ambiental e comunicação. O capítulo ressalta o fato dessa temática existir em diversos eventos e documentos, os quais abordam a relação entre comunicação, educação e a cidadania com foco socioambiental. O

início desses debates aconteceu na Rio-92. Entre os resultados desse evento está a aprovação da Agenda 21 Internacional¹ que faz um resumo de um plano de ação global para o meio ambiente, sendo que o capítulo 36, que trata da promoção do ensino, da conscientização e do treinamento; e, o capítulo 40, que tem como enfoque a informação para a tomada de decisões abordam de forma direta a educação ambiental e as políticas comunicacionais (BRASIL, 2008).

Paralelamente à Rio-92, a Conferência da Sociedade Civil sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, também chamada de Fórum Global, tratou da educação e comunicação ambiental. Nessa oportunidade, foi apresentado um relatório das ONGs Brasileiras propondo o envolvimento dos meios de comunicação com o tema ambiental em quatro ações: promover a democratização dos meios de comunicação, utilizando as leis e iniciativas locais; incentivar os meios de comunicação locais e comunitários, tendo o auxílio de órgãos governamentais ou não; desenvolver programas para formação de profissionais da mídia com enfoque socioambiental em dois lugares: no campo sindical e no âmbito universitário, e, ainda, estabelecer com organismos de fora do país mecanismos de cooperação para meios alternativos e, assim, criar um fundo único para a comunidade, como parte dos tratados internacionais pós-Rio-92 (BRASIL, 2008). Deste processo, surge o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global; nele, estão elencadas ações e princípios, sendo que um, especificamente, trata do envolvimento com os meios de comunicação de massa:

Princípio 14: A Educação Ambiental requer a democratização dos meios de comunicação de massa e seu comprometimento com os interesses de todos os setores da sociedade. A comunicação é um direito inalienável, e os meios de comunicação de massa devem ser transformados em um canal privilegiado de educação, não somente disseminando informação em bases igualitárias, mas também promovendo intercâmbio de experiências, métodos e valores (BRASIL, 2008, p.18).

Nesse viés, a ação 15 é voltada para os meios de comunicação de massa (MCM):

Ação 15: Garantir que os meios de comunicação se transformem em instrumentos educacionais para a preservação e conservação dos recursos naturais, apresentando a pluralidade de versões com fidedignidade e contextualizando as informações. Estimular a transmissão de programas gerados por comunidades locais (BRASIL, 2008, p.18).

¹ Disponível em: <http://www.onu.org.br/rio20/img/2012/01/agenda21.pdf>

Após cinco anos, em 1997, aconteceu a Conferência sobre Meio Ambiente e Sociedade – educação e conscientização pública para a Sustentabilidade, em Tessalônica, na Grécia, quando além de reconhecer a comunicação como processo dialógico entre os envolvidos na educação ambiental, se discutiu e se reconheceu o processo coletivo de aprendizado na EA, que tinha como ponto norteador: “o diálogo contínuo é requerido entre governos, autoridades locais, comunidade educacional e científica, empresas, consumidores, ONGs, mídias e outros, em vista da revisão dos padrões de produção e consumo, rumo à sustentabilidade” (BRASIL, 2008, p.18). Passado um ano, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) publicou o documento Educação para um Futuro Sustentável, que ratificou o valor da mídia na construção da conscientização pública sustentável.

Em 1999, no Brasil, dentro do campo da EA, é instituída a PNEA pela Lei 9.795, que aborda a comunicação no processo educacional de forma direta em dois artigos:

Art. 3º Como parte do processo educativo mais amplo, todos têm o direito à Educação Ambiental, incumbindo:

IV – aos meios de comunicação de massa, colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em sua programação.

Art. 13º Entende-se por Educação Ambiental não-formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente.

Parágrafo único: o Poder Público, em níveis federal, estadual e municipal, incentivará:

I – a difusão, por intermédio dos meios de comunicação de massa, em espaços nobres, de programas e campanhas educativas, e de informações acerca de temas relacionados ao meio ambiente (BRASIL, 2008, p.18-19).

A Carta da Terra, que foi promulgada na sede da UNESCO em 2000, é uma consequência da Rio-92 e traz na sua construção a proposta de: “[...] um mundo mais justo, sustentável e pacífico, e que também sinaliza a importância dos meios de comunicação de massa para o enfrentamento da crise planetária [...]”. A percepção da importância da comunicação se apresenta inserida em um de seus princípios:

Princípio IV – Democracia, Não Violência e Paz:

14. Integrar na educação formal e na aprendizagem ao longo da vida, os conhecimentos, valores e habilidades necessárias para um modo de vida sustentável.

c. Maximizar o papel dos meios de comunicação de massas no sentido de aumentar a conscientização dos desafios ecológicos e sociais (BRASIL, 2008, p.19).

Em abril de 2003, na cidade de Valdivia, no Chile, aconteceu o VI Simpósio Ibero-americano de Comunicação e Educação Ambiental, que teve como desdobramento a sugestão

de que todos os países presentes formassem grupos para desenvolver políticas nacionais voltadas para essa temática. Já em novembro, em Valência, na Espanha, ocorreu o Fórum Global sobre Biodiversidade, que “[...] reafirmou a necessidade de se constituírem as comissões CECOP – de Comunicação, Educação e Conscientização Pública em todos os estados signatários da Convenção RAMSAR (sobre proteção de áreas úmidas)” (BRASIL, 2008, p.19). No Brasil, no mês de novembro de 2003, em Brasília, dentro da I Conferência Nacional do Meio Ambiente, foi aprovada uma moção para construção participativa de uma Política Nacional de Comunicação e Informação Ambiental, além de confirmar diversas deliberações para: “[...] divulgação de políticas, campanhas, da promoção da sensibilização e mobilização e apoio à construção de canais de comunicação com a sociedade [...]”. Cinco objetivos foram enfocados: informação sobre unidades de conservação; maior valorização dos recursos hídricos; proteção das Áreas de Preservação Permanente (APP) e Reservas Legais; prevenção a queimadas e incêndios florestais; impactos climáticos e ambientais promovidos pelo setor energético e medidas para minimizá-los (BRASIL, 2008, p.19).

No fim do mesmo ano, novamente em Brasília, realizou-se um evento para tratar da relação entre comunicação e EA, o 4º Seminário de Comunicação e Meio Ambiente no Brasil. O evento foi direcionado para o governo, e entre os assuntos abordados estava: “[...] a parceria entre público e privado; as campanhas educacionais; a relação mídia-meio ambiente e sociedade; a democratização da informação ambiental e o marketing ambiental” (BRASIL, 2008, p.20).

Dois anos após, em 2005, na II Conferência Nacional do Meio Ambiente, foi rediscutida a moção que havia sido aprovada em 2003, “reforçando a necessidade de criação de uma Política Nacional de Comunicação e Informação Ambiental no país”. O documento ainda menciona o exemplo da Secretaria de Estado de Meio Ambiente do Rio de Janeiro, que criou uma Superintendência de EA, sendo que nela existem três coordenações e uma cabe à pasta de educomunicação socioambiental (BRASIL, 2008, p.20).

Tendo-se feito referência ao marco legal da relação entre comunicação e educação ambiental, apresenta-se agora o capítulo 8 do documento “Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação”. Este capítulo apresenta três linhas de ação para projetos, programas e políticas locais, assim como suas diversas características, conforme anexo B. Estas características servem de diretrizes para o trabalho da educomunicação no campo da educação ambiental, sendo que podem ser realizadas por qualquer segmento da sociedade.

São elas: a) articulação de ecossistemas comunicativos no campo da educação ambiental, de modo dialógico e participativo em todas as instâncias, contribuindo para a popularização da educação ambiental; b) a produção interativa-participativa e educativa em mídias massivas, tendo o rádio e a TV como veículos prioritários; e ainda, c) a formação do educador socioambiental, que tem como intuito:

Desenvolver nas pessoas habilidades comunicativas voltadas para fortalecer suas capacidades expressivas e formação cidadã; desenvolver nas pessoas capacidade de leitura crítica dos fenômenos e dos conteúdos e como são vistos pelos meios de comunicação; implementar planos para projetos político-pedagógicos de formação de educadoras e educadores ambientais, possibilitando a oferta contínua de cardápios para habilitação em práticas educacionais; promover atuação conectada de educadores e comunicadores ambientais em processos de intercâmbio de conhecimentos, baseados no interesse comum e solidário pela Educação Ambiental; desenvolver pesquisas e experimentações, principalmente coletivas, sobre as relações entre comunicação e Educação Ambiental (BRASIL, 2008, p.24-27).

Para nortear o trabalho do educador socioambiental, o documento traz o capítulo 9, que retrata os meios de implementação, com ações complementares integradas, as quais deverão estar presentes em planos e projetos políticos e pedagógicos. Entre elas, estão: realizar diagnósticos e mapeamentos iniciais em todos os níveis; desenvolver pesquisas e publicações de metodologias apropriadas; apoiar, em seu âmbito de atuação, a constituição de estruturas educadoras voltadas para a informação e a comunicação popular em meio ambiente; articular bases virtuais de informação; trabalhar em rede; apoiar o planejamento e a gestão de programas, subprogramas ou componentes de programas de educação socioambiental, em qualquer nível do poder público, como meio de fortalecer a educação ambiental como prática de todos e, ainda, definir meios institucionais para apoio permanente e financiamento da educação socioambiental (BRASIL, 2008, p.29-31).

Na sequência desse documento, no capítulo 10, é apresentado um roteiro com indicações de campos para aplicação em educação socioambiental, organizados em cinco tópicos. O primeiro trata dos processos formativos da educação ambiental popular, não-formal e informal voltados para coletivos educadores (escolas, bairros, municípios, etc). O segundo campo de aplicação é em políticas públicas e movimentos sociais pela sustentabilidade, associados a processos educativos. Como terceira possibilidade de aplicação, indica-se a educação formal, podendo ser realizada a partir da educação nas relações escola-mídia, e/ou da educação socioambiental em universidades e escolas de comunicação. A quarta linha de ação refere-se à educação difusa e nos meios de comunicação de massa, que

veiculariam produções audiovisuais comunitárias, incluindo mostras de vídeos de educação ambiental feitos por aparelhos de telefonia celular e transmitidos via internet ou ainda, pela educomunicação socioambiental pela arte-educação e pela produção artística. Por fim, a quinta possibilidade existente apresentada no documento refere-se a ações de educomunicação na gestão ambiental pública (BRASIL, 2008, p.32-35).

Porém, Soares (2011a) diz que não basta o “papel” sem existir ações concretas para fomentar a educomunicação socioambiental. O que requer que se leve em conta seus oito princípios norteadores e que constam no documento “Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação”, no seu capítulo 7: a) o diálogo permanente e continuado, que diz respeito à promoção e à inclusão de atores com valorização de experiências acumuladas e com a ampliação dos espaços de argumentação e contra argumentação, onde persista a voz da diversidade; b) compromisso com a interatividade e produção participativa de conteúdos, que filtra a ação comunicativa vinda dos educadores ambientais e não somente se descarregam informações para que os sujeitos absorvam, o que faz com que nesse processo educ comunicativo, toda a produção de conteúdos deve ser transparente e coletiva, sem necessariamente o domínio de tecnologia e de saberes que determinem o norte para os materiais; c) a transversalidade, que remete à comunicação para a sustentabilidade socioambiental, mas que por sua vez, não seja estagnada pelo discurso ecologista e envolva outros campos de saber em um processos multimídia; d) o Encontro/Diálogo de Saberes, que significa a promoção e valorização do contato de diferentes atores e que mantenham o respeito mútuo sempre fortalecido pelo diálogo; e) o compromisso com a proteção e valorização do conhecimento tradicional e popular, baseado na autonomia das identidades individuais e coletivas; f) a democratização da comunicação e a acessibilidade à informação socioambiental, que facilita e qualifica a organização da sociedade, mantendo a igualdade de acesso, não só à informação socioambiental, como aos seus meios de produção e para a gestão participativa;² g) o compromisso com o direito à comunicação, que evidencia a comunicação como um direito humano fundamental, como uma prática de democracia, sustentabilidade e liberdade e com relação estreita com as demais políticas de proteção da vida e promoção dos direitos humanos; e, por fim, h) a não discriminação e o respeito à individualidade e

² Reitera o Princípio 14 do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (1992), que cita a democratização dos meios de comunicação de massa e o compromisso pelo o que toda a sociedade demonstre interesse.

diversidade humana, fundamentado na ética do cuidado e o respeito em todos os níveis. Que mantenha linguagens inclusivas, nunca discriminatórias (BRASIL, 2008, p.21-23).

Além dos princípios, o documento estabelece, ainda, os objetivos e ações para a educomunicação socioambiental, as quais são: realizar um mapeamento do “estado da arte” da comunicação socioambiental no Brasil; apoiar as redes de Comunicação Ambiental; promover a produção interativa e veiculação de programas e campanhas de educação ambiental para mídia massiva; implantar o Sistema Virtual de Canais de Rádio e TV; prover novas estruturas de produção popular de comunicação ambiental, destacando a radiodifusão educativa; pesquisar e oferecer, por intermédio de publicações, metodologias para diagnósticos de comunicação para programas e projetos socioambientais, metodologias de formação de educadores socioambientais e subsídios para a elaboração de programas estaduais e municipais de educomunicação socioambiental; e promover a Formação dos Educadores Socioambientais (BRASIL, 2005, p.23-25). Evidencia-se que o documento é bastante ilustrativo e desafiador.

No processo educacional socioambiental, para Soares (2011a, p.80), a educação formal precisa estar atrelada, ou seja, a escola mediada pelo professor e com os objetivos de ensino e aprendizagem dos conteúdos sistematizados e presentes na lei, tem que ter envolvimento com toda a construção da educação ambiental. Isto porque os educadores são atores coletivos importantes da sociedade e representam uma rede constituída para deflagrar processos.

Independente da infraestrutura, tamanho ou localização da escola, o que deve ser priorizado é a participação. Quando faz apontamentos quanto à importância de ações no âmbito da escola, Soares reafirma que a educomunicação deve:

- a) levar em conta a necessidade de uma educação capaz de colaborar com os educandos no enfrentamento de conflitos mediante procedimentos que trabalhem com a gestão de controvérsias, e não necessariamente com a intenção de se impor alguma posição;
- b) ter em conta que, além dessa disposição, a educação ambiental deve promover a intencionalidade cooperativa solidária, que amplia e harmoniza os rumos estratégicos e que distingue a verdadeira educação/comunicação (ou educomunicação), auxiliando na união com parceiros, em benefício de um meio ambiente saudável e equilibrado para todos (SOARES, 2011a, p.80-81).

Em relação a este ponto, Soares (2011a) ressalta que é fundamental o trabalho com uma gestão democrática e unir o processo educacional à área da educação ambiental.

Este capítulo abordou o documento oficial, “Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação”, o qual está atrelado ao ProNEA, além de que historicizar o processo de legitimação da educação socioambiental no país por meio dos eventos nacionais e mundiais, que por sua vez, se refletiram na legislação que alicerça a temática. Também relatou-se as três linhas de ação e suas características; discriminaram-se as formas e meios de implantação da metodologia; e ainda, se abordou os campos de aplicação, que oferece roteiros programáticos para se trabalhar com a proposta. Na sequência, aprofunda-se como as questões da educação ambiental e dos meios de comunicação aparecem nos Parâmetros Curriculares Nacionais quando trata do Meio Ambiente.

2.2 Educação ambiental, PCN e os meios de comunicação

Para que se possa utilizar, dentro da pesquisa, a educação socioambiental com direcionamento para área audiovisual, faz-se necessário o entendimento de três abordagens: a educação ambiental, os Parâmetros Curriculares Nacionais e os meios de comunicação. Isto se deve em razão do embasamento necessário para que se possa contemplar, sem fugas de foco, esses eixos primordiais para uma adequada sustentação dos assuntos em voga no projeto. Nessa lógica, inicia-se pela caracterização da educação ambiental.

Carvalho (2008) afirma que a educação ambiental é um espaço que tem intrínseco no seu conceito a tradição naturalista, portanto, é preciso mudar a maneira de enxergarmos os processos ambientais para que possamos discutir as maneiras de construir o mundo de modo sustentável, o que requer repensar a formação das pessoas pelo viés ambiental. A autora descreve a educação ambiental no Brasil como sendo parte do movimento ecológico, o qual se coloca como uma alternativa para os grupos sociais se relacionarem com o meio ambiente. Para Barcelos (2003, p.82), a EA no país tem um excelente nível fora da sala de aula e, dessa forma, mostra-se uma das melhores do mundo. Fator que ele atribui ao grau de criatividade do cidadão brasileiro. Segundo ele, se faz necessário que os professores aprendam com as experiências existentes fora do ambiente escolar, “possibilitem incorporar em nosso fazer pedagógico cotidiano a discussão sobre as questões ambientais e a ecologia”.

Mazzarino, Munhoz e Keil (2012, p.54) explicam que desde a instituição da educação de massa a escola no século XVII “vem se constituindo de forma a educar novas gerações, ensinar-lhes conhecimentos, governar suas atitudes para que vivam bem no espaço e no tempo”. No entanto, barreiras metodológicas que priorizam o disciplinamento dos corpos não foram superados. A escola caracteriza-se, ainda, “[...] quase que exclusivamente, com quadro-negro, giz, salas de aulas em espaços fechados, onde se dá a transmissão de conteúdos via livros didáticos, com a verificação de aprendizagem dos alunos”. E uma forma de impor o conhecimento por meio de uma verticalização: educador ensina, educando aprende, mas a construção crítica por parte do aluno torna-se deficitária, “assim foi e ainda é organizado o currículo escolar formal: uma lista extensa e complexa de conteúdos que deve ser apreendida pelo cérebro do estudante a partir de um pensamento com imagens já estratificadas” (MAZZARINO; MUNHOZ; KEIL, 2012, p.54).

As mesmas autoras (2012, p.55) explicam que o conhecimento passa também por uma experiência corporal, na qual é preciso que o ser humano se desapegue de determinadas “amarras” pré-existentes. O contato com o ambiente torna-se determinante para repensar conceitos e, assim, reconfigurar ensinamentos: “Aprender é perambular, experimentar com o corpo novas sensações, desterritorializar e habitar outros territórios até então desconhecidos”.

Referindo-se às experimentações do cotidiano, Carvalho (2008, p.78) traça um paralelo com o acúmulo de vivências, ao afirmar que: “sempre podemos repensar, reinterpretar o que vemos e o que nos afeta à luz de novas considerações, do diálogo com nossos interlocutores, de novas percepções e sentimentos e das experiências acumuladas [...]”. Barcelos (2012, p.58) ressalta que o imediatismo em nada contribui, já que “[...] em algumas situações só ficamos sabendo das mudanças produzidas nos(as) educandos(as) muito tempo depois”.

A educação ambiental surge preocupada exclusivamente com os recursos naturais finitos e a distribuição dos mesmos, além de querer unir a população em ações sociais ambientais “corretas”. É um tempo que tem a influência dos movimentos sociais e ambientais que nasceram nos anos 60 e 70. Nesse período, a educação ambiental foi disseminada como um campo que conversa com a Educação, com conceitos e teorias próprias (CARVALHO, 2008). Decorrente do processo histórico do campo ambiental, diversos planos e propostas foram discutidas pelo mundo com o intuito de criar políticas públicas para educação ambiental. Alguns exemplos são as conferências promovidas pela Organização das Nações

Unidas (ONU)³. Já no Brasil, a educação ambiental entrou na legislação em 1973, sendo pertinência da Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA). Na década de 80 que o Brasil começou a criar políticas públicas voltadas ao meio ambiente. Através da Lei Federal 6.938, de 31 de agosto de 1981, surge a Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), que no seu Art. 2º,

[...] tem por objetivo a preservação, melhoria e recuperação da qualidade ambiental propícia à vida, visando assegurar, no País, condições ao desenvolvimento sócio-econômico, aos interesses da segurança nacional e à proteção da dignidade da vida humana [...] (BRASIL, 1981).

O capítulo VI da Constituição Federal, que versa sobre o meio ambiente, no Art. 225 vai garantir:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações (BRASIL, 1988)⁴.

A regulamentação da EA no país se dá através da Lei 9.795, de abril de 1999, a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA). De acordo com o primeiro capítulo da Lei:

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

Neste sentido, Carvalho (2008, p.54) destaca a educação ambiental como sendo “uma proposta pedagógica concebida como nova orientação em educação a partir da consciência de crise ambiental”. A PNEA, no seu Art. 7º, deixa claro que a EA vai além da escola:

³ Em 1972, na cidade de Estocolmo, na Suécia, aconteceu a I Conferência Internacional sobre Meio Ambiente. Já no ano de 1977, em Tbilisi, na antiga União Soviética, ocorreu a I Conferência sobre Educação Ambiental. E no ano de 1997, na Grécia, Tessalônica foi à sede da segunda edição do evento, realizado em 1977.

⁴ Para garantir esses direitos ao meio ambiente, compete ao Poder Público: “Preservar e restaurar os processos ecológicos essenciais e prover o manejo ecológico das espécies e ecossistemas; preservar a diversidade e a integridade do patrimônio genético do País e fiscalizar as entidades dedicadas à pesquisa e manipulação de material genético; definir, em todas as unidades da Federação, espaços territoriais e seus componentes a serem especialmente protegidos, sendo a alteração e a supressão permitidas somente através de lei, vedada qualquer utilização que comprometa a integridade dos atributos que justifiquem sua proteção; exigir, na forma da lei, para instalação de obra ou atividade potencialmente causadora de significativa degradação do meio ambiente, estudo prévio de impacto ambiental, a que se dará publicidade; controlar a produção, a comercialização e o emprego de técnicas, métodos e substâncias que comportem risco para a vida, a qualidade de vida e o meio ambiente; promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente; e, por fim, proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais a crueldade” (BRASIL, 1988).

Envolve em sua esfera de ação, além dos órgãos e entidades integrantes do Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA), instituições educacionais públicas e privadas dos sistemas de ensino, os órgãos públicos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, e organizações não-governamentais com atuação em educação ambiental.

Farias, Mazzarino e Oliveira (2013, p.183) observam que o Departamento de Educação Ambiental do Ministério do Meio Ambiente baseia suas ações na PNMA, PNEA e no ProNEA, que por sua vez, trata da educomunicação com foco socioambiental.

A educação ambiental no âmbito formal também está nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): “A partir de 1997, com o lançamento dos PCN pelo MEC, é que a educação ambiental passa a integrar os currículos escolares através da inserção da temática meio ambiente como tema transversal” (BATTAINI; MARTIRANI, 2011, p.4). O PCN aponta diretrizes para trabalhar questões ambientais no âmbito escolar, independentemente de ser em nível de Ensino Básico ou Médio. O documento não quer ser um regramento, mas abre possibilidades para reflexões sobre o tema. Nele, expõe-se a preocupação existente com as distorções de valores que os veículos de comunicação transparecem em determinadas informações publicadas sobre o meio ambiente e justifica isto a partir de duas possibilidades: com interpretação errada do assunto em razão do desconhecimento da temática ou como má fé dos meios de comunicação sobre o assunto e/ou quanto aos movimentos ambientalistas (BRASIL, 1997, p.182).

No entanto, o mesmo documento, que serve como ajuda para a escola cumprir seu papel de fortalecimento da cidadania, reconhece a importância que os meios de comunicação, incluindo a televisão, têm na abordagem das informações referentes ao meio ambiente, fomentando o debate social, o que pode acarretar em transformações (BRASIL, 1997). Os PCNs referem a necessidade de uma linguagem que demonstre preocupação com a complexidade do assunto para não recair em ruídos de comunicação, “por isso, é imprescindível os educadores relativizarem essas mensagens, ao mostrar que elas traduzem um posicionamento diante da realidade e que é possível haver outros” (BRASIL, 1997, p. 188).

O PCN que trata do meio ambiente deixa claro que as mídias, como a televisão e o rádio, são excelentes dispositivos no processo de disseminação e debate social em diversos prismas. A democratização de temas e o leque de possibilidade de abordagens dos assuntos através do recebimento dos conteúdos pelos Meios de Comunicação de Massa (MCM)

favorecem as discussões em sala de aula: “Para os alunos, o espaço escolar pode ser de fundamental importância, para problematizar essas informações, sistematizá-las, quando for o caso, e compará-las com o que se pensa na localidade” (BRASIL, 1997, p. 219). Portanto, trata-se de usar a mídia para sua leitura crítica que pode desencadear novas posturas e ações.

Mazzarino, Munhoz e Keil (2012, p.59) propõem o desregramento e a busca de alternativas: “a dimensão ambiental pode se configurar como um fator desencadeador de ações éticas e humanistas, de ações que transcendam contextos e fronteiras. Agir dessa forma exige ultrapassar as amarras estabelecidas por um currículo disciplinar e pelos muros da escola”. Neste sentido, Barcelos (2003, p.83) alerta para quatro pontos, considerados pelo autor como, “mentiras” que parecem “verdades”: “EA é coisa para professores(as) de Ciências, de Biologia ou de Geografia; EA é coisa prática para ser feita fora da sala de aula; a EA pode substituir as diferentes disciplinas e EA é ‘conscientização’ das pessoas”.

A primeira situação, segundo Barcelos (2008, p.83), significa uma forma de não contemplar as vertentes políticas e ideológicas, ou seja, dos aspectos sociais, históricos e culturais, dessa forma: “criamos uma disciplina e a entregamos a um profissional da área”, nada mais do que de forma resumida e usando um termo popular, “lavar as mãos” e “passar a bola para o outro”. O segundo ponto não foge muito da primeira situação, pois trabalha a percepção de que como o tema meio ambiente era extremamente restrito no seu princípio e resumido aos assuntos físicos, esqueciam-se discussões, como as de ordem social, histórico e culturais: “[...] até hoje, nos projetos de EA raramente são tratadas a extinção e/ou o aniquilamento de culturas, de sentimentos, de gestos de solidariedade”. Como em forma de cadeia, a terceira “mentira”, mostra-se interligada às anteriores, porém, carrega certo grau de indignação quanto à atitude dos professores(as), que trabalham temas ambientais como oportunidade de continuar em sala de aula “sem precisar” estarem ligados às rotinas escolares existentes. Assim, para Barcelos (2003, p.86), surge uma nova possibilidade para uma possível acomodação: “[...] o envolvimento com as dimensões políticas dos problemas ambientais foi uma ótima ‘justificativa’ para uma postura de militância ‘politicamente correta’ [...] prejuízo enorme tanto para à EA em especial quanto à educação em geral”. E, por fim, Barcelos (2003, p.87) faz referência ao fato de que causas e consequências da educação de uma forma mais ampla ou mesmo a EA não são fatores determinantes para que as pessoas

alterem suas atitudes. Ele diz que: “[...] o fato de conhecermos científica e racionalmente alguma coisa não muda, necessariamente, nossa atitude no mundo”.

Barcelos (2012, p.88) não apenas mostra quatro problemas enfrentados pelo campo da educação ambiental, descritos como “mentiras”, mas também, propõe quatro valores para que a sociedade possa viver de forma mais livre e feliz, nomeados como, temas geradores: “a solidariedade; a fraternidade; o amor e a tolerância”.

Já para Carvalho (2008, p.158) é necessário uma educação ambiental crítica, para, na qual escola e comunidade trabalham na sensibilização da sociedade quanto à crise ambiental, considerando a urgência de se mudarem padrões comportamentais; trata-se de “[...] um movimento que busca produzir novo ponto de equilíbrio, nova relação de reciprocidade, entre as necessidades sociais e ambientais”. E neste fazer, a escola, por meio de processos de educomunicação tem vasta possibilidade de contribuir.

Nesse capítulo que trata a EA, os PCNs e os meios de comunicação abordou-se, entre outros assuntos, a ideia de que os educadores necessitam aprender com novas experiências e metodologias e linguagens que possibilitam a habitação de outros territórios, auxiliando em uma possível horizontalidade no ensino escolar. Ainda, foi descrito o processo de construção histórica da EA através dos documentos oficiais. Teceram-se, também, considerações a respeito dos PCNs e a abordagem que o documento traz com relação à comunicação e seus meios. Por fim, ressaltaram-se as “mentiras” que são consideradas “verdades” dentro do campo da EA e frisaram-se quatro valores norteadores para que se possa trabalhar de uma maneira mais agradável com o tema. A seguir, descreve-se como os dispositivos audiovisuais podem auxiliar na construção de trabalhos educacionais.

2.3 Dispositivos audiovisuais

Dentro dessa pesquisa que se propõe a levar os elementos audiovisuais para o espaço escolar e, assim, atuar com a questão educacional socioambiental, faz-se necessário descrever os dispositivos audiovisuais possíveis de serem utilizados e como esses recursos podem auxiliar nos processos pedagógicos em sala de aula. Entre os meios de comunicação possíveis, destacam-se os seus recursos construtivos de conteúdos audiovisuais como

filmes/documentários, com direcionamento para veiculação em mídias alternativas como as plataformas virtuais, ou nas mídias tradicionais, como canais de televisão.

Para comprovar o grau elevado de significação do aparelho televisor no Brasil, Dias e Dalla Costa (2011) explicam que a partir de 1998, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), que já havia sido implantada em 1967 e faz parte do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), adicionou em sua pesquisa básica a existência de aparelhos de rádio e TV nas casas. Segundo a PNDA 2012⁵, que pesquisou em domicílios particulares permanentes a existência, entre outros, de televisão em cores e, para os que não tinham, de televisão preto e branco, foram pesquisadas 362.451 pessoas e 147.203 unidades domiciliares por todo país e foi comprovado que 97,2% possuem esse bem durável (IBGE, 2012). Jost (2007, p.21) ainda reforça o significado e a importância deste meio de comunicação de massa: “a televisão é sem dúvida a única mídia que mobiliza cotidianamente a atenção de todas as outras”. Corroborando com estas afirmações, Da Costa (2012, p.314) cita que o audiovisual é tão imponente dentro de nossa cultura e sociedade por ter a possibilidade da instantaneidade da emissão de alguma mensagem ao vivo. Em uma passagem a autora afirma: “o vídeo a arte do tempo e do acontecimento”. No entanto, segundo Da Costa (2012, p.332), um dos empecilhos para estas mídias ainda não terem tomado dimensões totais no país, acaba sendo o fato de esbarrar na limitação tecnológica, tornando difícil a ampliação e difusão dos usos desse meio.

Partindo de uma ideia de que a leitura de livros jornais e revistas fazem parte de um grupo social com poder aquisitivo maior, Gerbase (1998, p.41) vai se referir a mídia televisiva como um instrumento acessível ao público em geral. No entanto, o autor afirma que o mundo imagético não pode fazer parte somente das pessoas que fazem parte deste meio, mas sim, de todos que possam ter contato com esse meio. Sendo assim faz-se necessário discutir a imagem desde o princípio da base escolar.

Gerbase (1998, p.42-45) ressalta que deve-se desconfiar da imagem já que ela pode manipular. Também é preciso aprender os truques de edição, pois as cenas em movimento podem ser utilizadas de acordo com que quer quem faz o vídeo. Ele acredita que o receptor

⁵ Dados oficiais do IBGE. Disponível em:
ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_anual/2012/Sintese_Indicadores/sintese_pnad2012.pdf

pode pensar criticamente a mídia e tornar-se sensível ao que está posto, mantendo posições ideológicas e contrabalanceando, se assim for necessário.

Segundo Almeida (2006) os meios de comunicação de massa afetam o cotidiano de forma significativa, inclusive nos espaços educacionais, “essa aldeia global tem entre suas características principais o atravessamento universal pelos efeitos e as possibilidades da comunicação-informação” (ALMEIDA, 2006, p.2).

Com o propósito de discorrer sobre o leque tecnológico a serviço das pessoas, Orozco-Gómez (2011, p.160) alerta para o crescente aumento de tecnologias da informação. Pode criar um espaço amplo de troca de conhecimentos, porém: “[...] quanto mais benefícios e promessas de desenvolvimento humano podemos inferir das novas tecnologias, mais esferas da vida cotidiana, pública econômica, profissional, cultural e social são afetadas e, portanto, requerem mais nossa atenção”.

Assim, segundo Schwertner (2012), para quem assistir de forma crítica às produções audiovisuais auxilia no processo educativo: “o trabalho de análise e recepção de filmes possibilita a ampliação das formas de ver e olhar imagens na contemporaneidade, além de contribuir para ampliar o *locus* de aprendizagem”. A mesma autora analisa que o conteúdo veiculado pelo audiovisual torna-se um espelho para os jovens, e retrata a importância da formação ética e estética dos jovens ser incentivada, “[...] a escola pode se tornar um espaço de investimento nesta formação”.

No mesmo sentido, Leal (2012, p. 5) explica a relevância do audiovisual por contribuir “[...] tanto para a reflexão a partir das informações passadas, quanto para o conhecimento amplo do mundo, a partir do momento em que proporciona a interpretação e a compreensão de mensagens, conceitos e informações”.

Uma construção que começa cedo e estende-se por toda vida; assim, Annibal e Lepre (2013, p.4) definem a relação entre o sujeito e a comunicação midiática. Essa interação se estende para muito além do ambiente escolar, “desde o aprendizado da língua materna até o desenvolvimento das identidades individuais, posicionamentos políticos e suas representações dentro de um grupo social”. Os autores, ainda, relatam que é preciso perceber que esse jogo entre o que se percebe da comunicação midiática, concentrada nas ideias recebidas pelo cidadão até o que se retransmite após esse conhecimento adquirido faz parte de um processo que tem um início, porém, não tem um final: “irá se modificar com a interação de novas

comunicações e, dessa forma, irá modificar novas mensagens recebidas e também o sujeito em si mesmo”.

Para ser um possível elemento de auxílio em sala de aula, os dispositivos audiovisuais, precisam de uma abordagem pedagógica. Sanfelice e Araujo (2006) citam a televisão como sendo o centro de críticas pelo mundo inteiro e alegam que o assunto perdura até os dias de hoje. Por outro lado, afirmam que “[...] não há como negar que os aparatos técnicos cada vez mais capturam a experiência humana, tornado nossa cotidianidade intensamente mediada pela mídia. Segundo os autores isto se deve à “[...] capacidade de antecipar, modelar e substituir o real” (SANFELICE; ARAUJO, 2006, p. 2).

O contato com o vídeo tornou-se algo comum:

Hoje, o vídeo ocupa um lugar hegemônico entre os meios expressivos do nosso tempo e quase tudo o que vemos no cenário audiovisual é, de alguma forma, vídeo se considerarmos como a sincronização de imagens e sons eletrônicos, sejam eles analógicos ou digitais e se entendermos imagem eletrônica como aquela constituída por unidades elementares discretas (linhas e pontos) que se sucedem em alta velocidade na tela (DA COSTA, 2012, p.314).

Partindo da ideia de que as novas tecnologias da informação são mais do que instrumentos de modernização para a educação e para a comunicação, Orozco-Gómez (2011, p.159-160) defende a posição de que estes elementos podem auxiliar na democratização tanto da educação como da comunicação, e, conseqüentemente, do conhecimento. O autor aposta nessa tríade: comunicação, educação e novas tecnologias, como um desafio social cotidiano.

Ao pensar sobre o uso de novas tecnologias em sala de aula, Napolitano (2002, p.11) traz à tona pontos fundamentais para serem analisados quando se resolve trabalhar com mecanismos inovadores, já que eles não devem ser tratados como somente oportunidades motivacionais para os estudantes, mas também um momento de atualização de fontes de aprendizado, levando em consideração o fato de que é necessário um apoio específico para se utilizar esse meio – ao contrário do que poderia ser feito se utilizada uma metodologia com elementos documentais escritos.

Ao se optar pelas novas tecnologias é preciso estar ciente que os meios não irão “salvar” o modelo pedagógico e muito menos tornarão o processo mais moderno. Napolitano (2002, p.24) denomina o profissional que trabalha com a linguagem televisiva em aula como videoeducador: “é o profissional encarregado de preparar, planejar e assessorar as atividades escolares que envolvem o recurso do vídeo”. Entre as atividades absorvidas por este

profissional: a tarefa de organizar e catalogar o material gravado, a inclusão do material captado para ser utilizado na formação e apoio didático em um plano de curto, médio e longo prazo e ainda, promover ações com o conteúdo de origem: “[...] A interdisciplinaridade e a assessoria de profissionais especializados, quando possível, otimizam o trabalho com a TV em sala de aula” (NAPOLITANO, 2002, p. 25).

Com essa lógica, independente da nomenclatura dada ao profissional, “a pergunta-chave não é mais se são ou não desejáveis as novas tecnologias, por exemplo, no campo educativo e comunicativo, mas sobre os modos específicos de incorporação da tecnologia nestas e em outras esferas da vida” (OROZCO-GÓMEZ, 2011, p.160).

Partindo do pressuposto que experimentamos hoje uma imersão no mundo das imagens, através das fotografias nas revistas e nos jornais, das telas da TV [...] não há como nos esquivarmos da noção de que tais imagens participam da nossa construção de entendimento do mundo em que vivemos (SCHWERTNER, 2012, p.3).

Segundo Sanfelice e Araujo (2006) a evolução tecnológica e dos seus dispositivos é fundamental para construção de uma sociedade mais crítica. Dentro deste contexto, a televisão é um dos principais elementos de formação cultural, e as escolas, por sua vez, tornam-se pontos de debate dos conteúdos gerados pelas mídias e os professores, os mediadores desses temas. Os mesmos autores, ainda, defendem a ideia de que trabalhar com as mídias pode auxiliar no processo de aprendizado dos alunos e sugerem que, além de utilizar os temas abordados nos veículos de comunicação para gerar debates críticos em sala de aula, que se utilizem elementos simples como gravadores e filmadoras para realizar atividades práticas de estimulação aos estudantes, promovendo assim inúmeras fontes de discussões nas escolas. Citelli (2011, texto digital) é claro ao colocar que os dispositivos audiovisuais precisam ser usados em favor da educomunicação, auxiliando, assim, o desenvolvimento dos estudantes. Segundo ele, é preciso experimentar esses recursos e, assim, “[...] saber como é que nós podemos utilizar, por exemplo, os meios de comunicação para finalidades educativas ou por outro lado, como é que a educação pode colaborar para tornar a comunicação, digamos, de mais interesse da comunidade, do cidadão e do interesse público”.

Segundo Vasconcelos (2012, p.113) independentemente de quais os meios utilizados por professores para conseguir orientar os alunos no espaço escolar, podendo ser uma simples lousa ou até mesmo os mais refinados recursos tecnológicos, o importante é a forma como o

professor comunica-se com os alunos. A comunicação deve ser carregada de intencionalidade, de valores e de significação.

Para Schwertner (2012, p.3), hoje os jovens estão cada vez mais interessados e envolvidos no contexto das novas mídias e utilizando-as como atividades de consumo. É cada vez mais comum, “o ato de fotografar com câmeras portáteis e digitais [...] além da prática de assistir vídeos no *Youtube*, ou mesmo, a atividade de produzir programas como *Moviemaker*”. As criações audiovisuais feitas através de mídias móveis estão inseridas no cotidiano desde o início do século e crescem com a facilidade da mobilidade e a possibilidade de envio dessas imagens feitas através dessas plataformas para outros formatos, que auxilia no aumento da utilização dessas mídias. O site *youtube.com* é o maior exemplo de armazenamento desses produtos, como também a própria televisão que se utiliza cada vez mais de imagens gravadas nos dispositivos móveis e até mesmo em filmes, o que modifica a estética dos produtos mas ao mesmo tempo os enriquece (DA COSTA, 2012).

Com o uso de tecnologias para construção de audiovisuais pode-se afirmar que independente do formato que se utilize como a produção de produtos telejornalísticos ou cinematográficos, por exemplo, o importante torna-se utilizá-los, como salienta Da Costa (2012, p.309), quando cita que com a expansão das novas mídias abrem espaço constantemente para inúmeras possibilidades com novos dispositivos. O aparelho celular é exemplificador.

Segundo Orozco-Gómez (2011, p.160), não existe mais espaço para se pensar em não usar as novas tecnologias: “[...] fazê-lo significaria um retrocesso histórico de proporções incalculáveis”. Contudo, o mesmo autor ressalta que, mesmo tendo a tecnologia ao alcance, o importante é não se restringir a somente tê-las, e assim, não tornar-se dependente delas. É importante, para o autor, permitir “[...] a nossas sociedades aproveitar o potencial da tecnologia para nossos próprios fins e de acordo com as nossas peculiaridades culturais, científicas e tecnológicas”. No entanto, para que essa mesma sociedade consiga estabelecer espaços para o desenvolvimento desses conhecimentos é necessário que existam docentes preparados para este desafio.

Nesse subcapítulo, mostrou-se não só as possibilidades de uso e como os dispositivos audiovisuais podem ser um mecanismo de auxílio em trabalhos colaborativos, como também citou-se o fascínio que jovens têm pelos meios de comunicação videográficos. Dessa forma, pode-se constatar as possibilidades de sedução que as plataformas audiovisuais oferecem para

os estudantes. Além disso, com o avanço tecnológico, elementos alternativos e acessíveis a todos reiteram cada vez mais o domínio que os jovens têm sobre esses recursos e, conseqüentemente, para que novas produções possam ser confeccionadas e veiculadas. Porém, como esses dispositivos podem ser apropriados dentro do contexto escolar? Isto é o que será descrito no próximo subcapítulo.

2.3.1 Dispositivos de vídeo na Educação

Esta pesquisa aborda o vídeo como ferramenta para trabalhos colaborativos no ambiente escolar tendo como base a educomunicação, que traz em sua essência a interação entre os campos do saber da Educação e da Comunicação. Vale pensar no material audiovisual como instrumento para desencadear um processo crítico e coletivo, já que na sua grande totalidade, as escolas seguem metodologias verticais, onde os ensinamentos são “passados” de educadores para educandos. Entretanto, com o apoio do elemento audiovisual nesse ambiente, acredita-se que exista a possibilidade de que ele possa tornar-se um recurso dinâmico e democrático, para que assim suscite a disseminação de conteúdos entre os professores e estudantes de maneira horizontal.

Gerbase (2012, p.40) constata que a montagem dessas peças midiáticas por estudantes, em um primeiro momento, pode não ser algo de qualidade técnica apurada, “[...] possivelmente, ninguém será profissional. Toda a turma será muito jovem e amadora”. Dentro do contexto da primeira produção criada, Gerbase (2012, p.43) agrega um mandamento relacionado ao tamanho do grupo que deve participar do audiovisual, “quanto menos gente na equipe, melhor”.

A afirmação de Gerbase (2012) leva à reflexão sobre a dificuldade de alguns professores para lidar com novas técnicas, tecnologias e metodologias. No entanto, Annibal e Lepre (2013, p.2) explicam que não se pode viver pensando somente na evolução tecnológica dos aparelhos que trazem consigo os conteúdos e, sim, estar atento e crítico para o que se apresenta: “Não podemos nos deslumbrar somente com os *leds* [...] estes aparatos tecnológicos editam a cultura [...] temos um papel como consumidores ou propositores desta edição”. Os autores mostram que a escola torna-se o ambiente privilegiado para debates e

construções ideológicas das várias edições da linguagem, que moldam o indivíduo e a coletividade (ANNIBAL; LEPRE, 2013). Pela necessidade de mudança no modelo pedagógico, que não seja puramente emissor – receptor, Barros e Schwartz (2011, p.40) afirmam que se faz oportuno que os professores saibam lidar com as tecnologias, para que seu uso não o torne um mero mediador. No entanto, é preciso perceber que em um processo comunicativo, o mediador não pode ser nivelado com grau pequeno, pois dentro da educomunicação, esse facilitador é quem tem a responsabilidade de instigar e fomentar a construção crítica através de momentos dialógicos, tornando assim, a conotação da mediação, de extrema significância. Logo, o docente precisa ser um construtor de sujeitos e não um técnico, mas sempre com a consciência da importância do papel do mediador.

Como a escola é um espaço democrático, que permite aproximações com diversas disciplinas, isso possibilita a ela ter um canal para novas manifestações culturais, segundo Dias e Dalla Costa (2011, p.1), “esses apontamentos ficam evidentes quando se propõe a pesquisar modelos de práticas pedagógicas com novas tecnologias de informação e comunicação”. Os autores destacam o fato de poder utilizar um destes meios de comunicação, a televisão, como plataforma didática em sala de aula, pois afirmam que: “materiais jornalísticos, filmes, comerciais, documentários, novelas, entre outros programas do nosso cotidiano, podem servir de apoio para o professor aproximar o aluno do tema tratado em sala” (DIAS; DALLA COSTA, 2011, p.2). E, nesse contexto, Annibal e Lepre (2013, p.4) trazem luz à questão de porquê observar e estudar o modo como esse processo comunicacional envolvendo a mídia se perpetua na população. Para os autores, isto “[...] é de extrema importância para a sociedade e também para o futuro da educação”.

Utilizar dispositivos que possam gerar conteúdo audiovisual potencializa um processo de reflexão e sistematização do que se quer trabalhar e atingir. Gerbase (2012, p.43) em obra que contempla a primeira produção de um filme, faz uma analogia do vídeo com uma banda punk rock. Para os que trabalham a música, ele diz que basta se reunir, tocar os instrumentos para formar uma melodia e, depois, anexar uma letra com o potencial do vocalista, pronto. Já para se construir um projeto tendo a linguagem cinematográfica, Gerbase (2012) relata que o grupo tem que necessariamente ter uma história para contar e tudo precisa ser dividido para que cada componente contribua um pouco.

Gerbase (2012) explica que na hora de se produzir um audiovisual, o importante é seguir três etapas:

- a) ter uma história previamente escolhida e formatada para virar um filme, o que no cinema chamamos de roteiro;
- b) trabalhar duro em função das dificuldades de contar essa história com imagens e sons, ou seja, desenvolver um esquema organizado de produção, que envolve muitas pessoas e processos;
- c) escolher, entre milhares de possibilidades narrativas e estéticas, quais são as mais adequadas para cada momento do filme, ou seja, ter uma direção. (GERBASE, 2012, p.43)

Guardadas as estruturas grandiosas que construir um filme de modo profissional pode gerar em termos econômicos, de espaço e tempo, Gerbase (2012) explica quais são os elementos básicos para a estruturação de uma produção, que vem desde a invenção do cinema em 1895, passando pela possibilidade de sincronização entre som e imagem no ano de 1927 e com a criação da TV, do vídeo e com as novas tecnologias da era digital, cabendo a ressalva que o que está posto por ele torna-se maleável do ponto de vista amador.

Os elementos básicos elencados pelo autor são:

- a) um equipamento capaz de captar imagens em movimento, chamado câmera, que tem uma ou mais objetivas (lentes);
- b) um equipamento capaz de registrar sons sincronizados com as imagens captadas pela câmera, normalmente constituído por um microfone e um gravador;
- c) um equipamento capaz de reunir e reorganizar as imagens e os sons captados nas filmagens de acordo com o roteiro (e as necessidades do processo de montagem/edição);
- d) um equipamento capaz de mostrar o resultado da edição (o filme pronto) para o espectador (GERBASE, 2012, p.70).

Segundo Dias e Dalla Costa (2011, p.14) pode-se constatar que os professores sabem da necessidade de se trabalhar com os meios audiovisuais no dia a dia das atividades educacionais, isso porque a juventude cresce no centro de espaços altamente mediados por tecnologias da informação e da comunicação, muito em razão de professores e alunos identificarem-se como consumidores de audiovisuais, e, principalmente, por fora dos espaços escolares, terem ligação direta com uma sociedade que vive imersa às tecnologias. No entanto, para que toda essa engrenagem funcione, é imprescindível que os educadores participem da construção junto aos estudantes e que, nesse processo, eles não simplesmente deem as cartas, mas sim, participem do jogo de “inventar e se (re) inventar” (BARROS; SCHWARTZ, 2011, p.282).

Constata-se nesse capítulo, a importância que tem o uso adequado dos meios de comunicação audiovisuais em sala de aula e as formas de trabalhar-se com os mesmos. Entre os conteúdos aqui descritos, ressalta-se também o fato de não ser necessário grandes produções, que por sua vez tenham orçamentos exorbitantes para se construir vídeos com qualidade e conteúdo. Outra abordagem a ser enaltecida diz respeito ao manuseio dos recursos para produção de um audiovisual e à questão que esses equipamentos precisam deixar de serem vistos como, simplesmente, novas tecnologias e sim, criar-se o hábito e métodos de uso delas no espaço educacional. Na sequência, trata-se das produções audiovisuais em processos de educomunicação.

2.3.2 Audiovisual na educomunicação

Pelo fato de ser abordado aqui o uso do audiovisual na educomunicação, cabe a ressalva de que este elemento que combina a imagem e o som traz, em sua essência, elementos que contribuem para uma mostra de conteúdos de maneira dinâmica e atrativa. Sendo assim, a junção desse recurso com o processo educacional amplia as possibilidades de se levar conteúdos para o campo da Educação e atingir seus objetivos pedagógicos. Dessa forma, ainda, o audiovisual se credencia como uma aposta de metodologia alternativa, como será exposto a seguir.

O audiovisual tem muito a contribuir quando o objetivo é caracterizar a educomunicação socioambiental, no entanto cabe ressaltar que, segundo Sartori (2011), para este recurso ser útil e atingir o proposto, os professores precisam aprender a lidar com as novas tecnologias e compreender que não são simplesmente transmissores de informação, pois só assim será possível desenvolver práticas pedagógicas direcionadas para o conhecimento.

Matarazzo (2014, p.377), ao relatar um projeto realizado na Educação Infantil com novas tecnologias e o currículo escolar, diz que esse trabalho para ser desenvolvido no ambiente de ensino, precisa, obrigatoriamente, ser utilizado de maneira interdisciplinar e embasado no interesse em abordar o que os estudantes querem ver.

Por isso que se projeta uma importância muito grande para o desenvolvimento do corpo docente das escolas quanto à educomunicação. Por meio desse processo o educador vai exercitar novas linguagens e problematizar a realidade:

É fundamental investir numa formação de professores que alie as concepções pedagógicas contemporâneas, que apontam o docente como um mediador, responsável em organizar situações de aprendizagem baseadas em problemas e na interdisciplinaridade [...] (SARTORI, 2011, p.12).

Corazza (2013, p.1) faz o seguinte questionamento: “em que medida os educadores conseguem acompanhar esse ritmo de crianças e jovens e ter um universo comum para se comunicarem no campo educativo?”. A própria autora entende que responder a essa pergunta através da apropriação das novas tecnologias seja um passo fundamental: “[...] para que aconteça mudança também nas linguagens e métodos de ensino no dia a dia” (CORAZZA, 2013, p.2).

Sobre ir ao encontro do uso das tecnologias nos espaços educacionais, Mogadouro e Soares (2011, p.275) relatam a experiência de acompanhar o uso da linguagem cinematográfica em sala de aula e o medo que educadores mostraram com os avanços tecnológicos: “[...] percebemos, principalmente, a enorme insegurança dos professores em virtude da ausência de formação audiovisual”. Os autores explicam que os espaços escolares mantêm um padrão tradicional, “[...] com conteúdos fragmentados, gestão autoritária, desvalorização do professor e uma exigência na relação professor/aluno, em que o primeiro ainda é o transmissor do saber”. Mas, segundo Mogadouro e Soares (2011, p.275), quando se utiliza o audiovisual, em diversos casos, os educandos sabem mais do que o educador, o que fortalece a insegurança do professor. Além disso, há os temas discutidos nesse contexto, que em inúmeros casos são assuntos complexos para os docentes abordarem, como: “[...] sexualidade, preconceito, violência e consumismo”.

A educomunicação ganha espaço no ambiente escolar a partir do momento em que a educação concebe novas frentes, ou seja, deixa de ter somente o ensino ofertado ao estudante dentro da lógica de única direção, que o educador repassa conteúdo e o estudante é um agente passivo. A educomunicação coloca-se como espaço de construção crítica com mediação tecnológica, tornando-se, assim, uma forma de complementação ao programa escolar (CASSOL, *et al.* 2011). Dentro dessa ideia, Almeida (2011, p.2) considera que a construção da educação alicerçada no senso crítico precisa existir desde as séries iniciais nos ambientes

escolares, “sendo a cultura midiática a primeira cultura da criança, o papel da escola é fazer a transição para uma cultura elaborada”. A autora revela a importância da televisão nesse processo educativo. Na visão dela, tornou-se mais do que um aparelho televisor e, hoje, faz parte da vida das pessoas em decorrência delas passarem mais tempo em frente às programações do que na escola ou em convivência social e um “importante agente de formação, levando, inclusive vantagem em relação aos outros meios, pois sua linguagem é muito mais ágil e integrada ao cotidiano”.

Por isso, Cassol *et al.* (2011, p.5) afirmam que o audiovisual é uma ferramenta extraordinária, pois tem o poder de transformação de uma sociedade: “fundamental para o processo de conscientização, formação de opiniões, mobilização, exercício da cidadania e para a construção de uma identidade social”. Oliveira e Gonçalves (2008) mostram um leque de benefícios que a educomunicação audiovisual possibilita ao indivíduo: pode transformar e dar um norte quanto a sua percepção de mundo, capacitá-lo à compreensão do que lhe é informado, e, por fim, dar-lhe a possibilidade de observar o ambiente e saber distinguir as representações positivas para uma vida mais consciente. “Em outras palavras: isso é a alfabetização audiovisual. [...] é um estímulo ao pensamento, favorecendo, assim, o crescimento da vontade de saber mais” (OLIVEIRA; GONÇALVES, 2008, p.13).

O recurso audiovisual dentro da educomunicação no ambiente escolar tem a vantagem de ser um elemento atrativo para diversos públicos, de ser um meio propício para repassar conteúdos aos estudantes e ajuda a estimular o pensamento, segundo Cassol *et al.* (2011): “uma pessoa com conhecimentos sobre essa ferramenta pode impactar a comunidade onde está inserida, influenciando visões e sentimentos, podendo, assim, ajudar a mudar e a melhorar a realidade” (CASSOL, *et al.* 2011, p.5). É preciso ter em conta, no entanto, as diferenças de acesso às tecnologias que possibilitam a construção audiovisual: câmeras e ilhas de edição são necessárias, por isso, Xavier e Soledade (2013) mostram as diferenças estruturais da rede pública e privada,

Em escolas privadas, as condições de utilização dos recursos multimídias são melhores. Geralmente, as escolas privadas possuem laboratórios de informática, salas de vídeo confortáveis e disciplinas que debatem os rumos da sociedade contemporânea, como a disciplina de Atualidades. Já nas escolas públicas, a realidade é bem diferente. Em boa parte delas, os recursos audiovisuais não existem, os professores sentem-se desmotivados pelos baixos salários e pela carga horária excessiva, os alunos sentem dificuldades em disciplinas básicas (como Português e Matemática) e a infraestrutura das escolas deixa a desejar (XAVIER E SOLEDADE,

2013, P.4)

No entanto, a Lei de Diretrizes e Bases 9.394, de 20 de dezembro de 1996, no Art. 36, além de providências relacionadas à inclusão de línguas estrangeiras e filosóficas no ambiente escolar, estimula o uso das tecnologias,

I - destacará a educação tecnológica básica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania (BRASIL, 1996).

Segundo Xavier e Soledade (2013, p.4), “o Ministério da Educação chegou a distribuir, em todo o país, o kit tecnológico (composto por TV, vídeo e antena parabólica). Muitas escolas não receberam, outras nunca utilizaram os equipamentos”.

Almeida (2011, p.2) enaltece o uso das novas tecnologias em favor da educação, sobretudo a TV, sendo uma aliada de milhões de pessoas que querem qualificar a educação no país. “A televisão ocupa hoje um lugar privilegiado no processo educacional, pois tem a capacidade de estar em muitos lugares ao mesmo tempo, além de uma linguagem principalmente didática e educativa”. Contudo, muitos educadores perderam a oportunidade de poder utilizar esses elementos para dinamizar o ambiente de ensino (XAVIER; SOLEDADE, 2013).

Cassol *et al.* (2011, p.6) grifam que, “por meio do audiovisual no ambiente escolar pode-se incentivar o protagonismo juvenil, ou seja, fazer com que aquele que aprende sobre a técnica e a linguagem audiovisual amplie sua visão de social e promova mudanças na sua comunidade”. Mais do que isso, a partir de uma oficina de vídeo baseada no aporte educacional Oliveira e Gonçalves (2008, p.14), com o intuito de facilitar o acesso à tecnologia e a informação, perceberam que o audiovisual acaba sensibilizando a percepção: “a favor do conhecimento e da democracia”. E, além disso, conseguem não só levar ensinamentos para os participantes como também formar novos comunicadores, independente de idades.

Oliveira e Gonçalves (2008, p.2) analisaram a experiência de educomunicação audiovisual em dois projetos nessa área, no Estado de São Paulo, que trabalhavam com produções de curtas-metragens. Eles questionaram-se: “Como a Educomunicação audiovisual pode formar olhares adolescentes menos alienados pela televisão, tornando-os mais críticos e objetivos na busca do conhecimento científico?”. Ao fim, chegaram à conclusão: “[...] que a

oficina de vídeo é um instrumento facilitador e qualificador. Uma tarefa importante para os que buscam uma transformação social” (OLIVEIRA; GONÇALVES, 2008, p.14).

E o porquê optar pelo audiovisual em meio a uma era em que existem tantos outros mecanismos de disseminação de informações, como: a revista, o jornal, o rádio e a internet? Segundo Xavier e Soledade (2013, p.7), a televisão tem grande força na sociedade, independente, de faixa etária ou qualquer outra forma de categorização de público. Este meio “altera formas de convivência e ressignifica olhares sobre o mundo”.

Para Matarazzo (2014, p.378) por meio desta estratégia: “é possível criar um ambiente estimulador onde acontecem situações significativas de aprendizagem por meio de propostas inovadoras para sala de aula, onde as crianças são desafiadas em diversos momentos”.

Para Annibal e Lepre (2013, p.10) a fusão da comunicação com a educação possibilita um via de arejamento, essencialmente, na utilização dos recursos, linguagens e na reconfiguração do espaço educacional, “oportunidade, talvez, de protagonismo dos alunos e professores, além de uma revisão das representações e usos da escola”.

Com esse subcapítulo pode-se verificar que trabalhar com elementos audiovisuais na educomunicação pode ser modo significativo para ampliar e qualificar o processo de aprendizado de uma maneira democrática. No entanto, torna-se um desafio usar esse mecanismo para trabalhar-se, especificamente, as questões socioambientais. Comprova-se essa afirmação visto que são poucas as experiências científicas encontradas nesta microárea. Contudo, busca-se fundamentar o audiovisual na educomunicação socioambiental no próximo capítulo.

2.3.3 O audiovisual na educomunicação socioambiental

A utilização dos meios audiovisuais como auxílio pedagógico em processos de educomunicação socioambiental é importante em suas diversas formas e roupagem. Ou seja, inúmeros meios audiovisuais podem ser usados para disseminarem, em plataformas tradicionais ou não, os conteúdos ambientais, como é o caso de documentários. Estes programas também podem ser veiculados por meios virtuais, que compensam no alto alcance e impacto: “circulantes na internet por meio das múltiplas redes em conexão, tais produções, quase sempre, escapam aos domínios de poder tradicionais e engendram uma nova estratégia

de militância ambiental [...]” (FALCÃO; ALMEIDA; CITELLI, 2012, p.4). Para Costa (2014, p.325), “[...] a produção de filmes, elaborados em diferentes vertentes, por diferentes atores sociais, oferece indicativos de como a questão socioambiental é representada nestes espaços”.

Segundo Falcão, Almeida e Citelli (2012, p.4) esses materiais audiovisuais com o intuito de tentar reverter danos socioambientais, exibidos e compartilhados através da horizontalidade do mundo virtual e construídos por meio de diferentes olhares, “[...] lançam luzes de vários matizes sobre o descaso com que temos tratado o meio ambiente no plano micro e macro de nossa experiência cotidiana”. Porém, quando se observa o prisma dos documentários produzidos com esse enfoque socioambiental e seus efeitos na sociedade, os autores pontuam obstáculos para a difusão das produções. Para estes autores, nos círculos comerciais, eles praticamente não chegam, em razão de interesses financeiros. No ambiente escolar esse recurso transita; todavia, não se sabe o potencial de sensibilização que ele pode causar para tornar cidadãos mais proativos e críticos, isto porque em “[...] trânsito na escola, quer em seu trânsito nos domínios da virtualidade, a forma ‘documentário socioambiental’ à primeira vista não parece transformar radicalmente a conduta padrão dos indivíduos” (FALCÃO; ALMEIDA; CITELLI, 2012, p.5). Em relação a este aspecto, Costa (2014, p.326) relata os resultados e o que foi projetado de sua pesquisa com um grupo de moradores que viviam em uma região afetada pelos impactos ambientais e que participaram de uma oficina audiovisual socioambiental com enfoque na educomunicação: “[...] conceitos incorporados pelos vocabulários da política ambiental nacional, como participação, envolvimento dos grupos vulneráveis, inclusão, parecem estar mais presentes na literatura e nas discussões acadêmicas do que na prática [...]”, ou seja, parte-se da premissa que, sim, as pessoas envolvidas no processo educacional conseguem se apropriar das temáticas trabalhadas.

No entanto, segundo Falcão, Almeida e Citelli (2012, p.6), existe um interesse cada vez maior por peças audiovisuais que interfiram de forma agressiva, em uma tentativa de reversão de desrespeito que o meio ambiente sofre em todos os pontos onde exista a vida humana. E, como estes materiais não acessam salas cinematográficas em razão de exibições de filmes que atendem aos padrões de mercado, a internet torna-se um alicerce para a sustentação e disseminação desses vídeos. As produções audiovisuais podem ser veiculadas pelas redes sociais e pelas plataformas digitais acessíveis, como *Youtube*. Outra possibilidade que acaba facilitando o acesso a essas produções para posterior postagem nos espaços digitais

é a mobilidade, em vídeos produzidos a partir de plataformas dessas novas mídias, como por exemplo, os celulares, os planos e as angulações não são tão levadas em consideração como quando se trabalha com a área cinematográfica especificamente, pois nessas produções audiovisuais, segundo Costa (2012), existem chance da utilização criativa. No entanto, segundo Da Costa (2012, p.332), um dos empecilhos para estas mídias ainda não terem tomado dimensões totais no país, e não conseguir ainda ser um grande mecanismo propulsor acaba sendo o fato de esbarrar na limitação tecnológica, que tornou difícil a ampliação e difusão dos usos desse meio.

Em relação aos documentários, quando em formatos inovadores, tem condições “[...] de reverter a desatenção coletiva sobre os problemas relacionados ao consumo desmesurado e à conseqüente deterioração das condições da vida planetária” (FALCÃO; ALMEIDA; CITELLI, 2012, p.12). Estes autores concluem que as redes sociais são um espaço estratégico para desviar da tentativa de controle e dominação que os meios tradicionais impõem: “[...] malgrado ainda paire sobre elas a sombra de um controle público que se quer fortalecer a ponto de vigiar a produção e a circulação desse tipo de material na infovia global”.

Independente do gênero (documentário, matéria telejornalística etc.), do tamanho, ou da forma de veiculação dessas produções, o importante é que no processo de construção dos audiovisuais não se perca o foco educacional para trabalhar os temas socioambientais. E é nesse sentido que Barcelos (2012, p.83) aponta um caminho pedagógico a ser trilhado, o qual necessariamente precisa do envolvimento constante dos professores que irão desenvolver os projetos junto aos educandos, ou seja, surge a necessidade de se entregarem à causa: “[...] nossas alternativas metodológicas na educação em geral, e na educação ambiental em particular, precisam de um envolvimento afetivo, lúdico, amoroso, de todos aqueles que a ela se dedicam, sob pena de a transformarmos em mais uma mera tarefa a ser cumprida”.

Este caminho será trilhado ao realizarmos esta pesquisa-ação na educação socioambiental, como propomos no próximo capítulo quando explica-se a metodologia utilizada para atingir os objetivos propostos.

3 MÉTODO

Essa pesquisa tem como foco principal investigar o uso da linguagem audiovisual em um processo de educomunicação socioambiental no ambiente escolar, a partir de um espaço de significação de professores e alunos. Por meio do trabalho com dispositivos audiovisuais, além do conhecimento adquirido pelos estudantes, os docentes podem tornar-se multiplicadores desse aprendizado. O estudo tem enfoque qualitativo, já que pretendeu-se desenvolver reflexões coletivas ao longo do processo, de uma forma cíclica, buscando compreender os envolvidos (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Por visar a busca de novos conhecimentos no campo da realidade social, a pesquisa caracteriza-se como exploratória, a qual tem como foco, “proporcionar uma visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato” (GIL, 2012, p.27). Além disso, é exploratória por estar em um campo de pesquisa que começou a ser estudado mais profundamente no país somente nos últimos vinte anos, possibilitando compreender melhor os discursos provenientes das trocas de experiências com professores e alunos na aplicação do projeto, e assim, desvendar um pouco mais a educomunicação.

Essa pesquisa ainda tem caráter descritivo. Este tipo de trabalho, segundo Gil (2006), tem a finalidade de estudar as características do objeto, habitualmente levando em consideração a atuação prática.

O estudo é empírico, já que o pesquisador esteve envolvido diretamente e tem estreita associação com os participantes, no acompanhamento ao longo de todo processo de produção dos vídeos, o que categoriza este estudo como sendo uma pesquisa-ação. Opção que, segundo Reis (2008, p.163) exige rigor metodológico para que não sofra preconceito acadêmico-

científico e, que por sua vez, simplesmente, não esteja atrelado a apresentar relatos de experiências, mas sim, ilustrar a produção de conhecimentos exigida pela ação de pesquisa.

Como característica central, a pesquisa-ação exige a articulação rigorosa entre a produção do conhecimento e a ação educativa, “isso significa dizer que a metodologia da pesquisa-ação refere-se a um tipo especial de produção de conhecimentos, comprometida com a ação-intervenção no espaço social em que realiza a investigação”, e, além disso, a pesquisa-ação é um conceito amplo e que prima por uma tentativa contínua, sistemática e que de forma empírica busca aprimorar as práticas (TRIPP, 2005, p.443). No que tange o sistema educacional, pode-se dizer que a pesquisa-ação ganha um caráter próprio porque permite o desenvolvimento de professores e pesquisadores, podendo aprimorar o ensino e, em decorrência, o aprendizado dos alunos (TRIPP, 2005).

É preciso, ainda, levar em conta que apesar de ser considerada próxima da pesquisa-ação, a pesquisa-participante de acordo com Gil (2002), carrega outras características que também serão utilizadas nesse projeto: a necessidade de planejamento com viés social e educativo, que também pode ser técnico ou carregar outras aplicações e a interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas.

Para se escolher a amostra, foram inicialmente levados questionários nas oito escolas de Lajeado, no Rio Grande do Sul, que possuem Ensino Médio independente da rede, no mês de novembro de 2014, a fim de identificar quais utilizam tecnologia de comunicação nos processos de educação e, também, para perceber qual a motivação e a necessidade das escolas em se engajar nesse projeto (APÊNDICE A). Além disso, as repostas ao questionário possibilitaram delimitar situações pertinentes à pesquisa, conforme Quadro 1.

Quadro 1: Sistematização dos interesses das escolas de Lajeado em participar da pesquisa

| ESCOLA | SITUAÇÃO | COMENTÁRIO |
|--|-------------------------|--|
| Colégio Cenecista João Batista de Mello | Gostariam de participar | Entusiasmados para participarem do projeto. Inclusive, o próprio diretor da escola mostrou-se interessado em fazer parte do grupo por gostar dos recursos audiovisuais. (x) Possuem filmadora |
| Colégio Estadual Presidente Castelo Branco | Gostariam de participar | Quando questionados se existiam câmeras na escola, a resposta foi positiva. No entanto, quando foi mostrado o equipamento, a própria diretora da escola se surpreendeu em saber que existiam duas câmeras na escola ao invés de somente uma. |

| | | |
|--|-----------------------------|--|
| | | (x) Possuem filmadora |
| Colégio Evangélico Alberto Torres | Gostariam de participar | Evidenciou o fato de que é o pesquisador que deve estabelecer os horários das oficinas e as escolas devem se adequar ao cronograma. (x) Possuem filmadora |
| Colégio Madre Bárbara | Gostariam de participar | Otimistas pela aplicação desse projeto. A própria coordenadora pedagógica da escola mostrou vontade de participar para poder dominar melhor esses recursos e poder utilizá-los em sala de aula. (x) Possuem filmadora |
| Colégio Sinodal Conventos | Gostariam de participar | Interessados em participar já que praticamente não trabalham com esse processo audiovisual na escola. (x) Possuem filmadora |
| Colégio Sinodal Gustavo Adolfo | Não gostariam de participar | Somente participariam se o projeto não tivesse intervenção no ambiente escolar, caso fosse somente observatório ou com a ressalva de ser desenvolvido com todos os alunos e professores do ensino médio, sendo que nessa proposta, a própria escola arcaria com valores para custear horas para essa formação. (x) Possuem filmadora |
| Escola Estadual de Ensino Médio Santo Antônio | Gostariam de participar | Entusiasmados em participar já que não tem nenhuma atividade próxima desse projeto na escola. Acreditam que será motivador para alunos e professores. (x) Possuem filmadora |
| Escola Estadual Érico Veríssimo | Gostariam de participar | Não trabalham com processos audiovisuais e a própria vice-diretora da escola não lembrava que existia uma câmera filmadora na escola. (x) Possuem filmadora |

Fonte: Do autor (2014).

Mas por que escolher a escola como ambiente para essas atividades educacionais? Dias e Dalla Costa (2011, p.1) afirmam: “Há um consenso entre pesquisadores e estudiosos de que a escola se tornou um campo vasto para a pesquisa em comunicação, aberta a novas possibilidades de investigação, experimentações e de mediações”.

As instituições que se encaixaram na proposta foram: Colégio Estadual Presidente Castelo Branco e Escola Estadual de Ensino Médio Santo Antônio, pois estavam atrelados ao Programa do Ensino Médio Inovador e haviam adotado o macrocampo: Comunicação, Cultura Digital e Uso das Mídias. Cada escola indicou até 3 professores e até 6 alunos para as oficinas na qual desenvolveram um produto audiovisual dentro da proposta da educação, tendo como enfoque questões socioambientais, e, sob a orientação do

pesquisador. Todos os participantes tiveram seus nomes em sigilo nessa pesquisa, sendo citados através das iniciais.

As orientações para a produção dos vídeos foram realizadas no primeiro semestre de 2015, sendo os encontros realizados na Univates.

Para aplicação das oficinas, inicialmente foram planejados 10 encontros que iriam dar desde o suporte inicial até a finalização do conteúdo audiovisual que seria criado pelos participantes, no entanto, quando as atividades começaram a ser aplicadas foi necessário aumentar o número de encontros para que fosse possível contemplar tudo que estava sendo proposto na pesquisa, totalizando 18 encontros. Pode-se ressaltar que o número cresceu em função dos momentos ligados a parte de captação de imagens e edição dos vídeos (APÊNDICE B).

Os encontros abordaram a proposta da pesquisa (objetivo e método), os formatos audiovisuais, um panorama da temática ambiental e aspectos técnicos da produção audiovisual. Após esta abordagem partiu-se para a definição dos grupos e suas funções, construção do roteiro, captação de imagens, edição e visualização dos audiovisuais.

O objetivo das oficinas, além da capacitação dos participantes com conteúdos sobre formatos audiovisuais e informações ambientais, manuseio de equipamentos e ainda, estabelecimento de debates sobre os fatos mostrados durante os encontros foi ao final dos encontros, criar uma peça audiovisual com o tempo que também fosse estipulado em comum acordo, ou seja, coletivamente. Gil (2006, p. 53) resalta o fato de o investigador estar inserido no contexto da aplicação, “a importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo”.

É importante frisar que o vídeo permeia diversos gêneros e formatos, e, que nessa pesquisa, enquanto processo educacional – que tem por princípios a não imposição de um regramento, mas sim, de uma construção coletiva não se definiu de antemão o gênero a ser trabalhado. O produto audiovisual deveria abordar a temática socioambiental, em sua amplitude, a partir de um dos seguintes gêneros: documentário, vídeo educativo, filme, telejornalismo ou vídeo minuto. Gerbase (2012), por exemplo, mostra a contribuição não só do segmento do qual é profissional e estudioso, o cinema, mas de todos outros, pois segundo ele, se tornam mecanismos de intervenção social:

A maior contribuição que o cinema pode fazer para mudar o mundo, no entanto, não está nos filmes propriamente ditos. Está no ensino da linguagem cinematográfica e no aumento da consciência política que as pessoas têm depois de descobrir como os

filmes e os programas de TV são feitos. Um telejornal, por exemplo, usa exatamente os mesmos elementos (ou signos, para falar mais tecnicamente) de um filme de ficção: pessoas na frente das câmeras dizendo ou fazendo coisas, enquadramentos, cortes. As histórias contadas nesse programa jornalístico continuam sendo isso, histórias, mesmo que elas sejam sobre coisas que acontecem de verdade, enquanto a ficção conta histórias que poderiam ter acontecido, segundo a imaginação do roteirista (GERBASE, 2012, p.37-38).

Nessa proposta de escolher qual formato construir, partindo da ideia de horizontalidade da educomunicação, ambos os grupos definiram por trabalhar com documentários, sendo que o Colégio Estadual Presidente Castelo Branco preferiu abordar a situação de uma área verde existente dentro da escola e que estava abandonada, intitulado a obra de “Castelinho: Memórias e Desejos” e a Escola Estadual de Ensino Médio Santo Antônio optou por trabalhar com a questão do preconceito existente com as pessoas que residem no bairro, intitulado o vídeo como: “Bairro Santo Antônio: A realidade é outra”.

A intenção foi usar dinâmicas e metodologias da construção de vídeos/filmes, o que não impediu a apropriação de recursos virtuais para divulgação das produções realizadas pelas escolas, o que pode ser comprovado pela forma como os vídeos foram replicados pelos participantes através da plataforma *Youtube*⁶. Optou-se pelo *Youtube* por dois motivos principais: por ser o local onde os vídeos poderiam ter a maior qualidade visual para serem expostos, já que a plataforma permite postagens feitas em alta definição, e por ser um local de custo zero para que pudessem posteriormente ser disseminados pelos participantes. Além disso, os vídeos foram postados pelo mediador dentro da opção “privado” o que restringe o acesso à somente as pessoas que participaram da produção do material, pois assim, caberá a cada grupo querer expor o material para outros telespectadores.

Levando em consideração o objetivo de investigar o uso da linguagem audiovisual em um processo de educomunicação socioambiental, buscou-se fomentar e fortalecer os conceitos da educomunicação socioambiental, mas também empreender o uso pedagógico da imagem videográfica levando em conta os princípios da educomunicação socioambiental. Por isso, foi analisado como alunos e professores da escola apropriam-se da linguagem audiovisual através das ações educacionais, relatando o processo audiovisual, vivenciando e analisando

⁶Castelinho: Memórias e desejos <https://www.youtube.com/watch?v=DkKFHZDcd5s>

Bairro Santo Antônio: A realidade é outra <https://www.youtube.com/watch?v=OMtx1ZRxs7>

como esta linguagem pode ser mecanismo de auxílio para a docência, e, ainda, na promoção do diálogo na escola, de modo a ampliar o debate socioambiental.

Para serem alcançadas as metas desta pesquisa, foi necessário o aprofundamento bibliográfico sobre as questões que envolvem: a educomunicação, a educomunicação socioambiental, a educação ambiental e os dispositivos audiovisuais. Segundo Gil (2006, p.44), “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquele que poderia pesquisar diretamente”. Para que fosse possível expandir o embasamento desse estudo foi realizado o “estado da arte”, ou seja, uma busca por trabalhos publicados entre 2005 a 2014 nos seguintes portais científicos: ALAIC, SCIELO, INTERCOM, COMPÓS e CAPES. A coleta foi realizada através do próprio campo de pesquisa existente nos sites em questão, com a palavra-chave: educomunicação. Após, criou-se uma sistematização em forma de tabela, houve uma primeira e breve leitura. Aqueles que tinham conexão com o trabalho foram fichados e utilizados no referencial teórico. Assim, selecionamos conteúdos para leitura e adição neste projeto (ANEXO C).

Portanto, a fundamentação teórica é resultado da consulta a diferentes fontes sobre o assunto passando por teóricos clássicos até trabalhos mais recentes de pesquisadores. Assim, a pesquisa bibliográfica consistiu no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa (AMARAL, 2007).

Outros materiais também foram analisados e levados em consideração para construir a dissertação, tanto na parte teórica como na fase empírica, entre eles: documentos oficiais do Governo Federal sobre políticas públicas, vídeos contendo entrevistas e exemplos de formatos audiovisuais e explicações sobre o tema, além dos materiais audiovisuais que foram elaborados pelos participantes no trabalho colaborativo realizado através das oficinas. Portanto, é também uma pesquisa documental, que, como refere-se Sampieri, Collado e Lucio (2013, p.440), pode “[...] nos ajudar a entender o tema central do estudo [...] serve para que o pesquisador conheça os antecedentes de um ambiente, as experiências, vivências, ou situações e como é o seu dia a dia”.

Ao longo de todo processo de produção audiovisual foi utilizada a técnica de entrevistas semiestruturadas com professores e alunos. As entrevistas se caracterizam por alterarem previamente questões pré-definidas e incluírem outras ainda não existentes, mas

criadas durante o diálogo. Para Boni e Quaresma (2005, p.75), este processo se parece como uma conversa informal: “O entrevistador deve ficar atento para dirigir, no momento que achar oportuno, a discussão para o assunto que o interessa fazendo perguntas adicionais para elucidar questões que não ficaram claras [...]”. Nesse sentido, não será um relato ou “[...] uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada” (MINAYO, 1994, p.57). Cabe ressaltar que ao final da pesquisa o mediador retornou às escolas e conversou novamente com alunos e professores que participaram das oficinas para saber deles quais impressões tiveram do processo através das categorias que emergiram do estudo (escolhas, equipe, equipamentos, produto e apropriações da equipe). Além de conversar com as gestoras das duas escolas para entender o porquê da escolha do macrocampo Comunicação, Cultura Digital e Uso de Mídias e como eram adquiridos os dispositivos de produção audiovisual da escola.

Quadro 2: Procedimentos técnicos de coleta de dados

| OBJETIVO ESPECÍFICO | PROCEDIMENTOS TÉCNICOS DE COLETA DE DADOS |
|--|--|
| a) Conceituar e caracterizar aspectos relevantes sobre a educomunicação e educomunicação socioambiental; | Pesquisa bibliográfica. |
| b) Capacitar professores e alunos para o uso do audiovisual na prática comunicativa; | Pesquisa de campo: pesquisa-ação participativa com oficinas. |

| | |
|---|---|
| <p>c) Exercitar o uso da linguagem videográfica com professores e alunos em um ambiente educativo, levando-se em conta os princípios da educomunicação socioambiental;</p> | <p>Pesquisa de campo: pesquisa-ação participativa com oficinas.</p> |
| <p>d) Investigar como alunos e professores da escola apropriam-se da linguagem audiovisual em ações educacionais.</p> | <p>Pesquisa de campo: entrevistas semiestruturadas, observação.</p> |

Fonte: Do autor (2015).

Esta amostra se caracteriza por não probabilística, pois o público alvo selecionado partiu de acessibilidade e tipicidade, pelo fato de poder escolher um subgrupo que represente a população, neste caso, alunos e professores de escolas que estão contempladas no ProEMI dentro do macrocampo anteriormente citado.

Quando se fala em plataformas e recursos tecnológicos em ambientes escolares ou pensa-se em ecossistemas educativos, geralmente, as perguntas que são levantadas dizem respeito à precariedade ou a inexistência de recursos para se trabalhar com materiais audiovisuais. Por isso, os materiais utilizados não terão um padrão de alta qualidade, já que foram usados equipamentos acessíveis aos dois grupos, tendo o suporte técnico do pesquisador. A câmera usada para gravação foi amadora, pois o objetivo é que as atividades possam continuar sendo realizadas após o final da pesquisa. Segundo Citelli (2000), o fato de algumas escolas não possuírem dispositivos de qualidade para produzir o audiovisual não é motivo impeditivo:

[...] embora muitas vezes as pessoas pensem que em se tratando de uma tecnologia, basta a posse do equipamento e as instruções funcionais a respeito do seu uso. No entanto, o aprendizado de qualquer mídia é igualmente complexo e exige que as pessoas incorporem aos poucos as diferentes etapas de alfabetização. Deste modo,

um trabalho com uso do vídeo requer inúmeras atividades que não dependem do equipamento, mas da compreensão das fases de organização de um trabalho que é, na verdade, mais intelectual do que técnico (CITELLI, 2000, p.145).

Esclarece-se que este trabalho, desde a concepção do tema até o desenvolvimento prático, esteve atento ao entendimento do processo entre a comunicação e a educação, ao qual corresponde a educomunicação, mais do que questões relativas às técnicas e às tecnologias dos meios audiovisuais.

Através dessa metodologia, a proposta foi compreender analiticamente os processos educacionais e os valores sociais em circulação, assim como participar como pesquisador de um processo de construção de cidadania, decorrente de intervenção.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO

A partir da metodologia proposta nessa dissertação busca-se nesse capítulo descrever inicialmente o Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI) levando em conta desde a forma como ele se apresenta, as maneiras da escola aderir ao programa, as orientações e possibilidades para o Programa de Redesenho Curricular (PRC) e como são constituídos os macrocampos.

Posteriormente contextualizam-se as duas instituições de Lajeado/RS que aderiram ao ProEMI e que optaram pelo macrocampo da Comunicação, Cultura Digital e Uso de Mídias. A partir desse critério, já descrito na metodologia, foram selecionadas para participar da pesquisa: o Colégio Estadual Presidente Castelo Branco e a Escola Estadual de Ensino Médio Santo Antônio (CIEP).

Já tendo-se atingido o objetivo de caracterizar e conceituar o campo da educomunicação, parte-se para o relato do processo educ comunicativo com intervenção nas escolas citadas que possibilitam atingir os objetivos de capacitar professores e alunos para o uso da linguagem audiovisual como prática educ comunicativa e exercitar o uso da linguagem videográfica com professores e alunos em um ambiente educativo, levando-se em conta os princípios da educomunicação socioambiental. Estes objetivos solicitaram um tom de relato de experiência, o que faremos por oficinas. Em seguida, na discussão dos resultados cumpriremos o objetivo D, que refere-se a uma reflexão sobre a apropriação da linguagem audiovisual pelos grupos. Por fim, retomamos as questões que constituem o problema de pesquisa na conclusão.

4.1 Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI)

Para garantir o acesso à Educação Básica o Ministério da Educação (MEC) ampliou suas ações através de políticas e programas que auxiliem de forma direta os estudantes, a partir de 2009 com a implantação da Emenda Constitucional nº59, que prevê que o ingresso de crianças e jovens dos 04 aos 17 anos de idade deverá ser garantida pelos Estados e municípios com a ajuda do Governo Federal até o ano de 2016. Da mesma forma, o Plano Nacional da Educação tem como proposição na sua terceira meta, a universalização do Ensino Médio até 2020 (BRASIL, 2014, p.3).

Foi a partir do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio – Portaria nº 1.140, de 22 de novembro de 2013, que surge o acordo entre Estado o MEC para oferecer a Formação Continuada aos docentes do Ensino Médio, ação de articulação do Redesenho Curricular que está proposto pelo Programa Ensino Médio Inovador (ProEMI), instituído pela portaria nº971 de 9 de outubro de 2009. Como base para estas ações estão as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio de 2012. O ProEMI tem revelado valores que podem disseminar cultura para um currículo escolar mais dinâmico e flexível possibilitando a costura de diferentes áreas do conhecimento e diversas realidades estudantis, assim atendendo as expectativas dos jovens. (BRASIL, 2014, p.3).

Caracteriza-se o ProEMI como uma estratégia e um instrumento para reescrever os currículos do Ensino Médio e que terá ações inseridas nas escolas de forma gradativa para que amplie-se o tempo dentro do espaço escolar e, assim, ocorrer a educação integral, com variedade de práticas pedagógicas, o que qualifica a formação do estudante do Ensino Médio (BRASIL, 2014, p.4).

Com a aceitação do Programa, cria-se um ambiente de cooperação. Por um lado, é de responsabilidade do Ministério da Educação todo apoio financeiro e técnico às escolas e cabe às secretarias de Educação estaduais as ações de organização, implementação e fortalecimento do Ensino Médio. Já o Projeto de Redesenho Curricular (PRC) deve ser criado pelas escolas indicadas pelas secretarias de Educação dos Estados, de acordo com as normas do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) e do ProEMI. O apoio técnico e financeiro é anual, com a

condição de terem seus PRC aprovados pelas secretarias de Educação e pelo MEC (BRASIL, 2014, p.4).

Para implantação do Projeto Redesenho Curricular, o ProEMI prevê um tratamento curricular e indica as condições básicas, entre elas: “fomento às atividades que envolvam Comunicação, Cultura Digital e Uso de Mídias e Tecnologias, em todas as áreas do conhecimento” (BRASIL, 2014, p.5).

Este projeto de reestruturação dos currículos prevê possibilidades de ações integradoras que contemplam oito macrocampos, sendo que elas devem ser inseridas dentro da estrutura curricular já existente sob a forma de: disciplinas optativas, clubes de interesse, seminários integrados, oficinas, trabalhos de campo, grupos de pesquisa e outras atividades que sejam interdisciplinares. Para tanto, abre-se a possibilidade da aquisição de equipamentos, matérias e tecnologias educativas, assim como a formação específica para os profissionais envolvidos. Deve-se levar em consideração que as escolhas de ações parte da escola, tendo como perspectiva os macrocampos existentes e os campos de conhecimento conforme a necessidade e demanda da equipe pedagógica e comunidade escolar mantendo-se prioridade dos alunos. (BRASIL, 2014, p.6)

Dos oito macrocampos, destaca-se que a escola deverá contemplar três obrigatórios, que são: Acompanhamento Pedagógico (Linguagens, Matemática, Ciências Humanas e Ciências da Natureza), Iniciação Científica e Pesquisa e Leitura e Letramento; além de pelo menos mais dois que for de sua escolha, entre eles estão: Línguas Estrangeiras, Cultura Corporal, Produção e Fruição das Artes, Comunicação, Cultura Digital e Uso de Mídias e Participação Estudantil (BRASIL, 2014, p.7).

Para que os projetos sejam contemplados dentro da proposta do ProEMI, existem processos burocráticos que precisam ser preenchidos pelos responsáveis de cada escola para que existam os recursos aportados pelo Governo Federal. Por isso, é preciso preencher o Diagnóstico no PDDE Interativo e, na sequência, uma aba do ProEMI dentro do PDDE Interativo onde é necessário inserir o Projeto de Redesenho Curricular (PRC), descrevendo as ações propostas e detalhando cada ação e como serão aplicados os recursos (BRASIL, 2014, p.7).

As ações de cada macrocampo precisam estar direcionadas para a interação direta com o aluno, além de existir a possibilidade de ser direcionada para gestão escolar, formação de professores e adequação do ambiente da escola. Porém, a elaboração delas deve ter com foco nas áreas de conhecimento contempladas nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), estas orientações das Diretrizes devem estar engajadas em alguns aspectos:

As dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia, e da cultura como eixos integradores entre os conhecimentos de distintas naturezas; o trabalho como princípio educativo; a pesquisa como princípio pedagógico; os direitos humanos como princípio norteador e; a sustentabilidade socioambiental como meta universal. (BRASIL, 2014, p.7)

Assim, entende-se que o Redesenho Curricular, mais do que estabelecer a importância de cada conteúdo específico dos componentes curriculares com suas disciplinas e padrão de temporalidade de 50 minutos, traz em sua essência a perspectiva de se manter diálogo e pluralismo para atividades em cada um dos macrocampos possíveis. A partir dessa ideia define-se macrocampo como:

[...] campo de ação pedagógica-curricular no qual se desenvolvem atividades interativas, integradas e integradoras dos conhecimentos e saberes, dos tempos, dos espaços e dos sujeitos envolvidos com a ação educacional [...] Permite, portanto, a articulação entre formas disciplinares e não disciplinares de organização do conhecimento e favorece a diversificação de arranjos curriculares (BRASIL, 2014, p.8).

Para cada ação que a escola desenvolver em cada macrocampo, o ProEMI prevê que sejam indicadas e determinadas todas as diretrizes que serão traçadas, como: o diálogo e a interação com os campos de conhecimento, os componentes da disciplina, tempos e também, espaços que devem ser utilizados. Dessa forma, percebe-se que mais do que atividades executadas sob a perspectiva do trabalho, ciência, cultura e tecnologia, a proposta do programa quer que os macrocampos tenham um foco comum, por isso as variáveis postas no ProEMI (BRASIL, 2014, p.8).

Buscou-se neste capítulo descrever como o Programa Ensino Médio Inovador está posto pelo Governo Federal. Entre o que foi pesquisado estão: como o ProEMI foi constituído, as maneiras de adesão e implementação do mesmo nas escolas. Cabe destaque para o fato do ProEMI ter, dentro da possibilidade dos oito macrocampos, um que debruça-se sob a ótica da educação, denominado: Comunicação, Cultura Digital e Uso de Mídias. Com este macrocampo abrem-se possibilidades de desenvolver as atividades

educativas socioambientais com foco no audiovisual no Ensino Médio (BRASIL, 2014, p.8).

Desde 2013 estão aptas a aderir o ProEMI todas escolas que fazem parte dos sistemas de Educação Estadual e Distrital, sejam elas, Normal Médio, do Campo ou de Ensino Médio Integrado. É de responsabilidade das secretarias Estaduais ou Distritais, a cada ano, indicar através do Plano de Ações Articuladas (PAR) e do Sistema Integrado de Planejamento, Orçamento e Finanças do Ministério da Educação (SIMEC), a instituição escolar que estará participando. A abertura para inserção de novas escolas acontece anualmente. (BRASIL, 2014, p.15).

4.1.1 Comunicação, Cultura Digital e Uso de Mídias

O macrocampo denominado, Comunicação, Cultura Digital e Uso de Mídias é um dos oito possíveis de escolha, sendo ele opcional, ou seja, não faz parte dos que são obrigatórios. Todas atividades deste macrocampo deve estar ligadas ao processo comunicativo para que seja um espaço dialógico, aberto e de oportunidades de expansão da criatividade, com expansão de acesso às mídias e às novas tecnologias, assim como a expansão da cultura digital e dos seus usos (BRASIL, 2014, p.13).

A proposta deste macrocampo vai ao encontro da essência da educação que busca ampliar o direito de todo cidadão a participar de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos legitimando e garantindo o seu espaço de expressão. No caso do macrocampo, busca-se permitir o desenvolvimento de diversas maneiras de comunicação permitindo-se o: “[...] domínio dos instrumentos e formas de comunicação, bem como a reflexão sobre o uso crítico das diversas tecnologias nos diferentes espaços de interação social” (BRASIL, 2014, p.13).

Existe também a possibilidade de expansão deste macrocampo transversal e potencializando a interdisciplinaridade já que suas atividades podem ser desenvolvidas articuladas com outros macrocampos e com ações interdisciplinares na escola. Além disso, compreende: “as novas relações na comunicação, mais democráticas, igualitárias e menos

hierarquizadas” (BRASIL, 2014, p.13). A partir dessa percepção e concretização do macrocampo, abre-se espaços para atividades como: “*fanzine*, cordéis, informática e tecnologia da informação, rádio escolar, jornal escolar, histórias em quadrinhos, fotografia, vídeos, dentre outros” (BRASIL, 2014, p.13).

A partir da explicação da construção e funcionamento do Programa do Ensino Médio Inovador do Governo Federal e seus macrocampos, busca-se no próximo capítulo contextualizar as escolas escolhidas para participarem desta pesquisa.

4.2 Colégio Estadual Presidente Castelo Branco⁷

O início do colégio se deu através a união de um grupo de professores, liderados pelo professor e advogado Ney dos Santos Arruda no ano de 1965, diante da necessidade de ser criado um Ginásio Estadual. No princípio o colégio funcionava no espaço do Grupo Escolar Fernades Vieira com apenas duas salas e abrigava 69 alunos, sendo 33 homens e 36 mulheres, com o apoio de 8 professores.

No ano de 1968 a instituição torna-se Ginásio Orientado para o Trabalho e passa a contar com 600 estudantes. Um ano depois, o Ginásio passa a aplicar as aulas no prédio do Colégio São José, mantido pelos Irmãos Maristas e alugado para o educandário Estadual. Como os alunos da instituição particular Marista foram mantidos, o número de alunos chega a 2.500.

Em 1969 a instituição é batizada de Colégio Estadual Presidente Castelo Branco. O prédio foi adquirido pelo Governo do Estado no ano de 1988. Já em 1993, o Castelinho, como é conhecido popularmente pela comunidade, passa a abrigar a primeira sala de Recursos para Atendimento aos Deficientes Visuais. Atualmente, com mais de 7.000m² de área construída, o colégio conta com cerca de 106 professores, 20 funcionários e 1.264 alunos distribuídos em Ensino Fundamental e Ensino Médio.

A explicação e detalhamento sobre o projeto foi repassado na reunião de professores do Ensino Médio da Escola. No encontro, sete educadores levantaram a mão quando foi

⁷ Este subcapítulo foi construído a partir de dados coletados junto aos gestores da escola no segundo semestre de 2015.

questionado pelo pesquisador: quem teria interesse em participar das oficinas? O pesquisador esclareceu que apesar de positivo o fato de ter diversos docentes interessados e que mesmo não tendo um número limitador de vagas, existia uma preocupação quanto ao número de participantes, já que se levava em conta a proposta de Gerbase de se trabalhar com grupos pequenos na produção audiovisual. Coube à direção da escola selecionar três educadores para participarem.

Também foi solicitado auxílio para os professores na indicação de alunos que tivessem interesse e disponibilidade para participar do processo educacional.

4.3 Escola Estadual de Ensino Médio Santo Antônio⁸

A Escola Estadual de Ensino Médio Santo Antônio situa-se no Bairro Santo Antônio, um dos bairros mais populosos de Lajeado. A instituição entrou em funcionamento em março de 1995.

O prédio com cerca de 4.500m² possui diversas salas de aula, laboratório, biblioteca, espaço médico e para dentista, banheiros, pátio e área externa. Segundo os professores da escola, uma das dificuldades do trabalho nessa localidade é o fato da comunidade não ser “totalmente fixa”, com muitos residentes itinerantes, o que dificulta o vínculo afetivo. No entanto, para o grupo docente da escola:

[...] há outra grande parte da população fixa, que sofre problemas como desnutrição, violência, doenças, falta de moradia, de condições de higiene, lixo ao céu aberto, devido, em grande parte, ao desemprego. Este é um agravante em nossa escola, o que tem feito da comunidade do Bairro Santo Antônio, uma população de baixa renda e, em alguns casos, de miséria absoluta, sofrendo, inclusive, discriminação no contexto municipal.

Ainda segundo o relato do grupo de professores:

[...] percebe-se que este perfil afeta os alunos: há grande índice de analfabetismo e semi-analfabetismo, casos de violência, morte, promiscuidade e, infelizmente, a aprendizagem acontece por estes exemplos, também. E, aliado a isto, temos a desmotivação, o desinteresse, a baixa auto-estima, ocasionando desistência no

⁸ Este subcapítulo foi construído a partir do relato de um grupo de professores com o suporte de uma professora antiga da escola no segundo semestre de 2015.

estudo, infrequência, evasão e, conseqüentemente, reprovação em grande número [...] percebemos, infelizmente, que a Escola não é o lugar mais importante para nossos alunos, é apenas uma obrigação, faltando-lhes uma meta maior, uma visão de um mundo diferente para cada um deles, eis nossa grande tarefa.

Hoje a escola conta com cerca de quinhentos alunos nos turnos manhã, tarde e noite, que cursam da Educação Infantil ao Ensino Médio. São 45 educadores, 10 funcionários e 381 estudantes, sendo em tempo integral (1º ao 5º anos) 151 alunos e nos anos finais, do Ensino Fundamental (6º ao 9º anos) 124 alunos e outros 106 cursam o Ensino Médio Politécnico.

O pesquisador participou da reunião de professores do Ensino Médio para esclarecimentos a todo grupo sobre a intervenção educacional a fim de obter a indicação de docentes e alunos interessados em participar das oficinas.

A partir dos esclarecimentos, que teve duração de cerca de 30 minutos sobre a proposta, dois educadores se prontificaram a participar. Nesse momento também foi solicitado auxílio para os professores na indicação de alunos que tivessem interesse e disponibilidade para a atividade proposta.

Percebeu-se uma parte menor do grupo desinteressada das informações explanadas pelo pesquisador. Contudo, o restante dos professores levantaram questionamentos e pontuações de dúvidas sobre a proposta, o que indicava a aceitação da maioria deles.

4.4 Das oficinas

As oficinas iniciaram em abril e terminaram em julho. Os 18 encontros sintetizam um processo de construção educacional socioambiental com uso de meios audiovisuais que capacitou tanto os grupos de alunos do Ensino Médio e de seus professores, quanto dos pesquisadores envolvidos.

Neste subcapítulo relatam-se os encontros em que se deu a capacitação de professores e alunos para o uso do audiovisual na prática educacional; o exercício do uso da linguagem videográfica com professores e alunos em um ambiente educativo, levando-se em conta os princípios da comunicação socioambiental. Deste modo, cumprimos por meio

dos relatos os objetivos B e C, assim como teremos subsídios para cumprir o objetivo D na discussão dos resultados.

Da primeira oficina

A oficina foi realizada no dia 09 de abril. Neste e em todos os encontros o mediador deixou um som ambiente com músicas atuais e que fazem parte do cotidiano dos jovens, como estratégia de abordagem para deixar um ambiente confortável. O primeiro encontro teve o objetivo de apresentar a proposta de trabalho: o funcionamento do projeto, os objetivos, a metodologia e o organograma dos encontros.

Figura 1: Entrada da sala onde foram realizadas as oficinas



Fonte: Registrada e cedida por um participante da oficina (2015).

Figura 2: Foram expostas câmeras para mostra aos alunos



Fonte: Registrada e cedida por um participante da oficina (2015).

Observou-se que, apesar do convite ter sido feito diretamente nas escolas e também terem sido lembrados das datas e horários dos dez encontros, entre os sete alunos e dois professores da Escola Estadual de Ensino Médio Santo Antônio, somente quatro alunos e uma professora compareceram. E dos seis alunos e três educadores do Colégio Presidente Castelo Branco inscritos, apenas um aluno e duas professoras foram ao primeiro encontro.

Para “quebrar o gelo” inicial, o pesquisador solicitou que os integrantes das oficinas lessem um texto com tom humorístico (APÊNDICE C) sobre a temática audiovisual existente e adaptado pelo mediador para o projeto. Os professores participantes da oficina prontificaram-se a fazer mostras de vídeos para os alunos das suas respectivas escolas com a intenção de instigá-los para discussões nas oficinas seguintes.

No mesmo encontro foi realizado o *tour* pela TV Univates, mostrando aos alunos o estúdio da TV Univates, a redação, as ilhas de edição e a sala de operações da TV.

Figura 3: Alunos e professores conheceram a estrutura da TV Univates



Fonte: Registrada e cedida por um participante da oficina (2015).

Outra percepção inicial do projeto foi quanto aos olhares atentos dos professores e estudantes para as explicações da mediadora Jane Mazzarino quando abordou a temática ambiental, tema que os participantes iriam trabalhar. A professora Jane frisou que a abordagem em uma proposta socioambiental deveria incluir o ser humano e que era preciso refletir sobre as relações que cada temática permite pensar.

Figura 4: Houveram explicações de possibilidades de abordagens socioambientais



Fonte: Registrada e cedida por um participante da oficina (2015).

Uma das professoras do Colégio Presidente Castelo Branco com formação em História, ES⁹, quando questionada sobre o porquê da participação nas oficinas disse: “Eu gosto de novos desafios e ainda posso usar o que aprender em trabalhos na sala de aula”.

Perto do fim da oficina, a professora Jane deixou uma tarefa para casa com os participantes da oficina, que olhassem alguns documentários sobre temas ambientais.

Da segunda oficina

A segunda oficina foi no dia 16 de abril, quando foram apresentados para os participantes os princípios da educomunicação socioambiental conforme o documento base, “Educomunicação Socioambiental: comunicação popular e educação”.

O mediador fez um breve histórico da educomunicação, mostrando ser uma área ainda em formação e de intervenção social. Ressaltou-se que o educador é: “Responsável por projetos com foco de produzir conhecimento e fomentar propostas de mudança sociais de maneira colaborativa”.

Foram apresentados os formatos audiovisuais pré-estabelecidos pelo pesquisador e sua orientadora, que desejavam uma linguagem informativa e interpretativa na confecção dos vídeos. Os formatos apresentados foram: documentários, vídeos educativos, entrevistas, filmes de diferentes metragens, telejornalismo e o vídeo minuto. Depois de cada detalhamento dos formatos, que teve como base o autor Aronchi de Souza (2005), foram apresentados vídeos¹⁰ para exemplificar as diferentes características de cada formato.

⁹ A partir dessa professora, cita-se todos os participantes das oficinas através das iniciais de seus nomes, como forma de mantê-los em sigilo, conforme previa o documento de autorização para participação na pesquisa assinado por eles ou seus responsáveis.

¹⁰ Documentário: “Ilha das Flores”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Yy5l4Y5bVDY>. Acesso em: 24 mar. 2015.

Educativo: Telecurso Profissionalizante: Aula 1 - Qualidade Ambiental: Estudo do Homem e do Meio Ambiente. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5ueMzZZ9zeQ>. Acesso em: 24 mar. 2015.

Entrevista: professor da USP fala sobre a farsa do aquecimento global no Jô. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3_GPLIJv6x0. Acesso em: 24 mar. 2015.

Os alunos e professores do Castelinho levantaram a possibilidade da utilização da linguagem de sinais no vídeo que fosse produzido, pois assim mais pessoas teriam acesso e todos da escola estariam incluídos, inclusive, aqueles que tivessem alguma limitação auditiva. Essa preocupação se deve pelo fato do Colégio Presidente Castelo Branco ter, desde o ano de 1993, uma sala de Recursos para Atendimento aos Deficientes Visuais. Essa preocupação dos participantes vai ao encontro do princípio da educomunicação socioambiental do compromisso com a democratização da comunicação e com a acessibilidade à informação socioambiental.

Ao final da oficina o mediador passou para decisão dos participantes definir até o próximo encontro, qual o formato que cada grupo criaria, podendo inclusive misturar os elementos que caracterizam os formatos e dentro de um tempo de duração possível para o tempo de intervenção. Os grupos também teriam que indicar o tema a ser abordado. Criou-se uma expectativa do pesquisador em relação ao que surgiria dos grupos na semana seguinte.

Da terceira oficina

O terceiro encontro, dia 23, iniciou com a mostra de um vídeo no formato de reportagem telejornalística que retrata a vida de catadores e a quantidade de resíduos que são despejados todos os dias no Brasil até chegar a uma contextualização da cidade de Novo Hamburgo no Rio Grande do Sul, onde foi produzido o material audiovisual. Estavam presentes no encontro 12 pessoas, sendo 3 professoras da escola Castelo Branco com 3 alunos e mais 5 alunos e 1 professora do CIEP.

A partir da exibição do vídeo, o mediador fez questionamentos ao grupo sobre a percepção deles quanto ao que foi exibido. No debate, concordaram com relação à forma de abordagem, considerando boa devido ao fato de ter várias informações e com cenas dinâmicas, principalmente, pela edição.

Telejornalismo: Rede Prosa – Relação da comunidade x água. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LJy37yDbyyg&list=PLagf4M-75VLCBIAbilSrkiSVhk4jVggXk>. Acesso em: 24 mar. 2015.

Vídeo minuto: Festival Minuto do Meio Ambiente - vídeo vencedor. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EyoLUhgppsk>. Acesso em: 24 mar. 2015.

Na sequência, o mediador perguntou aos integrantes como gostariam de fazer a divisão dos grupos. A professora MC, do Castelinho, disse: “É mais fácil dividirmos por escola, pois não temos muito tempo e assim, os grupos podem se encontrar na própria escola para gravar e conversar quando precisarem”. No entanto, a aluna DS, do CIEP, considerou que: “O melhor seria não dividir por escola e, sim, misturar os alunos e professores, porque dessa forma as ideias seriam diversas”. Outra aluna, FR, do Castelo Branco, manifestou que seria interessante os grupos serem separados por escola: “Me comunico melhor com os alunos da minha escola”. Dessa conversa entre os participantes, pode-se identificar o princípio do diálogo permanente e continuado, já que a partir desse debate na busca pelo bem comum, valorizam as formas de fazer levando-se em conta as experiências acumuladas dos estudantes e também dos professores. Assim, como outro princípio educomunicativo socioambiental, o do encontro e diálogo de saberes que traz a promoção e a valorização do contato de diferentes atores e que promovem o dialogismo.

Ainda na percepção do mediador houve a intenção das professoras do Castelinho em fazer com que seus alunos interagissem com a discussão, pois elas questionaram duas vezes olhando para os estudantes, “O que vocês acham?” e ainda, “Fala Jonathan, que tu acha?”, direcionando a pergunta para o aluno que menos participava do debate. O que remete ao oitavo princípio da educomunicação socioambiental que descreve a não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana, que carrega linguagens inclusivas e não discriminatórias, favorecendo a participação de todos, como tentou a professora ao instigar o estudante que não se inseria no processo naquele momento.

Por fim, ficaram definidos pela maioria dos integrantes que seriam separados dois grupos, por escola.

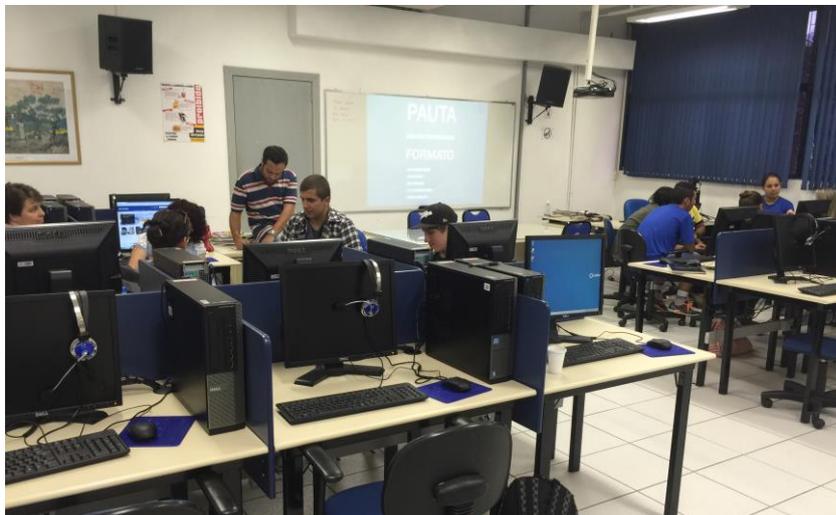
Figura 5: Grupos foram divididos por escolas



Fonte: Registrada e cedida por um funcionário da TV Univates (2015).

Tendo-se divididos os grupos, era hora de discutir qual a pauta e o formato que iriam produzir.

Figura 6: Professores e alunos discutiram possibilidades de pauta e formato



Fonte: Registrada e cedida por um funcionário da TV Univates (2015).

O grupo do CIEP, após discussão de cerca de 1 hora, decidiu falar sobre a história do bairro e o resumo da proposta foi encaminhado via *e-mail* para o mediador. Enquanto o Castelinho não chegou a um denominador comum sobre o que abordar, pois primeiramente iriam tratar dos problemas causados pela falta de consciência da população em relação ao lixo e, depois, debateu-se a possibilidade de abordar a falta de identificação da comunidade escolar com a instituição. Porém, não chegaram a uma definição, mas apresentaram a tendência em trabalhar a segunda opção. O que vai ao encontro de um dos princípios educomunicativos, o do compromisso com a transversalidade, pois os alunos decidiram por trabalhar com um tema que não se restringia a área ecológica somente, mas sim com suas interfaces pedagógicas, históricas, geográficas, culturais, entre outras.

Figura 7: Grupo CIEP foi o primeiro a definir formato e o foco do material que seria produzido



Fonte: Registrada e cedida por um funcionário da TV Univates (2015).

Os dois grupos ainda tiveram que enviar ao mediador as seguintes informações: Quais eram os integrantes do grupo? Qual era a pauta escolhida para ser abordada? Qual o formato do audiovisual e um breve relato sobre como será abordado no vídeo. Com isso, o mediador teve a intenção de manter um vínculo com os participantes e pode perceber o nível de comprometimento do grupo com as oficinas.

Foi solicitado, também, que os participantes trouxessem para a próxima oficina as câmeras filmadoras e fotográficas que as escolas e os integrantes possuísem para assim, analisar qual equipamento iriam utilizar e ter explicações de manuseios relacionando aos equipamentos que tinham acesso o que possibilitaria a produção de novos audiovisuais posteriormente.

Foram registrados alguns momentos com fotos e gravações, além disso, todos os participantes das oficinas receberam por *e-mail* os materiais expostos até essa oficina, já que se tratava de conteúdos teóricos.

Da quarta oficina

O encontro foi no dia 30 de abril e programado para ser o “dia de conhecer”, pois a partir dessa oficina os integrantes tiveram o contato físico com os equipamentos e a possibilidade de manuseio deles. Por isso, o mediador iniciou o encontro conversando e explicando sobre as possibilidades de equipamentos que existiam. Foram expostas câmeras com estruturas semiprofissionais, que fazem parte dos equipamentos do curso de Comunicação Social da Univates e, também, a partir dos equipamentos trazidos pelos próprios participantes que se caracterizavam por câmeras amadoras.

O mediador questionou o grande grupo sobre quais câmeras eles gostariam de trabalhar, e foi definido, por unanimidade, que seriam equipamentos amadores e, possivelmente, de posse dos próprios participantes. Neste momento, evidencia-se o compromisso com o diálogo permanente e continuado, já que o espaço de discussão tornou-se dialógico, tendo argumentação e contra argumentação. Outro fator observado foi a interatividade e produção participativa de conteúdos, porque se levou em consideração que os materiais produzidos e a forma como seriam desenvolvidos pelos alunos e professores seria aberta e participativa, sem ter o domínio das tecnologias e conhecimentos prévios especializados por parte dos integrantes dessa oficina. O mediador também percebeu que houve diálogo de saberes, porque a escolha dos equipamentos foi decidida em grupo.

Como a ideia é o desenvolvimento técnico, o mediador trouxe diversas dicas dos seus anos na área televisiva de manuseio dos equipamentos¹¹.

¹¹ Sempre gravar com auxílio de tripé. Não houver tripé utilizar uma parede para se apoiar ou largar a câmera em uma superfície sólida. Evitar gravação de cenas noturnas, já que com equipamentos amadores, a quantidade de luz absorvida pelas câmeras, devido a suas lentes, seria baixa, ocasionando uma perda considerável de qualidade estética no vídeo. Levar as fontes para ambientes fechados e com pouca interferência externa para garantir a qualidade do som.

Os integrantes das oficinas foram convidados a saírem pelo campus da Univates e a gravarem com suas câmeras. O objetivo dessas gravações era captar o que fosse de interesse deles de modo experimental.

Figura 8: Alunos manusearam os equipamentos



Fonte: Registradas e cedidas por um funcionário da TV Univates (2015).

Figura 9: Professores também utilizaram as câmeras



Fonte: Registradas e cedidas por um funcionário da TV Univates (2015).

O mediador percebeu que nenhum dos dois grupos foi muito produtivo, realizando poucas gravações de imagens. O grupo do CIEP tentou realizar algumas entrevistas forjadas e cenas dos ambientes da instituição para se adaptar ao equipamento. Já o grupo do Castelinho voltou com duas cenas somente, afirmando que não queriam fazer o exercício, segundo uma das professoras, porque consideravam: “Sem sentido sair gravando assim”. Parte-se para um apontamento quanto ao princípio da interatividade e produção participativa de conteúdos, que apesar de estar sendo levada em consideração quando os alunos e professores tem a possibilidade de manuseio dos equipamentos para um treinamento inicial, os atores não conseguiram interagir de maneira colaborativa. Além disso, mesmo com o sentimento de frustração do mediador por presenciar uma oficina que aparentemente não teve o resultado desejado, foi levado em consideração o princípio do direito à comunicação que garante liberdade de expressão. Independente se o efeito final não foi o esperado pelo mediador.

Após a experimentação, os grupos foram convidados para discutirem o que gravaram e apontar possibilidades sobre como fariam seus vídeos. Na observação, o mediador presenciou um dos alunos do grupo do Castelinho falar para uma das professoras, “Nem sabia que a escola tinha câmera”. Apesar de existirem equipamentos de produção audiovisual à disposição da comunidade escolar, em inúmeros casos, como no relatado, não são utilizados por falta de conhecimento da existência deles ou por falta de capacitação para o uso. Pode-se explorar a relação do fato com o princípio educ comunicativo socioambiental relacionando à democratização da comunicação, com a acessibilidade à informação socioambiental para todos. Pode-se relacionar o fato também ao princípio da interatividade e produção participativa de conteúdos, que traz a possibilidade de todo cidadão que luta pela sustentabilidade ter acesso ao desenvolvimento de processos educ comunicativos socioambientais. Neste caso a escola tendo o equipamento e não promovendo o acesso e a produção de conteúdos decorrente da interatividade entre professores e alunos.

Depois de alguns minutos dos grupos reunidos, o mediador percebeu que uma das professoras do Castelinho estava com semblante de indignação, então, questionou a educadora: “Professora, como está o grupo?”. De pronto veio à resposta, “Não sei. Perdi o tesão”. O mediador insistiu: “Mas o que aconteceu? Foi algo com alguém?”. E a professora, voltou a dizer com a cabeça baixa: “Não sei. Não sei”.

No entanto, a outra professora da escola, mostrou-se interessada e propôs construir um documentário sobre a revitalização da área verde da escola. Porém, houve objeções por parte dos alunos, que entendiam que não haveria muito o que mostrar sobre o tema. O conceito estava mantido.

Essa foi uma das etapas até então mais complicadas da pesquisa, pois naquele momento não se sabia o que havia causado esse sentimento na professora e, além disso, o mediador temia que essa questão se disseminasse para o restante do grupo e inviabilizasse a participação da escola e os objetivos da pesquisa. No entanto, é preciso considerar que o conflito também faz parte de um processo educacional, pois sem debates e divergências não há mudança.

Em seguida, foi explicado que a temática da próxima oficina seria a roteirização do vídeo.

Da quinta oficina

Na quinta oficina que aconteceu no dia 7 de maio, inicialmente foi apresentado um modelo de roteiro criado pelo mediador para que os participantes pudessem se guiar na construção do audiovisual.

Quadro 3: Modelo de roteiro criado e apresentado pelo mediador

| TÍTULO | DATA GRAVAÇÃO | GRUPO: XXXXX (FUNÇÕES) |
|---------------|----------------------|-------------------------------|
| CENAS | DESCRIÇÕES | PLANOS |
| CENA 1 | ... | CLOSE "BEM FECHADO" |
| CENA 2 | ... | <i>PLONGÉE</i> |
| CENA 3 | ... | <i>CONTRA-PLONGÉE</i> |

Fonte: Do autor (2015).

No entanto, após a explicação, a professora orientadora Jane Mazzarino sugeriu outro modelo, que foi aprovado pela totalidade do grupo para ser o padrão na construção do vídeo:

Quadro 4: Modelo de roteiro aprovado pelos participantes

| O que quer abordar? | Com quem? | Descreva a cena | Com que plano? | Cena (numerar) |
|---------------------|-----------|-----------------|----------------|----------------|
| ... | ... | ... | ... | ... |

Fonte: Dos autores (2015).

De imediato, apesar de já estar planejada a sexta oficina para o início das captações, por orientação da professora Jane e acordado pelo grupo, o próximo encontro ainda serviria para alinhar os roteiros, ajustando as propostas. Após essa definição, os grupos se dividiram para poder montar seus roteiros. Nesse momento observa-se uma interação intensa das duas escolas com seus componentes. Pode-se traçar um paralelo com o compromisso do diálogo permanente e continuado, previsto nos princípios educacionais e que explicita uma não-competitividade entre os discursos, estando aberto à diversidade de propostas.

Outro ponto a ser ressaltado é que o grupo do Castelinho só teve a participação de uma professora e de dois alunos, o que prejudicou o andamento da discussão sobre o tema e a forma de construir o audiovisual, pois haveria uma construção mais ampla com a participação de todo grupo, e podendo-se tornar o material mais rico pela pluralidade de ideias.

Nessa oficina, o mediador presenciou um debate entre os integrantes do grupo do CIEP e a professora Jane que questionava: “Já que vocês vão falar sobre a realidade do bairro e saber o que as pessoas pensam do Santo Antônio, o que vocês acham? Tem preconceito com quem é de lá?”, prontamente uma das alunas respondeu: “Sim. Eu digo que estudo no CIEP e as pessoas dizem, é?” querendo dizer que a olhavam de outro jeito por estudar no Santo Antônio. Outro aluno integrante do grupo completou: “Por ser uma vila, olham estranho”. Então, a professora Jane voltou a perguntar: “O preconceito é forte no bairro?” e com um grau a mais de entusiasmo outra aluna falou: “Seria legal mostrar também os ex-alunos. E mostrar que não tem mais maconheiro, que não é todo mundo maconheiro”. O diálogo retratou para o mediador a vontade latente dos alunos do CIEP em mostrar para sociedade, através do vídeo, que o lugar de pertencimento deles é um bom lugar para se viver.

A professora Jane questionou o papel da mídia na construção do preconceito e citou um programa radiofônico de forte viés policial, perguntando aos alunos o que achavam das entrevistas apresentadas por um jornalista, atuante há vários anos em uma rádio local, devido ao seu programa. Ele é um dos locutores que mais relata acontecimentos policiais e que, muitas vezes envolveu o bairro Santo Antônio. O que na visão do mediador, apesar de ser uma excelente fonte e se encaixar perfeitamente no contexto da construção do audiovisual, acabou se tornando uma dica direta, tirando as espontaneidades do processo. O mediador considera que o ideal seria dar algumas pistas e instigar os alunos a pensar em quem entrevistar e, se, eles definissem por falar com alguém da imprensa por algum motivo e não soubessem quem, nesse caso, sim, dar um leque de opções para que o grupo indicasse o entrevistado. Para dar-lhes autonomia e fazer com que emergisse a criticidade através do dialogismo, como preconizam autores e documentos educacionais.

Foi solicitado pelo mediador que o grupo do CIEP olhasse o documentário “Nas lajes” que foi exibido nacionalmente pelo Canal Futura e retratava a realidade de uma comunidade do Rio de Janeiro, pois ali eles poderiam ter algumas ideias de enquadramentos e até formas de contar uma história, semelhante com a escolha que fizeram. O objetivo foi despertar a curiosidade. O que está previsto nos princípios educacionais da transversalidade e do encontro e diálogo de saberes. Assim, poderiam se apropriar de diferentes formas de discursos através do vídeo como, também, a partir da análise da produção audiovisual indicada, debater de forma dialógica o vídeo que seria confeccionado. Assim, produziram o material em um espaço de respeito mútuo entre os participantes e conseqüentemente, os entrevistados.

Figura 10: Grupo CIEP pedindo dicas para captar imagens



Fonte: Registradas e cedidas por um funcionário da TV Univates (2015).

O grupo do Castelinho decidiu criar um documentário sobre a revitalização da área verde da escola, que antigamente servia como espaço de lazer e para práticas esportivas para os alunos e, atualmente, está abandonada. Portanto, a ideia da professora prevaleceu. No entanto, isso só foi acordado após um debate intenso entre os alunos e a professora, o que vai ao encontro do princípio da educomunicação socioambiental do diálogo permanente e continuado que prevê uma discussão em um espaço de dialogismo, que leva em consideração a valorização das experiências acumuladas. O mediador também observou o respeito existente em todos os momentos de debates e conflitos de ideias entre os alunos e a professora, que está presente no princípio da não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana, porque leva em conta a igualdade de oportunidades de participação, manifestação e resposta de todos.

Figura 11: Grupo Castelinho criando roteiro



Fonte: Registradas e cedidas por um funcionário da TV Univates (2015).

Ao final, foi acordado que na sexta oficina o grupo do Castelinho seria auxiliado pela professora Jane na construção do roteiro. Os integrantes do CIEP iriam gravar a entrevista com o jornalista da rádio local, acompanhados pelo mediador, a qual seria marcada pela professora Jane.

Ambos os grupos decidiram utilizar uma câmera amadora de propriedade do Projeto de Extensão Comunicação para Educação Ambiental, que a professora Jane coordena, já que este equipamento¹² tinha entrada para microfone externo, e permitiu o uso de microfone profissional do curso de Comunicação Social da Univates, o que agregaria qualidade ao vídeo. Considerou-se esta possibilidade excelente, pois assim, mantem-se também um mesmo padrão estético de imagem para os dois grupos e, ao mesmo tempo, não se perde a utilização de equipamentos com características amadoras.

¹² Especificidades dos equipamentos de captação: Câmera Sony Handycam HDR-CX160 FULL HD; Tripé Lightweight; Microfone sem fio Sony URX-P2 e Iluminador CN-160 leds.

Dois dias após a oficina, o mediador recebeu um *e-mail* de forma espontânea de uma professora participante do Castelinho. No corpo do *e-mail* havia a explicação sobre a definição da pauta e o início da construção do roteiro, comunicando que o próximo encontro seria presencial para o término do roteiro e não mais as gravações. Por fim, avisaram que o grupo deveria fazer algumas captações nos próximos dias. O que revelou o protagonismo neste momento do processo por parte da professora e despertou também o compromisso com o diálogo permanente e continuado, previsto nos princípios educomunicativos, que promove a inclusão dos atores envolvidos. Houve também a relação com o princípio da não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana quando o *e-mail* indica a oportunidade que a professora cria para o grupo de debater e discutirem a forma de conduzir a construção do audiovisual.

Da sexta oficina

O sexto encontro, dia 14 de maio, começou meia hora antes do habitual. Isso, porque a professora Jane agendou a entrevista com o jornalista da rádio local para às 14 horas. Assim, o grupo do CIEP foi até a Univates e com o mediador se dirigiu para o veículo de comunicação, onde o entrevistado aguardava. O outro grupo, do Castelinho, chegou no horário normal da oficina às 14h30 para construção do roteiro.

Saindo da Univates, no caminho até o destino, antes de encontrar a fonte, o mediador passou dicas de como abordar o entrevistado e também lembrou o grupo sobre como proceder na hora da gravação, desde planos possíveis para gravação até formas de questionar e as funções para cada aluno. Na rádio, o jornalista recebeu o grupo formado por quatro alunos e uma professora.

O grupo foi questionado pelo jornalista sobre onde gostariam de gravar. Como não houve resposta imediata dos alunos, o mediador explicou brevemente qual era a finalidade da gravação e solicitou que gravassem em um ambiente que remetesse ao trabalho da fonte, ou seja, algum lugar que retratasse a rádio. Então, o jornalista levou todos para uma sala de reuniões onde existiam quadros com a história do veículo de comunicação. Antes de chegarem ao destino da gravação, o radialista perguntou para o grupo: “Vocês já foram em

uma rádio? Já vieram aqui?”. Assim, o entrevistado mostrou alguns departamentos e levou o grupo para o ambiente da gravação.

Quando chegaram ao destino, logo uma das alunas pegou a câmera, a outra sentou-se em frente ao entrevistado, um aluno ficou observando, a professora pegou um caderno para anotações e a outra aluna ficou com a câmera fotográfica própria para fazer registros. O mediador observou o andamento do grupo e auxiliou na parte operacional, mas deixou que os alunos tornassem-se protagonistas do ato. O que está previsto no princípio educomunicativo socioambiental no compromisso a não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana. Os integrantes da oficina tiveram a oportunidade de apropriarem-se da forma de manusear os meios tecnológicos e de questionar o entrevistado.

Na sequência, mesmo com a voz impactante do radialista, uma das alunas, a que estava designada pelo grupo em fazer as perguntas, antes mesmo do início da gravação, começou a indagar o entrevistado sobre algumas questões do bairro e junto com o restante do grupo foi explicando também o foco da entrevista.

Nesse tempo o mediador colocou o microfone no entrevistado e deixou a base que controla o funcionamento do aparelho para um dos alunos fazer a monitoraria. A aluna que estava com a responsabilidade de gravar teve algumas dicas rápidas do mediador de enquadramento e de observação das funções na tela da câmera, lembrando o que havia sido visto nas oficinas anteriores.

Quando estava tudo pronto para gravação, como o mediador havia repassado, a aluna que estava na posição de cinegrafista deu o *rec* e avisou a jovem que era a repórter, “gravando!”. De imediato, por ter a indicação do mediador, a aluna entoou, “3, 2, 1...”, como forma de mostrar que estava iniciada a gravação e, também, facilitar no processo posterior de edição. Então ela fez a primeira pergunta. Observou-se na cinegrafista uma preocupação em não errar e controlar o enquadramento, mesmo com o fato de estar utilizando um tripé amador e que não permitia movimentos suaves, entretanto isto não se tornou impeditivo. Ela teve o auxílio do mediador para mudar o enquadramento em determinados momentos. Com relação a estudante que indagava o jornalista, além de ser firme na colocação dos questionamentos, improvisou com perguntas, inclusive, em alguns momentos, surpreendendo seus colegas quanto o mediador, já que a aluna pontuava improvisadamente frases como: “Você dá notícias

do bairro, mas teve alguma boa?”. Na opinião do mediador algo extremamente audacioso, despertando protagonismo e o senso crítico, já que os alunos queriam saber com o vídeo se existe preconceito com os moradores do local onde vivem.

Figura 12: Grupo CIEP foi o primeiro a realizar captações



Fonte: Registrada e cedida por um participante da oficina (2015).

Ao término, o jornalista perguntou para o grupo o que mais precisavam e como ninguém se pronunciou, o mediador lembrou a possibilidade de o grupo fazer algumas imagens do ambiente de trabalho do entrevistado na rádio para utilizarem caso houvesse necessidade no vídeo. Os alunos gravaram em diversos ambientes da emissora para captar cenas que iriam compor o audiovisual, sempre com o acompanhamento do mediador para dicas e possibilidades de cenas, no entanto, toda execução ficou a cargo deles.

Figura 13: Alunos conheceram e gravaram dentro da redação



Fonte: Registradas e cedidas por uma participante da oficina (2015).

Figura 14: Imagens feitas para possível utilização no vídeo



Fonte: Registradas e cedidas por uma participante da oficina (2015).

Figura 15: Alunos e professora também gravaram no estúdio da rádio



Fonte: Registradas e cedidas por uma participante da oficina (2015).

Figura 16: Alunos e professora também gravaram no estúdio da rádio



Fonte: Registradas e cedidas por uma participante da oficina (2015).

Quando chegaram de volta a Univates, o mediador perguntou: “E aí, gostaram da experiência?” e os alunos responderam de forma positiva. O mediador ainda disse: “Quase que nos atrasamos, temos que cuidar o horário! Nas próximas gravações no bairro nos encontramos na frente da escola porque não conheço muito lá”. E foi então que uma das

alunas disse: “Eu talvez chegue um pouquinho atrasada. Mas é que a ‘sora’ ‘tá’ me ajudando com as passagens”. A informação levou à reflexão que mesmo com todas as dificuldades financeiras e talvez outros empecilhos que pudessem existir para que essa jovem participasse do processo, foi garantido a acessibilidade decorrente da vontade de capacitar, de aprender, conhecer algo novo. Isto pode garantir a resistência, a persistência e consigo a esperança de formação de jovens reflexivos, dispostos a tornarem-se cidadãos críticos. A menina que recebeu auxílio é a entrevistadora audaciosa do radialista mais escutado na região. Este fato revelou a importância de espaços educacionais como os que estavam sendo aplicados através dessas oficinas, para garantir o que está previsto nos princípios educacionais socioambientais, como o direito à comunicação e seu efeito emancipatório, assim como o compromisso com a não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana, que essencialmente diz que todo ser humano tem igualdade para participar e manifestar-se.

O grupo já havia indicado que queria ter alguém que falasse no vídeo sobre o lado bom de ter morado na localidade e que conseguiu uma vaga no mercado de trabalho, nesse momento foram questionados pela professora Jane se não gostariam de entrevistar o funcionário da TV Univates, formado em Jornalismo pela Univates e que foi morador por cerca de 25 anos do bairro Santo Antônio. Com a dica, eles marcaram e confeccionaram algumas perguntas.

Quanto ao local de gravação, o mediador pediu para que eles se lembrassem do que haviam visto na TV e relatou algumas dicas, como: se gravassem na sala de redação seria ilustrativo, no entanto poderiam ter interferências que prejudicariam o áudio ou se quisessem gravar no estúdio, como não tinham muitos cenários, poderia ficar descontextualizado e ainda, poderiam captar na sala de programação já que no local existem vários equipamentos que poderiam ser representativos. Depois dessas sugestões, o mediador questionou o grupo sobre o que eles achavam melhor levando em conta a composição¹³ de vídeo, algo que já havia sido abordado nas oficinas e que remete à importância de se gravar com o entrevistado tendo o cenário com ligação ao tema.

¹³ É a relação dos objetos entre si no quadro ou sua relação com a forma dos elementos da cena. Cores, iluminação, cenário, elementos cenográficos e a posição da câmera (KELLISON, 2007, p.194).

Figura 17: Entrevista feita com o jornalista que já foi morador do bairro



Fonte: Registradas e cedidas por um participante da oficina (2015).

Figura 18: Foram gravadas imagens do dia a dia do jornalista



Fonte: Registradas e cedidas por um participante da oficina (2015).

Além da entrevista, o grupo ainda fez algumas imagens do jornalista no seu ambiente de trabalho para serem utilizadas no audiovisual, caso necessário.

O grupo do Castelinho havia ficado na sala de aula e teve auxílio da professora Jane na organização do roteiro.

Ao final do encontro ficou acordado entre os dois grupos que na próxima oficina iriam trabalhar separados. Enquanto o grupo do CIEP, pelo fato de já ter gravado com dois entrevistados e estar mais adiantado no processo de captação, deveria agendar as gravações para o dia 28 de maio, quando teriam dedicação exclusiva do mediador diretamente no bairro (local das captações). Assim, o mediador conseguiria se dedicar para realizar as gravações com o grupo do Castelinho no dia 21, data da sétima oficina.

Nessa oficina este grupo voltou a questionar, através da professora MC, a possibilidade de inserir ao longo do vídeo uma interprete de LIBRAS para que, assim, os alunos da escola que possuem deficiência auditiva pudessem também assistir ao documentário.

Da sétima oficina | Exclusiva para captação Castelinho

No dia 21 de maio, sétima oficina, o mediador chegou à escola Castelinho para gravação e lá, encontrou o grupo formado pela professora MC e mais três alunos com o roteiro em mãos. Inicialmente, tiveram uma conversa inicial sobre o que iriam gravar primeiro. A educadora avisou que não poderia acompanhar as gravações porque estava em horário de aula.

Os alunos juntamente com o mediador então observaram o local onde deveriam fazer as primeiras captações. Na sequência o primeiro entrevistado chegou acompanhado da professora.

Antes de iniciar a preparação para gravação da entrevista, dois alunos junto com o mediador aproveitaram alguns lugares no caminho para captar imagens. Após, o grupo se dirigiu para a área verde onde existe um campo de futebol tomando pelo mato e posicionou o entrevistado, já que o assunto que ele abordaria seriam as lembranças do tempo que frequentava a escola e usufruía daquele espaço.

Durante a gravação o grupo se dividiu da seguinte maneira: um dos alunos foi o cinegrafista, o outro iluminador e assistente, já a aluna teve a função de repórter. O mediador auxiliou os alunos a colocarem o microfone no entrevistado e mostrou alguns funcionamentos básicos do equipamento. Então, explicou onde a luz deveria ficar e o porquê, como enquadrar

e como variar os enquadramentos e, ainda, deu dicas sobre como direcionar as perguntas. Nesse momento, a aluna que tinha a responsabilidade de questionar os entrevistados perguntou para o mediador: “Eu não tenho perguntas no roteiro. Só sobre o que ele pode falar”. O mediador sugeriu que ele perguntasse sobre os hábitos dele na época em que usufruía daquele espaço, pois naturalmente a conversa iria fluir.

A aluna fez seis perguntas de improviso. Ao contrário do grupo do CIEP, o grupo do Castelinho não formatou perguntas para os entrevistados.

O grupo decidiu gravar com o próximo entrevistado perto de um muro que fazia a separação da área verde do pátio central da escola, em razão do entrevistado ter sido diretor por muitos anos do Castelinho e um dos responsáveis pelas obras da escola. Segundo o entrevistado: “De certa forma, eu sou um pouco responsável por não usarem mais essa área. Com outras opções de pátios o pessoal ia para outros lugares e abandonava aqui. Quando chovia, procuravam lugares fechados”. Antes de iniciarem a gravação, o grupo decidiu com o mediador fazer algumas imagens do campo de futebol.

Figura 19: Imagem do campo de futebol abandonado



Fonte: Do autor (2015).

Durante a gravação o grupo manteve a mesma formação. Porém, utilizou um enquadramento mais aberto do que na primeira entrevista para valorizar o muro, como forma

de retratar visualmente o contexto da fala. Os alunos ficaram o tempo todo com o auxílio do mediador, que lembrava para observarem carga das pilhas e bateria em uso. Em alguns momentos a aluna entrevistadora olhava para o mediador e perguntava: “Que mais eu pergunto?”. Nesse momento o mediador sugeria questões de modo a tranquilizar e a ficar firme nas pontuações para o entrevistado.

Essa entrevista, na visão do mediador, foi uma das mais bonitas com relação à estética do audiovisual se levada em conta o plano usado e suas variações, o fundo ser um cenário representativo, a iluminação padronizada do início ao fim da captação e o conjunto de perguntas e repostas que surgiram.

Figura 20: Variação de planos (aberto)

Fon
te:
Do
auto
r
(20
15).



Figura 21: Variação de planos (fechado)



Fonte: Do autor (2015).

Ao final, o entrevistado agradeceu a participação e sugeriu ao grupo juntar pessoas que interessadas em melhorar a escola, e, na oportunidade, exibir o vídeo sensibilizando para a revitalização do espaço.

Na sequência o grupo se dirigiu para a próxima entrevista, uma professora da escola que viveu a plena utilização da área verde abandonada. A gravação foi realizada dentro de sala de aula, o local onde a professora passava grande parte do tempo. O cenário foi organizado e definido em comum acordo do grupo e o auxílio do mediador.

Figura 22: Preocupação com o cenário



Fonte: Do autor (2015).

A entrevista com a professora teve cinco perguntas, sendo que o mediador observou uma fuga de foco nas repostas da professora, que apresentou mais o ponto de vista de sua própria passagem pela escola do que a

relação com a área verde na sua vida de estudante e professora do Castelinho. Quando terminou a gravação, os alunos colheram imagens dos pátios da escola no horário do recreio. Eles ainda quiseram gravar por alguns minutos sem cortar uma imagem estática do pátio para conseguir captar o áudio dos alunos. Este momento revelou que eles estavam inseridos no processo educacional socioambiental, pois nos princípios norteadores do conceito existe o compromisso com a interatividade e produção participativa de conteúdos. Os integrantes da oficina estavam tornando-se protagonistas, pois na produção deles não existia domínio tecnológico profissional prévio e ao mesmo tempo, eles conseguiam ao longo da construção, compreender as etapas e colocá-las em prática por meio de sua própria iniciativa. Eles estavam no domínio do processo.

Figura 23: Imagens captadas para serem utilizadas no documentário





\

Fonte: Do autor (2015).

O mediador ficou observando a reação dos outros estudantes no recreio ao avistarem o grupo que estava gravando. Quando colegas dos alunos que estavam captando imagens perguntaram para eles: “Para que é isso, W?”, os participantes do projeto responderam: “É um documentário!”. O que na visão do mediador, significou que os integrantes da pesquisa já estavam familiarizados com os termos e a linguagem do audiovisual que produziam, o que vai ao encontro ao princípio da interatividade e produção participativa de conteúdos decorrente da apropriação tecnológica e do conhecimento através do diálogo e de uma construção colaborativa.

O próximo passo foi gravar com o zelador da escola, que cuidava da ordem e manutenção do pátio, tendo vivenciado o período em que a área verde era utilizada. A escolha dessa fonte também decorreu das discussões dos alunos com os professores e revelou um alinhamento a diversos princípios da educomunicação socioambiental: o diálogo permanente e continuado, a interatividade e produção participativa de conteúdos, a transversalidade, o encontro diálogo de saberes, além do compromisso com a proteção e valorização do conhecimento tradicional e popular, representado pelo entrevistado.

Figura 24: Entrevista com o zelador da escola



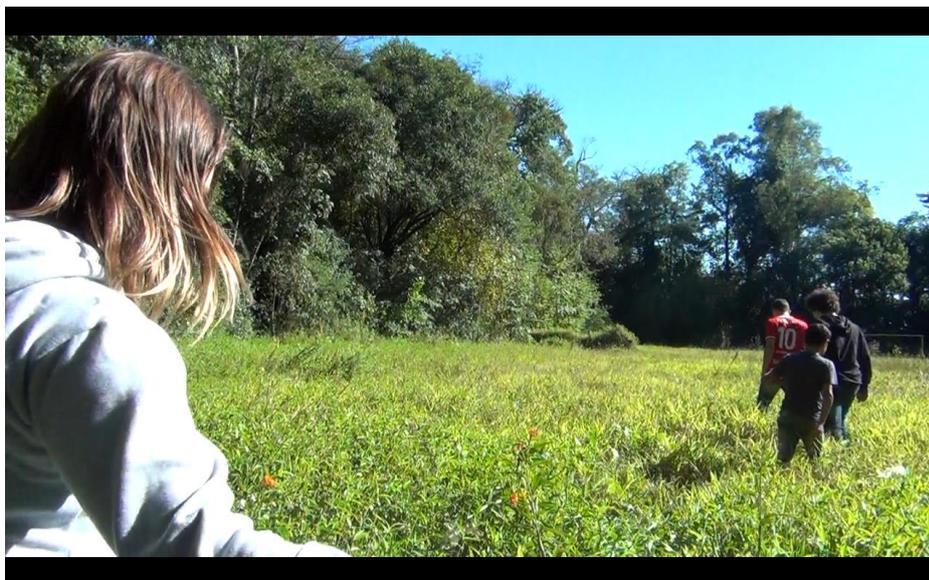
Fonte: Do autor (2015).

Seguindo o roteiro, a etapa seguinte foi uma ação programada para o vídeo. A professora MC levou alguns alunos de uma turma de Ensino Médio da escola para visitarem o espaço. A ideia foi ver qual a reação e qual as repostas deles sobre a situação da área. Então, para dar veracidade ao fato, o mediador instruiu os alunos convidados a aguardarem em um outro espaço e só dirigirem-se para a área verde quando fossem chamados. Naquele momento o grupo preparou, com o auxílio do mediador, o equipamento para captar a chegada dos convidados. A dica do mediador foi: “Nesse momento, gravem com o áudio ambiente, lembram? O áudio da câmera. Para serem mais reais as reações deles”.

Quando os alunos entraram no campo de futebol, tomado pela grama alta, ouviu-se reações como: “Não, não. Vou ter que trabalhar com essas calças hoje!”, e ainda, “Não vou.

Figura 25: Experiência que o grupo proporcionou levando outros alunos até a área verde abandonada

Meu tênis é novo!”. O que já demonstra a inviabilidade de uso e a prática de qualquer atividade no local.



Fonte: Do
(2015).

autor

Depois de passarem por essa gravação, dois alunos foram convidados para darem entrevistas operando sobre o espaço.

Figura 26: Alunos contam a experiência de visitarem o espaço



Fonte: Do autor (2015).

Assim encerram as gravações da manhã. À tarde fizeram parte das gravações a aluna FR, que já estava na parte da manhã, o aluno J e a professora MC. Os outros dois alunos não foram em razão de outros compromissos.

A primeira entrevistada da tarde era com uma ex-aluna do Castelo Branco. Pelo fato dela ter uma foto posada com a antiga turma em um dos pátios, surgiu do grupo a ideia de gravar no mesmo local onde a entrevistada havia estado décadas atrás e dessa forma, remeter as mesmas lembranças da época de estudante. As funções ficaram dispostas por livre escolha com a aluna fazendo novamente as perguntas para os entrevistados, como na parte da manhã e o aluno na câmera. A professora ficou mais afastada.

Figura 27: Grupo Castelinho entrevistou uma ex-aluna da escola



Fonte: Do autor (2015).

A gravação com a próxima entrevistada, que era professora da escola, foi na casa dela e a disposição das funções se deu dessa vez com o aluno gravando com o auxílio do mediador, a aluna na observação e a professora fazendo as perguntas para a entrevistada.



Figura 28: Composição do cenário condiz com os fatos repassados pela entrevistada



Fonte: Do autor (2015).

Neste momento ocorreu uma dificuldade operacional. Após a gravação ter sido concluída, com todos os cuidados com o áudio e, a princípio, o equipamento estar normal, não havia sido gravada a entrevista. Um erro até então nunca visto pelo mediador estava ocorrendo. A câmera, quando tinha o botão de *rec* disparado, acusava a gravação iniciada e operando normalmente, no entanto, depois de passados minutos iniciais, identificava-se uma tela com mensagem de erro.

O problema foi exposto a todos pelo mediador, que refez o vídeo. Foi necessário gravar três vezes e mesmo assim, o grupo saiu da casa da entrevistada com dúvida sobre a captação correta. Observa-se aqui, a importância de ter alguém com experiência na área audiovisual no processo prático de um projeto com equipamentos audiovisuais, pois em alguma outra situação parecida e que não existisse o suporte operacional e de condução, possivelmente a gravação ficaria comprometida.

Provavelmente o cartão de memória da câmera ocasionou o problema. No entanto, não se descarta a possibilidade de ter havido uma desconfiguração do equipamento, que poderia ter sido decorrente do manuseio. O mediador deu autonomia ao uso dos equipamentos pelo grupo, para assim, tornarem-se de fato, protagonistas das ações propostas, porém, um mero descuido e a não orientação pode afetar o andamento de todo o processo.

Como ainda havia mais uma gravação, na casa de um escritor, o grupo se dirigiu para a última captação do dia tendo em mãos outro cartão de memória emprestado pela professora MC e assim, conseguiu gravar e obter o material que desejava.

Figura 29: Faz parte do grupo de entrevistados um dos mais antigos escritores da cidade



Fonte: Do autor (2015).

A última gravação planejada, com a atual diretora da escola que relataria a existência de algum projeto para revitalização do espaço foi remarcada para sexta-feira, dia 29, às 11h na escola.

Da oitava oficina | Exclusiva para captação CIEP

Já havia ficado acordado entre o mediador e os grupos, nesta oficina do dia 28, que o CIEP seria atendido de forma integral. No entanto, nesse dia, a professora que estava no grupo do Castelo foi até a Univates para pegar um a cópia do material gravado e conseguir junto com os alunos, selecionar o que fosse mais interessante do material gravado, para ganhar tempo na edição.

O mediador encontrou o grupo do CIEP em frente à escola. Chovia muito. Possivelmente um dia péssimo para gravações na rua. No entanto, pelo prazo apertado para a finalização do material, manteve-se o programado.

Assim que os alunos entraram no carro, o mediador percebeu a falta dos professores. Somente os quatro alunos estavam a bordo para as gravações.

O grupo se deslocou para o posto de saúde do bairro. Lá, haviam marcado com a agente de saúde indicada pela professora Jane. Para dar-lhes funções de liderança no processo,

assim que entraram no posto o mediador disse: “Alguém tem que pedir para falar com ela”. Nesse momento, os alunos se olharam e quando um jovem falou para outra integrante, “A DI vai!”, a outra integrante já estava chegando ao guichê de atendimento e explicando que havia marcado com o agente de saúde. Isto, para o mediador significou uma atitude de protagonismo.

O grupo continuou esperando. E depois de cerca de 10 minutos no aguardo da entrevistada, o mediador decidiu ele mesmo chamar pela fonte. Quando solicitou a presença da agente de saúde para a atendente, percebeu que a mesma ainda não havia sido chamada.

Depois da intervenção do mediador em cerca de um minuto a agente foi chamada e estava pronta para entrevista. Inicialmente, o mediador relatou o que os alunos queriam com a entrevista, já que quando a entrevistada foi ao encontro dos jovens, ninguém se pronunciou. Dessa forma, a senhora sugeriu que a gravação acontecesse em uma sala no andar abaixo reservada para a captação.

Na sala, o mediador provocou os jovens: “Onde vocês querem fazer? Lembrem que o fundo da imagem tem que ter relação com a fala. Tão lembrados das outras entrevistas? Cuidem para não ficar só uma parede branca”. Os alunos se olharam e uma das jovens disse: “Só se fosse com ela para o outro lado”, se referindo a mudar a posição da entrevistada com a do grupo. Para o mediador, algo extremamente rico. Já que ali confirmava uma preocupação e o entendimento da composição da imagem. Por que além da fundamental importância do conteúdo falado que a entrevistada contribuiria, o grupo estava se preocupando com o que a imagem representaria naquele enquadramento que eles estavam buscando. Algo que foi visto por eles e repassado pelo mediador na quarta oficina e que na época, pareceu ser para o mediador um dos encontros de menos fixação de conteúdo por parte dos integrantes da pesquisa. O que mostra que apesar de existir a sensação inicial de não aprendizado, com alguns estímulos os alunos lembraram o que fora dito.

Na gravação o grupo manteve a mesma formação de funções das duas entrevistas realizadas anteriormente, tendo um aluno como iluminador e acompanhando o funcionamento do microfone, uma das jovens como repórter, a outra cinegrafista e a outra como fotógrafa. As perguntas dessa vez foram feitas de improviso pela adolescente. A entrevista fluiu normalmente, percebendo-se uma troca de olhares entre os jovens quando a entrevistada disse

que ela mesma já havia sofrido preconceito e que, quando começou no seu primeiro trabalho, tinha que esconder o fato de ser moradora do bairro Santo Antônio para continuar no emprego.

Figura 30: Entrevistada afirmou que já precisou mentir onde morava em decorrência do preconceito com o bairro



Fonte: Do autor (2015).

Após a gravação, o grupo se deslocou para a escola, onde haviam marcado de gravar com o ex-diretor. A captação aconteceu na biblioteca, mesmo com a sugestão do mediador em realizar no pátio da escola, já que a chuva havia dado uma trégua. Uma das alunas disse, se referindo ao pátio: “Aqui não dá para fazer. É muito feio”. Pode-se interpretar dessa citação que pela vontade de mostrar um lado positivo do bairro, o fato de gravar em um ambiente não muito conservado a qual se refletiria no vídeo na imagem do bairro, contraria aquela que eles queriam construir. Demonstrou uma preocupação estética e cultural da imagem por parte dos alunos.

Figura 31: Enquadramentos que deixavam as fontes à vontade



Fonte: Do autor (2015).

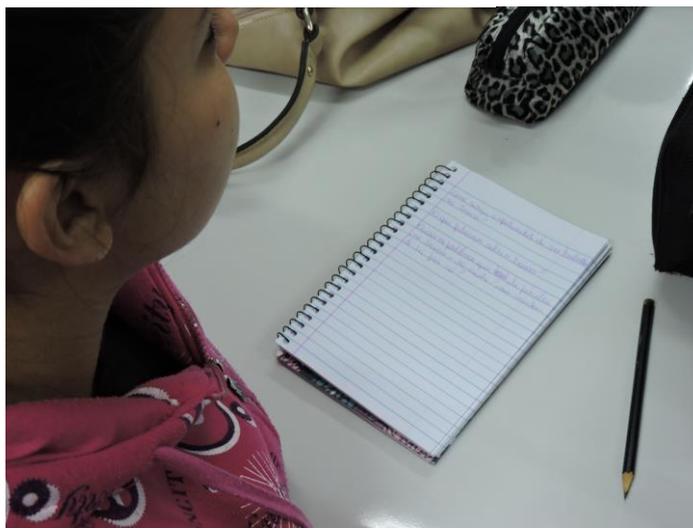
Enquanto o grupo aguardava o entrevistado, em uma ação colaborativa os alunos e a professora VA redigiram questões para o entrevistado.

Figura 32: Momento para discutir as próximas debater os enfoques



Fonte: Do autor (2015).

Figura 33: Grupo formulando perguntas



Fonte: Do autor (2015).

Figura 34: Clima de descontração deixa fonte segura



Fonte: Do autor (2015).

Depois dessa entrevista o grupo se direcionou para a casa de uma fonte conhecedora da história do bairro e com forte liderança social.

Na casa da entrevistada os alunos se apresentaram e, com o auxílio do mediador, explicaram a proposta do documentário. Nessa hora a senhora já disparou: “Se vocês querem saber a história do bairro, vai demorar. Tenho muita coisa para contar!”.

O grupo com a dica do mediador decidiu antes de fazer a entrevista, pegar imagens da senhora. Nessa hora, o mediador indicou que o grupo fizesse cenas abertas e fechadas para variarem os enquadramentos, e falou: “Agora vão lá, é com vocês!”.

Figura 35: Imagens captadas pelo grupo para retratar a vida da senhora



Fonte: Do autor (2015).

Pode-se destacar que as imagens que os alunos gravaram retratam fatos do cotidiano da senhora: a escrita em uma agenda e fazendo algumas leituras. Durante as gravações a professora VA indagou: “A senhora gosta de ler?”. Aqui, percebe-se um envolvimento da professora com a proposta do vídeo, porque apesar de ela ter acompanhado menos os alunos nas oficinas, no tempo em que esteve presente demonstrou ativa e querer auxiliar no processo.

Depois de terem gravado as imagens, o grupo se posicionou para a entrevista. Surgiu uma discussão com os alunos sobre qual o melhor local. O grupo decidiu fazer perto da porta de entrada da casa. O mediador disse para os jovens: “Vocês então ficam ali e a Petronila em pé ao lado da cadeira. Ela até poderia dar uns passos. Assim ficaria mais natural. Ela estaria mais solta, que tal?”. Alguns disseram que sim, mas uma das meninas questionou a proposta pensando no bem estar da entrevistada: “Mas ela não vai cansar por ficar em pé todo tempo?”. Uma análise pode ser feita nesse ponto, pois por um lado o mediador pensava na qualidade estética do material e os alunos nessa hora parecem que pensaram em algo além da imagem: na integridade da entrevistada, o que demonstrou uma atitude ética da jovem. Para o mediador este fato relaciona-se ao princípio da não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana, pois acima da qualidade do material que seria captado, os jovens estavam preocupados com a entrevistada.

Nota-se também nas imagens a seguir, que a ideia de deixar a entrevistada em pé para fazer com que ela ficasse mais solta e tivesse liberdade nos movimentos corporais para contar sua história deu certo, pois ela naturalmente troca de lugar enquanto conversa com o grupo e ainda mostra algumas coisas, como por exemplo, quando diz que existe segurança no seu bairro e vai até a porta mostrar que está destrancada.

Figura 36: Entrevista da senhora



Fonte: Do autor (2015).

Essa foi a entrevista com maior duração realizada por ambos grupos participantes das oficinas, totalizando 22 minutos. A senhora ofereceu ricas informações sobre o bairro. Sua formação, problemas e dificuldades da comunidade e os projetos sociais existentes no local, até chegar ao descaso e à falta de investimento para melhorias. Toda resposta tinha um tom de carinho com o Santo Antônio e carregava uma vontade expressa de relatar para os jovens a história do lugar, de forma detalhada. Em alguns momentos quando a jovem entrevistadora



questionava a senhora sobre algo do bairro, dizia: “Calma. Já chego lá. Para falar sobre isso, preciso contar antes...”. A escolha da entrevistada e a forma de condução da entrevista pode ser relacionada a um dos princípios educacionais socioambientais, que retrata a proteção e valorização do

conhecimento tradicional e popular.

Ressalta-se que durante a entrevista todo grupo trabalhou de forma colaborativa como prevê a educação, torna-se assim, um processo dialógico e horizontal, onde não existe uma hierarquia de demandas e tarefas, mas sim, uma variação na aplicação das ações de forma conjunta e democrática.

Além dos alunos que já estavam alinhados com suas funções na hora da gravação, a professora, que em outros momentos não executou nenhuma atividade específica, nesta entrevista se aproximou do grupo auxiliando na iluminação da captação. A situação deste momento ilustra um espaço de ecossistema educacional em atividade plena, ou seja, revela um espaço que permite uma ampliação de pensamentos críticos do sujeito através de atividades facilitadas pelo trabalho em grupo, sempre com a perspectiva da experimentação.

Figura 37: Professora auxilia o grupo cuidando da iluminação



Fonte: Registrada e cedida por uma participante da oficina (2015).

Ao saírem da casa de Dona Petronila, a senhora ainda desejou sucesso para os jovens e disse: “Me avisem quando tiver pronto que quero ver”.

Na sequência o grupo foi para o bairro São Cristovão, no entanto somente os jovens foram para lá. Estava agendada a entrevista com um professor do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), ex-morador do Santo Antônio. O entrevistado foi selecionado pelos alunos por ter tido dificuldades para conseguir um emprego, que teria sido devido ao fato de residir no Santo Antônio.

Quando chegaram até no SENAI o mediador questionou os jovens para saber se eles não queriam mudar a formação na hora da gravação, mas eles decidiram permanecer nas funções desempenhadas nas outras entrevistas. Mais uma vez, as perguntas foram elaboradas durante a gravação. O entrevistado era professor de três dos alunos do grupo em um curso profissionalizante. A entrevista foi rápida e com foco. O entrevistado, receptivo e atencioso.

Figura 38: Gravação com ex-morador do bairro



Fonte: Registrada e cedida por uma participante da oficina (2015).

Após esta entrevista os alunos foram embora e com o compromisso de na próxima oficina, seguindo o que eles haviam projetado no roteiro de gravação, captar imagens que ainda faltavam do bairro e também algumas entrevistas aleatórias na parte central da cidade.

Da nona oficina | Exclusiva para captação CIEP

A oficina do dia 1º de junho foi marcada para captar imagens do bairro Santo Antônio em um dia de sol, pois assim, segundo os alunos poderia ser passada uma boa imagem do bairro para quem fosse assistir ao vídeo. Também o grupo queria fazer enquetes no centro para verificar a imagem do bairro feita pelos moradores do município.

Os alunos participaram dessa oficina sem a presença das professoras. O mediador repassou dicas de como abordar as pessoas no momento da enquete, dinâmica totalmente nova para eles. O mediador pensou que talvez a técnica não funcionasse, em razão de ser a primeira vez que estavam trabalhando com a câmera nas mãos, sem o auxílio do tripé e o microfone de mão. No entanto, ao longo das abordagens notou-se uma facilidade de manuseio dos equipamentos por parte dos alunos. Coletaram imagens boas e enquadramentos que demonstraram sensibilidade estética, com atenção para a composição e uso apropriado da iluminação natural, o que mostrou a compreensão da linguagem audiovisual que os jovens demonstraram já ter, mesmo vivenciando essa experimentação de captações com públicos aleatórios no centro da cidade pela primeira vez.

Figura 39: Alunos no centro da cidade gravando enquete



Fonte: Registradas e cedidas por um participante da oficina (2015).

Quando os alunos demonstraram o que o mediador ofereceu de informações, e com uma evolução crítica sobre elas, pode-se afirmar que os princípios educomunicativos estão presentes.

Figura 40: Outras opiniões coletadas através da enquete



Fonte: Registradas e cedidas por um participante da oficina (2015).

Quanto a enquete, é um recurso utilizado geralmente para outros formatos audiovisuais, como por exemplo, no telejornalismo, gênero que mantém um contato direto com as fontes populares para saber o que a comunidade acha de determinado assunto e que, por sua vez, potencializa diversas opiniões distintas sobre o tema. Essa técnica de captação foi explicada na segunda oficina.

Mesmo optando por trabalhar com o gênero documentário, o grupo quis gravar enquetes e adicionar ao produto audiovisual. Como a educomunicação trabalha com a liberdade de opinião e busca um pensamento crítico, o mediador respeitou a escolha na forma de construção do vídeo. O grupo do colégio CIEP queria um documentário que aborda-se fatos reais, como determina o gênero, e, segundo eles com a enquete: “A gente pode saber o que as pessoas acham do Santo Antônio, não só os moradores de lá”.

Após as captações das enquetes no centro da cidade, o grupo se deslocou para o seu bairro. Foram para as ruas captar cenas que pudessem, na visão deles e permeada pelo mediador, retratar fatos que ilustrassem a fala das fontes entrevistadas.

Coletaram imagens que retratavam moradores nas ruas, o trânsito, o lazer de crianças, jovens dentro e fora da escola e o trabalho social feito por uma das entrevistadas no vídeo.

Figura 41: Imagens sendo gravadas do bairro Santo Antônio



Fonte: Registradas e cedidas por uma participante da oficina (2015).

Uma das integrantes do grupo do CIEP em todos os encontros levou sua câmera fotográfica e registrou alguns momentos. Uma dessas fotos marcou pelo enquadramento utilizado: a imagem de todo o grupo em ação, gravando cenas para o documentário, no entanto, somente com as sombras aparecendo. Esse registro não teve a intervenção do mediador, que interpretou a iniciativa da aluna como resultado do diálogo no processo educacional, como também de valorização do trabalho colaborativo.

Figura 42: Silhueta do grupo



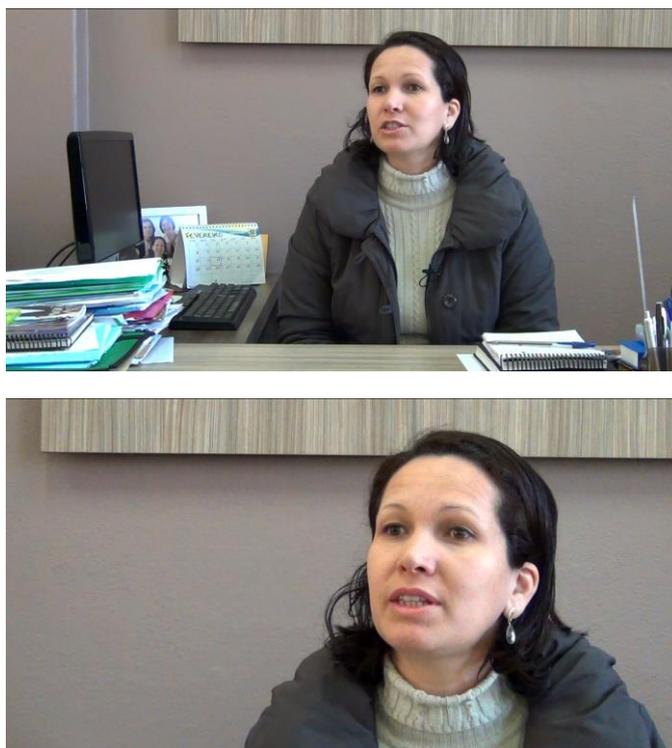
Fonte: Registrada e cedida por uma participante da oficina (2015).

Pode-se observar que os jovens mostraram-se cada vez mais inseridos no mundo das imagens, percebendo o momento de captar, sentindo a hora correta de um clique, experimentando novas e distintas possibilidades. Para o mediador, uma contribuição decorrente do processo educacional, reveladora do entendimento do conteúdo e a compreensão do manuseio dos equipamentos, algo que se evidencia em uma área da comunicação, a mediação tecnológica.

Da décima oficina | Exclusiva para captação Castelinho

Este foi um encontro breve e aconteceu dia 3 de junho. O mediador foi ao Colégio Castelo Branco para que fosse captada a última entrevista para o documentário. Na escola, se juntou a dois integrantes do grupo para gravarem com a fonte que era a diretora do Castelinho. A atividade durou cerca de vinte minutos. Com a composição formada por um garoto como cinegrafista e um menina como a repórter, foram feitas duas perguntas à diretora na sua sala. Com a dica do mediador e a explicação rápida na hora da gravação, as respostas foram gravadas com variação de enquadramento, o que tornou o vídeo mais dinâmico.

Figura 43: Variação de enquadramento na entrevista



Fonte: Do autor (2015).

Quando o mediador estava indo embora da escola, ao se despedir da diretora, a entrevistada comentou: “Esse projeto é muito legal. Tem que ter continuidade. Os alunos gostaram muito”. Com a fala da professora e responsável pela escola, percebe-se a

importância de existirem projetos audiovisuais em meio ao campo escolar, já que as câmeras carregam o poder de sedução.

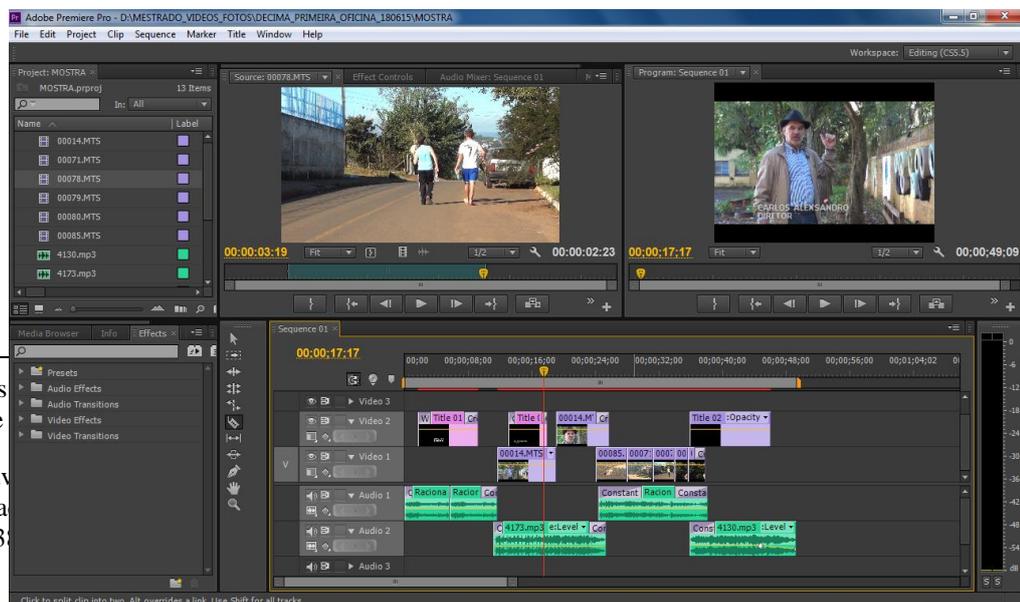
Este foi o último encontro para gravações. A partir da oficina seguinte os grupos deveriam iniciar as edições dos materiais captados.

Da décima primeira oficina

Esta foi a primeira oficina que os alunos tiveram contato com edição e ocorreu dia 18 de junho. Todos participantes tiveram uma explicação prática sobre o processo de edição. Neste momento, foram expostos fragmentos de materiais coletados pelos grupos e o mediador criou uma edição simples, mas que continha diversas possibilidades, assim os alunos e professores puderam assistir uma breve aula que contemplava desde o *layout* do *software* que eles iriam utilizar (*Adobe Premier*¹⁴), modos de importar os arquivos, cortar os vídeos com e sem suavização, utilização das camadas de áudio e nivelamentos de áudios, criação de créditos¹⁵ para fontes e da equipe, mostra de possíveis erros ao longo do processo como as falhas de vídeo e de áudios, ente outras explicações.

Além disso, o mediador explicou o processo de montagem e as vantagens e desvantagens de usar elementos de transição.

Figura 44: Breve mostra feita pelo mediador do software de edição e como editar os materiais produzidos



14 Um dos
habilidade

15 As palavras
são chama
2007, p.23

requer

alguém
LISON,

Fonte: Do autor (2015).

Apenas um dos participantes da escola Castelinho tinha conhecimento básico sobre o processo de edição e manuseio de *softwares* para este processo.

O mediador levou os grupos para duas ilhas de edição e solicitou que “cortassem” as entrevistas, separando o que fosse de interesse deles em utilizar no documentário. Esse foi um dos pontos mais desafiadores de todo o processo, pois além de toda a inexperiência dos alunos e professores, era perceptível o clima de angústia por parte alguns, já que o enfrentamento com as novas tecnologias era algo totalmente novo. A fala da professora do Castelinho deixou bem clara essa percepção: “Não sei como agora vamos juntar as falas. Estou perdida”.

Figura 45: Executores são os alunos



Fonte: Do autor (2015).

Quando os grupos foram para suas ilhas observou-se que foram os alunos (tanto do Castelo Branco como do CIEP) que assumiram os papéis de executores do processo de edição, com os professores assumindo o papel de produtores de ideias.

Figura 46: Grupos tiveram o primeiro contato com as ilhas de edição



Fonte: Do autor (2015).

Durante todo o momento o mediador estava à disposição dos grupos. Orientou e deu dicas quanto a parte operacional do *software* e alertou sobre a função do editor de dar dinamismo e ritmo a determinadas montagens de cenas, potencializando imagens de conflitos ou cômicas.

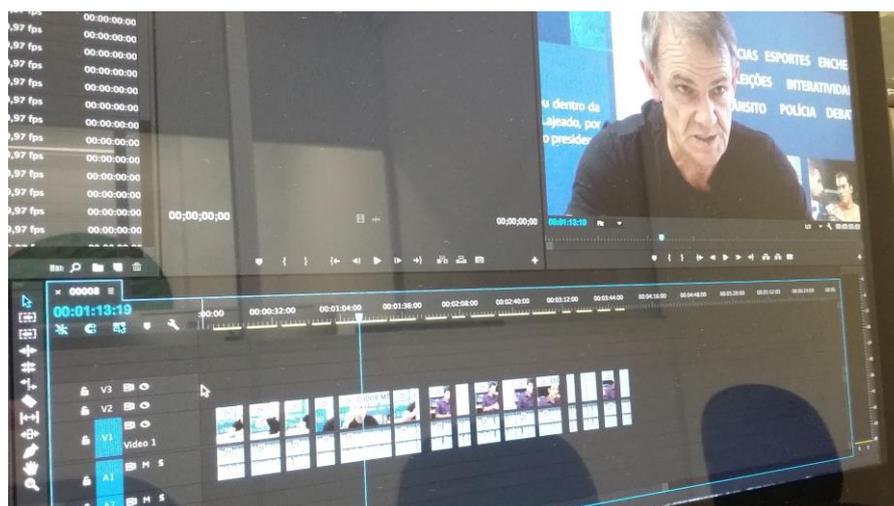
Quando as equipes foram embora, o mediador voltou à sala para ver os resultados desse primeiro contato com a edição. Mesmo com diferença de temáticas e de domínio sobre a plataforma de edição, já que os alunos e professores do CIEP nunca haviam usado um recurso como aquele e apenas um dos integrantes do grupo do Castelinho tinha noções básicas de edição, os dois grupos se equivaleram no desempenho e aproveitamento na hora de filtrar as entrevistas.

Especificamente, o Castelinho deixou quase todas as entrevistas cortadas. Isso em razão de já ter decupado todo material. A proposta de realizar a decupagem¹⁶ antes de editar partiu da professora que integrava o grupo, demonstrando que o trabalho colaborativo entre aluno e professora no processo educacional estava acontecendo. O aluno editava operacionalmente, enquanto a professora indicava os tempos, agilizando a edição do material. Já o outro grupo não teve a presença ativa das professoras nesta etapa, apesar de participarem do encontro.

Figura 47: Os dois grupos cortaram as entrevistas



¹⁶ É o processo de descrever a partir do tempo de cada cena o que se passa na imagem.



Fonte: Do autor (2015).

Da décima segunda oficina

Na segunda oficina de edição, dia 23 de junho, os grupos já estavam mais familiarizados com o programa que precisavam utilizar, no entanto, o receio de não conseguir fazer um bom vídeo, ou seja, com boas costuras das falas dos entrevistados causava certa preocupação aos participantes. Esse sentimento de angústia era mais perceptível na professora do grupo do Castelinho, que em diversos momentos da tarde questionou o mediador: “Será que vai dar tempo?”, “A gente já cortou as entrevistas, estão quase prontas. Mas não tenho nem ideia de como vamos juntar!”. Este fato revelou a forte insegurança da professora quanto às novas tecnologias, o que não ocorria com os estudantes. Pode-se alinhar essa passagem da oficina com o direito à comunicação, pois apesar de este princípio da educomunicação socioambiental prever a comunicação como um direito humano fundamental e indispensável à emancipação e acesso a gestão dos meios, isso não era o bastante para fazer com que pessoas que não têm experiência prévia com as tecnologias, por exemplo, consigam trabalhar com elas. Nestes casos, necessita-se de uma capacitação para transformar-se, a partir de seu domínio, em uma ação emancipatória de todo cidadão.

Até então, em nenhum momento, professores se aventuraram a utilizar o *software* de edição. Pode-se apontar a partir dessa verificação que os alunos pelo fato de estarem mais inseridos no dia a dia com as novas tecnologias não tiveram tantas dificuldades em

adaptarem-se ao processo de edição de vídeo, no entanto, para os professores, essa foi a etapa mais complicada.

Figura 48: Professora orientava e opinava, mas não executava



Fonte: Do autor (2015).

Figura 49: Na prática, somente os alunos que editavam



Fonte: Do autor (2015).

Figura 50: No grupo CIEP todos os alunos precisaram editar em algum momento



Fonte: Do autor (2015).

Mesmo com as possíveis dificuldades encontradas em saber fazer um entrevistado “conversar com outro”, criando as amarras na edição do documentário, os dois grupos conseguiram ao final da oficina deixar todas as entrevistas cortadas, selecionando somente o que seria utilizado dentro do audiovisual.

Da décima terceira oficina

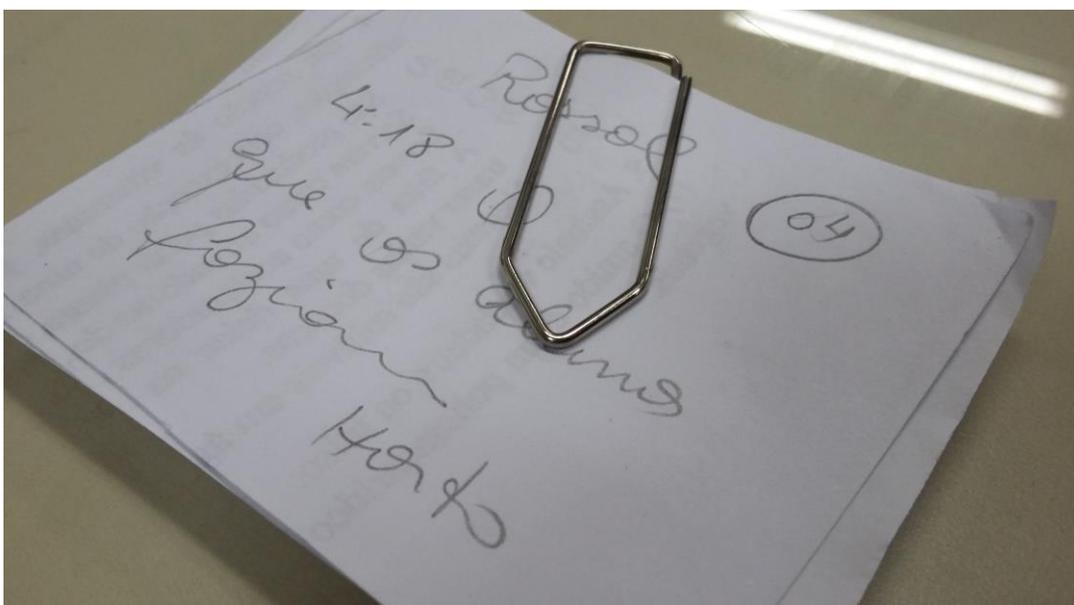
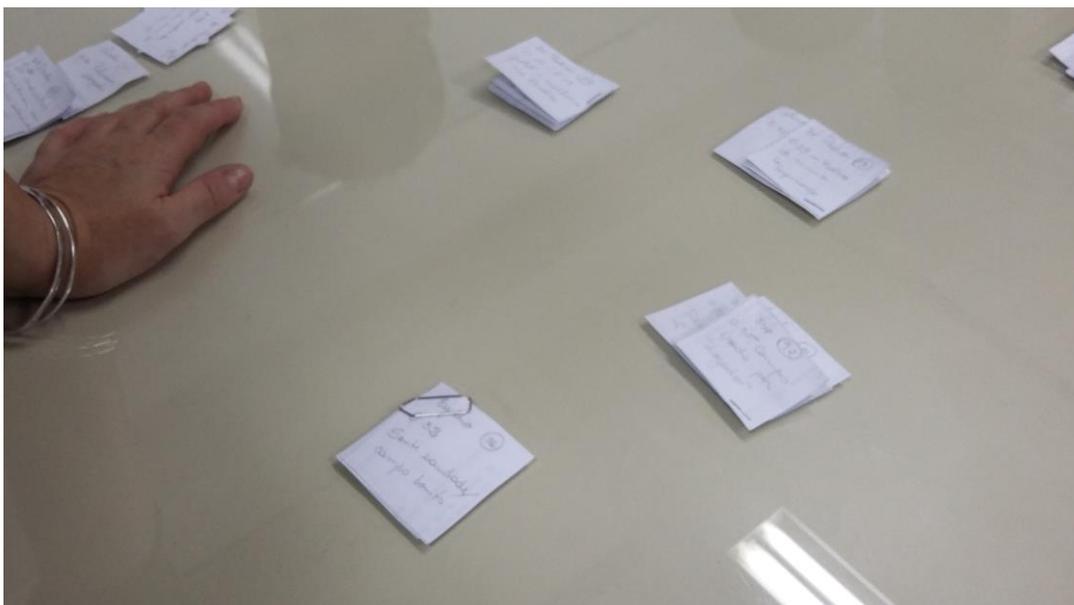
Outro momento de edição aconteceu dia 25 de junho. A proposta era dar corpo ao documentário após os cortes já feitos, inserindo as imagens gravadas dos locais, caso houvesse necessidade e fosse de interesse dos grupos.

A expectativa do mediador é que essa fase da edição poderia ser um problema já que a professora do Castelinho, a única das docentes que se envolveu na edição de forma mais presente estava sem saber como fazer o que era proposto. Porém, para surpresa do mediador, quando chegou na sala a mesma professora estava reunida com os alunos do seu grupo e com diversos papéis pequenos e quadrados. Com um ar de surpresa o mediador questionou: “O que vocês estão fazendo?”. A professora respondeu prontamente: “Estamos juntando as falas!”.

Tratava-se de uma forma “manuscrita” de edição. A professora criou uma forma de unir as falas fragmentadas por metodologia própria, ou seja, ela escreveu as falas em papéis e juntou-os por aproximação “editando-as”. Deste modo ela enfrentou o temor que a tecnologia lhe remetia criando uma maneira própria de fazer. Apropriou-se do processo do seu jeito, aceitando o desafio.

Figura 51: Professora criou um método próprio para conseguir editar





Fonte: Do autor (2015).

Depois dessa edição “manual” feita pela professora e assistida pelos alunos, os mesmos se dirigiram para a ilha de edição e deram segmento ao processo. Só que agora, com a professora segura do que estava por vir.

Figura 52: Com auxílio dos papéis a professora conseguiu visualizar as entrevistas sendo ligadas



Fonte: Do autor (2015).

No outro grupo os alunos estavam sozinhos. E logo que chegaram já se dirigiram para sua ilha de edição e foram trabalhar com seu material. Pelo fato de não terem o acompanhamento das professoras e mesmo assim se tornarem independentes nessa etapa do processo, o mediador verificou que o grupo do CIEP exercia elementos atrelados ao princípio educ comunicativo socioambiental do compromisso com o diálogo permanente e continuado, pois eles conseguiam alinhar o processo de edição coletivamente e, mesmo tendo pouca experiência deram continuidade à construção do audiovisual, demonstrando também a relação com uma das áreas da educomunicação, a da mediação tecnológica.

Figura 53: Grupo CIEP editou com somente os alunos em quase todos momentos



Fonte: Do autor (2015).

Essa também foi a oficina em que o mediador deixou uma gama de trilhas brancas, ou seja, as que não possuem direitos autorais e são somente instrumentais, para caso existisse a necessidade de usar no documentário.

Da décima quarta oficina | Exclusiva para edição CIEP

Esta oficina do dia 29 de junho foi um pedido do próprio grupo do CIEP que sentiu necessidade de vir mais uma vez na semana para conseguir concluir o vídeo dentro do prazo. Contudo compareceu somente um aluno do grupo para editar o material.

Mesmo assim, a tarde foi produtiva e o garoto terminou de unir os fragmentos e colocar algumas imagens no documentário.

Mesmo neste encontro tendo somente a presença de um dos integrantes do grupo, o fato que o mediador destacou como importante foi o fato do aluno ter editado, mesmo sem o grupo, parte do audiovisual, o que representou a dedicação e o comprometimento em atender ao prazo de entrega do material.

Figura 54: Aluno do CIEP editou sozinho



Fonte: Do autor (2015).

Da décima quinta oficina | Exclusiva para edição Castelinho

Esta oficina também foi um pedido, porém, dessa vez do grupo do Castelinho e aconteceu dia 30 de junho. Participaram do encontro somente a professora e um aluno. Como o aluno não tinha muito contato com o programa de edição, a professora se viu “obrigada” a editar de fato: “Até me arrisquei a fazer um cortes. Consegui retirar até aquela palavra que não queríamos”. Demonstrando o engajamento da professora e também o aprendizado depois das oficinas. Isso confirma o fato de que mesmo existindo o acesso à comunicação para as pessoas, há sim, uma real necessidade de capacitação para a compreensão do processo e assim, uma aproximação com as novas tecnologias. Sem isso, o sentimento seria de repúdio e receio da professora frente à uma ilha de edição.

Figura 55: Professora editou pela primeira vez com o *software*



Fonte: Do autor (2015).

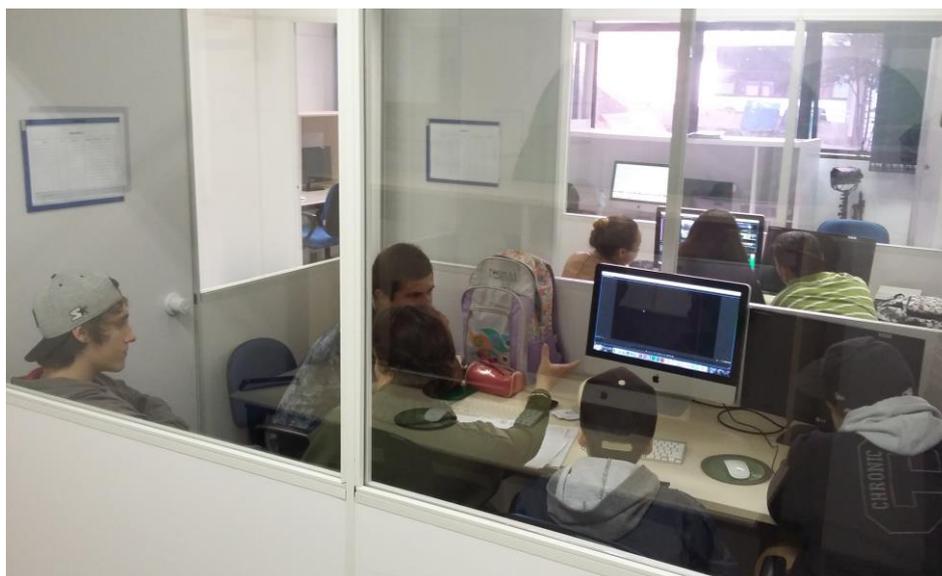
A professora ainda verbalizou: “Pelo menos hoje nós que estamos mexendo”, referindo-se ao fato de estar experimentando a “nova tecnologia”. E logo complementou: “Às vezes fico com medo de apagar as coisas, movendo para lá e para cá”, revelando um receio que parece comum aos professores. Mas com a insistência e acompanhamento das oficinas, mostrou-se superado, indicando o processo educomunicativo socioambiental com efeito positivo.

Da décima sexta oficina

Dia 2 de julho foi o último encontro para que os grupos editassem seus documentários. Esse espaço foi dedicado para que as imagens finais fossem sobrepostas aos vídeos, para colocar os créditos das fontes e dos componentes dos grupos, inserir trilhas se preciso e ajustar alguns detalhes. Nesse momento o mediador acabou interferindo mais no processo, já que coube a ele verificar possíveis irregularidades, como em níveis de áudio e vídeo.

No entanto, pode-se afirmar que os ajustes feitos pelo mediador foram muito pequenos e também quase que imperceptíveis no produto final, porque o material construído pelos grupos já tinha qualidade e atenção na montagem.

Figura 56: Último dia para finalizar os materiais



Fonte: Do autor (2015).

Ao final do encontro ambos os grupos haviam terminado seus documentários. Com relação a duração dos audiovisuais, foi dito para os participantes que não se preocupassem tanto com o tempo final dos vídeos, já que se tratava de uma produção experimental, mas que seria bacana ter no máximo 15 minutos para estar em uma faixa considera curta-metragem e, assim, ter uma categorização. Os dois documentários acabaram tendo uma duração próxima, já que o vídeo do CIEP possui 8 minutos e 29 segundos e do Castelinho 8 minutos e 19 segundos.

Quanto aos tempos sempre existiu um medo por parte do mediador ao longo das oficinas, pois em função dos participantes nunca terem tido experiências audiovisuais, poderia acontecer de os grupos não gravarem o suficiente tanto de entrevistas, como imagens para construir o produto, no entanto, os materiais ficaram dentro de uma média considerada boa.

Já sobre a padronização de créditos nos vídeos, todas as fontes (formas) utilizadas para creditar os entrevistados de ambos os vídeos foram escolhidas em comum acordo entre os membros dos grupos com o auxílio do mediador, assim como as trilhas e os sons ambientes usados.

Da décima sétima oficina | Exclusiva para edição Castelinho

Nesse encontro do dia 3 de julho, foram até a Univates somente a professora que participava ativamente do grupo, acompanhada de uma intérprete de LIBRAS e um deficiente auditivo que era aluno do Castelinho.

Como já havia comentado e combinado com o mediador, gravaram a linguagem de sinais para adicionar ao documentário, de modo a torná-lo acessível a alunos que tem necessidades especiais. O encontro teve cerca de duas horas e, ao final, o vídeo com o apoio do mediador já estava com LIBRAS.

Figura 57: LIBRAS ao longo de todo documentário do Castelinho



Fonte: Do autor (2015).

Da décima oitava oficina | Exibição dos documentários e grupo focal

Esse encontro foi marcado pela exibição dos dois vídeos produzidos pelos grupos, sendo que antes desse momento nenhum deles havia visto o audiovisual completamente pronto, somente o mediador que exportou os materiais. Era dia 9 de julho.

Antes do início desse encontro uma das alunas do grupo do CIEP comentou em voz alta para os seus amigos: “Estou só por outubro. Vou ganhar minha câmera!”, referindo-se ao presente que ganharia de aniversário dos pais. Portanto, a construção do audiovisual fez com que aflorasse um desejo pelas temáticas e dispositivos de vídeo na jovem.

A atividade da tarde foi dividida primeiramente com a mostra do vídeo do Castelinho e discussão de todo o grupo sobre os documentários, e posteriormente, o mesmo ocorreu com o vídeo do CIEP.

Destaca-se inicialmente que todos estavam extremamente compenetrados na exibição dos vídeos. Foi o momento clímax. A hora que em todos os meses e as várias oficinas foram resumidas em um produto final de cerca de 8 minutos de duração. Notava-se em alguns alunos o ar de satisfação.

Figura 58: Exibição dos dois documentários e grupo focal



Fonte: Do autor (2015).

Os audiovisuais na visão dos alunos foram bons e conseguiram passar uma mensagem interessante para quem os assiste. Para o mediador, os dois conteúdos explorados pelos grupos trazem entrevistados que responderam as questões que o telespectador do vídeo está imaginando, ou seja, são documentários que retrataram sim a realidade dos temas, o que confirma o porquê de usar esse gênero pelos integrantes das oficinas.

Se analisadas as edições, ambos os grupos também consideraram materiais dinâmicos pela forma como foram montados o que vai ao encontro do que o mediador afirmou, pois existiu uma variação de enquadramentos no momento de unir as falas e colocar as imagens para descrever o que estava sendo retratado no audiovisual.

Os audiovisuais, na visão do mediador, mostraram ter qualidade acima do que pudesse ser pensado no início das oficinas, isso, porque os alunos e professores não tinham conhecimentos prévios dessas linguagens, no entanto, a partir da capacitação dado ao longo dos encontros, o material revelou-se de qualidade estética com relação a imagem e som. Os alunos e professores durante o encontro mencionaram que quase não se notou cenas tremidas e áudios misturados às trilhas. O que garantiu um bom material final.

Com relação as músicas utilizadas, ambos os grupos, destacaram que se encaixaram dentro do contexto das histórias contadas nos documentários. Para o mediador, algo que pode ser percebido também quando se analisa a entrada e saída de cada áudio, isso devido ao fato de existir sempre uma suavização das músicas, tornando o começo e o fim de cada trilha mais harmônico.

Porém, não foi exposto pelos integrantes das oficinas nesse encontro, nem quando instigados pelo mediador e a professora Jane, de uma maneira mais contundente o que foi aprendido a partir do trabalho desenvolvido com as temáticas que eles optaram em abordar. Retratando uma apropriação pequena das questões socioambientais que foram propostas desde o início dos encontros.

Em síntese:

O relato das oficinas apontou como os princípios mais presentes no processo de educomunicação socioambiental observados pelo mediador o diálogo permanente e continuado; a interatividade e produção participativa de conteúdos e a não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana. Ainda apresentou mediana presença o Encontro/Diálogo de Saberes e, por fim, em menor presença a transversalidade; a proteção e valorização do conhecimento tradicional e popular e a democratização da comunicação e a acessibilidade à informação socioambiental.

No entanto, ao longo da análise percebeu-se que as características de cada princípio se cruzam, em alguns momentos sendo redundantes, o que, às vezes, dificultou a interpretação. Logo, com essa afirmação, verifica-se que os princípios poderiam ser revistos na sua redação e/ou para determinadas aplicações, como por exemplo, no desenvolvimento de audiovisuais ambientais.

Dessa forma, não se quer com isso dizer que os princípios são inoperantes, pois servem de guia para um trabalho educ comunicativo socioambiental, entretanto, entendemos que precisam ser alinhados para algumas especificidades. Deixa-se nessa pesquisa a contribuição no sentido de que os princípios educ comunicativos possam ser revistos e pensados a partir dos relatos de experiência da prática educ comunicativa como este estudo, tornando-os mais eficazes para suas aplicações em determinados públicos.

Os princípios que se apresentam no documento “Educomunicação socioambiental: comunicação popular e educação” são os que seguem, sobre os quais realizamos uma síntese, de modo a propor avanços.

1º Compromisso com o diálogo permanente e continuado: refere-se mais à inclusão de atores e valorização de diferentes saberes, colaboração.

2º Compromisso com a interatividade e produção participativa de conteúdos: também valoriza os saberes populares e a construção participativa e colaborativa, baseada na transparência.

3º Compromisso com a transversalidade: se refere à valorização de diferentes saberes e discursos, à percepção da questão ambiental de modo interdisciplinar, portanto valoriza diversos campos de saber, de diferentes mídias.

4º Compromisso com o Encontro/Diálogo de Saberes: refere-se ao diálogo e valorização dos saberes e de diferentes tecnologias, como também à construção coletiva pela formação de redes.

5º Compromisso com a proteção e valorização do conhecimento tradicional e popular: refere-se ao respeito às identidades individuais e coletivas, portanto também à valorização de diferentes saberes e culturas.

6º Compromisso com a democratização da comunicação e com a acessibilidade à informação socioambiental: refere-se ao acesso à recepção e meios de produção da informação.

7º Compromisso com o direito à comunicação: refere-se ao direito à informação e à liberdade de expressão.

8º Compromisso com a não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana: refere-se ao respeito a todo tipo de diversidade, portanto, aos diversos saberes.

A partir das leituras, reflexões e a experiência aplicada na pesquisa, uma nova síntese que respeite o conteúdo dos princípios já existentes da educomunicação poderia ser construída explorando como princípios: Dialogia; Participação; Valorização e respeito às diferentes formas de saberes e diversidades culturais; Democratização de acesso à informação e aos meios de sua produção; Interdisciplinaridade; Intermidiaridade. Fica esta proposta como contribuição desta dissertação.

5. APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM E O AUDIOVISUAL NO PROCESSO EDUCOMUNICATIVO

Neste capítulo discutiu-se os resultados do processo educ comunicativo, buscando-se cumprir o objetivo específico D, que refere-se a investigar como alunos e professores apropriam-se da linguagem audiovisual em ações educ comunicativas.

Este capítulo se organiza a partir das categorias que emergiram a posteriori no estudo, ou seja, ao longo do processo de pesquisa: escolhas, equipe, equipamentos, o produto, apropriações das equipes e do pesquisador mediador.

Quadro 5: Síntese das categorias que emergiram dos relatos

| Categorias | Elementos |
|-------------------|--|
| Escolhas | Tema; Formato / Gênero / Recursos narrativos; Estética; Fontes; |
| Equipe | Grupos e funções; Relações entre alunos e professores; Relação entre alunos; Relação entre professores; |
| Equipamentos | Interação com a tecnologia; |

| | |
|--------------------------------------|--|
| | Acesso aos equipamentos da escola; |
| Produto | Construção do vídeo; O filme; Exibição; |
| Apropriações da equipe e do educador | Dúvidas e inseguranças; Conflitos / Vitórias / Alegrias / Superações; |

Fonte: Dos autores (2015).

As categorias serão desenvolvidas considerando-se como seus elementos emergiram nos encontros, relacionando com falas dos envolvidos nas oficinas e após, suas ocorrências, em entrevistas feitas pelo mediador. Também há relações com o audiovisual produzido, com as interpretações do pesquisador e as contribuições dos autores. Trata-se de um exercício de síntese transversal.

a) Escolhas

Esta categoria é formada pela análise que inclui: tema, formato / gênero / recursos narrativos, estética e fontes.

- Tema

Ambos os grupos debateram possibilidades de temáticas para serem abordadas no produto audiovisual que desenvolveram, no entanto, o grupo do CIEP fez a escolha de forma mais rápida, em apenas uma tarde, isso quando comparada à definição do grupo do Castelinho, que precisou de vários encontros para chegar a um denominador comum entre professores e alunos. Parte dos integrantes do Castelinho queriam trabalhar com a temática dos resíduos e outros com o abandono da área verde que existia na escola. Segundo a professora, MC, do Castelinho, a definição foi em razão da maior facilidade que teriam para

montar o audiovisual. Os alunos disseram que com esse foco, eles conseguiram “dar moral” e visibilidade para o espaço que estava abandonado.

Como o processo educomunicativo precisa ser dialógico e desenvolver a criticidade, os dois grupos atingiram essa expectativa, pois cada um ao seu tempo ponderou possibilidades, e, no fim, chegou a um ponto norteador para a partir disso, confeccionar o roteiro. Algo que corrobora com Silva e Rosa (2010) quando dizem que o cidadão para não ser uma massa de manobra precisa ser instigado a criar e desenvolver o senso crítico, algo que foi evidenciado nessas discussões que definiram a temática.

Enquanto o CIEP optou por abordar a temática que retratava o preconceito com o bairro onde os alunos e professores moravam, o Castelinho mostrou através do documentário uma área verde da escola que está abandonada. Duas situações distintas. Enquanto o primeiro grupo abordou uma realidade que envolvia a comunidade do bairro e até mesmo municipal, o segundo ficou mais restrito aos ambientes da escola. Independentemente do tamanho do raio de ação que o vídeo aborde, podem-se caracterizar essas escolhas como sendo parte de um processo educomunicativo, já que Soares (2011) caracteriza esse espaço como algo que não é restrito ou delimitado por algo, mas sim, uma forma de abordagem que tem diversas formas de apropriação. Deste modo, é notável também a convergência com o pensamento de Kaplún, (1997), pois as temáticas escolhidas buscaram o desenvolvimento social e novas posturas de cidadãos ativos.

- Formato / Gênero / Recursos narrativos

A opção feita pelos dois grupos acabou sendo a mesma quanto ao formato que iriam utilizar para construção da peça audiovisual. Tanto o CIEP como o Castelinho decidiram usar a linguagem documental para apresentar os temas escolhidos. Segundo os participantes das oficinas, devido ao fato de quererem retratar histórias reais, como foi exposto pelo mediador quando caracterizou formatos a partir de apropriações do autor Aronchi de Souza (2005). Outro motivo da escolha foi porque os participantes não queriam estar à frente do vídeo e o gênero documentário geralmente carrega características de não possuir atores, apenas temáticas que os realizadores querer abordar. Além disso, o documentário tende a ser sobre algo mais natural como eles entendiam, um momento para os entrevistados poderem falar:

“Um filme sobre pessoas reais, em situações reais, fazendo o que elas geralmente fazem” (DANCYNGER, 2007, p.337). Para um dos alunos do grupo do Castelinho, a linguagem documental serviu como uma forma mais informativa para mostrar a realidade do que desejavam. O que corrobora com a fala do grupo do CIEP quando afirmou querer trabalhar com esse gênero, porque gostaram muito do exemplo da oficina em que o mediador exibiu o documentário: Ilha das Flores. Filme que apesar de ter sido criado na década de 80, carrega até hoje uma mensagem social, ambiental e econômica muito forte.

Quando observados os vídeos percebe-se que o formato escolhido para se trabalhar foi apropriado às temáticas, pois conseguem problematizar os espaços de histórias contadas pelos entrevistados, e apenas com as falas das fontes costuraram uma boa linha de narrativa, fazendo com que o audiovisual passasse a mensagem desejada pelos integrantes da oficina.

Os recursos utilizados pelos grupos também se aproximaram. O grupo do Castelinho conseguiu utilizar em alguns momentos da peça audiovisual elementos como: o sobe som, ou seja, usaram somente imagens seguidas de sons ambientes para dar uma quebra nas falas e demonstrar um momento de transição. O mesmo grupo também utilizou a linguagem de sinais ao longo do vídeo, fazendo com que mais este recurso fosse exercitado.

Já o CIEP optou por uma linguagem mais direta, em que os entrevistados se complementavam, sem outros recursos na edição. Imagens ilustrativas dos momentos que as fontes relatam também foram usadas para dar mais realidade e dinamismo ao documentário. O trabalho de edição ajudou nisso, segundo Dancynger (2007, p.338) editar é uma atividade essencial e criativa, pois o montador tem liberdade na construção do vídeo, independente do gênero ser documentário ou filme dramático. Kellison (2007, p.224) reforça a importância desse trabalho, ao afirmar que aqueles que forem os responsáveis pela edição são considerados mágicos, consultores e juízes, pois acabam determinando a montagem qualificada de acordo com o gênero trabalhado e são raros os editores que conseguem ter talento para fazer a edição de cada qualquer formato. O editor é aquele que consegue utilizar imagens que poderiam ser consideradas inutilizáveis ou discrepantes em um conjunto e consegue sincroniza-las de tal maneira que costurem um fluxo perfeito.

Ainda o grupo do CIEP definiu, partindo da discussão coletiva, trabalhar outro elemento audiovisual dentro do que seria produzido, mas que no entanto, não é tão habitual

em documentários, que são as enquetes, ou seja, quando são coletadas entrevistas aleatórias para se ter uma noção de diversas opiniões de públicos, podendo dar uma percepção mais global do que o público pensa do tema. A escolha foi comemorada pelo mediador, porque apesar de em um primeiro momento pensar que isto poderia afetar a qualidade do vídeo, já que as enquetes não são tão vistas em documentários, pelo fato de ser um processo educacional, a experimentação é algo viável e instiga o trabalho com determinado meio. Além do mais, Aronchi de Souza (2005, p.50) explica a possibilidade de mescla entre gêneros no mundo dos meios audiovisuais e o não engessamento de conteúdos, segundo ele: “[...] no cinema, na televisão e na literatura não se expressam de forma pura, sem alterações”, observando assim que os gêneros estão em constante mudança.

- Estética

Esteticamente os dois documentários carregam qualidades superiores às esperadas no início das oficinas, tanto pelo mediador como pelos participantes, já que quase que na totalidade os participantes não possuíam experiência na área. Essa afirmação torna-se verdadeira ao se observar o produto e ver que quase não existem imagens com falta de estabilidade, o que qualifica em muito o vídeo, fato que foi possível com a utilização do tripé. Um dos alunos do grupo da escola Castelinho, F, considerou o audiovisual “muito bom”. Ele relata que quando o documentário, posteriormente, foi exibido na sua escola para professores e estudantes, ouviu perguntas como: “A câmera que utilizaram é a mesma que as de uma grande emissora do país?”, tamanha era a qualidade do material que haviam produzido.

No entanto, a professora MC disse que após a passagem de alguns meses da finalização do vídeo, ao rever o documentário, percebeu que algumas coisas nele deveriam ser melhores, pois enxergava movimentos de câmera que não precisavam existir. Isto evidencia o senso crítico da professora e o interesse pelos meios audiovisuais, pois apesar de ser uma das integrantes que menos estava familiarizada com essas tecnologias, agora ela percebe detalhes e ainda é criteriosa sobre o que poderia ter sido feito de diferente no material.

Quanto à iluminação, apesar de não existirem equipamentos para uma grande produção audiovisual, os alunos e professores souberam usar os recursos que tinham para dar qualidade aos materiais.

Outra questão pode ser ressaltada quanto à preocupação com elementos básicos de uma produção. Todas as cenas estão com foco e enquadramentos apropriados. No entanto, um aluno do grupo do CIEP, D, comentou que apesar de ter achado muito bom o vídeo, percebeu nitidamente um ruído de áudio em uma das entrevistas, quando o jornalista da TV Univates dá seu depoimento na sala de programação da emissora e existe um barulho que interfere na entrevista. Essa fala do estudante mostra a apropriação que os participantes tiveram ao longo do processo, revelando percepções do grupo sobre detalhes do audiovisual.

Mesmo sendo um processo educacional, que poderia colocar em risco a qualidade estética do audiovisual, por necessitar ser trabalhado a partir de um espaço colaborativo, onde todos deveriam auxiliar na construção do material, os participantes se preocuparam com cada cena captada e, posteriormente, editada. Fato que vai ao encontro do que salienta Kellison (2007, p.240), “o processo de edição é vital para o sucesso do projeto e tem a ver com estética e intuição, além de ser tecnicamente desafiador”.

No entanto, essa qualidade alcançada nos dois documentários se deu em razão da continuidade da participação dos envolvidos na construção do vídeo, já que em todas as etapas houve interação dos alunos e professores com o mediador, inclusive na confecção do roteiro, fase mais complicada da oficina por não haver prévia experiência com o manuseio dos equipamentos para captação e edição, e por ser um dos momentos norteadores para o prosseguimento do processo. Para Kellison (2007, p.55) o roteiro é um dos principais pontos de um audiovisual, “independente do projeto que você deseja desenvolver, uma boa história é a base de tudo”.

- Fontes

Quanto aos entrevistados, as escolhas foram quase que todas oriundas da coletividade. Com duas exceções de fontes do grupo do CIEP que foram indicadas pela professora Jane. Neste ponto poderia se pontuar uma interferência direta que ocasionou uma resposta imediata para os participantes, mesmo eles tendo a opção de pensar e discutir outras possibilidades, mas a dica evidencia certo cerceamento da curiosidade ou decisão natural. Para o mediador os alunos precisam ser instigados a serem curiosos dentro do processo educacional e não receberem determinações de como proceder. A criticidade, segundo

Freire (1996, p.31) é um campo que permeia a ingenuidade, que se aproxima do senso comum, no entanto, que vai ao encontro de elementos para instigar a curiosidade e o saber. E que, por sua vez, tendem a aflorar a criatividade. Como destaca Leal (2012, p.4): “[...] objetiva principalmente o crescimento da auto-estima e da capacidade de expressão das pessoas, não só como indivíduos mas também como grupo”.

Ao assistir os vídeos percebe-se que os entrevistados tiveram espaço para seus depoimentos e observa-se também o uso tanto de fontes oficiais para as temáticas abordadas como pessoas comuns e seus relatos de vida. Isso retrata uma produção complexa e com diversas etapas cumpridas e que, segundo Martirani (2008, p.4), é necessário para se ter um processo educacional completo. Segundo a professora MC, do Castelinho, as fontes usadas foram apropriadas, pois eram as que eles tinham conhecimento que sabiam da história do local que eles queriam contar.

b) Equipe

Esta categoria é formada pela análise que inclui: grupos e funções, relações entre alunos e professores, relação entre alunos e relação entre professores.

- Grupos e funções

A definição dos grupos e funções específicas de cada participante partiu dos próprios alunos e professores. Com espaço dedicado para esses debates, o diálogo foi franco e aberto entre todos, tendo como melhor opção a divisão pelos grupos por escolas devido a praticidade na hora da captação. Na oficina, o mediador perguntou aos integrantes como gostariam de fazer a divisão dos grupos. A professora MC, do Castelinho, disse: “Mais fácil dividirmos por escola, pois não temos muito tempo e assim, os grupos podem se encontrar na própria escola para gravar e conversar quando precisarem”. No entanto, a aluna DS, do CIEP, considerou que: “o melhor seria não dividir por escola e, sim, misturar os alunos e professores, porque dessa forma as ideias seriam mais diversas”. Outra aluna, FR, do Castelo Branco, manifestou que seria interessante separar os grupos por escola: “Me comunico melhor com os alunos da minha escola”.

Logo, pode-se observar que existiu o dialogismo e uma construção de espaço onde todos tiveram oportunidade de expressar suas vontades, mesmo estando presentes no debate, professores e alunos, não demonstrando ser uma imposição hierárquica entre os participantes: “Não há, portanto, porque temer o diálogo. O professor competente não se vê ameaçado pelos questionamentos, dúvidas, sugestões e, até mesmo, as contribuições que seus alunos certamente lhe trarão”, diz Vasconcelos (2012, p.115). Essa passagem da oficina reforça também o pensamento de Freire (1996, p.30), ilustrando a importância dos sujeitos serem levados em consideração. Segundo o autor, os professores devem dar aos educandos a oportunidade de debater temáticas próprias de suas realidades, transformando-os em sujeitos críticos e autônomos.

Segundo os alunos que integraram o grupo do Castelinho, o fato de ter existido a divisão por escolas, fez com que o trabalho andasse de forma mais eficaz, já que dessa forma cada um pode exercitar o que sabia dentro da sua realidade. E isso vai ao encontro do que foi relatado pelo aluno do CIEP, D, que disse: “Dividir dessa forma, entre as escolas ficou bom. Assim, todos participaram”. O que confirma um processo educacional, pois revela seu lado democrático.

- Relações entre alunos e professores

Desde o primeiro encontro o mediador não presenciou nenhuma desavença ou problema entre alunos e professores, no entanto, conflitos de ideias foram vistos. Em momentos como de debates sobre como iriam proceder em relação as divisões de grupos ou em situações como a escolha do tema e o foco que seriam abordadas as conversas. Portanto, garantiu-se o espaço democrático e conflitante por natureza em determinados momentos. Segundo um dos integrantes do CIEP, em alguns pontos como esse as professoras tentaram indicar o que poderia ser abordado de maneira mais impositiva, no entanto, o que funcionou e foi determinante para a continuidade do vídeo partiu da maioria de votos, ou seja, dependia da aprovação da maioria do grupo. Esse relato do aluno indica uma formação de ideias coesa e de experimentação através da colaboração, o que vai ao encontro dos princípios do processo educacional.

Segundo a professora VA, do CIEP, foi uma estratégia das educadoras desse grupo deixar os estudantes bem à vontade: “Auxiliamos no que podemos. Deixamos eles produzirem, irem atrás, criarem. Só ajudamos no que realmente era necessário”. Algo que também pode ser articulado com os princípios e orientações da educomunicação que busca o crescimento daqueles que estejam envolvidos no processo, no entanto, a proposta das oficinas estavam baseadas em um trabalho colaborativo entre alunos e professores, algo que acabou não se confirmando, porque as professoras do CIEP não tiveram a mesma dedicação com a execução das ações propostas. Quanto às professoras do Castelinho, apenas uma participou, mesmo que três tenham manifestado interesse. A desistência das outras duas, acreditamos, deva-se às primeiras dificuldades de definição de um tema que agradasse a todos.

Outro momento deste processo que existiu conflito ocorreu nos encontros destinados à montagem do material. A edição foi um momento para discussões, já que era a última etapa do audiovisual e as ilhas de edição foram os locais onde alunos se tornaram protagonistas devido à habilidade e facilidade de adaptação que demonstraram em relação às tecnologias. Neste mesmo lugar, professores precisaram emitir opiniões e ouvir as propostas dos estudantes, porque os alunos que conduziram a edição dos vídeos. Isto em razão de alguns deles, mesmo que de forma bem superficial já conhecem alguns *softwares* de plataformas parecidas, o que facilitou a construção do produto.

Segundo Kellison (2007, p.227) há programas como *Final Cut Pro*, *Avid Xpress*, *Premier Pro*¹⁷, *Media Composer* e *iMove* que partem de um mesmo princípio, por isso, a autora explica que o aprendizado e a adaptação tornam-se simples: “Ao aprender a mexer em um programa, é simplesmente uma questão de tempo até encontrar os botões e comandos certos em outro programa semelhante”.

E toda esta inserção dos jovens na cultura das mídias, segundo Sartori (2014, p.121) tem como explicação o fato de estarem conectados. É uma geração que vive o mundo das novas tecnologias. Por isso, as escolas e a sociedade precisam estar alinhadas no contexto das mídias em um todo e não em partes. E, por estarmos inseridos em uma sociedade que respira

¹⁷ Kellison (2007, p.226) salienta para a rápida evolução que é predominante quando se fala em processos de edição, segundo a autora, “a cada seis meses, surgem novos equipamentos no mercado; um sistema que é o estado da arte hoje pode ser aprimorado ou substituído amanhã”. Para a autora o importante é a escolha de programas de edição não-linear que sejam apropriados para o projeto que deseja desenvolver, pois assim, “as peças das cenas podem ser ‘encaixadas’ digitalmente fora de ordem”.

uma mediação tecnológica e por essas novas mídias se inserem de forma crescente nos espaços escolares, existe uma forte tendência e necessidade para que os professores as incorporem.

[...] o educador deve perceber e se conscientizar da realidade que a sociedade atual vivencia, deve estar preparado para ensinar e aprender com a geração atual, fazer dessa realidade uma alternativa para aperfeiçoar sua prática, seu conhecimento epistemológico e sendo crítico (SARTORI, 2014, p.129).

Pelo fato da relação entre aluno e professor ter sido acompanhada pelo mediador, já que as oficinas tinham como norte a educomunicação, que pressupõe uma abordagem horizontal entre os participantes, percebeu-se que os professores mesmo sem ter familiarização com equipamentos de edição estavam abertos aos saberes dos alunos. Atendendo a recomendação de que: “[...] ser educador contemporâneo é estar atualizado, é se abrir para a novidade que a tecnologia vem propor e ainda perceber o educando como direcionador de práticas, um guia na elaboração de aulas mais atrativas para os educandos da geração midiática” (SARTORI, 2014, p.131).

Quando os alunos do Castelinho foram questionados sobre essa relação deles com os professores, foram diretos ao responder que: “Não vimos a ‘sora’ como professora. Não conseguimos ver assim. E olha que temos aula com ela há muitos anos”. Esta afirmação retrata que a horizontalidade e a dialogia se fez presente nas oficinas educacionais. E, paralelo a esta colocação dos estudantes, a professora ainda reforçou: “Tinha que ser assim, até porque eles sabiam mais do que eu de vídeo. Até então eu não usava câmeras e programas de edição”. A troca de saberes foi garantida.

- Relação entre alunos

Os alunos que participaram das oficinas tiveram espaço para trabalhar todas as etapas, sempre de maneira colaborativa. Entre eles, prevaleceu a cooperação. Independente da função que cada um assumiu ao longo do processo seja como: cinegrafista, editor, repórter, produtor, fotógrafo, etc., o que prevaleceu foi a criação do produto em conjunto através de ideias diversas que convergiram para a conclusão dos documentários. Os estudantes do Castelinho frisaram que: “Cada um fazia um pouco. Editava. Gravava. Todos davam palpite”. Os alunos

do CIEP que complementaram: “Gostamos de trabalhar com isso”, se referindo aos meios audiovisuais.

Desde a etapa de criação do roteiro, os alunos dos dois grupos foram inseridos em todas as discussões. Partiu dos alunos do grupo do CIEP, por exemplo, debater quais imagens e quais fontes para as gravações. No grupo do Castelinho, uma aluna para contribuir com o vídeo sugeriu, inclusive que a própria sogra participasse do documentário, já que a senhora era ex-aluna da escola e tinha várias lembranças e histórias para contar sobre o lugar.

Nas externas o mediador pôde, em várias oportunidades, verificar o envolvimento dos alunos, sempre de maneira colaborativa. Desde o momento da execução das gravações, como até mesmo nos deslocamentos para os locais dessas captações, quando na fala dos jovens de ambos os grupos, o relacionamento e a prestatividade de uns com os outros era notada pelo mediador.

Quando partiram para o processo de edição, os estudantes dentro de seus grupos revezaram o manuseio dos computadores. Isso fez com que quase todos pudessem em algum momento, independente da etapa, assumir um espaço de protagonismo no uso das tecnologias. Os alunos participaram das diferentes etapas do processo de edição. Kellison (2007, p.230) denomina de primeira edição ou a primeira montagem, aquele que forma a, “essência do produto final e refletindo decisões básicas de edição. Depois dessa montagem sofrerá alterações e evoluirá com o tempo, mas ela que dá forma ao projeto”. Ainda segundo Kellison (2007, p.231) existe outro momento, chamado de edição final, que: “[...] é resultado de todas as decisões tomadas a partir de ajustes finos, diminuição ou aumento da obra durante o processo de edição”. Os alunos experimentaram essas etapas.

- Relação entre professores

Em um primeiro momento pode-se considerar que os professores tiveram uma boa relação de trabalho. No entanto, destaca-se que o grupo do Castelinho teve no princípio das oficinas a participação de três professores e, após alguns encontros, esse número se reduziu para apenas uma professora.

Quando a professora do Castelinho que seguiu até o final das oficinas foi questionada sobre como foi essa relação com as colegas, disse: “A gente pensa diferente” e ainda complementou: “Quando começamos não sabíamos que seria tudo aquilo. Achamos que seria mais simples”. Isso mostra que os professores queriam participar de uma oficina que não tivesse tantos encontros e ao mesmo tempo fosse somente para realizar diretamente um vídeo final, sem precisar, por exemplo, aprender a manusear os equipamentos ou executarem todo processo de captação e edição. Podendo afirmar que isso não se caracteriza como falta de interesse pelo conteúdo ou motivação em participar, mas sim, pela sobrecarga de trabalhos que a classe carrega.

Sartori (2011) os professores precisam aprender a lidar com as novas tecnologias e compreender que não são somente transmissores de informação, tendo a possibilidade de desenvolver práticas pedagógicas direcionadas para o conhecimento com o auxílio dos meios audiovisuais.

Quanto ao CIEP, as duas professoras sempre participaram desde o início das oficinas, no entanto, com baixa assiduidade, principalmente nos encontros que foram destinados às gravações e edição dos materiais. Momento em que os alunos precisaram assumir o papel de protagonistas no processo. Segundo Mogadouro e Soares (2011, p.275) existe um espaço de medo dos educadores com os avanços tecnológicos: “[...] percebemos, principalmente, a enorme insegurança dos professores em virtude da ausência de formação audiovisual”. No entanto, além da falta de intimidade com as tecnologias outro fator articula-se na fala de uma das professoras: “Era para eles”, disse evidenciando-se que não se apropriou da oportunidade como sua, mas sim como algo para os alunos.

c) Equipamentos

Esta categoria é formada pela análise que inclui: interação com a tecnologia e acesso aos equipamentos da escola.

- Interação com a tecnologia

Os alunos se adaptaram de forma rápida aos equipamentos utilizados nas oficinas e logo os manusearam sozinhos, sem o auxílio direto do mediador, um aluno do grupo do Castelinho afirmou que: “Adorei quando vi as câmeras. Como modulava o áudio delas e ajustava a lente, usando o *zoom*”. Já as professoras de ambas as escolas tiveram distanciamento das tecnologias, tanto no processo de captação como de edição. Segundo a professora MC, também do Castelinho: “O primeiro contato com os dispositivos foi assustador, mas depois foi ótimo”. O que vai ao encontro do que afirma Sartori (2011) quando menciona que as novas gerações conseguem manipular as novas tecnologias da informação e comunicação de forma mais flexível e clara, enquanto o professor, necessariamente passa a adaptar-se a esse novo molde, “[...] o que implica em novas formas de comunicação, novas atitudes e condutas, tanto como docente quanto como investigador”.

Desde as primeiras oficinas que trabalharam com a experimentação na utilização de câmeras até os encontros para montagem dos materiais, esse quadro se repetiu durante todo o projeto, com exceção do momento em que a professora MC do Castelinho, por não compreender o processo de edição decidiu criar uma própria sistematização para saber como proceder, tendo como parte da metodologia: papel, lápis e caneta para a continuidade da produção audiovisual. Isto demonstra o quanto os professores tem receio e dificuldade em trabalhar com as novas tecnologias e, possivelmente, o porquê esses elementos tecnológicos ainda serem utilizados no ambiente escolar.

Na etapa de captação as diferentes funções exercidas no grupo do CIEP foram sempre pelos mesmos, já no grupo do Castelinho alternaram-se. Em alguns momentos determinados alunos usavam a câmera, outros ficam com a responsabilidade de fazer as perguntas e o restante com o monitoramento dos equipamentos, sendo que até a professora foi entrevistadora em uma oportunidade. Quanto à fase de edição, ambos os grupos participaram igualmente, com exceção das professoras do CIEP. Os alunos assumiram o protagonismo, ficando responsáveis pela operacionalidade dos dispositivos e tendo os professores como auxiliares nesse processo. Pode-se afirmar isto porque além dos estudantes terem manuseado os equipamentos quase que na totalidade do tempo, as professoras do CIEP não participam de forma efetiva das gravações e nem dos momentos de edição, já a professora do Castelinho esteve em todos os momentos, no entanto, eram os alunos que se arriscavam na parte prática.

Em um caso pontual a professora do Castelinho, MC, precisou assumir a edição em uma determinada oficina, porém, este foi o único momento em que algum professor manuseou a ilha de edição. Cabe ressaltar que a montagem de um vídeo pode ter diversas concepções, pois acaba sendo uma atividade específica e que poucas pessoas dominam. Para Kellison (2007, p.233) o significado de ser um editor, “É a conexão que chamamos de edição. A edição pode manipular o tempo, criar situações de drama, tensão, ação ou comédia. Sem a edição, você só teria peças desconexas de uma ideia flutuando isoladamente em busca de uma conexão”. E como a edição torna-se essencial em uma construção audiovisual que tem diversas imagens e entrevistas em sua composição. Pode-se afirmar que para os integrantes terem uma autonomia em todo o processo, torna-se fundamental o domínio de todas as etapas.

- Acesso aos equipamentos da escola

Quando o mediador foi até as escolas, no primeiro contato, verificou que elas utilizam pouco os dispositivos que tinham para gravação. Somente alguns professores se apropriavam dos dispositivos. Até mesmo a gestora de uma das escolas não sabia que tinha mais de um equipamento para gravação na sua instituição. Fato que indica uma falha no processo de uso desses dispositivos, já que podem gerar conteúdo audiovisual e potencializar momentos de reflexão sobre determinados conteúdos. O que mostra que para existir esse processo de uso dos meios audiovisuais, os professores precisam estar alinhados ao mundo dos jovens, já que segundo Dias e Dalla Costa (2011, p.14) os educadores sabem da importância do trabalho com os audiovisuais, devido aos jovens crescerem em ambientes altamente mediados por tecnologias da informação e da comunicação. Os alunos tornam-se peças fundamentais para os professores enfrentarem o desafio da adaptação às tecnologias.

Percebeu-se que apesar das duas escolas possuírem equipamentos que poderiam ser utilizados na produção de vídeos, os alunos não tinham o conhecimento sobre esta existência e, por sua vez, os professores não sabiam como manuseá-los. Isso ficou muito evidente na oficina sobre a prática com as câmeras, pois em um determinado momento do encontro o mediador presenciou o aluno F, do Castelinho, afirmar que não sabia que a escola tinha câmera. Isso mostra que mesmo quando há equipamentos de produção audiovisual no ambiente escolar, eles não são utilizados por falta de conhecimento da existência ou por falta

de capacitação para o uso. Essa percepção vai ao encontro do que um aluno do CIEP colocou: “Equipamentos tem na escola, mas nunca tive trabalhos com eles. Só os vemos em eventos da própria escola”. Portanto, a potencialidade educacional dos materiais é ignorada.

Quando questionados sobre como estava sendo o acesso aos equipamentos em suas escolas após a realização das oficinas tanto a professora como os alunos do Castelinho disseram: “Nenhum acesso. O equipamento é precário. Só temos as câmeras que não tem entrada de microfone externo. E para editar só tem o *Movie Maker*”. O que comprova que a mediação tecnológica que aconteceu com alunos e professores sobre essas tecnologias após as oficinas e a necessidade que sentiram de trabalhar com dispositivos de melhor qualidade para se produzir vídeos também de melhor qualidade.

Outro fato que pode ser destacado é que essa postura dos participantes retrata um lado crítico deles, indo ao encontro de um despertar para esse senso de cidadãos ativos e que debatem melhorias, neste caso, querem melhores dispositivos e, conseqüentemente, a democratização da comunicação na escola. Por sua vez, nesse momento abre-se espaço para uma apropriação das novas tecnologias móveis como os celulares por parte de alunos e professores, já que são dispositivos de fáceis manuseios e que estão ao alcance de parte da população.

Para compreender a não utilização desses dispositivos na escola, se fez contato com as gestoras dos educandários participantes, questionando-se sobre o uso desses equipamentos e o porquê da escolha pelo macrocampo da Comunicação, Cultura Digital e Uso de Mídias do ProEMI. A diretora do Castelinho informou que: “Acreditamos ser necessário e prioritário a inclusão do macrocampo em nossa escola. Tanto para os docentes quanto aos alunos estarem atualizados na era tecnológica”. A escolha dos equipamentos de audiovisual que a escola adquiriu foi feita pela equipe diretiva, coordenação pedagógica e professores coordenadores das áreas do conhecimento. Nos últimos três anos a escola adquiriu câmeras, *notebooks*, *data show* e caixas de som. Portanto, há percepção da necessidade de uso, há equipamentos, mas não estão sendo usados e os equipamentos carecem de possibilidades, como entrada de microfone, fundamental para produção audiovisual.

Já no CIEP, a vice-diretora afirmou que a escola optou por este macrocampo, por que: “Esse assunto é de interesse dos jovens de hoje em dia. Eles estão em contato diariamente

com o todos os tipos de mídias digitais”. O equipamento adquirido com recurso do ProEMI por escolha da diretora foi uma filmadora que foi roubada e não foi substituída. A gestora explica: “Não temos nenhum projeto que utilize os equipamentos de gravação, até porque, só temos uma câmera fotográfica bem simples”.

Quando analisadas, as respostas das gestoras de ambas as escolas se mesclam. Percebe-se que há um interesse e um engajamento das escolas em se atualizarem e buscarem ampliar espaços para usos de mídias nas escolas, no entanto, é claro que para se realizar uma compra de dispositivos audiovisuais, necessita-se de profissionais da área e que saibam identificar quais melhores equipamentos para que assim, possa existir uma exploração ainda maior dos potenciais dos dispositivos adquiridos.

d) O produto

Esta categoria é formada pela análise que inclui: construção do vídeo, o filme e exibição.

- Construção do vídeo

Durante todo o processo de construção dos materiais que os dois grupos deveriam produzir, o mediador ficou envolvido diretamente, no entanto, como um facilitador e não alguém que interferisse diretamente na obra e no processo.

Desde a ideia da concepção que o vídeo teria, até a duração do audiovisual que acabou sendo em ambos os produtos de cerca de oito minutos, passando pela forma e foco que teriam até chegarem à confecção do roteiro, depois às externas e, por fim, às edições dos documentários, os alunos se envolveram mais que os professores. Porém, de maneira geral, pode-se observar que tanto alunos como professores compreenderam os processos trabalhados. Para a professora MC, do Castelinho: “Fazer esse vídeo, participando das oficinas, foi um desafio todo o tempo. Quando fomos para a confecção do roteiro achamos que nunca íamos conseguir no prazo. Mas deu certo”. Os estudantes complementaram: “Ficou muito bom. Para quem nunca tinha feito aquilo. Tá loco”. Essas falas são de igual forma

parecida com o que os alunos do CIEP perceberam do processo quando relataram: “No começo achamos que seria muito difícil. Mas fazer o roteiro e marcar as entrevistas foi o mais complicado”.

Das etapas de construção dos vídeos, cada fase teve suas particularidades observadas pelo mediador, podendo assim, ser ressaltado que o processo de edição foi o mais complexo para assimilação e prática dos participantes, pois foi nessa parte que alunos e professores viram que nas ilhas de edição as dificuldades nas fases anteriores poderiam comprometer a montagem dos materiais e o resultado final. Por isso, a edição acaba sendo uma função que requer habilidade: “Em geral, o editor pode ‘corrigir’ problemas da fase de produção na fase de pós-produção, cobrindo erros ou encontrando soluções para questões aparentemente impossíveis de corrigir [...]” (KELLISON, 2007, p.224). Tudo depende do material que coletam.

Já a confecção dos roteiros mostrou-se uma etapa que apesar de trabalhosa, a construção conjunta de ideias possibilitou o caminho do vídeo, a linha a ser seguida e as fontes que seriam entrevistadas. Quanto às externas, ambos os grupos conseguiram executá-las de maneira produtiva, pois apesar de utilizarem equipamentos amadores, captaram com excelente qualidade estética as entrevistas e as imagens que foram usadas nos materiais. Para a professora VA, do CIEP: “No decorrer das aulas a gente achou que ia ser muito difícil fazer o produto, que seria complicado. Mas na hora de fazer, de colocar em prática, não foi tão complicado assim”.

- O filme

Os materiais produzidos pelos grupos são de alta qualidade. Documentários que não deixam a desejar para produções de profissionais da área. Essa afirmação do mediador é cabível devido à qualidade estética e de conteúdo que os dois audiovisuais carregam, isto a partir do ponto de vista do mediador que é editor de uma TV educativa.

Por um lado, o vídeo produzido pelo grupo do Castelinho apresenta uma realidade escolar própria, que apesar de parecer ser um vídeo mais simples pela amplitude menor que a do CIEP, mostrou ser um produto crítico e que problematiza uma situação que boa parte dos

estudantes daquela instituição vivencia há anos e nunca haviam se manifestado, a falta de cuidado com o pátio que continha uma imensa área verde e o abandono do campo de futebol que está naquele espaço. Observa-se nessa produção que existiu uma amarra entre os entrevistados, gerando uma sensação para quem o assiste de começo, meio e fim. Contendo ainda, momentos onde foram trabalhados somente imagens e sons ambientes ou com trilhas¹⁸ que dão uma sensação de leveza ao material, sem ter a necessidade de usar algum entrevistado para esboçar algo.

Os alunos e professores do Castelinho investigaram o porquê da área estar abandonada, conversando com funcionário, alunos, ex-alunos, professores, ex-professores, ex-gestores e a atual diretora da escola, fato que implica na responsabilidade que o grupo teve em entender o assunto para expor a situação ao telespectador.

Já o grupo do CIEP criou um material audiovisual que cutuca a individualidade. Um documentário que mescla opiniões para saber se existe preconceito com a população que reside no bairro Santo Antônio de Lajeado. Entrevistas são de moradores e ex-moradores do local, cidadãos que trabalham no Santo Antônio, além de pessoas com influência na região e a população de uma maneira geral. Esse é um vídeo que faz pensar. Refletir. Um material esteticamente bem acabado e com preocupação dos produtores na forma como os telespectadores iriam ver o produto. Segundo um dos estudantes que participou dessa produção: “Não achei que ficaria tão bom. Mas no fim, ficou espetacular”. A professora VA da mesma escola ainda afirmou: “O produto no fim foi uma supressa. Claro que por ser o primeiro ainda não ficou perfeito, mas o resultado foi muito bom, melhor que imaginava”.

- Exibição

No último encontro, alunos e professores foram convidados a assistirem os vídeos finalizados, já que ninguém havia tido acesso a eles totalmente terminados, a não ser o

¹⁸ Pois quando se fala em edição de vídeo logo se remete a imagem e na montagem desses elementos, no entanto, tão fundamental como alinhar e montar as cenas, o áudio tem um papel fundamental no produto produzido, como destaca Kellison (2007, p.240), “mas as imagens são apenas uma parte do programa, a segunda parte é o áudio com suas camadas de nuances e possibilidades”.

pesquisador, isso porque foi o mediador que acertou os últimos detalhes como nivelamentos de áudios, inserção de caracteres e exportação dos materiais.

Todas as reações foram consideradas positivas ao longo da exibição, pois até mesmo em alguns erros recorrentes de problemas técnicos no computador que estava exibindo os documentários, foram percebidos e expostos pelos participantes, quando o mediador ressaltou que aqueles problemas não haviam sido ocasionados por eles, mas sim, pela máquina que exibia os materiais.

O mediador observou o momento como de troca de crítica entre grupos e seus produtos, todas construtivas e de cunho mais técnico, referindo-se ao manuseio das câmeras nas externas e à edição dos vídeos. Todos mostraram entender os conteúdos abordados.

e) Apropriações da equipe e do educador

Esta categoria é formada pela análise que inclui: dúvidas e inseguranças e, ainda, os conflitos, vitórias, alegrias e superações.

- Dúvidas e inseguranças

Quase todo o processo foi marcado por momentos de desafios e com grau de complexidade. Espaços em que os alunos e, principalmente, os professores demonstravam estarem inseguros com o que precisavam executar ou que iriam desenvolver. Estudantes do Castelinho resumiram esse medo ao relatarem: “O problema maior era o tempo. Ficamos com medo de não conseguir acabar”. A professora da escola ainda completou: “Tive muita dificuldade. Pavor de lidar com essas máquinas. Nunca tinha editado um vídeo na minha vida. Trabalhava somente com *power point*”. Já o estudante, D, do CIEP disse: “A hora de juntar, da edição. Cortar e saber como juntar as falas. Ali deu medo”. Os relatos revelam que as tecnologias precisam ser mais reconhecidas e exploradas nos ambientes escolares para que se crie uma cultura de uso desses meios em favor da educação e assim, faça com que estudantes e professores tenham confiança na hora de utilizarem esses dispositivos.

Desde os primeiros encontros que se expôs o que seria abordado, alunos e professores questionavam sobre o como iriam fazer as captações e as edições desses materiais. Dúvidas consideradas pelo mediador como sendo naturais, já que os participantes não detinham conhecimentos prévios quanto ao manuseio das tecnologias audiovisuais e nem uma grande bagagem de entendimento do tema socioambiental.

Pode-se evidenciar esse medo existente ao longo das oficinas em uma passagem da professora do Castelinho, que apesar de estar bem envolvida no processo, quando precisou editar o documentário junto aos alunos hesitou e deixou o espaço para somente os alunos executarem. Em conversa com o mediador, expôs a insegurança afirmando que não sabia como unir as falas do entrevistado, que tinha dificuldade de montar os materiais.

Para o mediador existiram dois momentos de ansiedade. O primeiro aconteceu no encontro em que havia sido planejado o manuseio dos equipamentos para captação das imagens, em que as atividades que haviam sido solicitadas foram cumpridas parcialmente pelos participantes e, ainda, uma das professoras do Castelinho disse que perdeu “o tesão”. Este foi o momento em que as dúvidas e incertezas sobre a continuidade da pesquisa passaram pela cabeça do mediador. E o outro fator que deixou o mediador temeroso aconteceu em um dos encontros destinados à edição, quando outra professora do Castelinho afirmou que estava perdida quanto à montagem do material. Isso fez com que o pesquisador achasse novamente que poderia ter problemas de desistência nos grupos pelas dificuldades expostas.

Cabe ressaltar que em nenhum momento o mediador teve algum tipo de receio quanto ao não cumprimento das atividades que os estudantes estavam realizando, pois via neles uma facilidade na adaptação aos audiovisuais.

- Conflitos / Vitórias / Alegrias / Superações

Quando o projeto começou a ser aplicado, mesmo existindo um planejamento da forma e do conteúdo a serem utilizados nas oficinas, alguns espaços conflitantes não poderiam ser imaginados. Ambientes estes que favoreceram o processo educacional.

O fato de alunos e professores terem que pensar, compartilhar ideias e executar atividades que não estavam em seu cotidiano, fez com que o processo como um todo gerasse

diferentes sentimentos nos participantes, que em diversos casos foi presenciado pelo mediador, como, por exemplo, nas discussões sobre qual o tema, o foco e o formato cada grupo iria trabalhar. Esses debates ampliaram o diálogo com os pensamentos distintos dos integrantes que precisaram ser alinhados para conseguirem, gerar o conteúdo desejado.

Após esses momentos de turbulência dialógica e com a captação sendo feita, as angústias por viverem uma experiência até então nunca explorada por eles foram diminuindo. Os participantes começaram a demonstrar a partir daí, sentimentos de alegria e de dever cumprido. A cada etapa realizada, como as entrevistas ou as imagens gravadas, o fôlego do grupo se renovava.

As ilhas de edição foram o espaço que alunos e professores precisaram ter vontade e dedicação para montar e concluir os documentários. Alunos que já tinham uma determinada habilidade com o manuseio das tecnologias precisaram dar o suporte, na posição de editores, serem precisos e atenciosos nas execuções feitas sobre a plataforma. Segundo um dos estudantes do CIEP, cada fase da oficina foi uma vitória diferente: “Cada parte que fazíamos era uma alegria. Quando terminávamos, nos olhávamos e dávamos risadas. Voltando da Univates de ônibus para casa a gente se olhava e perguntava: Qual será a próxima fase?”.

Já os professores tinham a missão de se familiarizar com os dispositivos, reconhecer a sua importância e aprender a dominar a linguagem, como também compreender o processo para conseguir colocar a mão na massa. Quando os educadores conseguiram, como no caso da professora do Castelinho que criou uma metodologia de edição manuscrita para superar as dificuldades com a apropriação tecnológica ou quando a mesma professora conseguiu, no programa de edição, realizar um trecho do audiovisual, ficou evidente a superação. Segundo ela: “Ali passei meus limites, porque tive que fazer. Percebi que havia me superado”. Outra alegria demonstrada veio com as palavras da professora VA do CIEP: “Num resultado geral, me surpreendi mesmo. Fizemos muito com pouco. E quem fez realmente foram os alunos, mais que os professores. Fiquei muito orgulhosa dos alunos”.

Essas falas das professoras e do estudante vão ao encontro do que foi observado pelo mediador ao longo do processo, tendo os alunos em quase todos os encontros como os protagonistas e os educadores como auxiliares durante a produção. E, portanto, evidenciando que os alunos do CIEP e a professora do Castelinho é que conseguiram viver mais plenamente

a experiência educacional socioambiental proposta. Talvez porque como Citelli (2011) ressalta, nem todos formados em Educação tem condições de entrar no mundo da Comunicação e vice-versa.

A cada encontro finalizado, uma vitória e com espírito de um processo de mediação desenvolvido, no entanto, foi no último encontro, quando os grupos tendo os professores e alunos reunidos novamente, assistiram aos materiais produzidos que o sentimento de superação transbordou para o pesquisador. Na exibição dos produtos, o esforço em elaborar uma oficina com cerca de três meses de duração e 18 encontros foi recompensada, com a qualidade exposta dos materiais e a certeza da apropriação dos participantes das formas e maneiras de construir um audiovisual. E, mesmo que restrita a sua escola ou ao seu bairro, houve uma reflexão sobre a relação deles com o ambiente em que vivem, portanto a abordagem socioambiental esteve garantida, de modo crítico e a partir de uma produção ativa de significados sobre a realidade.

6. CONCLUSÃO

Para concluir, retoma-se o problema de pesquisa buscando uma síntese reflexiva sobre as questões norteadoras deste estudo.

Como os meios audiovisuais podem auxiliar na democratização da comunicação a partir de um processo educomunicativo no Ensino Médio? Como os princípios da educomunicação socioambiental se estabeleceriam neste processo?

Percebeu-se ao longo dos 18 encontros que alunos e professores, apropriaram-se das tecnologias, já que todos conseguiram de alguma forma cumprir as etapas dos encontros, alguns com mais habilidade para determinadas funções da construção audiovisual do que outros, no entanto, pode-se afirmar que de forma geral existiu assimilação dos conteúdos pelo que se observou dos relatos das oficinas e também da análise do produto final.

Como a educomunicação carrega características de um processo dialógico e que busca fazer com que aqueles que estão no espaço de intervenção tornem-se cidadãos críticos, pode-se afirmar que através das oficinas esses participantes conseguiram tanto construir um documentário com foco socioambiental, que os fez refletir, mesmo tendo menor ênfase para as questões da temática ambiental, como também mostrou-lhes todas as fases de produção do vídeo, exercitando a produção de uma peça audiovisual que faz o telespectador repensar os assuntos abordados.

Evidencia-se que a tentativa do mediador foi em todos os encontros ser um facilitador do processo e nunca alguém que interferisse diretamente nas escolhas e definições dos grupos.

Algo que foi discutido entre o mediador e sua orientadora, já que apesar da educomunicação prever um ecossistema dialógico e que busque instigar os sujeitos, a todo o momento pensava-se em como fazer com que os participantes pensassem todas as etapas de construção do audiovisual (roteirização, captação e edição) e, ainda, trabalhar criticamente as temáticas socioambientais escolhidas, sem ter seu direcionamento forçado pelo pesquisador e sua orientadora. Da indagação de como proceder em relação aos modos de mediação do processo educ comunicativo, as reflexões realizadas durante a pesquisa levou-nos a concluir que torna-se válido dar pistas de como os educ comunicandos podem prosseguir, porém devem ser pistas e não uma interferência impositiva ou muito direta, dando-se preferência a problematizar de modo que se faça emergir reflexões do grupo. Os participantes de um projeto colaborativo que trabalha com a educomunicação precisam ser despertados para terem olhares críticos. Em uma analogia: precisa-se que eles vejam as coisas do jeito deles, mas com os óculos de todos do grupo. Quando a reflexão não emerge naturalmente, surge o mediador para problematizar e facilitar o processo.

Na exibição dos dois documentários produzidos para todos os criadores dos materiais, alunos ou professores, o mediador pode registrar momentos de felicidade e de carinho com o vídeo produzido nas falas dos participantes, que foram tecendo comentários livres ou solicitados sobre todas as etapas de produção do audiovisual e das mensagens que esses materiais passaram.

Percebeu-se nessa pesquisa que alunos têm mais facilidade no manuseio dos dispositivos tecnológicos que os professores. No entanto, quando foi preciso, um dos educadores, que estava mais envolvido no processo, conseguiu utilizar esses recursos. O que comprova o fato dos audiovisuais, independente do formato que carreguem, poderem ser usados em sala de aula e com a condução dos professores, desde que eles percebam a importância de dominar essa linguagem.

A partir da condução dessa linguagem e sabendo manusear os dispositivos, os professores alicerçados nos conhecimentos extraclasse das tecnologias em que os alunos estão imersos, podem garantir uma ampliação de seus usos e, assim, difundir conteúdos aplicados no espaço escolar através das novas mídias no Ensino Médio, já que esses estudantes caracterizam-se por um grupo de jovens que transpiram aprendizado através desse mundo tecnológico.

O ambiente escolar pode ser melhor explorado como um espaço educacional, que parte de um processo de compartilhamento de ideias, ou seja, dialógico e horizontal, no qual professores e alunos se posicionam e, assim, tornam-se seres críticos. De igual forma, esse ambiente favorece a democratização da comunicação através dos dispositivos, neste caso específico, os meios audiovisuais. No entanto, é preciso ter acesso aos equipamentos para usos educativos e não como elementos de registro para eventos da escola.

Entre os professores ficou evidente o receio ao utilizar os dispositivos audiovisuais, e de igual forma, ficou claro que a partir de um processo democrático, proporcionado pela educação, o envolvimento dos educadores aumenta. Dentro dessa perspectiva de acesso aos meios audiovisuais através do ecossistema educacional, o mediador sendo um facilitador pôde auxiliar, respeitando um determinado distanciamento do grupo para que assim, os participantes conseguissem criar seu próprio ambiente de debate e crescimento crítico, de acordo com a temática trabalhada.

Nessa pesquisa levou-se em consideração os princípios educacionais socioambientais como pontos norteadores para todo o processo que culminou com a criação de um produto audiovisual. Através da forma como os alunos e professores trabalharam ao longo dos 18 encontros pode-se observar que emergiram das oficinas fatos que evidenciaram a prática do que está posto nos princípios. E, dessa observação, constatou-se que em vários momentos os princípios se repetiram, mostrando que eles são próximos e por não carregarem somente uma característica fica difícil distinguir qual especificidade de cada princípio.

Sobre as escolhas de foco para os produtos, pode-se dizer que se encaixam dentro do conteúdo socioambiental, pois foram trabalhados em espaços de convívios e em ambientes de vida. Quanto à apropriação da temática socioambiental considera-se que foi restrita ao espaço da escola e do bairro. E, apesar de o trabalho ter sido de proposta educacional socioambiental e sendo ofertado em um dos encontros um embasamento com a temática ambiental, os alunos e professores pouco discutiram ou debateram esse assunto. Dentro das oficinas, o que mais foi discutido entre os participantes acabou sendo a forma, ou seja, a maneira como criar, montar e finalizar o vídeo. A curiosidade tecnológica superou a curiosidade ambiental. Direcionando o estudo para um processo mais de mediação tecnológica do que de mediação ambiental. Isto demonstra a necessidade do momento. Talvez a superação da curiosidade tecnológica deixasse emergir a curiosidade ambiental, o que

dependeria da continuidade do processo educacional. A continuidade não estava prevista no processo de pesquisa, mas poderá se dar nos educandários, desde que tenham equipamentos adequados e grupos capacitados, o que infelizmente não é o caso de nenhuma das duas escolas.

A execução das etapas operacionais por parte dos alunos e professores caracterizam-se como educacionais, pois ao longo dos encontros, desde o roteiro, as gravações e a edição dos vídeos, existiu o debate e as ações pautadas em comum acordo por alunos e professores, assim, os documentários emergiram da horizontalidade e da convergência de ideias dos participantes, guiados pelo mediador. O processo, garantidamente, foi colaborativo.

A pesquisa evidenciou a possibilidade de utilização desses dispositivos audiovisuais de forma eficaz, como um recurso sedutor para ser explorado com estudantes de Ensino Médio. Além disso, esse estudo apontou que para aqueles professores que gostariam de usar esses dispositivos em trabalhos colaborativos no espaço escolar, torna-se essencial se manter atualizado frente aos avanços desses meios audiovisuais. A educação através dos audiovisuais é uma forma interessante de conseguir que estudantes desenvolvam conteúdos, contando que os professores se capacitem, para assim minimizar o choque de pensamentos de alunos e docentes e, possibilitando um ambiente de criticidade, dialógico, autônomo, que favoreça a democratização da comunicação.

Potencial, dedicação, espaço de compartilhamento com trocas de ideias e vontade de ingressar em novas propostas que usem os meios audiovisuais o grupo de participantes mostrou ao longo dos 18 encontros, no entanto, de maneira alguma pode-se estabelecer esta amostragem como algo generalizado.

Trata-se de um estudo que frisa a necessidade da compreensão e importância em manusear esses dispositivos em sala de aula, fornecendo tanto a democratização da comunicação quanto a aprendizagem criativa na educação.

Portanto, em relação às duas questões que norteiam o problema de pesquisa, conclui-se que os meios audiovisuais foram uma estratégia que instigou e possibilitou a democratização da comunicação por meio de um processo educacional no espaço escolar e que os princípios norteadores da educação socioambiental emergiram no processo de modo natural, sendo os que mais evidenciaram-se foram o diálogo permanente e continuado, a

interatividade e produção participativa de conteúdos, e a não discriminação e o respeito à individualidade e diversidade humana.

Devido ao processo desenvolvido nessa pesquisa, suas complexidades e ao tempo que despúnhamos para concluí-la, não foi possível analisar qual a reverberação e os impactos que os documentários produzidos tiveram ao serem exibidos nas escolas participantes, no entanto, deixa-se explícito que a intenção desse estudo não foi observar a recepção da imagem de um audiovisual e sim, analisar a construção de um produto audiovisual através de um processo educ comunicativo socioambiental.

As práticas relatadas neste estudo apontaram um exercício educ comunicativo relacionado a diferentes ecossistemas comunicativos. Por meio das artes, construiu-se uma narrativa imagética. Realizou-se um processo pedagógico com uso didático das tecnologias de comunicação. Também os envolvidos foram educados para comunicar em grupo sobre seus modos de compreender a realidade que vivem, nos ambientes do bairro e da escola. Certamente ocorreu um processo de mediação tecnológica, já que manipularam equipamentos pouco comuns ao seu cotidiano, refletindo sobre modos de contar uma história por meio deles (roteirizar, captar imagens e editar). Da parte do mediador, exercitou-se a reflexão epistemológica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Airton Lorenzoni. **Mídia, educação e cidadania na Aldeia Global: para que mundo estamos educando.** 2006. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinios.br/pdf/UNIrev_Almeida.PDF>. Acesso em: 10 maio 2014.

ALMEIDA, Raija. O vídeo na educação infantil: os impactos do uso do vídeo nas práticas educativas. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - 2 a 6 de setembro de 2011. **Anais...** Recife, PE, set. 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2687-1.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2014.

AMARAL, João J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica.** Fortaleza, 2007. Disponível em: <<http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses-1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

ANNIBAL, Sérgio Fabiano; LEPRE, Leonardo Ribelatto. Comunicação e educação: mídias e a formação de professores. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – 4 a 7 de setembro de 2013. **Anais...** Manaus, AM, set. 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0745-1.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2014.

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira.** São Paulo: Summus, 2004.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento.** São Paulo: Paulinas, 2011.

BARCELOS, Valdo. A educação ambiental na escola “mentiras” que parecem “verdades”: (re)pensando a educação ambiental no cotidiano da escola. In: ZAKREZEVSKI, Sônia Balvedi et. al. **A Educação ambiental na escola: abordagens conceituais.** Erechim: Edifapes, p. 81-89, 2003. Disponível em:

<<http://reasul.org.br/mambo/files/cadernos%20de%20EA%20URI%202003.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2014.

_____. **Educação ambiental:** sobre princípios, metodologias e atitudes. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

BARROS, Thais Helena de Camargo; SCHWARTZ, Gilson. **Tecnologias da informação e comunicação (TICs) na educação:** professores – mediadores – mentores. 2011. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2011.

BATTAINI, Vivian; MARTIRANI, Laura Alves. Pesquisa-ação e contexto escolar: oficinas de educomunicação socioambiental em bacia hidrográfica. **Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, Rio Grande, RS, v. 27, n. 1, p. 100-114, 2011.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar:** ética do humano-compaixão pela terra. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, SC, v. 2, n. 1, p. 3, 2005.

BRASIL. Constituição, 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm#art225>. Acesso em: 15 out. 2014.

_____. **Educomunicação socioambiental:** comunicação popular e educação. Organização. Francisco de Assis Morais da Costa. Brasília: MMA, 2008. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/arquivos/txbase_educom_20.pdf>. Acesso em: 14 maio 2014.

_____. Lei N° 6.938 de 31 de agosto de 1981. **Dispõe sobre a Política Nacional do Meio Ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação, e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L6938.htm>. Acesso em: 15 out. 2014.

_____. Lei N° 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/11689927/artigo-36-da-lei-n-9394-de-20-de-dezembro-de-1996#>>. Acesso em: 15 out. 2014.

_____. Lei N° 9.795 de 27 de abril de 1999. **Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm>. Acesso em: 15 out. 2014.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais:** meio ambiente / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. p.167-242. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/meioambiente.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2014.

_____. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2014.

_____. **Programa de Educomunicação Socioambiental**. Organização: Órgão Gestor da Política Nacional de Educação Ambiental: MMA, 2005. Disponível em: <http://www.daep.com.br/coletivos/adm/download/dt_2_programa_educomunicacao_socioambiental_4a_versao_maio_final.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2014.

_____. **Programa Ensino Médio Inovador: documento orientador**. Organização: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA: MEC, 2014. Disponível em: http://pactoensinomedio.mec.gov.br/images/pdf/doc_orientador_proemi_2014.pdf. Acesso em: 13 jan. 2015.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CASSOL, Maria Candida et al. Relatos da experiência da Oficina de Audiovisual “Educomunicação e o exercício da cidadania comunicativa”. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - 2 a 6 de setembro de 2011. **Anais...** Recife, PE, set. 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1330-1.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2014.

CHEMIN, Beatris Francisca. **Manual da Univates para trabalhos acadêmicos: planejamento, elaboração e apresentação**. 2. ed. rev. e atual. Lajeado: Univates, 2012.

CITELLI, Adilson Odair. **Comunicação e educação: A linguagem em movimento**. São Paulo: SENAC, 2000.

_____. Comunicação e educação: implicações contemporâneas. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Educomunicação**. Youtube, 2011. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=ZdQLun-XCgA>>. Acesso em: 17 maio 2014.

_____. Meios de comunicação e Educação: Desafios para a formação de docentes. **Revista ALAIC**, n. 5, 2011. Disponível em: <<http://www.alaic.net/revistaalaic/index.php/alaic/article/viewFile/11/11>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

CORAZZA, Helena. As novas tecnologias no cotidiano de educadores e educadoras. In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - 4 a 7 de setembro de 2013. **Anais...** Manaus, AM, set 2013. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0212-1.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2014.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Cortez, 2005.

COSTA, Rafael Nogueira. Cinema e política ambiental nacional: o parque nacional da restinga de Jurubatiba e a indústria petrolífera em Macaé (RJ). In: V Encontro Brasileiro de Educomunicação: Educação midiática e políticas públicas - 19 a 21 de setembro de 2014. SOARES, Ismar de Oliveira Soares; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil (Orgs.). **Anais...** São Paulo: ABPEducom, p. 320-327, 2014. Disponível em: <<http://www.abpeducom.org.br/2014/08/anais-do-v-encontro-brasileiro-de.html>>. Acesso em: 16 out. 2014.

DA COSTA, Ana Paula Vitorio. Audiovisual e Mídias móveis: Um estudo de caso de produções brasileiras veiculadas em suportes portáteis. In: BRANDÃO, Cristina; COUTINHO, Iluska; LEAL, Paulo Roberto Figueira (Orgs.). **Televisão, cinema e mídias digitais**. Florianópolis: Insular, 2012.

DANCYNGER, Ken. **Técnicas de edição para cinema e vídeo**. Rio de Janeiro: Elsevier: 2007.

DE ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves. **Radioescola: locus de cidadania, oralidade e escrita**. 2006. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/pdf/UNIrev_Assumpcao.PDF>. Acesso em: 27 maio 2014.

DE OLIVEIRA, Chirles. Comunicação: uma aliada na propagação do desenvolvimento sustentável. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - 4 a 7 de setembro de 2009. **Anais...** Curitiba, PR, set. 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3839-1.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2014.

DIAS, Luis Otávio; DALLA COSTA, Rosa Maria Cardoso. TV Multimídia na sala de aula: aproximações entre comunicação e educação. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação — 2 a 6 de setembro de 2011. **Anais...** Recife, PE, set. 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1212-1.pdf>>. Acesso em: 02 out. 2014.

DUARTE, Rosina. **SOS Comunicação: estratégias para a divulgação do Terceiro Setor**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2002.

DUTRA, Manuel José Sena. Pensando em tv e biodiversidade: existe mesmo um discurso ecológico?. In: XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - 2 a 6 de setembro de 2003. **Anais...** Belo Horizonte, MG, set. 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/140784980518024049581808717790062380802.pdf>>. Acesso em: 27 maio 2014.

FALCÃO, Sandra Pereira; ALMEIDA, Maria do Carmo Souza de; CITELLI, Adilson Odair. Redes sociais e documentários: uso sinérgico de dispositivos comunicacionais no debate

socioambiental. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação — 3 a 7 de setembro de 2012. **Anais...** Fortaleza, CE, set. 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-1479-1.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2014.

FANTIN, Monica. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis: Cidade Futura, 2006.

FARIAS, Alessandra Marlice de Brito. **Interações comunicacionais na educação ambiental: um estudo da apropriação da política pública da coleta seletiva por moradoras/consumidoras em Lajeado, RS**. Dissertação de Mestrado. Lajeado, RS: Univates, 2010.

FARIAS, Alessandra Marlice de Brito; MAZZARINO, Jane Márcia; OLIVEIRA, Eniz Conceição. Educação ambiental e políticas públicas. **Revista Eletrônica do Mestrado de Educação Ambiental**, v. 30, n. 1, p. 179-201, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 29. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GERBASE, Carlos. Por uma pedagogia da imagem. In: LEVACOV, Marília; *et al.* **Tendências na comunicação: cursos de comunicação da PUCRS, UFRGS, ULBRA, UNISINOS**. Porto Alegre: L&PM, p. 40-45, 1998.

_____. Carlos. **Cinema: primeiro filme: descobrindo, fazendo, pensando**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**, v. 4, p. 41-56, 2002. Disponível em: <http://www.ngd.ufsc.br/files/2012/04/ric_CLASSIFICAPESQUISAGIL.doc>. Acesso em: 26 out. 2014.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: PNAD. Síntese dos indicadores**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_anual/2012/Sintese_Indicadores/sintese_pnad2012.pdf>. Acesso em: 28 out. 2014.

JOST, François. **Comprender a televisão**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

KAPLÚN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. **Anais...** São Paulo: Paulinas, 2011.

KELLISON, Catherine. **Produção e direção para TV e vídeo: uma abordagem prática**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.

LEAL, Júlia Munareto. Comunicação e educação: o audiovisual Leonel Pé-de-Vento no espaço escolar e as possíveis significações construídas. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - 3 a 7 de setembro de 2012. **Anais...** Fortaleza, CE, set. 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-1479-1.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2014.

LEIPNITZ, Carolina Alberton; MAZZARINO, Jane Márcia. Educomunicação socioambiental no processo de criação audiovisual na Ong Abaquar Brasil. **Revista Destaques Acadêmicos**, Lajeado, v. 2, n. 2, p. 45-55, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais: da comunicação à educação. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 121-134.

MARTIRANI, Laura. Comunicação, Educação e Sustentabilidade: o novo campo da Educomunicação Socioambiental. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - 2 a 6 de setembro de 2008. **Anais...** Natal, RN, set. 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1697-2.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2014.

MARTIRANI, Laura; GOMES, Helena L. R. Magalhães. Rádio como instrumento de educação ambiental: análise de experiência de produção do programa “Planeta Vida” (Rádio Educativa FM de Piracicaba/SP/Brasil). **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. Porto Alegre: Dom Quixote, 2008, p. 370-381.

MATARAZZO, Graziella. Produção de curtas metragens por crianças de 5 e 6 anos. In: V Encontro Brasileiro de Educomunicação: Educação midiática e políticas públicas - 19 a 21 de setembro de 2014. SOARES, Ismar de Oliveira Soares; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil (Orgs.). **Anais...** São Paulo: ABPEducom, p. 377-383, set. 2014. Disponível em: <<http://www.abpeducom.org.br/2014/08/anais-do-v-encontro-brasileiro-de.html>>. Acesso em: 16 out. 2014.

MATTANA, Luciano et. al. Educomunicação e Cidadania Comunicativa: relato do intercâmbio de saberes vivenciado na oficina de produção sonora. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - 2 a 6 de setembro de 2011. **Anais...** Recife, PE, set. 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-3057-1.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2013.

MAZZARINO, Jane Márcia; MUNHOZ, Angélica Vier; KEIL, Jaqueline Luciana. Currículo, transversalidade e sentidos em Educação Ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 7, n. 2, p. 51-61, 2012. Disponível em: <<http://www.sbecotur.org.br/revbea/index.php/revbea/article/view/2250/2256>>. Acesso em: 15 out. 2014.

MIGUEL, Katarini Giroldo. Os paradigmas ambientais na comunicação social: da arte primitiva à comunicação midiática. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - 2 a 6 de setembro de 2008. **Anais...** Natal, RN, set. 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1692-1.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MIRANDA, Amanda Souza de. **O Jornal Escolar e a Educação Problematicadora: vislumbrando uma aproximação**. UNIrevista, v. 1, n. 3, 2006. Disponível em: <http://www.alaic.net/ponencias/UNIrev_Miranda.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2014.

MOGADOURO, Cláudia de Almeida; SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta)**. Tese de Doutorado na área de Interfaces Sociais da Comunicação. São Paulo: USP, 2011.

MULLER, Juliana Costa; SARTORI, Ademilde Silveira. Mídia e processos educacionais: o papel da escola frente a esta realidade. In: SARTORI, Ademilde Silveira (Org.). **Educomunicação e criação de ecossistemas comunicativos: diálogos sem fronteiras**. Florianópolis: DIOESC, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar a televisão na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

NASCIMENTO, Luis Felipe; DA CUNHA LEMOS, Ângela Denise; DE MELLO, Maria Celina Abreu. **Gestão socioambiental estratégica**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

NEUMANN, Laurício. **Educação e comunicação alternativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1990.

NOGUEIRA, Dayane; TONUS, Mirna. Fortalecendo as bases teóricas para uma pesquisa sobre educação e meio ambiente. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - 2 a 6 de setembro de 2010. **Anais...** Caxias do Sul, RS, set. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0571-1.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2014.

OLIVEIRA, Maurício Elias de; GONÇALVES, Rodrigues. Por dentro de uma Oficina de Vídeo: Educação e Audiovisual. In: XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste - 07 a 10 de maio de 2008. **Anais...** São Paulo, maio 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/expocom/EX9-0640-1.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2014.

OROZCO-GÓMEZ, Guillermo. Comunicação, educação e novas tecnologias: tríade do século XXI. In: CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Televisão e escola: conflito ou cooperação?**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

REIS, Marília Freitas de Campos Tozoni. Pesquisa-ação em educação ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 3, n. 1, p. 155-169, São Paulo: UNESP, 2008.

ROSA, Rosane. Educomunicação e cidadania comunicativa: Formação de educadores para o projeto Mais Educação, no Rio Grande do Sul (parceria entre a UFSM e a SEDUC/RS). In: V Encontro Brasileiro de Educomunicação: Educação midiática e políticas públicas - 19 a 21 de setembro de 2014. SOARES, Ismar de Oliveira Soares; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil (Orgs.). **Anais...** São Paulo: ABPEducom, p. 193-195, set. 2014. Disponível em: <<http://www.abpeducom.org.br/2014/08/anais-do-v-encontro-brasileiro-de.html>>. Acesso em: 16 out. 2014.

_____. **HQTV Entrevista:** Rosane Rosa e a educomunicação. 2014. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=weqhLEYWADo#t=93>>. Acesso em: 02 out. 2014.

SAYAD, Alexandre Le Voci. **Idade mídia:** a comunicação reinventada na escola. São Paulo: Aleph, 2011a.

_____. Prefácio. In: SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação:** o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011b.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Maria del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANFELICE, Gustavo Roesse; ARAUJO, Denise Castilhos de. Mídia e Ação Pedagógica: possibilidades de encontro. **UNIREVISTA**, v. 1, n. 3, jul. 2006. Disponível em: <http://www.grupomel.ufba.br/gtt_midia/conteudo/textos_e_imagens/producao/midia_e_acao_pedagogica_possibilidades_de_encontro.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2014.

SANTOS, Jonathas Fontes. Educomunicação: uma inter-relação entre educação e comunicação. **Revista Letrando**, v. 2, 2013. Disponível em: <<http://revistaletrando.com/revista/volume2/11.Jonathas.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

SARTORI, Ademilde Silveira. A educomunicação como resposta possível às inter-relações entre comunicação e educação: promoção de ecossistemas comunicativos. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - 4 a 7 de setembro de 2009. **Anais...** Curitiba, PR, set. 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2607-1.pdf>>. Acesso em: 16 dez. 2013.

SARTORI, Ademilde Silveira; SOUZA, Kamila Regina de; KAMERS Nelito José. Desenho animado, TV e Youtube: reflexões sobre educomunicação e linguagens. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - 2 a 6 de setembro de 2011. **Anais...** Recife, PE, set. 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-0788-1.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2014.

SCHWERTNER, Suzana Feldens. Juventude, Cinema e Educação: apontamentos de uma pesquisa. **Tear**: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia, v. 1, p. 1-19, 2012.

SILVA, Manuela Ilha; ROSA, Rosane. Educomunicação e o grupo focal como opção Metodológica. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - 2 a 6 de setembro de 2010. **Anais...** Caxias do Sul, RS, set. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1510-1.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2014.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Ecosistemas comunicativos**. Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/28.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2013.

_____. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011a.

_____. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, Adilson Odaír; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011b.

_____. **O projeto Educom TV: formação online de professores numa perspectiva educacional**. Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/4.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2013.

_____. **Educomunicação**. Youtube, 2012a. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=8iMyk4ddXZI>>. Acesso em: 17 maio 2014.

_____. **Estudos de educomunicação**. Youtube, 2012b. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=vz8a2xHb17M>>. Acesso em: 17 maio 2014.

TOTH, Mariann; MERTENS, Frédéric; MAKIUCHI, Maria de Fátima Rodrigues. Novos espaços de participação social no contexto do desenvolvimento sustentável: as contribuições da Educomunicação. **Ambiente & Sociedade**, v. 15, n. 2, p. 113-132, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2012000200007&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 27 maio 2014.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VASCONCELOS, Maria Lucia. **Educação básica: a formação do professor, relação professor-aluno, planejamento, mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2012.

XAVIER, Antônio Nolberto de Oliveira; SOLEDADE, Juliana Santos. A “leitura” do audiovisual e a formação do cidadão crítico. In: II Encontro de Educomunicação da Região Sul - 27 e 28 de junho de 2013. **Anais...** Ijuí, RS, jun. 2013. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/educosul/2013/com/gt3/2.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2014.

APÊNDICE A

Questionário inicial apresentado as escolas:

Escola:

Coordenador pedagógico do Ensino Médio:

- A. A escola tem algum projeto de produção audiovisual?
- B. Quem realiza? Quem é o público?
- C. Há equipamentos para produção audiovisual na sua escola? Quais (câmeras, ilhas de edição, outros)? Quantos?
- D. Há interesse da escola para que os professores participem de curso de capacitação audiovisual para educação ambiental gratuito? Quantos? Quais professores?
- E. Tem disponibilidade entre os meses de março e julho de 2015? Qual melhor dia da semana e turno? Se não pode neste período, quando sugere?

APÊNDICE B

Quadro 6: Planejamento das oficinas

| ORIENTAÇÃO | CONTEÚDO |
|-----------------------------|--|
| <p>Marcus e Jane</p> | <p>1. PRIMEIRO ENCONTRO: Abertura/Proposta</p> <p>1.1. Como funcionará o projeto intitulado: “Educomunicação socioambiental: experimentações com audiovisual no ensino médio”?</p> <p>Serão 18 encontros com cerca de 3 horas de duração cada.</p> <p>Os participantes são professores e alunos de escolas de Lajeado participantes do Programa do Governo Federal denominado Ensino Médio Inovador.</p> <p>Os integrantes ao longo do processo serão divididos em dois grupos. Ao final das oficinas que terá como cunho o conceito da educação será necessária a apresentação de um produto final no qual terá o formato escolhido por eles com foco socioambiental.</p> <p>1.1.1. Objetivos do projeto</p> <p>O objetivo geral deste estudo é investigar o uso da linguagem audiovisual em um processo de educação socioambiental no ambiente escolar.</p> <p>Estudar aspectos relevantes sobre a educação e educação socioambiental;</p> <p>Capacitar professores e alunos para o uso do audiovisual como ferramenta educativa;</p> <p>Exercitar o uso da linguagem videográfica com professores e alunos em um ambiente educativo, levando-se em conta os princípios da educação socioambiental;</p> <p>Investigar como alunos e professores da escola apropriam-se da linguagem audiovisual em ações educativas;</p> <p>Verificar como a construção audiovisual pode ser mecanismo de auxílio no processo educativo.</p> |

1.1.2. Método

Pesquisador com estreita associação com os participantes, no acompanhamento ao longo de todo processo de produção dos vídeos, o que categoriza este estudo como sendo uma pesquisa-participante. Este tipo de pesquisa depende do entrosamento entre todos (professores, alunos, pesquisadores). Se não há participação não existe este tipo de pesquisa. Então depende de todos nós.

Também é uma pesquisa-ação, porque exige a articulação rigorosa entre a produção do conhecimento e a ação educativa, busca aprimorar as práticas.

É uma estratégia para o desenvolvimento de professores, alunos e pesquisadores de modo que eles possam utilizar duas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos.

1.1.3. Programa dos encontros e suas dinâmicas

- 18 encontros (todos em quintas-feiras, salvo exceções);
- Cerca de 3 horas de duração em cada (salvo exceções);

1.1.3.1. Calendário





1.1.4. Quais são as etapas do projeto?

O projeto será desenvolvido ao longo de 18 encontros. E abordará as seguintes etapas:

Apresentação da proposta;

Formatos audiovisuais;

Temática ambiental;

Desenvolvimento técnico;

Definições de equipes e funções;

Externas,

Edição;

Visualização produto final.

1.2. *Tour* pela TV Univates – Com duração de cerca de 30 minutos. Ida aos dois estúdios, redação e sala de operações da emissora universitária.

1.3. Conhecimentos iniciais

1.3.1. Área audiovisual – cultura da imagem (Marcus)

1.3.2. Questões socioambientais – temas ambientais (Jane)

| | |
|----------------------|---|
| | 1.3.3. Educomunicação – tipos (Marcus e Jane) |
| Marcus e Jane | <p>1. SEGUNDO ENCONTRO: Formatos audiovisuais</p> <p>1.1. Características dos formatos na proposta do projeto com base em Aronchi de Souza, José Carlos (2004).</p> <p>1.1.1. Documentário – Possui conexão com dados reais. Pode ter diferentes tempos. É uma linguagem que pode aprofundar temas. Mistura dados diversos. Consegue trabalhar com diversas fontes reais. Possui características históricas. Porém, pelo fato de ter uma duração maior, precisa ser atraente em seu conteúdo e linguagem visual. Conquistar pelo dinamismo. Segundo Aronchi de Souza (2004, p.171): “[...] procura convencer o telespectador de que as informações são verdadeiras”.</p> <p>1.1.1.1. Exemplo: Documentário “Ilha das Flores”. https://www.youtube.com/watch?v=Yy5l4Y5bVDY</p> <p>1.1.2. Educativo – Tem compromisso com o caráter pedagógico. São divididos por faixas etárias. Para Aronchi de Souza (2004, p.153), “[...] encontra-se aulas com linguagem televisiva e programas produzidos para audiência em geral, como os telecursos e infantis”.</p> <p>1.1.2.1. Exemplo: Telecurso Profissionalizante: Aula 1 - Qualidade Ambiental: Estudo do Homem e do Meio Ambiente. https://www.youtube.com/watch?v=5ueMzZZ9zeQ</p> <p>1.1.3. Entrevista – Aqui posto como formato de programa e não somente como um fragmento utilizado dentro de uma matéria. Tem a proposta de diálogo entre entrevistador e entrevistado sobre tema específico. Geralmente estão ligados aos conteúdos jornalísticos. A busca do apresentador torna-se um dos diferenciais, pois a credibilidade dele é o que traz o acesso às fontes que participam do programa. Pode existir mais de um entrevistador. Se o programa tem um tom de descontração existe uma variável que o torna um <i>talk show</i>. No entanto, segundo Aronchi de Souza (2004, p.147) existe critério bem</p> |

| | |
|--|---|
| | <p>delimitado para definir o programa: “No gênero entrevista, o entrevistado é o foco e não há show comandado pelo jornalista apresentador”.</p> <p>1.1.3.1. Exemplo: professor da USP fala sobre a farsa do aquecimento global no Jô. https://www.youtube.com/watch?v=3_GPLIJv6x0</p> <p>1.1.4. Filme – Pode ser classificado como tendo gênero: drama, comédia, romance, suspense, terror, aventura, etc.</p> <p>1.1.4.1. Tempos</p> <p>1.1.4.1.1. Curta Metragem – Tem duração máxima de 15 minutos.</p> <p>1.1.4.1.2. Média Metragem – Tem duração de 15 a 70 minutos.</p> <p>1.1.4.1.3. Longa Metragem – Tem duração acima de 70 minutos.</p> <p>1.1.4.2. Exemplo: Story of Stuff - Completo e legendado em português. https://www.youtube.com/watch?v=3c88_Z0FF4k</p> <p>1.1.5. Telejornalismo – Caracteriza-se por um programa em que existe um apresentador que chama as matérias e entrevistas produzidas pela equipe. Esses conteúdos exibidos nos telejornais podem ser gravados ou ao-vivo. Pode conter entrevistas no estúdio. Normalmente possui um ou dois apresentadores e mais alguns comentaristas.</p> <p>1.1.5.1. Reportagem – Utilizado em grande parte no dentro do gênero telejornalismo. Normalmente tem curta duração. Coloca a equipe de reportagem em evidência para contar um determinado assunto.</p> <p>1.1.5.1.1. Pauta – É o assunto a ser trabalhado. A partir da definição da pauta, existe a discussão do tema, geralmente feita com a coletividade, para que as captações das cenas e entrevistas não tenham perda de foco.</p> |
|--|---|

| | |
|--|---|
| | <p>1.1.5.1.2. Cabeça – É o começo de uma reportagem. Também denominada de sugestão de cabeça é o texto encaminhado do repórter para o apresentador. Tem a função de indicar ao telespectador o que ele irá assistir a partir do início da matéria. Nela também dados que não foram utilizados no corpo da reportagem podem ser incluídos.</p> <p>2.1.5.1.3 <i>Off</i> – É o texto construído e narrado pelo repórter para explicar a matéria. É do <i>off</i> a importância de contar a história. Depende deste elemento também a construção da notícia. Isso, porque não existe uma ordem engessada para a montagem de uma reportagem. A variabilidade da disposição entre os <i>offs</i> e as sonoras cabe a quem faz a reportagem definir.</p> <p>2.1.5.1.3.1 <i>Sobe som</i> – Trata-se de um elemento utilizado para dar credibilidade ao fato mostrado na reportagem. Quando se deixa na edição um trecho de imagem sem <i>off</i>. Porém, o uso de <i>sobe som</i> depende de uma harmonia entre o repórter e o cinegrafista, isso, em função de que dependerá da imagem ter sido gravada com áudio ambiente de qualidade para poder ser utilizada. Esse recurso é habitualmente usado em conteúdos que tenham música, como em reportagens de cunho cultural.</p> <p>2.1.5.1.4 <i>Sonora</i> – É o fragmento de uma entrevista. Depois da coleta da entrevista, o repórter seleciona somente o trecho que irá utilizar dentro da reportagem, a partir daí torna-se uma</p> |
|--|---|

| | |
|----------------------|--|
| | <p>sonora.</p> <p>2.1.5.1.5 Pé – Este é um elemento não obrigatório. Se, necessário, torna-se o fechamento de uma reportagem. Assim como a cabeça é tratado como sugestão de pé, pois o repórter escreve, mas é o apresentador que vai determinar se precisa de alguma modificação. Este elemento pode conter informações referente a serviços como: datas, horários, formas de contato, etc.</p> <p>1.1.5.2. Exemplo: Rede Prosa – Relação da comunidade x água. https://www.youtube.com/watch?v=LJy37yDbyyg&list=PLagf4M-75VLCBIAbilSrkiSVhk4jVggXk</p> <p>1.1.6. Vídeo minuto – Elemento que tem duração média de 1 minuto. Em algumas regiões é denominado como pílula ou <i>drops</i>. Serve geralmente como um vídeo para rodar nos intervalos de emissoras. Pode ser criado diversos produtos para que se tenha uma série.</p> <p>1.1.6.1. Exemplo: Festival Minuto do Meio Ambiente - vídeo vencedor. https://www.youtube.com/watch?v=EyoLUhgppsk</p> <p>1.2. Qual o formato que cada grupo poderá criar? Podendo misturar os elementos que caracterizam os formatos acima, e dentro de um tempo de duração possível para o tempo de realização dos encontros.</p> <p>1.3. Qual o tema que o grupo pretende abordar?</p> |
| Marcus e Jane | <p>1. TERCEIRO ENCONTRO: Divisão dos grupos</p> <p>1.1. Debate sobre o tema – Participantes deverão discutir a pauta e o formato que irão trabalhar</p> <p>1.2. Definições de equipes e compreensão das funções: Produção; Roteiro; Captação; Edição; Finalização.</p> |
| Marcus e Jane | <p>1. QUARTO ENCONTRO: Desenvolvimento técnico</p> <p>1.1. Manipulação dos dispositivos audiovisuais</p> <p>1.1.1. Câmeras – Mostra de câmeras amadoras e semiprofissionais. Manuseio dos equipamentos.</p> |

| | |
|----------------------|---|
| | 1.1.2. Microfones - Mostra dos equipamentos: Lapela e de mão. Manuseio dos equipamentos. |
| Marcus e Jane | 1. QUINTO ENCONTRO: Criação dos roteiros em um processo colaborativo |
| Marcus e Jane | 1. SEXTO ENCONTRO: Externas Utilização de cinco encontros para as captações dos materiais. |
| Marcus | 1. SÉTIMO ENCONTRO: Externas |
| Marcus | 1. OITAVO ENCONTRO: Externas |
| Marcus | 1. NONO ENCONTRO: Externas |
| Marcus | 1. DÉCIMO ENCONTRO: Externas |
| Marcus e Jane | 1. DÉCIMO PRIMEIRO ENCONTRO: Edição Utilização de sete encontros para as edições dos materiais. |
| Marcus | 1. DÉCIMO SEGUNDO ENCONTRO: Edição |
| Marcus | 1. DÉCIMO TERCEIRO ENCONTRO: Edição |
| Marcus | 1. DÉCIMO QUARTO ENCONTRO: Edição |
| Marcus | 1. DÉCIMO QUINTO ENCONTRO: Edição |
| Marcus | 1. DÉCIMO SEXTO ENCONTRO: Edição |
| Marcus | 1. DÉCIMO SÉTIMO ENCONTRO: Edição e finalização |
| Marcus e Jane | 2. DÉCIMO OITAVO ENCONTRO: Visualização produto final 2.1. Exibição 2.2. Grupo focal - Ao final da produção do audiovisual, os integrantes irão participar de um grupo focal para verificar percepções desse projeto. |

APÊNDICE C

BEM – VINDOS!!!

Contam os alfarrábios que quando Deus liberou para os homens o conhecimento sobre o audiovisual, determinou que aquele “privilégio” iria ficar restrito para um grupo muito pequeno de pessoas. Mas, neste pequeno grupo, onde todos se acham “semideuses”, já havia aquele que iria trair as determinações divinas.

Aí aconteceu o pior! Deus, bravo com a traição, resolveu fazer valer alguns mandamentos:

- 1 - Não terás vida pessoal, familiar ou sentimental.**
- 2- Não terás feriado, fins de semana ou qualquer tipo de folga. Esqueça! É sério...**
- 3- Estarás condenado ao eterno cansaço físico e mental.**
- 4- Terás gastrite, se tiveres sorte. Se fores como a maioria, terás pressão alta, princípios de enfarte, estresse e depressão.**
- 5- A pressa será tua sombra e tuas refeições principais serão: lanches da padaria Suíça, a pizza do Ki-kão Lanches ou uma coxinha comprada no saguão do prédio 9 da Univates, onde ainda realizarás alguns vídeos.**
- 6- Teus cabelos ficarão brancos antes do tempo; se te sobrares cabelo.**
- 7- Tua sanidade mental será posta em xeque antes de completares a oficina de educomunicação socioambiental.**
- 8- Audiovisual com foco ambiental será teu assunto preferido; talvez o único.**
- 9- A máquina de café será sua melhor companheira de trabalho; a cafeína, porém, não fará mais efeito.**
- 10- E, apesar de tudo isso, sobreviverás e amarás tudo isso.**

APÊNDICE D

Carta de apresentação do questionário:

Exmo(a) Sr(a) Diretor(a) e Coordenador(a) pedagógica,

Encontro-me a realizar uma investigação no âmbito do Programa de Pós-Graduação *Scriptu Sensu* de mestrado em Ambiente e Desenvolvimento, pertencente ao Centro Universitário Univates, orientado pela Prof^a. Dr^a. Jane Márcia Mazzarino e, cujo tema é: O AUDIOVISUAL NA EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL: EXPERIMENTAÇÕES NO ENSINO MÉDIO.

Este projeto tem por objetivo investigar o uso da linguagem audiovisual em um processo de educomunicação socioambiental no ambiente escolar, já que se trata de um espaço de formação do conhecimento e para a vida. O processo de pesquisa vai instrumentalizar professores e alunos do Ensino Médio na elaboração de trabalhos colaborativos, independente da faixa etária ou rede escolar aos quais estes pertençam. Os educadores podem se apropriar da proposta e conceitos ligados à área videográfica e sua linguagem, através do processo da educomunicação, conceito que envolve um caminho de cidadania e construção coletiva.

Para contextualizar, o assunto de investigação deste projeto foi buscado na minha experiência como estudante de Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo e como profissional da área audiovisual desde 2004 e, também, pelo fato que vivi nos anos de 2012 e 2013 com a experiência de ser mediador de um processo de educomunicação junto à Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Arroio do Meio/RS, onde tive a oportunidade de trabalhar com professores e alunos de cinco escolas de Ensino Fundamental. Dentro daquela proposta, os estudantes, com o auxílio dos educadores, produziram um curta-metragem com a temática: Rio Grande do Sul. No ano de 2014, esse projeto venceu o prêmio Cultura FAMURS/CODIC na categoria cinema, vídeo e fotografia.

A educação em sala de aula está sendo projetada como um campo cada vez mais cruzado por novas linguagens, as quais estão relacionadas às mudanças tecnológicas, culturais e comportamentais atuais. Logo, este projeto de pesquisa justifica-se pela necessidade da escola ampliar o uso de métodos comunicacionais e midiáticos no processo educativo, utilizando-se da linguagem audiovisual, a qual exerce fascínio nos estudantes

contemporâneos. Além disso, os assuntos trabalhados estarão ligados às questões socioambientais, embasados em programas nacionais ligados à área.

As escolas que aceitarem a proposta irão desenvolver um produto audiovisual dentro dos conceitos da educomunicação, tendo como enfoque questões socioambientais, sob a orientação do pesquisador. As orientações para a produção dos vídeos serão realizadas no primeiro semestre de 2015, sendo os encontros realizados na Univates. Os selecionados receberão do pesquisador sua participação direta para confeccionar os produtos. Essa troca de informações se dará através de oficinas para que possam adquirir conhecimentos da área audiovisual, além de palestras com professores e/ou profissionais do campo ambiental. Outro fato de destaque surge com a possibilidade de projeção com visibilidade nacional dos conteúdos produzidos pelas escolas participantes, e, assim, conseqüentemente, a potencialização da disseminação do processo educacional, através de uma parceria com o Canal Futura, já pré-estabelecida entre o pesquisador e o gerente adjunto da emissora, João Alegria, que controla todas as atividades do Canal, sendo diretamente responsável pelo relacionamento com universidades, pela programação, jornalismo e operações do Futura. Esta possibilidade está condicionada à qualidade final dos trabalhos.

Cabe ressaltar que para que se consiga caminhar na direção da educomunicação, cada educador participante deverá trabalhar com um grupo, o qual terá o número de alunos definido através de diálogos no primeiro encontro e que terão o objetivo de criar uma peça audiovisual com o tempo que também será estipulado em comum acordo, ou seja, coletivamente. É importante ressaltar que o vídeo permeia diversos gêneros e que essa pesquisa, enquanto processo educacional – que tem por princípios a não imposição de um regramento, mas sim, de uma construção coletiva para moldar e formar cidadãos críticos – não irá impor o gênero a ser trabalhado. O produto audiovisual poderá ser ligado à área cinematográfica, telejornalística ou qualquer outra possibilidade, desde que, esteja em um contexto audiovisual e aborde a temática ambiental.

Agradeço, desde já, a sua compreensão e disponibilidade,

Marcus Vinícius Staudt

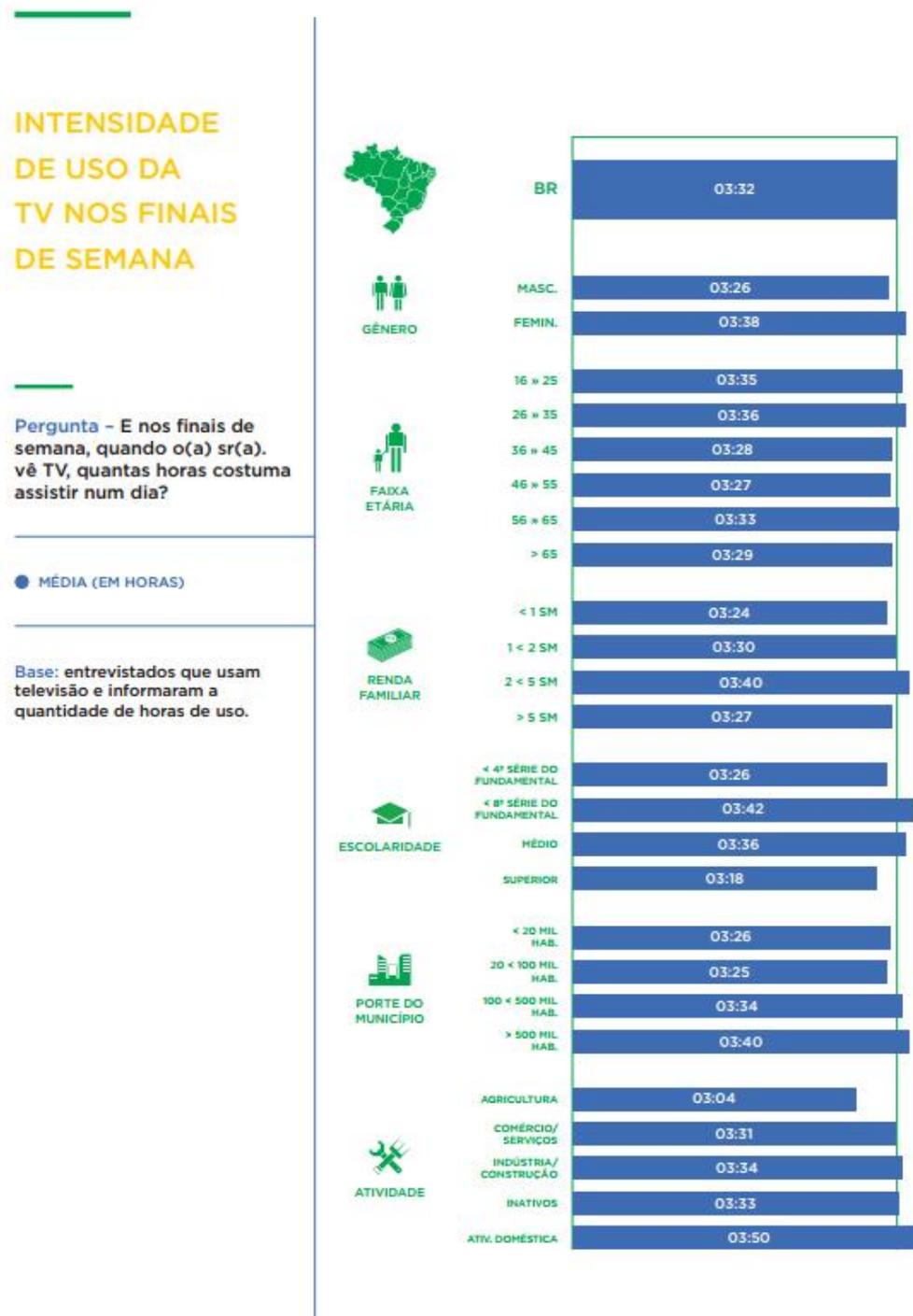
mstaudt@univates.br

Lajeado, novembro de 2014.

ANEXO A

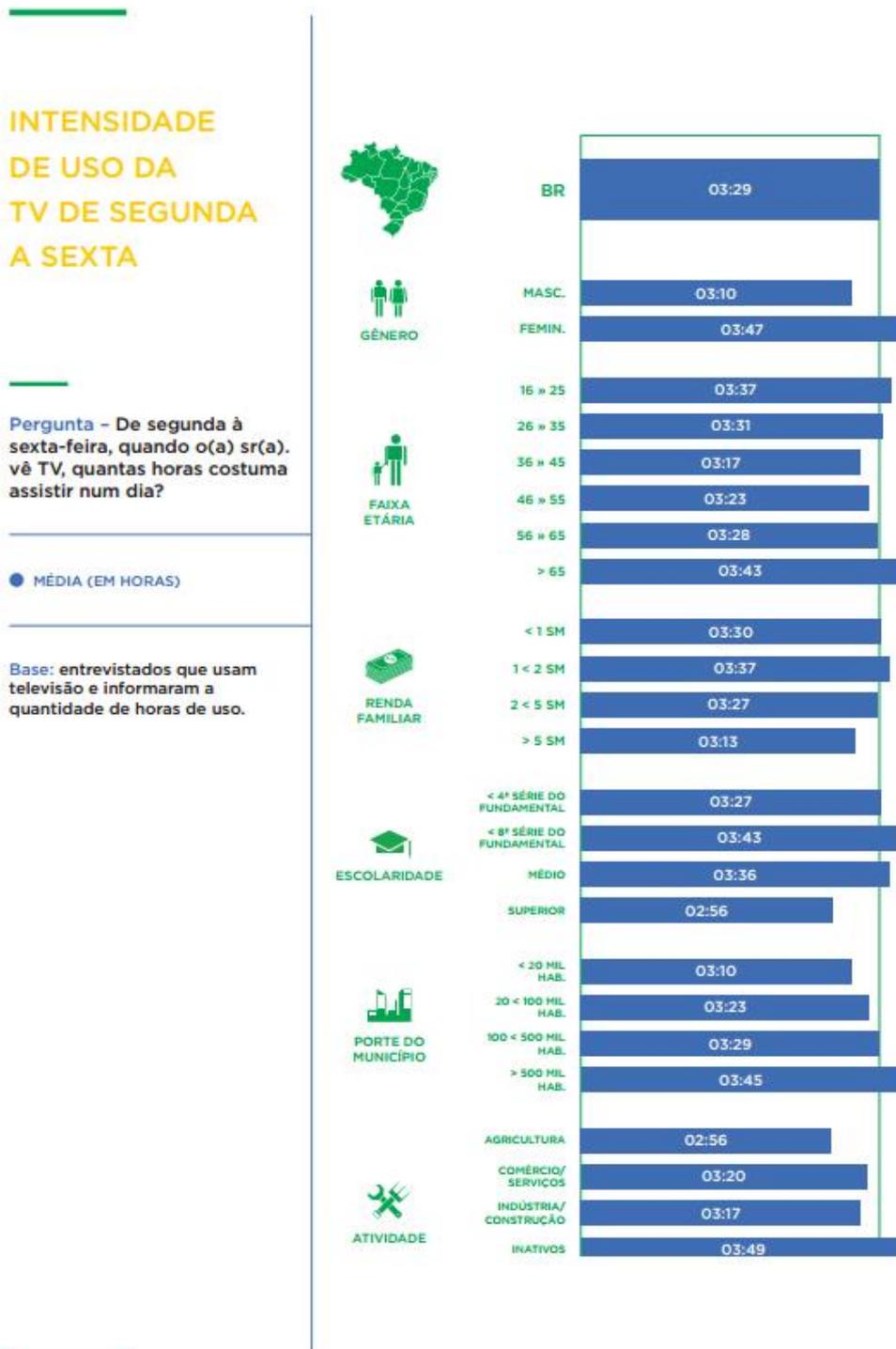
Pesquisa Brasileira de Mídia¹⁹:

a) Intensidade de uso da TV nos finais de semana (BRASIL, 2014, p.25):



¹⁹ Fonte: BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2014**: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>. Acesso em: 07 out. 2014.

b) Intensidade de uso da TV de segunda a sexta (BRASIL, 2014, p.27):



ANEXO B

Linhas de ação para projetos, programas e políticas locais, exemplos de ações características²⁰:

a) Articulação de Ecossistemas Comunicativos no campo da Educação Ambiental (BRASIL, 2008, p.25-26):

| Atividade | O que é |
|--|---|
| Etnomapeamento; Biomapa Comunitário; Inventário Sociocultural e Socioambiental; Diagnóstico Participativo | O etnomapeamento e o biomapa comunitários são métodos de construção de diagnóstico socioambiental com envolvimento de toda a comunidade. Os produtos podem incluir, além de texto, "mapas" e produções artísticas. O inventário, por sua vez, sistematiza uma pesquisa; consiste no conjunto de dados relevantes relacionados e ilustrados. O diagnóstico participativo envolve maior apuração de informação técnica; inclui, necessariamente, apresentação de antecedentes, uma parte analítica e uma propositiva. |
| Monitoramento e Avaliação de processos participativos | Acompanhar, de forma dinâmica, envolvente e criativa, o nível de participação do grupo, buscando desenvolver um ambiente inclusivo e horizontalizado. |
| Sistematização de experiências | Permitir que os aprendizados e as experiências sejam registrados e colocados à disposição para continuação do processo. As memórias geradas podem ser disponibilizadas também de forma criativa. |
| Planejamento, arranjo e monitoramento de processos participativos em escala nacional | Conferência de Cultura e Infância Juvenil de Meio Ambiente organizam processos decisórios nacionais de forma dinâmica e concisa. |
| Mediação – de encontros, conflitos e processos decisórios | Habilidade de fazer mediação dialógica do grupo, assegurando o direito de expressão e argumentação a todos, minimizando impactos no contato entre diferentes pessoas e interesses. |
| Animação cultural e emulação | Habilidade de envolver e cativar o grupo durante as atividades, e de fazer com que os encontros sejam vivências ricas e alegres, de intercâmbio de saberes e fazeres. |
| Desenho e Planejamento de Círculos Participativos – Planos de Aprendizagem Dialógica | Habilidade de planejar, propor e negociar formatos de dinâmicas educativas, integração e articulação de múltiplas dinâmicas, numa espécie de "engenharia" social e cultural, voltada para a aprendizagem ambiental. |
| Tecnologias de Aprendizagem em Convivência (TAC) | As TAC foram inventadas para complementar as TIC (Tecnologias de Comunicação e Informação), buscam desenvolver meios de facilitação da comunicação interpessoal para lidarmos com a diversidade. |
| Práticas de harmonização ambiental e higienização social | Práticas desenvolvidas que visam reorganizar as condições do aprendizado e da convivência, intervindo inclusive nos espaços. |
| Manifestações públicas criativas pela sustentabilidade socioambiental e pela democratização da comunicação | No Brasil, temos um grande acervo de experiências neste sentido, e formas novas continuam sendo inventadas. |

²⁰ Fonte: BRASIL. **Educomunicação socioambiental**: comunicação popular e educação. Organização: Francisco de Assis Morais da Costa. Brasília: MMA, 2008. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/educamb/arquivos/txbase_educom_20.pdf. Acesso em: 14 maio 2014.

| | |
|--|---|
| Observatório Territorial da Educação Ambiental | Os observatórios permitem que as intervenções e os desdobramentos delas possam ser assistidos, monitorados e avaliados. |
| Arranjos de sistemas locais de comunicação para a Educação Ambiental difusa e permanente | A atuação em conjunto e articulada de vários meios: rádio local. Fanzines e jornais escolares, página na internet. |
| Vídeo-Fórum | Exercícios de produção audiovisual coletiva, instantânea, que mobiliza a interpretação da realidade, o senso crítico e a formação de opinião. |
| Teatro-Fórum | Teatro baseado na interação com o público, voltado para representação e interpretação de problemas cotidianos e na promoção dos direitos humanos. |

b) Produção interativa / participativa em mídias massivas (BRASIL, 2008, p.26-27):

| Atividade | O que é |
|--|--|
| Formação de comunicadores comunitários pelo meio ambiente | Em atividades de intervenção ambiental, alguns projetos viabilizaram a formação de repórteres ambientais, por exemplo, ou prepararam pessoas para atuar em emissoras de rádio. |
| GTA | Criação coletiva / Co-autoria de materiais educativos |
| Pesquisa e documentação intergeracional da cultura e meio ambiente locais | Um movimento de pesquisa com um prazo mais extenso que e sem a necessidade de gerar produtos pré-estabelecidos, como inventários ou diagnósticos. Os mais novos buscam os saberes dos mais velhos e contribuem com os seus. |
| Agências Aprendizizes de Comunicação Ambiental | No caminho da profissionalização, agências aprendizizes autônomas, ou que funcionem como projetos ou braços de agências convencionais, podem permitir o contato com a sensibilidade e criatividade da juventude para solução de formas de intervenção. |
| Cobertura e assessoria de comunicação educativas dos eventos, encontros e processos | Fatos e eventos podem ser cobertos por repórteres aprendizizes. |
| Parceria e colaboração coletiva com meios de comunicação regionais, educativos e/ou comunitários | Consiste em estabelecimento de acordo em que um grupo de educadores, comunicadores e aprendizizes podem produzir conteúdos em processos educativos, e os mesmos possam ser veiculados solidariamente através de espaço disponível em um canal. |
| Mutirão de produção de campanhas educativas | Reunião de educadores, comunicadores profissionais e aprendizizes, para gerar contextos e planejar campanhas (para incrementar dinâmicas de criação em grupo e gerar processos educativos e participativos em diversos espaços, especialmente em escolas e universidades). |
| Vídeocartas | É um convite, na forma de vídeo, de um grupo de pessoas que apresenta seu lugar e seu povo. Isto pode gerar uma "corrente" de vídeos educativos comunitários. |

c) Formação do Educomunicador Socioambiental (BRASIL, 2008, p.27-28):

| Atividades | O que é |
|--|--|
| Viradas educucomunicativas | Movimento combinado e intensivo de mobilização de pessoas, em escala presencial e à distância, com educadores e comunicadores. |
| Formação de comunicadores comunitários e formação da população através de canais locais | Montagem e execução de ações formativas permanentes junto a canais de rádio e TV locais, apoiando e participando da elaboração dos conteúdos socioambientais; Produção de páginas educativas junto a jornais locais; Criação e gestão de jornais comunitários, escolares, com pauta socioambiental |
| Mutirões de comunicação comunitária pelo meio ambiente | Atividade intensiva de produção / formação, a exemplo da Virada, mas pode ser focada numa só linguagem (rádio, jornal, blog, etc) |
| Planos de formação tridimensionais: presencial, a distância e difusa | Planejamento pedagógico participativo voltado a contemplar as dimensões à distância e através dos meios de comunicação |
| Edição/reedição de textos, imagens e sons, coletivamente | Desenvolvimento de atividades formativas reflexivas e críticas a partir da experiência da edição / reedição de materiais |
| Leitura Crítica e debate de conteúdos e abordagens da mídia sobre meio ambiente, conflitos socioambientais, etc. | Ação básica do processo de formação do espectador, a partir do qual o educador pode desenvolver uma série de técnicas de leitura e interpretação e formação de opinião |

ANEXO C

Sistematização do “estado da arte”

Neste apêndice busca-se através de uma pesquisa realizada em cinco portais de publicações científicas – ALAIC, SCIELO, INTERCOM, COMPÓS e CAPES – fazer uma síntese de trabalhos que abordem o assunto educomunicação tendo como base os últimos dez anos, de 2005 a 2014. As publicações descritas abaixo foram selecionadas através da pesquisa no campo de busca dos sites com o termo, educomunicação. A partir disso, alguns trabalhos foram escolhidos por tratarem de assuntos semelhantes a este projeto. Após uma primeira leitura, os que foram de interesse do pesquisador e compatíveis com esta dissertação, foram selecionados e utilizados. A pesquisa pelas publicações foi realizada até o dia 23 de fevereiro de 2015.

| 2005 | | | |
|----------|---|--|---|
| ALAIC | X | | |
| SCIELO | EDUC. PESQUI.; 31(2); 285-299; 2005-08 SCIELO BRASIL IDIOMA: PORTUGUÊS | MARCOS, SORRENTINO; RACHEL, TRAJBER; PATRÍCIA, MENDONÇA; LUIZ ANTONIO, FERRARO JUNIOR | EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO POLÍTICA PÚBLICA / ENVIRONMENTAL EDUCATION AS PUBLIC POLICY |
| INTERCOM | MT 11 - MESAS TEMÁTICAS | CLÁUDIA LAGO (FAMEC/USP), DENISE GUEDES CONDEIXA (SMS/SP), RICHARD ROMANCINI (ECA-USP) | A GESTÃO DA EDUCOMUNICAÇÃO NA SAÚDE: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA |
| | MT 11 - MESAS TEMÁTICAS | ANA LUISA ZANIBONI GOMES (ECA-USP) | A LEI DE DIRETRIZES E BASES E O CAMPO DA EDUCOMUNICAÇÃO |
| | INTERCOM JÚNIOR | TATIANA CASTRO MOTA (UNIFOR), PAULA MARQUES DE CARVALHO (UNIFOR), RAQUEL JOANA DA CUNHA VERAS (UNIFOR), FRANCISCO TIAGO COSTA MOREIRA (UNIFOR) | RÁDIO GENTILEZA: A EDUCOMUNICAÇÃO E A INTERDISCIPLINARIDADE NA WEB |

| | | | |
|-----------------|--|---|--|
| COMPÓS | X | | |
| CAPEs | X | | |
| 2006 | | | |
| ALAIC | X | | |
| SCIELO | X | | |
| INTERCOM | INTERCOM JÚNIOR - TRABALHO INDIVIDUAL | PAULA MARQUES DE CARVALHO (UNIFOR), TATIANA CASTRO MOTA (UNIFOR) | EDUCANDOS OU EDUCADORES? A EXPERIÊNCIA DE UMA OFICINA NO MUNDO UNIFOR |
| | EVENTO: PUBLICOM | MARIA APARECIDA FERRARI (UMESP), JOSÉ MARQUES DE MELO (UMESP), MARIA CRISTINA GOBBI (UMESP) | EDUCOMÍDIA, ALAVANCA DA CIDADANIA: O LEGADO UTÓPICO DE MÁRIO KAPLÚN |
| | EVENTO: COMUNICAÇÃO EDUCATIVA | ELIANY SALVATIERRA MACHADO (CASPER), PATRÍCIA HORTA ALVES (NCE) | EDUCOMRÁDIO.CENTRO-OESTE, UMA POLÍTICA PÚBLICA, RUMO A AUTONOMIA |
| | EVENTO: COMUNICAÇÃO EDUCATIVA | MONICA MARTINEZ (FIAMFAAM), ALEX CRIADO (ECA-USP) | ESTUDO DE CASO DAS OFICINAS DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO DO PROJETO HISTÓRIA AMBIENTAL DA BACIA DO RIO ARICANDUVA E CÓRREGO ITAQUERA |
| | EVENTO: COMUNICAÇÃO EDUCATIVA | SERGIO FERREIRA DO AMARAL (UNICAMP), KARLA ISABEL DE SOUZA (UNICAMP) | IMPLANTAÇÃO DE UM CENTRO DE PRODUÇÃO ESCOLAR DE CONTEÚDO, UTILIZANDO-SE DA LINGUAGEM DO VÍDEO DIGITAL PARA UM INCENTIVO AO PROTAGONISMO JUVENIL A SER VEICULADO NA TV COMUNITÁRIA A CABO DE CAMPINAS |
| | EVENTO: TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA | FABIANE MAIA GARCIA (UFAM), JOÃO BOSCO FERREIRA (UFAM), | RELAÇÕES POLÍTICO-SOCIAIS DA |

| | | | |
|-----------------|--|--|--|
| | COMUNICAÇÃO | MARILENE CORRÊA DA SILVA DE FREITAS (UFAM), NARCISO JÚLIO FREIRE LOBO (UFAM) | “EDUCOMUNICAÇÃO” NO AMAZONAS |
| COMPÓS | X | | |
| CAPES | X | | |
| 2007 | | | |
| ALAIC | X | | |
| SCIELO | X | | |
| INTERCOM | NP DE COMUNICAÇÃO EDUCATIVA | ADEMILDE SILVEIRA SARTORI (UDESC); RAFEL GUÉ MARTINI (UDESC) | EDUCOMUNICAÇÃO EM COMUNIDADES DE APRENDIZAGEM APROXIMAÇÃO ENTRE COMUNICAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO ON-LINE |
| | NP DE COMUNICAÇÃO EDUCATIVA | PATRICIA HORTA ALVES (NCE/USP) | GÊNESE TEÓRICA E PRÁTICA DA EDUCOMUNICAÇÃO |
| | INTERCOM JÚNIOR - MEDIAÇÕES E INTERFACES COMUNICACIONAIS - TRABALHO INDIVIDUAL | ISABELA D’AZEVEDO LEITE (PUC-CAMPINAS); ROBERTA PARRÃO ACCARDO (PUC-CAMPINAS); FERNANDA DE FREITAS RODRIGUES NEVES (PUC-CAMPINAS); MÁRCIO ALEXANDRE BRAMBILLA (PUC-CAMPINAS) | O EXERCÍCIO DA EDUCOMUNICAÇÃO E DA CIDADANIA NO JORNALISMO: O TRABALHO DE GILBERTO DIMENSTEIN |
| | ALTERCOM - MEDIAÇÕES E INTERFACES COMUNICACIONAIS | GABRIELA FELIPPE RODRIGUES (USP) | A COMUNICAÇÃO COMO MEDIADORA DA EDUCAÇÃO |
| | NP DE COMUNICAÇÃO EDUCATIVA | LUZIA MITSUE YAMASHITA DELIBERADOR (UEL) | A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO E DO EXERCÍCIO DE CIDADANIA PARA MUDAR A REALIDADE DE UMA ESCOLA PÚBLICA. CASO DO COLÉGIO ESTADUAL DO JARDIM INDEPENDÊNCIA, SARANDI/PR. |

| | | | |
|---------------|---|--|--|
| | NP DE COMUNICAÇÃO EDUCATIVA | KARLA ISABEL DE SOUZA (UNICAMP); SÉRGIO FERREIRA DO AMARAL (UNICAMP); CRISTIANE DEGRECCI TURRINE (UNICAMP) | EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA – O USO DE VÍDEO DIGITAL EM PROJETOS PEDAGÓGICOS: EDUCADORES E NOVAS COMPETÊNCIAS NA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO |
| | ALTERCOM - MEDIAÇÕES E INTERFACES COMUNICACIONAIS | MISSILA LOURES CARDOZO (IMES); IVONE BRAGA DE REZENDE (FAINC); PATRICIA REGINA ROSSI (FAINC) | EDUCOMUNICAÇÃO: DA FORMAÇÃO À CIDADANIA DE NA ASSOCIAÇÃO CIVIL JEDA. |
| | INTERCOM JÚNIOR - MEDIAÇÕES E INTERFACES COMUNICACIONAIS - TRABALHO INDIVIDUAL | ANNE CAROLINA FESTUCCI (UEL); JULIANA VINES FARIA DE LIMA (UEL) | LIGUE OS PONTOS - AQUI UMA COISA LEVA À OUTRA |
| | INTERCOM JÚNIOR - COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL (CINEMA, RÁDIO E TELEVISÃO) - TRABALHO INDIVIDUAL | MARIA FERNANDA DE FRANÇA PEREIRA (UFJF) | RÁDIO COMUNITÁRIA COMO ESPAÇO DE EXERCÍCIO DE CIDADANIA PARA JUVENTUDE |
| | NP DE COMUNICAÇÃO EDUCATIVA | LÍGIA BEATRIZ CARVALHO DE ALMEIDA (USC) | TEXTO MUDIÁTICO QUE NÃO VAI À ESCOLA NÃO SE TORNA CIDADÃO |
| COMPÓS | X | | |
| CAPES | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | ALVES, PATRICIA HORTA SOARES, ISMAR DE OLIVEIRA 2007 | EDUCOM.RÁDIO - UMA POLÍTICA PÚBLICA EM EDUCOMUNICAÇÃO |
| | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | TAVARES JÚNIOR, RENATO SOARES, ISMAR DE OLIVEIRA 2007 | EDUCOMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO COMUNICATIVA: A PRODUÇÃO RADIOFÔNICA DE CRIANÇAS E JOVENS NO PROJETO EDUCOM.RÁDIO |
| | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | OLIVEIRA, V. B. V. VANIA BEATRIZ VASCONCELOS OLIVEIRA, CPAF-RO. 2007 | INTER-RELAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO EM GRUPOS COMUNITÁRIOS DE ESTUDOS SOBRE QUESTÕES AMBIENTAIS: DO ÁLBUM SERIADO AO VIDEOCLIFE. |
| 2008 | | | |

| | | | |
|-----------------|--|---|--|
| ALAIC | X | | |
| SCIELO | X | | |
| INTERCOM | NP DE COMUNICAÇÃO EDUCATIVA | LAURA ALVES MARTIRANI (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO) | COMUNICAÇÃO, EDUCAÇÃO E SUSTENTABILIDADE: O NOVO CAMPO DA EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL |
| | INTERCOM JÚNIOR - MEDIAÇÕES E INTERFACES COMUNICACIONAIS | FERNANDA COELHO DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA) | EDUCOMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA JUVENIL - A EXPERIÊNCIA DO JORNAL E RÁDIO NO UFJF: TERRITÓRIO DE OPORTUNIDADES |
| | INTERCOM JÚNIOR - MEDIAÇÕES E INTERFACES COMUNICACIONAIS | MARIANNA SOUZA ROBERTO DE CARVALHO (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ); JULIANA SANTOS SOLEDADE (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ) | EDUCOMUNICAÇÃO: O PAPEL SOCIALIZADOR DA ESCOLA E DA FAMÍLIA. |
| | NP DE COMUNICAÇÃO EDUCATIVA | ADEMILDE SILVEIRA SARTORI (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA); RAFAEL GUÉ MARTINI (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA) | INTER-RELAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: A EDUCOMUNICAÇÃO NAS PRÁTICAS SOCIAIS E NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA |
| | INTERCOM JÚNIOR - MEDIAÇÕES E INTERFACES COMUNICACIONAIS | LÍLIAN FONSÊCA FERNANDES (UNIVERSIDADE TIRADENTES); MATHEUS PEREIRA MATTOS FELIZOLA (UNIVERSIDADE TIRADENTES) | PRÁTICAS DE EDUCOMUNICAÇÃO NAS ESCOLAS PÚBLICAS NA CIDADE DE ITABAIANA EM SERGIPE. |
| | NP DE COMUNICAÇÃO EDUCATIVA | ELIANY SALVATIERRA MACHADO (NCE-ECA-USP) | SOBRE A EDUCOMUNICAÇÃO |
| | NP COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA | OLGA MARIA TAVARES DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA); NORMA MARIA MEIRELES MAFALDO (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA) | COMUNICAÇÃO AMBIENTAL: PROJETO DE SENSIBILIDADE AMBIENTAL PARA O CCHLA-UFPB |
| | ALTERCOM - MEDIAÇÕES E INTERFACES COMUNICACIONAIS | LÍLIAN DE CARVALHO LINDOSO (INSTITUTO BRASILEIRO DE MEIO AMBIENTE) | COMUNICAÇÃO E UNIDADES DE CONSERVAÇÃO: FUNDAMENTOS PARA |

| | | | |
|-----------------|--|--|---|
| | | | UMA NOVA PRÁTICA |
| | INTERCOM JÚNIOR - COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL (CINEMA, RÁDIO E TELEVISÃO) | KARLA ROSSANA FRANCELINO RIBEIRO NORONHA (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA); SARA LUÍSA DE OLIVEIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA); KALINNE DE SILVEIRA ARCOVERDE (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA) | MÍDIA E UNIVERSIDADE: CAMINHOS RADIOFÔNICOS PARA A CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL |
| | INTERCOM JÚNIOR - CIBERCULTURA E TECNOLOGIAS DA COMUNICAÇÃO - TRABALHO INDIVIDUAL | MAURICIO ELIAS DE OLIVEIRA (CENTRO UNIVERSITÁRIO MONTE SERRAT) | POR DENTRO DE UMA OFICINA DE VÍDEO: EDUCOMUNICAÇÃO E AUDIOVISUAL |
| | INTERCOM JÚNIOR - COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL (CINEMA, RÁDIO E TELEVISÃO) | PATRICIA DUARTE BELMONT (FACULDADE MARINGÁ) | RÁDIO-ESCOLA: ADOLESCENTES PRODUZEM PROGRAMA DE RÁDIO NO ALTO- FALANTE DA CIDADE - IGUARAÇU-PR. |
| COMPÓS | X | | |
| CAPE | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | LEÃO, MARIA IZABEL DE ARAÚJO SOARES, ISMAR DE OLIVEIRA 2008 | O PAPEL DA INTERNET NOS PROJETOS EDUCOMUNICATIVOS DO NCE/USP |
| 2009 | | | |
| ALAIC | X | | |
| SCIELO | NÓMADAS; (30); 194- 207; 2009-04 SCIELO COLÔMBIA IDIOMA: ESPANHOL | ISMAR, DE OLIVEIRA SOARES. | CAMINOS DE LA EDUCOMUNICACIÓN: UTOPIÁS, CONFRONTACIONES, RECONOCIMIENTOS / THE EDU-COMMUNICATION ROADS: UTOPIAS, CONFRONTATIONS, RECOGNITIONS |
| INTERCOM | IJ: INTERCOM JÚNIOR - COMUNICAÇÃO, ESPAÇO E CIDADANIA | CÂNDIDA DE OLIVEIRA (UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RS); LETÍCIA DEMOLY DE MELLOS (UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL - UNIJUÍ) | A COMUNICAÇÃO VAI À ESCOLA: DIFICULDADES E CONQUISTAS NO EXPERIMENTO DA EDUCOMUNICAÇÃO. |

| | | |
|---|---|--|
| DT6: DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | JAMILE SANTINELLO (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE); ESPENCER AVILA GANDRA (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE) | A EDUCOMUNICAÇÃO COMO DISCIPLINA DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA DA UNICENTRO/PR: EXPERIÊNCIA VIVIDA E CONTEXTUALIZADA COM ACADÊMICOS DO 4º ANO |
| DT6: DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | ADEMILDE SILVEIRA SARTORI (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA) | A EDUCOMUNICAÇÃO COMO RESPOSTA POSSÍVEL ÀS INTER- RELAÇÕES ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: PROMOÇÃO DE ECOSSISTEMAS COMUNICATIVOS |
| II: INTERCOM JÚNIOR – INTERFACES COMUNICACIONAIS | LÍLIAN FONSÊCA FERNANDES (UNIVERSIDADE TIRADENTES) | ANÁLISE CRÍTICA DAS PRÁTICAS DE EDUCOMUNICAÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA ANAILDE SANTOS DE JESUS, EM ITABAIANA-SE |
| DT7: DT 7 – GP COMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA | CLÁUDIA REGINA LAHNI (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA); FERNANDA COELHO DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA); LAILA CUPERTINO HALLACK (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA); LUDYANE CHAVES AGOSTINI (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA) | EDUCOMUNICAÇÃO E CIDADANIA: CONCEITOS E PRÁTICAS NA PRODUÇÃO ACADÊMICA ENTRE 2004 E 2008 |
| II: INTERCOM JÚNIOR – INTERFACES COMUNICACIONAIS | FABIANE APARECIDA PAZA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA); CAROLINE CASALI (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA) | EDUCOMUNICAÇÃO E NOVAS MÍDIAS NO ESPAÇO ESCOLAR |
| II: INTERCOM JÚNIOR – COMUNICAÇÃO, ESPAÇO E CIDADANIA | NADIA GARLET (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA); ANDRESSA SCHNEIDER (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA); LIA PROCATI (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA); ROSANE ROSA (UNIVERSIDADE FEDERAL | EDUCOMUNICAÇÃO E O FILME “PEQUENA MISS SUNSHINE”: UM OLHAR INFANTIL SOBRE VALORES SOCIAIS |

| | | |
|--|---|--|
| | DE SANTA MARIA) | |
| DT6: DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | RICHARD ROMANCINI (FAMEC); LÍLIAN BHRUNA PINHO DE ANDRADE (ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES) | EDUCOMUNICAÇÃO E PEDAGOGIA DE PROJETOS: ABORDAGENS E CONVERGÊNCIAS |
| DT6: DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | GILDA SOARES MIRANDA (CENTRO UNIVERSITÁRIO VILA VELHA); RODRIGO FERNANDES DE SOUSA (CENTRO UNIVERSITÁRIO VILA VELHA); YASMIN DIMANCHE VILHENA (CENTRO UNIVERSITÁRIO VILA VELHA) | EDUCOMUNICAÇÃO EM RÁDIO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA OS ALUNOS DA ESCOLA ESTADUAL GERALDO COSTA ALVES NA PRODUÇÃO E RECEPÇÃO DA INFORMAÇÃO. |
| DT6: DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | LAURA ALVES MARTIRANI (ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA) | EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL: REFLEXÕES METODOLÓGICAS ACERCA DE UMA EXPERIÊNCIA EM DESENVOLVIMENTO |
| DT6: DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | CLÁUDIO MESSIAS (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO) | EDUCOMUNICAÇÃO, ÉTIMO E INTERFACES: MUITOS OLHARES, UM SÓ CAMPO. |
| IJ: INTERCOM JÚNIOR - COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL | VANESSA LAÍS MALLMANN MASSMANN (UNIVERSIDADE DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE D); VERA LUCIA SPACIL RADDATZ (UNIVERSIDADE DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO RIO GRANDE DO SUL) | EDUCOMUNICAÇÃO: A POSSIBILIDADE DO RÁDIO COMO COMPONENTE EXTRACURRICULAR |
| IJ: INTERCOM JÚNIOR – INTERFACES COMUNICACIONAIS | DANIELA LISBOA LAPA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE) | O PROJETO MÍDIA JOVEM ENQUANTO PROPOSTA DE EDUCOMUNICAÇÃO DA SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL E A CONSTRUÇÃO DO MARKETING GOVERNAMENTAL |
| DT6: DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | ELIZANDRA JACKIW (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ); LUIS OTÁVIO DIAS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ); | A TV MULTIMÍDIA NAS ESCOLAS ESTADUAIS DO PARANÁ: DO PLANO POLÍTICO A NOVAS |

| | | | |
|--|--|--|--|
| | | ROSA MARIA CARDOSO DALLA COSTA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ) | POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS |
| | DT6: DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | ELIANY SALVATIERRA MACHADO (FACULDADE CÁSPER LÍBERO) | AVALIAÇÃO DE JOGOS EDUCATIVOS DE MATEMÁTICA SEGUNDO A FILOSOFIA DA CAIXA PRETA DE VILÉM FLUSSER: UM PROCESSO EDUCOMUNICATIVO |
| | DT6: DT 6 – GP COMUNICAÇÃO, CIÊNCIA, MEIO AMBIENTE E SOCIEDADE | VANIA BEATRIZ VASCONCELOS DE OLIVEIRA (EMPRESA BR DE PESQUISA AGROPECUARIA) | COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA FLORESTAL |
| | IJ: INTERCOM JÚNIOR – COMUNICAÇÃO, ESPAÇO E CIDADANIA | LAILA CUPERTINO HALLACK (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA); LUDYANE CHAVES AGOSTINI (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA) | COMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA: REFLEXÕES SOBRE A OFICINA DE JORNAL IMPRESSO |
| | IJ: INTERCOM JÚNIOR – COMUNICAÇÃO, ESPAÇO E CIDADANIA | BÁRBARA GARRIDO DE PAIVA SCHLAUCHER (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA); ALICE MAGALHÃES LINHARES (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA) | JOVENS E TELEJORNALISMO: A BUSCA PELO DIREITO À COMUNICAÇÃO E À INFORMAÇÃO COMO PRÁTICA DE EXTENSÃO E PESQUISA EM JUIZ DE FORA |
| | IJ: INTERCOM JÚNIOR – INTERFACES COMUNICACIONAIS | ROS ALYSSA GOMES VIEIRA (FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL/UFJF); BRUNO FUSER (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA) | LIMITES DO USO DAS TICS EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE JUIZ DE FORA E REGIÃO |
| | IJ: INTERCOM JÚNIOR – COMUNICAÇÃO, ESPAÇO E CIDADANIA | JANY CARLA ARRUDA DA SILVA (CENTRO UNIVERSITÁRIO DA GRANDE DOURADOS) | O DESAFIO DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL POR ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS DOURADENSES: UM ESTUDO DE CASO DO PROJETO CINE-ESCOLA |
| | IJ: INTERCOM JÚNIOR – PUBLICIDADE E PROPAGANDA | EROS AUGUSTO ASTURIANO MARTINS (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE); IARA DE OLIVEIRA GOMES (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE); LEANDRO CESAR MOREIRA SANTOS (UNIVERSIDADE | O TWITTER COMO FERRAMENTA NO ENSINO E ATUAÇÃO DE PROFISSIONAIS DE PUBLICIDADE E PROPAGANDA |

| | | | |
|---------------|--|--|--|
| | | ESTADUAL DO CENTRO-OESTE) | |
| | DT6: DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | CAROLINE CASALI (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA); FABIANE APARECIDA PAZA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA) | PROGRAMA MIDAÇÃO: EXPERIÊNCIA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO EM EDUCOMUNICAÇÃO NO SUL DO BRASIL |
| | IJ: INTERCOM JÚNIOR – INTERFACES COMUNICACIONAIS | FELIPE GUSTAVO GUIMARÃES SALDANHA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA); ADRIANA CRISTINA OMENA DOS SANTOS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA); MIRNA TONUS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA) | PROJETO JOGO LIMPO: UMA EXPERIÊNCIA LOCAL DE EDUCOMUNICAÇÃO PARA O MEIO AMBIENTE |
| | DT7: DT 7 – GP MÍDIA, CULTURA E TECNOLOGIAS DIGITAIS NA AMÉRICA LATINA | CLÁUDIA HERTE DE MORAES (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA); LAÍSA BISOL (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA); GUSTAVO MENEGUSSO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA) | REVELAR E SER VISTO: PRODUÇÃO AUDIOVISUAL DE JOVENS EM COMUNIDADES RURAIS DO INTERIOR GAÚCHO |
| | IJ: INTERCOM JÚNIOR - COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL | GABRIELA LIMA RIBEIRO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ) | UMA BREVE ANÁLISE DO PROGRAMA INFANTIL CASTELO RÁ-TIM-BUM |
| | IJ: INTERCOM JÚNIOR – INTERFACES COMUNICACIONAIS | IARA DE OLIVEIRA GOMES (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE); JAMILE SANTINELLO (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE) | VÍDEO-AULAS PARA ALUNOS DE EMPREENDEDORISMO: APLICAÇÕES METODOLÓGICAS PARA APRIMORAMENTO DA APRENDIZAGEM EM SALA DE AULA |
| COMPÓS | X | | |
| CAPES | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | BORGES, QUEILA CRISTINA GOES SOARES, ISMAR DE OLIVEIRA 2009 | EDUCOMUNICAÇÃO E DEMOCRACIA NA ESCOLA PÚBLICA: O EDUCOM.RÁDIO E O PLANEJAMENTO |
| | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | CARVALHO, JOARI APARECIDO SOARES DE FERNANDES, MARIA INÊS ASSUMPCÃO 2009 | PSICOLOGIA SOCIAL E EDUCOMUNICAÇÃO: QUESTÕES SOBRE O PROCESSO GRUPAL |
| | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES | LIMA, GRACIA LOPES SANTOS, MARCOS FERREIRA DOS 2009 | EDUCAÇÃO PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO: PRODUÇÃO COLETIVA DE |

| | | | |
|-----------------|--|---|--|
| | (BDTD/IBICT) | | COMUNICAÇÃO NA PERSPECTIVA DA EDUCOMUNICAÇÃO. |
| | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | SIQUEIRA, JULIANA MARIA DE CITELLI, ADILSON ODAIR 2009 | QUEM EDUCARÁ OS EDUCADORES? A EDUCOMUNICAÇÃO E A FORMAÇÃO DE DOCENTES EM SERVIÇO |
| | EDUCAÇÃO & SOCIEDADE, 2009, VOL.30(109), P.1081 | EVELYNE BÉVORT ; MARIA LUIZA BELLONI | MÍDIA-EDUCAÇÃO: CONCEITOS, HISTÓRIA E PERSPECTIVAS MEDIA EDUCATION: CONCEPTS, HISTORY AND PERSPECTIVES |
| 2010 | | | |
| ALAIC | X | | |
| SCIELO | X | | |
| INTERCOM | IJ: INTERCOM JÚNIOR – INTERFACES COMUNICACIONAIS | ROSIEL DO NASCIMENTO MENDONÇA (UNIVERSIDAD E FEDERAL DO AMAZONAS); HUYLAME BRUCE (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS); LUIZA ELAYNE AZEVEDO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS) | A CARTILHA "DICAS AMBIENTAIS DO CABOQUINHO" E SEUS USOS NO CONTEXTO DA EDUCOMUNICAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO AMBIENTAL |
| | IJ: INTERCOM JÚNIOR – INTERFACES COMUNICACIONAIS | MANUELA ILHA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA); ROSANE ROSA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA) | EDUCOMUNICAÇÃO E O GRUPO FOCAL COMO OPÇÃO METODOLÓGICA |
| | IJ: INTERCOM JÚNIOR – INTERFACES COMUNICACIONAIS | DAYANE NOGUEIRA DE ALMEIDA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA); MIRNA TONUS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA) | FORTALECENDO AS BASES TEÓRICAS PARA UMA PESQUISA SOBRE EDUCOMUNICAÇÃO E MEIO AMBIENTE |
| | IJ: INTERCOM JÚNIOR – COMUNICAÇÃO, ESPAÇO E CIDADANIA | CHRISTIANE MATOS BATISTA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE); CRISTIANE BATISTA DA CONCEIÇÃO (UNIVERSIDAD E FEDERAL DE SERGIPE); TARCILA BARBOSA RAMOS OLANDA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE) | PROJETO CRIESABER: INSERÇÃO DA EDUCOMUNICAÇÃO NO CONTEXTO HOSPITALAR INFANTIL |

| | | | |
|--------------|--|---|---|
| | IJ: INTERCOM JÚNIOR - COMUNICAÇÃO AUDIOVISUAL | TAÍSE CRISTINA HEBERLE DE LIMA (UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO); VERA SPACIL RADDATZ (UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL) | A IMPORTÂNCIA DAS CRIANÇAS E JOVENS FAZEREM RÁDIO DENTRO DA ESCOLA |
| | IJ: INTERCOM JÚNIOR – COMUNICAÇÃO, ESPAÇO E CIDADANIA | ILA CLICIA FERREIRA DA SILVA OLIVEIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS); LUIZA ELAYNE AZEVEDO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS) | ANÁLISE DO PROJETO PET CABOQUINHO |
| | IJ: INTERCOM JÚNIOR – INTERFACES COMUNICACIONAIS | ALBER PASCOAL PEREIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS); MARIANA DINELLY DE CASTRO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS) | CINEMATIC'S - RELEITURA SOCIAL ATRAVÉS DA SÉTIMA ARTE |
| | IJ: INTERCOM JÚNIOR – COMUNICAÇÃO, ESPAÇO E CIDADANIA | SANDRINE CRISTINA DE FIGUEIREDO BRAZ (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA); CYBELE C. SANTOS DO COUTO SOARES (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA); NORMA MARIA MEIRELES MACEDO MAFALDO (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA) | COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASOS DA OFICINA DE RÁDIO ESCOLAR NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO EM JOÃO PESSOA |
| | IJ: INTERCOM JÚNIOR – COMUNICAÇÃO, ESPAÇO E CIDADANIA | ROBERTA ARAUJO ALBANO (UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA); THALES HENRIQUE NUNES PIMENTA (UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA); HELOIZA BEATRIZ CRUZ DOS REIS (UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA) | QUALIDADES EDUCOMUNICATIVAS E COMUNITÁRIAS DAS MÍDIAS LOCAIS DE PEQUENAS CIDADES |
| | COMPÓS | X | |
| CAPES | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | OYAMADA, ALEXANDRE HIROKI MILIORINI CURY, LUCILENE 2010 | REFLEXOS E REFLEXÕES DO OLHAR. CAMINHOS PARA O RESGATE DO HUMANISMO E O PROJETO REDES DE SENTIDO. |

| | | | |
|-----------------|--|--|--|
| | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | CAPOBIANCO, LIGIA PASSARELLI, BRASILINA 2010 | COMUNICAÇÃO E LITERACIA DIGITAL NA INTERNET: ESTUDO ETNOGRÁFICO E ANÁLISE EXPLORATÓRIA DE DADOS DO PROGRAMA DE INCLUSÃO DIGITAL ACESSASP – PONLINE |
| | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | YAMAGA, RAFAEL CITELLI, ADILSON ODAIR 2010 | A GRADUAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA: UMA PESQUISA EM SALA DE AULA SOBRE A EDUCAÇÃO PARA A COMUNICAÇÃO |
| | COMUNICAÇÃO, MÍDIA E CONSUMO, 2010, VOL.7(19), P.33 | ADEMILDE SARTORI | EDUCOMUNICAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A ESCOLA: A PROMOÇÃO DE ECOSISTEMAS COMUNICATIVOS E A APRENDIZAGEM DISTRAÍDA |
| | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | OLIVEIRA, V. B. V. DE. VÂNIA BEATRIZ VASCONCELOS DE OLIVEIRA, EMBRAPA RONDÔNIA. 2011 | COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA A POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA FLORESTAL. |
| 2011 | | | |
| ALAIC | X | | |
| SCIELO | X | | |
| INTERCOM | DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | FRANKI KLEBERSON KUCHER (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ); VANDERLEI SIQUEIRA DOS SANTOS (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ) | A EDUCOMUNICAÇÃO E A PRÁTICA SOCIOEDUCATIVA MARISTA |
| | INTERCOM JÚNIOR – INTERFACES COMUNICACIONAIS | JHUSYENNA REIS DE OLIVEIRA (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ) | A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA NA ESCOLA: UMA ANÁLISE DA EDUCOMUNICAÇÃO NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO EM TERESINA |
| | DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | JIMI AISLAN ESTRÁZULAS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS) | DA ALIENAÇÃO À ORGANIZAÇÃO DO MUNDO MOSAICO: COMO A EDUCOMUNICAÇÃO PODE SER FUNDAMENTAL DO PROCESSO DE LETRAMENTO DO |

| | | |
|--|--|---|
| | | INDIVÍDUO |
| DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | ADEMILDE SILVEIRA SARTORI (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA); KAMILA REGINA DE SOUZA (UDESC) | DESENHO ANIMADO, TV E YOUTUBE: REFLEXÕES SOBRE EDUCOMUNICAÇÃO E LINGUAGENS |
| DT 7 – GP COMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA | LUCIANO MATTANA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA); ROSAN ROSA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA) | EDUCOMUNICAÇÃO E CIDADANIA COMUNICATIVA: RELATO DO INTERCÂMBIO DE SABERES VIVENCIADO NA OFICINA DE PRODUÇÃO SONORA. |
| DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | SÉRGIO FABIANO ANNIBAL (INSTITUTO EDUCACIONAL DE ASSIS) | EDUCOMUNICAÇÃO E O PERIÓDICO COMUNICAÇÃO & EDUCAÇÃO: A CRIAÇÃO DE REPRESENTAÇÕES QUE CONSOLIDAM UM CAMPO |
| DT 7 – GP COMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA | FERNANDA COELHO DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA); CLÁUDIA REGINA LAHNI (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA) | FALA, GALERA! PRODUÇÃO DE FANZINES COM JOVENS DA PERIFERIA DE JUIZ DE FORA EM PROCESSO DE EDUCOMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA |
| DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | CLÁUDIO MESSIAS (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO) | O ESPAÇO DA EDUCOMUNICAÇÃO NAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: UM CONCEITO A PARTIR DE PRÁTICAS, REFLEXÕES E OLHARES |
| INTERCOM JÚNIOR – INTERFACES COMUNICACIONAIS | CAROLINA PRESTES YIRULA (ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING) | O USO DA PUBLICIDADE COMO RECURSO PEDAGÓGICO: REFLEXÕES À LUZ DA EDUCOMUNICAÇÃO |
| INTERCOM JÚNIOR – INTERFACES COMUNICACIONAIS | MARIA CÂNDIDA NOAL CASSOL (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA); BRUNO MICHELON FENNER (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA); KAMYLA CLAUDINO BELLI (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA); LUCIANO | RELATOS DA EXPERIÊNCIA DA OFICINA DE AUDIOVISUAL “EDUCOMUNICAÇÃO E O EXERCÍCIO DA CIDADANIA COMUNICATIVA” |

| | | |
|---|--|---|
| | MATTANA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA); ROSANE ROSA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA) | |
| DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | ROSA LUCIANA PEREIRA RODRIGUES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ) | A INTERFACE ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA: A EXPERIÊNCIA DA RÁDIO RURAL DE SANTARÉM |
| DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | ADRIANA TIGRE LACERDA NILO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS); DAYANA PUGAS DA CRUZ LIMA NASCIMENTO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS) | O PROGRAMA COCORICÓ COMO INSTRUMENTO EDUCOMUNICATIVO |
| INTERCOM JÚNIOR – JORNALISMO | DIEGO PEREIRA REZENDE (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA) | O QUADRO OUTRO OLHAR ENQUANTO UMA POSSIBILIDADE EDUCOMUNICATIVA NA LINGUAGEM TELEJORNALÍSTICA DE UMA EMISSORA PÚBLICA |
| DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | RAIJA MARIA VANDERLEI DE ALMEIDA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE) | O VÍDEO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OS IMPACTOS DO USO DO VÍDEO NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS |
| DT 6 – GP COMUNICAÇÃO, CIÊNCIA, MEIO AMBIENTE E SOCIEDADE | VANIA BEATRIZ VASCONCELOS DE OLIVEIRA (EMBRAPA RONDONIA) | PRODUÇÃO COLETIVA DE SPOTS RADIOFÔNICOS PARA POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA FLORESTAL |
| DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | EMILIA DE MATTOS MERLINI (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA) | PRODUÇÃO DE MÍDIA ALTERNATIVA POR JOVENS DE LIMA DUARTE (MG): A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS, DE IDENTIDADES E O EXERCÍCIO DA CIDADANIA |
| DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | LUIS OTÁVIO DIAS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ); ROSA MARIA CARDOSO DALLA COSTA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ) | TV MULTIMÍDIA NA SALA DE AULA: APROXIMAÇÃO ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO |

| COMPÓS | X | | |
|--------------|--|--|--|
| | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | MESSIAS, CLAUDIO SOARES, ISMAR DE OLIVEIRA 2011 | DUAS DÉCADAS DE EDUCOMUNICAÇÃO - DA CRÍTICA AO ESPETÁCULO |
| | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | BARROS, THAÍS HELENA DE CAMARGO SCHWARTZ, GILSON 2011 | TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TICS) NA EDUCAÇÃO: PROFESSORES - MEDIADORES - MENTORES |
| | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | FÉLIX, EDILAINE HELEODORO CURY, LUCILENE 2011 | A PESQUISA NOS GRUPOS DE PESQUISA: CIBERNÉTICA PEDAGÓGICA - LABORATÓRIO DE LINGUAGENS DIGITAIS - LLD |
| CAPEs | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | MOGADOURO, CLAUDIA DE ALMEIDA SOARES, ISMAR DE OLIVEIRA 2011 | EDUCOMUNICAÇÃO E ESCOLA: O CINEMA COMO MEDIAÇÃO POSSÍVEL (DESAFIOS, PRÁTICAS E PROPOSTA) |
| | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | MELLO, LUCÍ FERRAZ DE SOARES, ISMAR DE OLIVEIRA 2011 | EDUCOMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: O DIÁLOGO A PARTIR DAS MEDIAÇÕES DO TUTOR |
| | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | OLIVEIRA, V. B. V. VANIA BEATRIZ VASCONCELOS OLIVEIRA, CPAF-RO. 2011 | EDUCOM E PRÁTICAS DE RECEPÇÃO. |
| | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | OLIVEIRA, V. B. V. VANIA BEATRIZ VASCONCELOS OLIVEIRA, CPAF-RO. 2011 | PRODUÇÃO COLETIVA DE SPOTS RADIOFÔNICOS PARA POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA FLORESTAL. |
| | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | OLIVEIRA, V. B. V. VANIA BEATRIZ VASCONCELOS OLIVEIRA, CPAF-RO. 2011 | TOADAS DE BOIS-BUMBÁS DA AMAZÔNIA PROMOVENDO A CIDADANIA AMBIENTAL. |
| 2012 | | | |

| | | | |
|-----------------|---|---|--|
| ALAIC | VOL.9 - N 2 - EDIÇÃO 17 - JULHO/DEZEMBRO 2012 | ALBERTO EFENDY MALDONADO, RICHARD ROMANCINI, MAYTÊ RAMOS PIRES | MARIA IMMACOLATA VASSALLO DE LOPES: UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA EXEMPLAR, NO ENLACE ENTRE A PESQUISA E O OBJETO POPULAR DA TELENOVELA |
| SCIELO | AMBIENT. SOC. VOL.15 NO.2 SÃO PAULO MAY/AUG. 2012 | MARIANN, TOTH; FRÉDÉRIC, MERTENS; MARIA DE FÁTIMA RODRIGUES, MAKIUCHI | NOVOS ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL - AS CONTRIBUIÇÕES DA EDUCOMUNICAÇÃO |
| INTERCOM | GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | MARCELO MARQUES ARAÚJO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA) | A TERMINOLOGIA DA EDUCOMUNICAÇÃO: APLICAÇÃO DA ANÁLISE TERMINOLÓGICA DISCURSIVA NA CONSTRUÇÃO DO GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DIGITAL DA EDUCOMUNICAÇÃO |
| | GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | KILDARE DE MEDEIROS GOMES HOLANDA (UERN) | A [LOUCO]MOTIVA VIRTUAL DA EDUCOMUNICAÇÃO NO VIDEOGRAFISMO: UMA EXPERIÊNCIA DE MEDIAÇÃO ENTRE TECNOLOGIA E ARTE COM OS JOVENS NO CAPSI DE MOSSORÓ-RN |
| | GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | JIMI AISLAN ESTRÁZULAS (FACULDADE MARTHA FALCÃO); ALICE REGINA PACÓ DE SOUZA (FACULDADE BOAS NOVAS); DENIZE PICCOLOTTO CARVALHO LEVY (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS) | CARTOGRAFIA DA EDUCOMUNICAÇÃO EM MANAUS: JUSTIFICATIVAS DE UM PROJETO MULTIPLICADOR |
| | GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | ROSE MARA PINHEIRO (USP) | DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS DO CAMPO DA EDUCOMUNICAÇÃO - UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA CONTRIBUIÇÃO DE BRAGA, HUERGO E SOARES |
| | DT INTERFACES COMUNICACIONAIS, GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | MIRNA TONUS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA); ADRIANA CRISTINA OMENA DOS SANTOS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA) | INTERFACES ENTRE JORNALISMO E EDUCOMUNICAÇÃO NO BRASIL E CHILE: PRIMEIRAS IMPRESSÕES |

| | | |
|--|---|---|
| GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | CLÁUDIO MESSIAS (FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO MUNICÍPIO DE ASSIS) | POR UMA EPISTEMOLOGIA DA EDUCOMUNICAÇÃO NA ERA DA IDADE MÍDIA: UM OLHAR SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO CAMPO DA INTER-RELAÇÃO COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO |
| GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | MARCELUS WILLIAM JANES (FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA DA USP) | A CONTRIBUIÇÃO DA COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE: ESTUDO DE CASOS DE RÁDIOS NA GRANDE DE SÃO PAULO |
| GP COMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA | BRUNO FUSER (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA) | A EXPERIÊNCIA CIDADÃ DO PROJETO NOSSA MÍDIA |
| GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | EUZÉBIA MARIA DE PONTES TARGINO MUNIZ (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE); JULIANA BULHÕES ALBERTO DANTAS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE); DIOLENE BORGES MACHADO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE) | A MÍDIA SEGUNDO MAFALDA |
| GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | ANA PAULA LEITE DE CAMARGO (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO); MARCELO VICENTIN (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO) | AÇÕES DE TUTORIA NO MÍDIAS NA EDUCAÇÃO 4A OFERTA: UM ESTUDO DE CASO |
| GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | JÚLIA MUNARETO LEAL (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA) | COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: O AUDIOVISUAL LEONEL PÉ-DE-VENTO NO ESPAÇO ESCOLAR E AS POSSÍVEIS SIGNIFICAÇÕES CONSTRUÍDAS |
| GT 6 – INTERFACES COMUNICACIONAIS, GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | LAURA ALVES MARTIRANI (UNIVERSIDAD E DE SÃO PAULO) | EDUCOMUNICAÇÃO AMBIENTAL UNIVERSITÁRIA E O BLOG EDUCORUMBATAI |

| | | | |
|---------------|---|--|--|
| | GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | EVANISE GOMES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA) | EXPERIÊNCIAS EDUCOMUNICATIVAS: OFICINAS COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE CURITIBA |
| | VII ENCONTRO DE AUTORES/EDITORES DE PUBLICAÇÕES RECENTES SOBRE COMUNICAÇÃO – PUBLICOM | ANA LUISA ZANIBONI GOMES (ECA/USP); ADILSON CITELLI (ECA/USP); HELENA CORAZZA (ECA/USP); ELISA NGELA RODRIGUES DA COSTA (ECA/USP); SANDRA PEREIRA FALCÃO (ECA/USP); MARIA DO CARMO SOUZA DE ALMEIDA (ECA/USP); MICHEL CARVALHO (ECA/USP) | IMAGENS DO PROFESSOR NA MÍDIA |
| | GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | EMILIA DE MATTOS MERLINI (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA) | PRODUÇÃO DE MÍDIA NA ZONA RURAL E DENTRO DO CURRÍCULO ESCOLAR: ALGUNS RESULTADOS |
| | GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | SANDRA PEREIRA FALCÃO (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO); MARIA DO CARMO SOUZA DE ALMEIDA (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO) | REDES SOCIAIS E DOCUMENTÁRIOS - USO SINÉRGICO DE DISPOSITIVOS COMUNICACIONAIS NO DEBATE SOCIOAMBIENTAL |
| COMPÓS | X | | |
| CAPES | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | PEREIRA, ANTONIA ALVES SOARES, ISMAR DE OLIVEIRA 2012 | A EDUCOMUNICAÇÃO E A CULTURA ESCOLAR SALESIANA: A TRAJETÓRIA DA CONSTRUÇÃO DE UM REFERENCIAL EDUCOMUNICATIVO PARA AS REDES SALESIANAS DE EDUCAÇÃO EM NÍVEL MUNDIAL, CONTINENTAL E BRASILEIRO |
| | BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | OLIVEIRA, CAROLINA BOROS MOTTA DE SOARES, ISMAR DE OLIVEIRA 2012 | O IMPACTO DO PARADIGMA EDUCOMUNICATIVO NA FORMAÇÃO DO TUTOR ONLINE: UM ESTUDO DE CASO DO PROGRAMA MÍDIAS NA EDUCAÇÃO |

| | | |
|--|--|---|
| BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | MAFFRA, LUCIANA DE QUEIROZ TELLES CURY, LUCILENE 2012 | PARAISÓPOLIS: IMPRESSÕES VISUAIS E SONORAS |
| BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | PIANCASTELLI, RÚBIA GUIMARÃES MALULY, LUCIANO VICTOR BARROS 2012 | A COBERTURA AMBIENTAL NO RADIOJORNALISMO - FRAGMENTOS EDUCOMUNICATIVOS |
| BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | MONTEIRO, EDUARDO BASTOS SOARES, ISMAR DE OLIVEIRA 2012 | INTERFACE COMUNICAÇÃO-APRENDIZAGEM: CONDIÇÕES PARA A GESTÃO DA EDUCOMUNICAÇÃO |
| BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | LOURENÇO, CARLOS EDUARDO PASSARELLI, BRASILINA 2012 | O "ESTADO DA ARTE" DA PRODUÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE GAMES - ENTENDIDOS COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO - NO BANCO DE DADOS CAPES REALIZADAS ENTRE 1987 E 2010 |
| BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | BATISTA, SIMONE RODRIGUES ALMEIDA, MARIA ISABEL DE | UM DIÁLOGO ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES EM SOCIEDADES MIDIÁTICAS |
| BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | SOARES, ANA CAROLINA ALTIERI SILVA, DILMA DE MELO 2012 | EDUCOMUNICAÇÃO E CIDADANIA NA AMÉRICA LATINA. A INTERFACE COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO A PARTIR DAS PRÁTICAS SOCIAIS NO CONTINENTE: ESTUDO DE CASO DE POLÍTICAS PÚBLICAS NA ARGENTINA E NO BRASIL |
| BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES (BDTD/IBICT) | BATTAINI, VIVIAN MARTIRANI, LAURA ALVES 2012 | EDUCOMUNICAÇÃO SOCIOAMBIENTAL NO CONTEXTO ESCOLAR E CONSERVAÇÃO DA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIO CORUMBATAÍ |
| AMBIENTE & SOCIEDADE, 2012, VOL.15(2), P.113 | MARIANN TOTH ; FRÉDÉRIC MERTENS ; MARIA DE FÁTIMA RODRIGUES MAKIUCHI | NOVOS ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO CONTEXTO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: AS CONTRIBUIÇÕES |

| | | | |
|-----------------|---|--|---|
| | | | DAEDUCOMUNICAÇÃO |
| | COMUNICAÇÃO, MÍDIA E CONSUMO, 2012, VOL.9(25), P.73 | GILKA GILKA GIRARDELLO ; ISABEL OROFINO | CRIANÇAS, CULTURA E PARTICIPAÇÃO: UM OLHAR SOBRE A MÍDIA- EDUCAÇÃO NO BRASIL |
| 2013 | | | |
| ALAIC | VOL.10 - EDIÇÃO 19 - JULHO/DEZEMBRO 2013 | DIOLENE MACHADO, JUCIANO LACERDA | EDUCOMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA EM SAÚDE ATUANDO NA PREVENÇÃO DAS DST/AIDS |
| SCIELO | EDUC. PESQUI. VOL.39 NO.2 S ÃO PAULO APRIL/JUNE 201 3 EPUB NOV 13, 2012 | PAULA ALEXANDRA REIS, BUENO; ROSA MARIA CARDOSO DALLA, COSTA; ROBERTO EDUARDO, BUENO. | A EDUCOMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO MUSICAL E SEU IMPACTO NA CULTURA ESCOLAR |
| | OPIN. PUBLICA VOL.19 NO.2 CAMPINAS NOV. 2013 | ANA LÚCIA, HENRIQUE. | O QUE PENSA QUEM "BATE À PORTA" DE UMA CASA QUE SÓ "APANHA"? PERCEPÇÕES E ORIENTAÇÕES DOS VISITANTES SOBRE O CONGRESSO NACIONAL |
| | SAUDE SOC. VOL.22 NO.4 SÃO PAULO OCT./DEC. 2013 | MARCELUS WILLIAM, JANES; MARIA CRISTINA DA COSTA, MARQUES. | A CONTRIBUIÇÃO DA COMUNICAÇÃO PARA A SAÚDE: ESTUDO DE COMUNICAÇÃO DE RISCO VIA RÁDIO NA GRANDE SÃO PAULO |
| INTERCOM | DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | ROSE MARA PINHEIRO (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO) | A EDUCOMUNICAÇÃO NOS CENTROS DE PESQUISA DO PAÍS UM MAPEAMENTO DAS TESES E DISSERTAÇÕES DISPONÍVEIS NO BANCO DE TESES DA CAPES |
| | DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | ALLAN SOLJENÍTSIN BARRETO RODRIGUES (UNIVERSIDAD E FEDERAL DO AMAZONAS); ALESSANDRO VASCONCELOS BANDEIRA (FACULDADE BOAS NOVAS) | A EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES MANAUARAS COM A EDUCOMUNICAÇÃO |

| | | |
|---|---|--|
| DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | ADILSON ODAIR CITELLI (ECA-USP) | DIREÇÕES DE PESQUISA EM EDUCOMUNICAÇÃO |
| INTERCOM JÚNIOR – INTERFACES COMUNICACIONAIS | ALESSANDRO MUNIZ FONTENELLE (UNIVERSIDA DE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE) | EDUCOMUNICAÇÃO COMO FORMA DE GARANTIR O DIREITO HUMANO A COMUNICAÇÃO E A CIDADANIA |
| DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | ADEMILDE SILVEIRA SARTORI (UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA) | EDUCOMUNICAÇÃO E DESENHOS ANIMADOS: CONSTRUINDO O CONCEITO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA EDUCOMUNICATIVA DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL |
| DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | RAFAEL GUÉ MARTINI (UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ) | EDUCOMUNICAÇÃO EM AMBIENTE ASSOCIATIVO: A SOCIALIZAÇÃO DA VOZ NOS ESPAÇOS VIRTUAIS |
| INTERCOM JÚNIOR – COMUNICAÇÃO, ESPAÇO E CIDADANIA | ETIER PIRES DE DEUS LIMA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA); ROSANE ROSA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA) | PROGRAMA EDUCAÇÃO COM&PARA MÍDIA: PROGRAMA EDUCOMUNICAÇÃO E CIDADANIA COMUNICATIVA |
| DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | SILENE DE ARAUJO GOMES LOURENÇO (UNIVERSIDAD E DE SÃO PAULO) | REFLEXÕES SOBRE A DIMENSÃO POLÍTICA DA EDUCOMUNICAÇÃO NO CALOR DAS MANIFESTAÇÕES DE RUA E À LUZ DO PENSAMENTO DE DANIEL INNERARITY |
| DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | GUACIARA BARBOSA DE FREITAS (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO DO PARÁ - CASTANHAL) | A COMUNICAÇÃO NA “EXTENSÃO”: PESQUISA E REGISTRO DE DIÁLOGOS DE SABERES ENTRE AGRICULTORES FAMILIARES E EDUCANDOS DE AGROPECUÁRIA, ATRAVÉS DE MÍDIAS MÓVEIS |
| DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | NADIR RODRIGUES PEREIRA (EMBRAPA INFORMÁTICA AGROPECUÁRIA) | A EDUCOMUNICAÇÃO NA PEDAGOGIA |

| | | | |
|---------------|--|--|---|
| | DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | HELENA CORAZZA (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO) | AS NOVAS TECNOLOGIAS NO COTIDIANO DE EDUCADORES E EDUCADORAS |
| | PUBLICOM - INTERFACES COMUNICACIONAIS | MARILIA DE ARAUJO BARCELLOS (UNIVERSIDAD E FEDERAL DE SANTA MARIA); MAURA DA COSTA E SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA); RAQUEL SCREMIN(UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA); ROSANE ROSA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA) | ATÉ ONDE VAI A IMAGINAÇÃO? |
| | INTERCOM JÚNIOR – INTERFACES COMUNICACIONAIS | ITALA LIMA FERREIRA DE SOUZA (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS) | BERABA MOLEQUE: REPENSANDO O PROJETO QUE UTILIZA A PUBLICIDADE COMO AÇÃO EDUCOMUNICATIVA PARA REFLEXÃO SOBRE O CONSUMO |
| | DT 6 – GP COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO | SÉRGIO FABIANO ANNIBAL (UNIVERSIDADE DO OESTE PAULISTA); LEONARDO RIBELATTO LEPRE (LEOLEPRE) | COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: MÍDIAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES |
| COMPÓS | X | | |
| CAPES | REVISTA LETRANDO, 2013, VOL.2(0) | JONATHAS FONTES SANTOS | EDUCOMUNICAÇÃO: UMA INTER-RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO |
| | ECCOM, 2013, VOL.4(8), P.7 | NEIDE APARECIDA ARRUDA DE OLIVEIRA ; MARCO ANTONIO DE OLIVEIRA | GESTOR ESCOLAR: A EDUCOMUNICAÇÃO CO MO ALTERNATIVA DE ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL PARA O ENSINO MÉDIO INTEGRADO |
| 2014 | | | |
| ALAIC | X | | |

| | | | |
|----------------------|---|---|--|
| SCIELO | SOC. NAT.; 26(1); 77-93; 2014-01 SCIELO BRASIL IDIOMA: PORTUGUÊS | ALLAN YU, IWAMA; FÁBIO BUENO DE, LIMA; ANGELA, PELLIN. | QUESTÃO FUNDIÁRIA EM ÁREAS PROTEGIDAS: UMA EXPERIÊNCIA NO PARQUE ESTADUAL DA PEDRA BRANCA (PEPB), RIO DE JANEIRO, BRASIL. |
| | CUAD.INF.; (35); 69-81; 2014 SCIELO CHILE IDIOMA: PORTUGUÊS | CAMILA, ALVARENGA; RAFAEL, AQUINO; JOSÉ, MARCIO BARROS; NUBIA, BRAGA RIBEIRO. | A COMUNICAÇÃO NO PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DO BRASIL: UMA APROXIMAÇÃO CRÍTICA / COMMUNICATION IN THE NATIONAL EDUCATION PLAN IN BRAZIL: A CRITICAL APPROACH |
| INTERCOM | X | | |
| COMPÓS | XXIII COMPOS: BELÉM/PA GT: COMUNICAÇÃO E CIDADANIA | EVANISE RODRIGUES GOMES, ROSA MARIA CARDOSO DALLA COSTA | EDUCOMUNICAÇÃO E AÇÃO SOCIAL: AS PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS NOS CENTROS DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DE CURITIBA |
| CAPEIS | AMBITOS: REVISTA INTERNACIONAL DE COMUNICACIÓN, 2014, ISSUE 24, PP.51-60 | CONSANI, MARCIEL A | INCLUSÃO MEDIÁTICA EM PROCESSOS EDUCOMUNICATIVOS: UM ANTÍDOTO PARA A INFOXICAÇÃO? |
| 2010 | | | |
| ALAIC | X | | |
| SCIELO | X | | |
| INTERCO M | IJ: Intercom Júnior – Interfaces Comunicacionais | Rosiel do Nascimento Mendonça (UNIVERSIDA DE FEDERAL DO AMAZONAS); Huylame Bruce (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS); Luiza Elayne Azevedo (UNIVERSIDAD E FEDERAL DO AMAZONAS) | A CARTILHA "DICAS AMBIENTAIS DO CABOQUINHO" E SEUS USOS NO CONTEXTO DA EDUCOMUNICAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO AMBIENTAL |
| | IJ: Intercom Júnior – Interfaces Comunicacionais | Manuela Ilha Silva (Universidade Federal de Santa Maria); Rosane Rosa (Universidade Federal de Santa Maria) | EDUCOMUNICAÇÃO E O GRUPO FOCAL COMO OPÇÃO METODOLÓGICA |

| | | |
|---|---|---|
| IJ: Intercom Júnior – Interfaces Comunicacionais | Dayane Nogueira de Almeida (Universidade Federal de Uberlândia); Mirna Tonus (Universidade Federal de Uberlândia) | FORTALECENDO AS BASES TEÓRICAS PARA UMA PESQUISA SOBRE EDUCOMUNICAÇÃO E MEIO AMBIENTE |
| IJ: Intercom Júnior – Comunicação, Espaço e Cidadania | Christiane Matos Batista (Universidade Federal de Sergipe); Cristiane Batista da Conceição (Universidade Federal de Sergipe); Tarcila Barbosa Ramos Olanda (Universidade Federal de Sergipe) | PROJETO CRIESABER: INSERÇÃO DA EDUCOMUNICAÇÃO NO CONTEXTO HOSPITALAR INFANTIL |
| IJ: Intercom Júnior - Comunicação Audiovisual | Taíse Cristina Heberle de Lima (UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO); Vera Spacil Raddatz (UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL) | A IMPORTÂNCIA DAS CRIANÇAS E JOVENS FAZEREM RÁDIO DENTRO DA ESCOLA |
| IJ: Intercom Júnior – Comunicação, Espaço e Cidadania | Ila Clícia Ferreira da Silva Oliveira (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS); Luiza Elayne Azevedo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS) | ANÁLISE DO PROJETO PET CABOQUINHO |
| IJ: Intercom Júnior – Interfaces Comunicacionais | Alber Pascoal Pereira (Universidade Federal do Amazonas); Mariana Dinelly Castro (Universidade Federal do Amazonas) | CINEMATIC'S - RELEITURA SOCIAL ATRAVÉS DA SÉTIMA ARTE |
| IJ: Intercom Júnior – Comunicação, Espaço e Cidadania | Sandrine Cristina de Figueiredo Braz (universidade federal da paraíba); Cybele C. Santos do Couto Soares (Universidade Federal da Paraíba); Norma Maria Meireles Macedo Mafaldo (Universidade Federal da Paraíba) | COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: UM ESTUDO DE CASOS DA OFICINA DE RÁDIO ESCOLAR NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO EM JOÃO PESSOA |
| IJ: Intercom Júnior – Comunicação, Espaço e Cidadania | Roberta Araujo Albano (UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA); Thales Henrique Nunes Pimenta (Universidade Veiga de Almeida); Heloiza | QUALIDADES EDUCOMUNICATIVAS E COMUNITÁRIAS DAS MÍDIAS LOCAIS DE PEQUENAS CIDADES |

| | | | |
|-----------------|--|--|--|
| | | Beatriz Cruz dos Reis (Universidade Veiga de Almeida) | |
| COMPÓS | X | | |
| CAPES | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Oyamada, Alexandre Hiroki Miliorini Cury, Lucilene 2010 | Reflexos e reflexões do olhar. Caminhos para o resgate do humanismo e o projeto redes de sentido. |
| | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Capobianco, Ligia Passarelli, Brasilina 2010 | Comunicação e literacia digital na internet: estudo etnográfico e análise exploratória de dados do Programa de Inclusão Digital AcessaSP - PONLINE |
| | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Yamaga, Rafael Citelli, Adilson Odair 2010 | A graduação em publicidade e propaganda: uma pesquisa em sala de aula sobre a educação para a comunicação |
| | Comunicação, Mídia e Consumo, 2010, Vol.7(19), p.33 | Ademilde Sartori | Educomunicação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída |
| | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Oliveira, V. B. V. De. Vânia Beatriz Vasconcelos De Oliveira, Embrapa Rondônia. 2011 | Comunicação e educação para a popularização da ciência florestal. |
| 2011 | | | |
| ALAIC | X | | |
| SCIELO | X | | |
| INTERCOM | DT 6 – GP Comunicação e Educação | Franki Kleberson Kucher (Pontifícia Universidade Católica do Paraná); Vanderlei Siqueira dos Santos (Pontifícia Universidade Católica do Paraná) | A EDUCOMUNICAÇÃO E A PRÁTICA SOCIOEDUCATIVA MARISTA |

| | | |
|--|--|--|
| Intercom Júnior – Interfaces Comunicacionais | Jhusyenna Reis de Oliveira (Universidade Estadual do Piauí) | A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA NA ESCOLA: UMA ANÁLISE DA EDUCOMUNICAÇÃO NO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO EM TERESINA |
| DT 6 – GP Comunicação e Educação | Jimi Aislan Estrázulas (Universidade Federal do Amazonas) | DA ALIENAÇÃO À ORGANIZAÇÃO DO MUNDO MOSAICO: COMO A EDUCOMUNICAÇÃO PODE SER FUNDAMENTAL DO PROCESSO DE LETRAMENTO DO INDIVÍDUO |
| DT 6 – GP Comunicação e Educação | Ademilde Silveira Sartori (Universidade do Estado de Santa Catarina); Kamila Regina de Souza (UDESC) | DESENHO ANIMADO, TV E YOUTUBE: REFLEXÕES SOBRE EDUCOMUNICAÇÃO E LINGUAGENS |
| DT 7 – GP Comunicação para a Cidadania | Luciano Mattana (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA); Rosan Rosa (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA) | EDUCOMUNICAÇÃO E CIDADANIA COMUNICATIVA: RELATO DO INTERCÂMBIO DE SABERES VIVENCIADO NA OFICINA DE PRODUÇÃO SONORA. |
| DT 6 – GP Comunicação e Educação | Sérgio Fabiano Annibal (Instituto Educacional de Assis) | EDUCOMUNICAÇÃO E O PERIÓDICO COMUNICAÇÃO & EDUCAÇÃO: A CRIAÇÃO DE REPRESENTAÇÕES QUE CONSOLIDAM UM CAMPO |
| DT 7 – GP Comunicação para a Cidadania | Fernanda Coelho da Silva (Universidade Federal de Juiz de Fora); Cláudia Regina Lahni (Universidade Federal de Juiz de Fora) | FALA, GALERA! PRODUÇÃO DE FANZINES COM JOVENS DA PERIFERIA DE JUIZ DE FORA EM PROCESSO DE EDUCOMUNICAÇÃO PARA A CIDADANIA |
| DT 6 – GP Comunicação e Educação | Cláudio Messias (Universidade de São Paulo) | O ESPAÇO DA EDUCOMUNICAÇÃO NAS CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO: UM CONCEITO A PARTIR DE PRÁTICAS, REFLEXÕES E OLHARES |

| | | |
|---|---|---|
| Intercom Júnior – Interfaces Comunicacionais | Carolina Prestes Yirula (Escola Superior de Propaganda e Marketing) | O USO DA PUBLICIDADE COMO RECURSO PEDAGÓGICO: REFLEXÕES À LUZ DA EDUCOMUNICAÇÃO |
| Intercom Júnior – Interfaces Comunicacionais | Maria Cândida Noal Cassol (Universidade Federal de Santa Maria); Bruno Michelin Fenner (Universidade Federal de Santa Maria); Kamyla Claudino Belli (Universidade Federal de Santa Maria); Luciano Mattana (Universidade Federal de Santa Maria); Rosane Rosa (Universidade Federal de Santa Maria) | RELATOS DA EXPERIÊNCIA DA OFICINA DE AUDIOVISUAL “EDUCOMUNICAÇÃO E O EXERCÍCIO DA CIDADANIA COMUNICATIVA” |
| DT 6 – GP Comunicação e Educação | Rosa Luciana Pereira Rodrigues (Universidade Federal do Pará) | A INTERFACE ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA: A EXPERIÊNCIA DA RÁDIO RURAL DE SANTARÉM |
| DT 6 – GP Comunicação e Educação | Adriana Tigre Lacerda Nilo (Universidade Federal do Tocantins); Dayana Pugas da Cruz Lima Nascimento (Universidade Federal do Tocantins) | O PROGRAMA COCORICÓ COMO INSTRUMENTO EDUCOMUNICATIVO |
| Intercom Júnior – Jornalismo | Diego Pereira Rezende (Universidade Federal de Juiz de Fora) | O QUADRO OUTRO OLHAR ENQUANTO UMA POSSIBILIDADE EDUCOMUNICATIVA NA LINGUAGEM TELEJORNALÍSTICA DE UMA EMISSORA PÚBLICA |
| DT 6 – GP Comunicação e Educação | Raija Maria Vanderlei de Almeida (Universidade Federal de Campina Grande) | O VÍDEO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: OS IMPACTOS DO USO DO VÍDEO NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS |
| DT 6 – GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade | Vania Beatriz Vasconcelos de Oliveira (Embrapa Rondonia) | PRODUÇÃO COLETIVA DE SPOTS RADIOFÔNICOS PARA POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA FLORESTAL |

| | | | |
|---------------|--|--|---|
| | DT 6 – GP Comunicação e Educação | Emilia de Mattos Merlini (Universidade Federal de Juiz de Fora) | PRODUÇÃO DE MÍDIA ALTERNATIVA POR JOVENS DE LIMA DUARTE (MG): A CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS, DE IDENTIDADES E O EXERCÍCIO DA CIDADANIA |
| | DT 6 – GP Comunicação e Educação | Luis Otávio Dias (Universidade Federal do Paraná); Rosa Maria Cardoso Dalla Costa (Universidade Federal do Paraná) | TV MULTIMÍDIA NA SALA DE AULA: APROXIMAÇÃO ENTRE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO |
| COMPÓS | X | | |
| CAPEIS | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Messias, Claudio Soares, Ismar De Oliveira 2011 | Duas décadas de educomunicação - da crítica ao espetáculo |
| | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Barros, Thaís Helena De Camargo Schwartz, Gilson 2011 | Tecnologias da informação e comunicação (TICs) na educação: professores - mediadores – mentores |
| | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Félix, Edilaine Heleodoro Cury, Lucilene 2011 | A pesquisa nos grupos de pesquisa: cibernética pedagógica - laboratório de linguagens digitais – LLD |
| | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Mogadouro, Claudia De Almeida Soares, Ismar De Oliveira 2011 | Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta) |
| | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Mello, Lucí Ferraz De Soares, Ismar De Oliveira 2011 | Educomunicação na educação a distância: o diálogo a partir das mediações do tutor |
| | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Oliveira, V. B. V. Vania Beatriz Vasconcelos Oliveira, Cpfaf-ro. 2011 | Educom e práticas de recepção. |

| | | | |
|-----------------|--|---|--|
| | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Oliveira, V. B. V. Vania Beatriz Vasconcelos Oliveira, Cpf-ro. 2011 | Produção coletiva de spots radiofônicos para popularização da ciência florestal. |
| | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Oliveira, V. B. V. Vania Beatriz Vasconcelos Oliveira, Cpf-ro. 2011 | Toadas de Bois-Bumbás da Amazônia promovendo a Cidadania Ambiental. |
| 2012 | | | |
| ALAIC | VOL.9 - N 2 - EDIÇÃO 17 - JULHO/DEZEMBRO 2012 | Alberto Efendy Maldonado, Richard Romancini, Maytê Ramos Pires | MARIA IMMACOLATA VASSALLO DE LOPES: UMA TRAJETÓRIA ACADÊMICA EXEMPLAR, NO ENLACE ENTRE A PESQUISA E O OBJETO POPULAR DA TELENOVELA |
| SCIELO | Ambient. soc. vol.15 no.2 São Paulo May/Aug. 2012 | Mariann, Toth; Frédéric, Mertens; Maria de Fátima Rodrigues, Makiuchi | Novos espaços de participação social no contexto do desenvolvimento sustentável - as contribuições da Educomunicação |
| INTERCOM | GP Comunicação e Educação | Marcelo Marques Araújo (Universidade Federal de Uberlândia) | A TERMINOLOGIA DA EDUCOMUNICAÇÃO: APLICAÇÃO DA ANÁLISE TERMINOLÓGICA DISCURSIVA NA CONSTRUÇÃO DO GLOSSÁRIO TERMINOLÓGICO DIGITAL DA EDUCOMUNICAÇÃO |
| | GP Comunicação e Educação | Kildare de Medeiros Gomes Holanda (UERN) | A [LOUCO]MOTIVA VIRTUAL DA EDUCOMUNICAÇÃO NO VIDEOGRAFISMO: UMA EXPERIÊNCIA DE MEDIAÇÃO ENTRE TECNOLOGIA E ARTE COM OS JOVENS NO CAPSI DE MOSSORÓ-RN |
| | GP Comunicação e Educação | Jimi Aislan Estrázulas (FACULDADE MARTHA FALCÃO); Alice Regina Pacó de Souza (FACULDADE BOAS NOVAS); Denize Piccolotto Carvalho | CARTOGRAFIA DA EDUCOMUNICAÇÃO EM MANAUS: JUSTIFICATIVAS DE UM PROJETO MULTIPLICADOR |

| | | |
|--|---|---|
| | Levy (Universidade Federal do Amazonas) | |
| GP Comunicação e Educação | Rose Mara Pinheiro (USP) | DESAFIOS EPISTEMOLÓGICOS DO CAMPO DA EDUCOMUNICAÇÃO - UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA CONTRIBUIÇÃO DE BRAGA, HUERGO E SOARES |
| DT Interfaces Comunicacionais, GP Comunicação e Educação | Mirna Tonus (Universidade Federal de Uberlândia); Adriana Cristina Omena dos Santos (Universidade Federal de Uberlândia) | INTERFACES ENTRE JORNALISMO E EDUCOMUNICAÇÃO NO BRASIL E CHILE: PRIMEIRAS IMPRESSÕES |
| GP Comunicação e Educação | Cláudio Messias (Fundação Educacional do Município de Assis) | POR UMA EPISTEMOLOGIA DA EDUCOMUNICAÇÃO NA ERA DA IDADE MÍDIA: UM OLHAR SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO CAMPO DA INTER-RELAÇÃO COMUNICAÇÃO/EDUCAÇÃO |
| GP Comunicação e Educação | Marcelus William Janes (Faculdade de Saúde Pública da USP) | A CONTRIBUIÇÃO DA COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE: ESTUDO DE CASOS DE RÁDIOS NA GRANDE DE SÃO PAULO |
| GP Comunicação para a Cidadania | Bruno Fuser (Universidade Federal de Juiz de Fora) | A EXPERIÊNCIA CIDADÃ DO PROJETO NOSSA MÍDIA |
| GP Comunicação e Educação | Euzébia Maria de Pontes Targino Muniz (Universidade Federal do Rio Grande do Norte); Juliana Bulhões Alberto Dantas (Universidade Federal do Rio Grande do Norte); Diolene Borges Machado (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) | A MÍDIA SEGUNDO MAFALDA |

| | | |
|---|---|---|
| GP Comunicação e Educação | Ana Paula Leite de Camargo (Universidade de São Paulo); Marcelo Vicentin (Universidade de São Paulo) | AÇÕES DE TUTORIA NO MÍDIAS NA EDUCAÇÃO 4A OFERTA: UM ESTUDO DE CASO |
| GP Comunicação e Educação | Júlia Munareto Leal (Universidade Federal de Santa Maria) | COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: O AUDIOVISUAL LEONEL PÉ-DE-VENTO NO ESPAÇO ESCOLAR E AS POSSÍVEIS SIGNIFICAÇÕES CONSTRUÍDAS |
| GT 6 – Interfaces Comunicacionais, GP Comunicação e Educação | Laura Alves Martirani (Universidade de São Paulo) | EDUCOMUNICAÇÃO AMBIENTAL UNIVERSITÁRIA E O BLOG EDUCORUMBATAI |
| GP Comunicação e Educação | Evanise Gomes (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANA) | EXPERIÊNCIAS EDUCOMUNICATIVAS: OFICINAS COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES DE CURITIBA |
| VII Encontro de Autores/Editores de Publicações Recentes sobre Comunicação – Publicom | Ana Luisa Zaniboni Gomes (ECA/USP); Adilson Citelli (ECA/USP); Helena Corazza (ECA/USP); Elisângela Rodrigues da Costa (ECA/USP); Sandra Pereira Falcão (ECA/USP); Maria do Carmo Souza de Almeida (ECA/USP); Michel Carvalho (ECA/USP) | IMAGENS DO PROFESSOR NA MÍDIA |
| GP Comunicação e Educação | Emília de Mattos Merlini (Universidade Federal de Juiz de Fora) | PRODUÇÃO DE MÍDIA NA ZONA RURAL E DENTRO DO CURRÍCULO ESCOLAR: ALGUNS RESULTADOS |
| GP Comunicação e Educação | Sandra Pereira Falcão (Universidade de São Paulo); Maria do Carmo Souza de Almeida (Universidade de São Paulo) | REDES SOCIAIS E DOCUMENTÁRIOS - USO SINÉRGICO DE DISPOSITIVOS COMUNICACIONAIS NO DEBATE SOCIOAMBIENTAL |
| COMPÓS | X | |

| | | | |
|--------------|--|--|---|
| CAPEs | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Pereira, Antonia Alves Soares, Ismar De Oliveira 2012 | A educomunicação e a cultura escolar salesiana: a trajetória da construção de um referencial comunicativo para as redes salesianas de educação em nível mundial, continental e brasileiro |
| | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Oliveira, Carolina Boros Motta De Soares, Ismar De Oliveira 2012 | O impacto do paradigma comunicativo na formação do tutor online: um estudo de caso do programa mídias na educação |
| | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Maffra, Luciana De Queiroz Telles Cury, Lucilene 2012 | Paraisópolis: impressões visuais e sonoras |
| | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Piancastelli, Rúbia Guimarães Maluly, Luciano Victor Barros 2012 | A cobertura ambiental no rádio-jornalismo - fragmentos comunicativos |
| | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Monteiro, Eduardo Bastos Soares, Ismar De Oliveira 2012 | Interface comunicação-aprendizagem: condições para a gestão da comunicação |
| | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Lourenço, Carlos Eduardo Passarelli, Brasilina 2012 | O "Estado da Arte" da produção de teses e dissertações sobre games - entendidos como forma de comunicação - no banco de dados Capes realizadas entre 1987 e 2010 |
| | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Batista, Simone Rodrigues Almeida, Maria Isabel De | Um diálogo entre comunicação e educação: a formação inicial de professores em sociedades midiáticas |
| | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Soares, Ana Carolina Altieri Silva, Dilma De Melo 2012 | Educomunicação e cidadania na América Latina. A interface comunicação/educação a partir das práticas sociais no continente: estudo de caso de políticas públicas na Argentina e no Brasil |

| | | | |
|-----------------|---|---|---|
| | Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) | Battaini, Vivian Martirani, Laura Alves 2012 | Educomunicação socioambiental no contexto escolar e conservação da bacia hidrográfica do rio Corumbataí |
| | Ambiente & Sociedade, 2012, Vol.15(2), p.113 | Mariann Toth ; Frédéric Mertens ; Maria De Fátima Rodrigues Makiuchi | Novos espaços de participação social no contexto do desenvolvimento sustentável: as contribuições da Educomunicação |
| | Comunicação, Mídia e Consumo, 2012, Vol.9(25), p.73 | Gilka Gilka Girardello ; Isabel Orofino | Crianças, cultura e participação: um olhar sobre a mídia-educação no Brasil |
| 2013 | | | |
| ALAIC | VOL.10 - EDIÇÃO 19 - JULHO/DEZEMBRO 2013 | Diolene Machado, Juciano Lacerda | EDUCOMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA EM SAÚDE ATUANDO NA PREVENÇÃO DAS DST/AIDS |
| SCIELO | Educ. Pesqui. vol.39 no.2 São Paulo April/June 2013 Epub Nov 13, 2012 | Paula Alexandra Reis, Bueno; Rosa Maria Cardoso Dalla, Costa; Roberto Eduardo, Bueno. | A educomunicação na educação musical e seu impacto na cultura escolar |
| | Opin. Publica vol.19 no.2 Campinas Nov. 2013 | Ana Lúcia, Henrique. | O que pensa quem "bate à porta" de uma Casa que só "apanha"? Percepções e orientações dos visitantes sobre o Congresso Nacional |
| | Saude soc. vol.22 no.4 São Paulo Oct./Dec. 2013 | Marcelus William, Janes; Maria Cristina da Costa, Marques. | A contribuição da comunicação para a saúde: estudo de comunicação de risco via rádio na grande São Paulo |
| INTERCOM | DT 6 – GP Comunicação e Educação | Rose Mara Pinheiro (Universidade de São Paulo) | A EDUCOMUNICAÇÃO NOS CENTROS DE PESQUISA DO PAÍS UM MAPEAMENTO DAS TESES E DISSERTAÇÕES DISPONÍVEIS NO BANCO DE TESES DA CAPES |

| | | |
|---|--|--|
| DT 6 – GP Comunicação e Educação | Allan Soljenítsin Barreto Rodrigues (Universidade Federal do Amazonas); Alessandro Vasconcelos Bandeira (Faculdade Boas Novas) | A EXPERIÊNCIA DE ESTUDANTES MANAUARAS COM A EDUCOMUNICAÇÃO |
| DT 6 – GP Comunicação e Educação | Adilson Odair Citelli (ECA-USP) | DIREÇÕES DE PESQUISA EM EDUCOMUNICAÇÃO |
| Intercom Júnior – Interfaces Comunicacionais | Alessandro Muniz Fontenelle (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) | EDUCOMUNICAÇÃO COMO FORMA DE GARANTIR O DIREITO HUMANO A COMUNICAÇÃO E A CIDADANIA |
| DT 6 – GP Comunicação e Educação | Ademilde Silveira Sartori (Universidade do Estado de Santa Catarina) | EDUCOMUNICAÇÃO E DESENHOS ANIMADOS: CONSTRUINDO O CONCEITO DE PRÁTICA PEDAGÓGICA EDUCOMUNICATIVA DESDE A EDUCAÇÃO INFANTIL |
| DT 6 – GP Comunicação e Educação | Rafael Gué Martini (Universidade do Vale do Itajaí) | EDUCOMUNICAÇÃO EM AMBIENTE ASSOCIATIVO: A SOCIALIZAÇÃO DA VOZ NOS ESPAÇOS VIRTUAIS |
| Intercom Júnior – Comunicação, Espaço e Cidadania | Etier Pires de Deus Lima (Universidade Federal de Santa Maria); Rosane Rosa (Universidade Federal de Santa Maria) | PROGRAMA EDUCAÇÃO COM&PARA MÍDIA: PROGRAMA EDUCOMUNICAÇÃO E CIDADANIA COMUNICATIVA |
| DT 6 – GP Comunicação e Educação | Silene de Araujo Gomes Lourenço (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO) | REFLEXÕES SOBRE A DIMENSÃO POLÍTICA DA EDUCOMUNICAÇÃO NO CALOR DAS MANIFESTAÇÕES DE RUA E À LUZ DO PENSAMENTO DE DANIEL INNERARITY |
| DT 6 – GP Comunicação e Educação | Guaciara Barbosa de Freitas (Instituto Federal de Educação do Pará - Castanhal) | A COMUNICAÇÃO NA “EXTENSÃO”: PESQUISA E REGISTRO DE DIÁLOGOS DE SABERES ENTRE AGRICULTORES FAMILIARES E EDUCANDOS DE AGROPECUÁRIA, ATRAVÉS DE MÍDIAS |

| | | | |
|--|--|------------------------|--|
| | | | MÓVEIS |
| DT 6 – GP Comunicação e Educação | Nadir Rodrigues Pereira (Embrapa Informática Agropecuária) | | A EDUCOMUNICAÇÃO NA PEDAGOGIA |
| DT 6 – GP Comunicação e Educação | Helena Corazza (Universidade de São Paulo) | | AS NOVAS TECNOLOGIAS NO COTIDIANO DE EDUCADORES E EDUCADORAS |
| Publicom - Interfaces Comunicacionais | Marília de Araujo Barcellos (Universidade Federal de Santa Maria); Maura da Costa E Silva (Universidade Federal de Santa Maria); Raquel Scremin (Universidade Federal de Santa Maria); Rosane Rosa (Universidade Federal de Santa Maria) | | ATÉ ONDE VAI A IMAGINAÇÃO? |
| Intercom Júnior – Interfaces Comunicacionais | Itala Lima Ferreira de Souza (Universidade Federal do Amazonas) | | BERABA MOLEQUE: REPENSANDO O PROJETO QUE UTILIZA A PUBLICIDADE COMO AÇÃO EDUCOMUNICATIVA PARA REFLEXÃO SOBRE O CONSUMO |
| DT 6 – GP Comunicação e Educação | Sérgio Fabiano Annibal (Universidade do Oeste Paulista); Leonardo Ribelatto Lepre (leolepre) | | COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: MÍDIAS E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES |
| COMPÓS | | | X |
| CAPES | Revista Letrando, 2013, Vol.2(0) | Jonathas Fontes Santos | Educomunicação: uma inter-relação entre educação e comunicação |

| | | | |
|-----------------|--|--|--|
| | ECCOM, 2013, Vol.4(8), p.7 | Neide Aparecida Arruda De Oliveira ; Marco Antonio De Oliveira | Gestor Escolar: a Educomunicação como alternativa de Administração Educacional para o Ensino Médio Integrado |
| 2014 | | | |
| ALAIC | X | | |
| SCIELO | Soc. nat. vol.26 no.1 Uberlândia Jan./Apr. 2014 | Allan Yu, Iwama; Fábio Bueno de Lima; Angela, Pellin. | Questão fundiária em áreas protegidas: uma experiência no Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB), Rio de Janeiro, Brasil |
| INTERCOM | X | | |
| COMPÓS | XXIII COMPOS: BELÉM/PA GT: COMUNICAÇÃO E CIDADANIA | EVANISE RODRIGUES GOMES, ROSA MARIA CARDOSO DALLA COSTA | EDUCOMUNICAÇÃO E AÇÃO SOCIAL: AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NOS CENTROS DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL DE CURITIBA |
| CAPEL | Ambitos: Revista internacional de comunicación, 2014, Issue 24, pp.51-60 | Consani, Marciel A | Inclusão mediática em processos educacionais: um antídoto para a infociação? |

ANEXO D**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO/ANUÊNCIA PARA O
DIRETOR DA ESCOLA**

Eu, _____, na condição de diretor (a) da instituição _____, autorizo a realização da investigação desenvolvida pelo pesquisador Marcus Vinícius Staudt, aluno mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário Univates-RS.

Fui esclarecido(a) de que a pesquisa poderá se utilizar de observações, de análise de documentos escolares, de filmagens do cotidiano escolar e de conversas com as crianças e adultos, com gravações para posterior montagem de um produto audiovisual desenvolvido pelo próprio grupo de trabalho tendo a mediação do pesquisador, entrevistas previamente combinadas e consentidas durante o desenvolvimento da mesma, respeitando-se as normas éticas quanto à identificação nominal dessa instituição, de seus profissionais, bem como das crianças da turma observada. Sei que o estudo poderá fazer uso de observações e filmagens do cotidiano escolar, conversas com as crianças e adultos, podendo ocorrer filmagens de entrevistas previamente combinadas e consentidas, durante o desenvolvimento da pesquisa.

A participação desta instituição é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa para a escola.

O pesquisador colocou-se à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas que eu tiver em qualquer momento da pesquisa.

Estou ciente de que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados, por isso autorizo a divulgação das observações, das imagens, da análise de documentos escolares e das entrevistas geradas na escola para fins exclusivos de publicação pedagógica e divulgação científica e para atividades formativas de educadores.

Lajeado/RS, _____ de _____ de 2015.

Nome do (a) diretor (a): _____.

Pesquisadora Marcus Vinícius Staudt: _____.

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA
A PROFESSORA DA ESCOLA**

Eu, _____, aceito participar da investigação desenvolvida pelo pesquisador Marcus Vinícius Staudt, aluno mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário Univates-RS.

Fui esclarecido(a) de que a pesquisa poderá fazer uso de observações, de análise de documentos escolares, de filmagens do cotidiano escolar e de conversas com as crianças e adultos, com gravações para posterior montagem de um produto audiovisual desenvolvido pelo próprio grupo de trabalho tendo a mediação do pesquisador, entrevistas previamente combinadas e consentidas durante o desenvolvimento da mesma. As filmagens que serão geradas terão o propósito único de pesquisa, respeitando-se as normas éticas quanto à identificação nominal.

Minha participação é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa.

O pesquisador colocou-se à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Estou ciente de que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados, e a utilização dos materiais coletados como análise de documentos escolares, entrevistas, filmagens e observações realizadas dentro e fora da sala de aula poderão ser necessários. Por isso, autorizo a divulgação das observações, das análises dos documentos escolares, das entrevistas e das filmagens geradas para fins exclusivos de publicação pedagógica, divulgação científica e para atividades formativas de educadores.

Lajeado/RS, _____ de _____ de 2015.

Nome do (a) professor (a): _____.

Pesquisador Marcus Vinícius Staudt: _____.

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA OS
RESPONSÁVEIS PELAS CRIANÇAS**

Eu, _____, aceito que meu/ minha filho (a) participe da investigação desenvolvida pelo pesquisador Marcus Vinícius Staudt, aluno mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário Univates-RS.

Fui esclarecido (a) de que a pesquisa poderá se utilizar de observações, de análise de documentos escolares, de filmagens do cotidiano escolar e de conversas com as crianças e adultos, com gravações para posterior montagem de um produto audiovisual desenvolvido pelo próprio grupo de trabalho tendo a mediação do pesquisador, entrevistas previamente combinadas e consentidas durante o desenvolvimento da mesma, respeitando-se as normas éticas quanto ao seu uso e ao sigilo nominal de meu/minha filho (a).

Estou ciente de que a pesquisa não me trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa, uma vez que a participação de meu/minha filho (a) é um ato voluntário. Houve a garantia de que esse tipo de pesquisa não compromete ou prejudica em nada o desenvolvimento do meu/minha filho (a).

O pesquisador colocou-se à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Essa pesquisa pode contribuir no campo educacional, por isso autorizo a divulgação das filmagens, das entrevistas e das observações realizadas para fins exclusivos de publicação pedagógica e divulgação científica e para atividades formativas de educadores.

Lajeado/RS, _____ de _____ de 2015.

Nome da criança: _____.

Responsável legal pela criança: _____.

Pesquisador Marcus Vinícius Staudt: _____.

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO PARA
OS ENTREVISTADOS**

Eu, _____, aceito participar da investigação desenvolvida pelo pesquisador Marcus Vinícius Staudt, aluno mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento do Centro Universitário Univates-RS.

Fui esclarecido(a) de que a pesquisa poderá fazer uso de observações, de análise de documentos escolares, de filmagens do cotidiano escolar e de conversas com as crianças e adultos, com gravações para posterior montagem de um produto audiovisual desenvolvido pelo próprio grupo de trabalho tendo a mediação do pesquisador, entrevistas previamente combinadas e consentidas durante o desenvolvimento da mesma.

Minha participação é feita por um ato voluntário, o que me deixa ciente de que a pesquisa não me trará nenhum apoio financeiro, dano ou despesa. Assim, autorizo a veiculação de minha entrevista no material produzido para fins educacionais.

O pesquisador colocou-se à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas quanto ao desenvolvimento da pesquisa.

Estou ciente de que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados, e a utilização dos materiais coletados como análise de documentos escolares, entrevistas, filmagens e observações realizadas dentro e fora da sala de aula poderão ser necessários. Por isso, autorizo a divulgação das observações, das análises dos documentos escolares, das entrevistas e das filmagens geradas para fins exclusivos de publicação pedagógica, divulgação científica e para atividades formativas de educadores.

Lajeado/RS, _____ de _____ de 2015.

Nome do (a) entrevistado (a): _____.

Pesquisador Marcus Vinícius Staudt: _____.